

Lindolfo Anderson Martelli

Escatologia e Anticomunismo nas Assembléias de Deus do Brasil  
na primeira metade do século XX

Florianópolis, março de 2010.



Lindolfo Anderson Martelli

Escatologia e Anticomunismo nas Assembléias de Deus do Brasil  
na primeira metade do século XX

Dissertação apresentada para  
obtenção do título de Mestre em  
História do Programa de Pós-  
Graduação em História da Uni-  
versidade Federal de Santa Ca-  
tarina – UFSC.

Orientador

Prof. Dr. Artur César Isaia



Dedico este trabalho à pessoa mais importante da minha vida. Ela é a responsável por grande parte do que sou hoje. Seu amor incondicional por mim supera todas as barreiras. À Tânia, minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Neste momento em que se faz necessário agradecer, trago à lembrança pessoas muito especiais e que fizeram parte da minha trajetória. Nesta ocasião é que me dei conta da dificuldade de expressar o quanto sou tributário a elas por mais esta conquista. Foi então que me deparei com uma imensa dificuldade, pois percebi o quanto é difícil agradecer. Talvez por gestos e ações seja mais fácil que por palavras, pois nem sempre somos suficientemente claros quando nos expressamos e raramente conseguimos traduzir com a magnitude necessária a nossa gratidão.

Esse processo de rememoração despertou lembranças de pessoas muito especiais que estiveram presentes no meu processo educacional. Recordo-me de quando precisei morar na casa do tio Chico e da tia Jú. Das vezes que a tia Jú me obrigava a fazer os trabalhos escolares, mesmo após uma exaustiva tarde vendendo doces e salgados, sem a mínima vontade de resolver os deveres. Não posso esquecer-me das influências religiosas que exerceram sobre mim, quando tentavam me conduzir pelos “caminhos do Senhor”. Minha gratidão por tudo que fizeram, por mim e à minha família.

Recordo que na adolescência, em uma tarde de um dia qualquer, ao tentar vender um bilhete de loteria, jamais poderia imaginar que quem estava sendo premiado era eu. O que eu ganhei naquela tarde foi a amizade, o amor, o respeito e a admiração de uma pessoa que além de confiar em mim, financiou minha educação e me considerou um ente familiar. Quero agradecer a Nilcéia Souza por ter me permitido trilhar caminhos que jamais havia imaginado percorrer. Mais do que isto, quero agradecer pelo fato de ter me acompanhado por boa parte deste percurso.

Logo que passei no vestibular recebi a mão mais do que amiga, familiar, de Clóvis e Eliete Dal Vesco. Agradeço tanto pelo apoio quanto pelo carinho e consideração que dispensaram a mim e a minha família nos últimos anos. Agradeço igualmente a Cláudio Dal Vesco que sempre manteve a preocupação em me apoiar e prover condições para que eu chegasse até aqui. Tenho certeza que meu desenvolvimento intelectual não seria o mesmo e dificilmente teria conquistado este título sem o seu apoio.

Agradeço especialmente o pastor Valésio Aleluia da Silva e sua esposa Luci Jorgelina da Silva, pela acolhida em Florianópolis. Sou

muito grato pela afetividade familiar, pela consideração e carinho durante todos estes anos. Não existem palavras para descrever o quanto devo das minhas conquistas ao apoio que sempre me deram.

Agradeço a Natanael Sérgio Maciel e Walery Lucy da Silva Maciel, tanto por representarem minha família durante os anos que estive em Florianópolis, quanto pela amizade que nutrimos desde então.

Sou grato a todos/as os/as amigos/as que foram cruciais em todos os momentos da minha vida acadêmica. Minha lista de amizades é extensa e ficaria inviável citar todos/as, portanto optei em selecionar àqueles que estiveram mais presentes durante esta minha fase de elaboração da dissertação, desta forma quero agradecer especialmente à Fabíola Maciel, Elizabeth Silva, Adna da Silva, Abgail Maciel, Alessandra S. Pereira, Gilmara de Oliveira, Soraia C. de Mello, Brenda M. Piazza e Giordana C. Brighenti, a Paulo de Moura Ferro, Paulo Miorin, Casemiro Partala Neto, Eduardo Paegle, Eduardo M. A. Maranhão Fo. Rangel Medeiros e Gerson Machado. Todo/as de alguma forma representam muito para mim.

Expresso meus agradecimentos à *Universidade Federal de Santa Catarina* e especialmente ao *Programa de Pós-Graduação em História* que forneceu toda a estrutura para que este trabalho pudesse ser realizado e ao *Laboratório de Religiosidades e Cultura* da UFSC.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), pela concessão de bolsa durante o ano de 2009 que auxiliou no processo de desenvolvimento deste trabalho.

À Igreja Assembléia de Deus em Florianópolis, em especial aos pastores Valtair Alves de Souza e Juvenil dos Santos Pereira.

À Associação Evangélica Beneficente de Assistência Social, extensivo a todos/as o/as funcionários/as e associados/as pelo tempo que fui acolhido.

À Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD) pela acolhida enquanto colhia fontes para esta pesquisa. Meus agradecimentos em especial aos pastores Claudionor Correia e ao Isael Araújo que permitiram o acesso aos arquivos.

Ao Prof. Dr. Artur César Isaia, um agradecimento especial, pela orientação paciente e encorajadora durante o tempo em que estive cursando as disciplinas e desenvolvendo essa dissertação; pela confiança depositada no meu trabalho, obrigado pela amizade e pelas contribuições intelectuais.

Agradeço especialmente a professora Maria Amélia Schmidt Dickie, pois sempre estive disposta a contribuir com meu desenvolvi-

mento intelectual desde o período da graduação. Estou lisongeadado por contar com sua participação em mais uma etapa da minha vida acadêmica.

Ao professor Ricardo Silva, por suas contribuições com apontamentos e indicações teóricas para o desenvolvimento deste texto.

À professora Eliane Moura da Silva pelas ricas contribuições teóricas e metodológicas.

Às professoras Joana Maria Pedro e Claudete Ulrich que durante o mestrado contribuíram significativamente para o meu crescimento intelectual.

À minha turma de mestrado e aos funcionários/as e professores/as do Programa de Pós-Graduação em História. Confesso que tenho saudades tanto dos momentos de interação e diálogo acadêmico, quanto daqueles dias em que a turma se reunia para jogar conversa fora e comer um petisquinho logo após as aulas.

Agradeço à minha família, que embora estivesse longe, sempre me deu apoio, acreditou em mim e forneceu todas as condições emocionais para que eu prosseguisse com os estudos. Minha mãe e meus dois irmãos Leandro e Cléber sempre foram a razão da minha dedicação.

## VEM O DIA

Ja se vêem uns tons claros do arrebol...  
E' o dia que surge a limpidez do Sol.

Foram—se as trevas; loira, casta e louçã,  
A terra vestiu a roupagens da manhã.

Adornada qual esposa, em festim nupcial,  
Espera alegremente, tão linda vestal,

O esposo, no aurifulgente esplendor da luz;  
Assim tambem a eterna esposa de Jesus,

No correr vertiginoso dos dias em fora ...  
Ve no curso das prophecias a bella aurora!

Passa mais um anno, no entanto permanece  
A Palavra de Deus. O mundo então fenece,

Como a meiga flor ao entardecer do dia  
Mas a igreja espera a sagrada epiphania!...

Plácido Aristóteles  
Boa Semente (1926)

Alguém falou do fim-do-mundo,  
O fim-do-mundo já passou  
Vamos começar de novo:  
Um por todos, todos por um  
[...]E hoje em dia, como é que se diz:  
"Eu te amo."?

Vamos Fazer um Filme / Renato Russo  
(1993)

## Resumo

Esta dissertação intitulada *Escatologia e Anticomunismo nas Assembléias de Deus do Brasil na primeira metade do século XX* procura traçar historicamente de que maneira o comunismo foi representado pelas Assembléias de Deus. Para esta análise foi considerada a maneira como articularam as questões que envolviam o comunismo como um discurso teológico escatológico. Primeiramente são traçadas algumas considerações sobre a origem do pentecostalismo tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, verificando as especificidades das Assembléias em território nacional. Em seguida o trabalho procura analisar como o comunismo foi representado levando em consideração as crenças escatológicas dos assembleianos.

**Palavras-chave:** Escatologia, Milenarismo, Anticomunismo, Pentecostalismo, Assembléia de Deus.

## Abstract

This dissertation titled Eschatology and Anti-communism in the Assembly of God in Brazil in the first half of the twentieth century demand to trace historically how Communism was represented by the Assemblies of God. For this analysis was considered the way they articulated the issues involved communism as an eschatological theological discourse. First present some considerations about the origin of Pentecostalism in both the U.S. and Brazil, considering the specifics of the Assemblies in the country. Then the paper analyzes how communism was represented taking into account the Assembly in the eschatological beliefs.

**Keywords:** Eschatology, Millenarianism, Anti-communism, Pentecostalism, Assembly of God.

## Sumário

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>6</b>
<b>Resumo</b>	<b>10</b>
<b>Abstract</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>22</b>
<b>O PENTECOSTALISMO E SUAS ORIGENS</b>	<b>22</b>
O MOVIMENTO DE AZUZA STREET	32
A SANTIFICAÇÃO COMO UM PROCESSO	38
<b>A FORMAÇÃO DO GENERAL CONCIL OF THE ASSEMBLIES OF GOD (1914)</b>	<b>40</b>
O SENTIDO DO PENTECOSTES	45
<b>O PENTECOSTALISMO NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX</b>	<b>50</b>
<b>ASSEMBLÉIA DE DEUS</b>	<b>55</b>
ACOMODAÇÕES DO PENTECOSTALISMO	58
A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DOS SUECOS	60
PENTECOSTALIZAÇÃO DA IGREJA BATISTA	62
O PROGRESSO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS	66
<b>A IMPRENSA NAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS</b>	<b>68</b>
BOA SEMENTE (1919 -1930)	73
O SOM ALEGRE (1929 – 1930)	75
MENSAGEIRO DA PAZ (1930 – 20**)	77
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>81</b>
<b>IMAGINÁRIO ESCATOLÓGICO E ANTICOMUNISTA</b>	<b>81</b>
CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL E O ANTICOMUNISMO	87

<b>ORIGENS DO ANTICOMUNISMO NO BRASIL</b>	<b>93</b>
<b>OS ANTICOMUNISMOS</b>	<b>97</b>
O POSICIONAMENTO POLÍTICO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS	101
<b>O COMUNISMO E OS SINAIS ESCATOLÓGICOS</b>	<b>112</b>
IDENTIFICAÇÕES DA BESTA E DO ANTICRISTO	117
EXPECTATIVAS ESCATOLÓGICAS	123
O COMUNISMO E A TRIBULAÇÃO	127
<b>REPRESENTAÇÕES DA RÚSSIA DO ANTICRISTO E DO COMUNISMO</b>	<b>131</b>
IMAGINAÇÃO TERIOMÓRFICA	134
<b>COMBATENDO UM INIMIGO EM COMUM</b>	<b>136</b>
A GUERRA CIVIL NA ESPANHA E O DISCURSO ANTICOMUNISTA	140
<b>A RÚSSIA E A EVANGELIZAÇÃO DO FIM DOS TEMPOS</b>	<b>142</b>
<b>A AMEAÇA DE ALCANCE GLOBAL DO COMUNISMO</b>	<b>145</b>
SEMITISMO E ANTICOMUNISMO	154
OS COMUNISTAS COMO SERES BESTIALIZADOS	163
EM NOME DA FAMÍLIA	164
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>168</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>173</b>
Anexo I	173
Anexo II	174
Anexo III	175
Anexo IV	176
Anexo V	177
Anexo VI	178
Anexo VII	179
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>180</b>



## INTRODUÇÃO

O desejo de estudar o movimento pentecostal especialmente as Assembléias de Deus foi decorrente do envolvimento com as primeiras publicações da instituição e da análise do discurso deste material. Desde 1999 tenho acesso aos principais veículos de comunicação da igreja. Quando em 2002 fui presenteado com alguns jornais pentecostais muito antigos, dentre eles o Mensageiro da Paz, logo verifiquei muitos contrastes na forma como o discurso se apresentava em tempos diferentes. De posse desse material, recebi a sugestão do meu orientador para que estivesse atento para a forma como os assembleianos construíram a própria identidade e de que maneira representaram seus inimigos e como articularam isso discursivamente.

O contato com as fontes permitiu constatar que nelas estavam presentes os pontos de vista, as interpretações teológicas, a orientação para determinados comportamentos, o estabelecimento de normas e valores, a construção, sobretudo, de um aparato simbólico legitimador das ações e práticas que refletem diretamente na forma como a igreja se apresenta hoje na sociedade. Logo após verificar a consistência de algumas publicações o que chamou a atenção foi a frequência com que elas se remetem as questões doutrinárias e as suas ligações com o mundo secular, destacando aqui a doutrina do *Batismo com o Espírito Santo e das Últimas Coisas*, a pneumatologia e a escatologia respectivamente. Juntamente com a exposição do conteúdo dogmático e teológico era perceptível a ligação que estes faziam com questões seculares como o desenvolvimento científico, a política, a urbanização, e principalmente o comunismo.

Realizar um amplo estudo sobre os diversos desdobramentos que as compreensões escatológicas e pneumatológicas tiveram com as questões seculares é praticamente impossível, entretanto em termos gerais e teóricos esse trabalho se propõe a estabelecer algumas considerações principalmente em relação à escatologia e as questões que se ligavam a um discurso anticomunista.

Ao delimitar o objeto de pesquisa procurarei perceber de que forma o comunismo foi imaginado pelas Assembléias de Deus, quais eram as imagens utilizadas para descrevê-lo, de que maneira ele era representado. Logo foi possível perceber as ligações entre a defesa dogmática e as questões seculares pela forma como se reportava ao comunismo relacionando-o às forças do “mal”, a “besta”, ao “demônio”. A

partir daí, procurarei verificar de que forma esse discurso foi articulado e que tipo de compreensão teológica levava os assembleianos a terem determinadas posturas com relação ao comunismo.

A proposta da dissertação foi investigar como se processou a constituição de um imaginário anticomunista dentro das Assembléias de Deus na primeira metade do século XX. Uma das formas de fazer isso foi analisando como a literatura da igreja se reportava as questões escatológicas e as relacionava com o comunismo. Devido ao fato de que a produção literária estava vinculada diretamente a influências exógenas, principalmente estadunidense, este trabalho também se preocupou em recuperar quais eram essas influências e qual o papel delas na construção da identidade assembleiana no Brasil.

A preocupação da Assembléia de Deus desde o princípio era muito clara: divulgar a doutrina, alcançar o maior número de adeptos e formar uma teologia legitimadora do pentecostalismo. A imprensa teve um papel de destaque nessa missão, cria-se o jornal Boa Semente na cidade de Belém do Pará em 1919, dez anos depois com o crescimento da denominação e a migração do missionário Vingren para o Rio de Janeiro ele dá início ao O Som Alegre. Na Primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil em 1930 ocorreu a fusão dos dois periódicos que dão origem ao jornal Mensageiro da Paz.

A imprensa foi o instrumento mais eficiente de doutrinação deste período. Mesmo ante uma boa parcela da população sem acesso a leitura verifica-se pelo discurso do próprio jornal que os fiéis tinham acesso ao seu conteúdo direto (lendo, vendo fotos) ou indiretamente (ouvindo alguém pregar ou expor conceitos). Reconhecer no jornal suas características, traços de interesses, as omissões (silêncios) e ênfases, a inspiração do conteúdo, o papel das *vozes autorizadas*, as condições na qual foi construído, o papel da imprensa como espaço de representação do real<sup>1</sup> ou seja, questionar tanto a fonte como os critérios para a sua produção foi uma das preocupações desta dissertação.

A literatura da igreja foi analisada sob a ótica do documento/monumento<sup>2</sup> proposta por Jacques Le Goff, verificando as condições

<sup>1</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p.20.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas, São Paulo:

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

da sua produção, sob o prisma da sociologia dos textos,<sup>3</sup> proposta por Chartier. Ou seja, existem critérios que precisam ser avaliados extramaterialidade do jornal e do conteúdo que nem sempre estão patentes nas páginas dos impressos, são os bastidores<sup>4</sup>, que a medida do possível esse trabalho procurou evidenciar.

Outra preocupação do trabalho foi verificar se houve e quais os critérios de certo acompanhamento do discurso anticomunista assembleiano ante aos demais discursos anticomunistas recorrentes no mesmo período no Brasil. Este trabalho propõe discutir de que forma imbricam-se os discursos anticomunistas produzidos no Brasil, as proximidades e distanciamentos. Estudos sobre a constituição deste imaginário surgiram nos últimos anos contribuindo para um melhor esclarecimento sobre o tema. Como sugere Rodrigo P.S. Motta, seria melhor nos reportarmos a *anticomunismos*, visto a diversidade como ele ocorre, os projetos diversos de ataque compõem a heterogeneidade contra o inimigo em comum, “o aspecto ideológico em questão é tão amplo que vai da direita para a esquerda, reunindo reacionários, conservadores, liberais e esquerdistas”.<sup>5</sup>

A primeira onda anticomunista, como estabelece Motta, tem início nos primeiros meses de 1927<sup>6</sup> e foi evidenciada na imprensa assembleiana com ataques atrozos a um inimigo que surgia no outro lado do mundo. Embora as manifestações anticomunistas já começassem a ocorrer modestamente logo após a Revolução Russa de 1917, a *questão social* e os riscos políticos a ela ligados ainda não eram associados de maneira predominante ao comunismo, inclusive pela evidência do movimento anarquista que acabava tendo mais visibilidade que os seguidores de Lênin.<sup>7</sup> O crescimento do Partido Comunista Brasileiro, a adesão do líder tenentista Luiz Carlos Prestes ao partido, a formação da Aliança Nacional Libertadora e principalmente a Intentona Comunista, é que

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p.99

<sup>4</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Basanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 141

<sup>5</sup> MOTTA, Rodrigo P. S. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.16

<sup>6</sup> Para Rodrigo P. S. Motta o anticomunismo passa a ser tratado com uma questão em função da Legalidade do PCB e a criação da “Lei Celerada” na tentativa de inibir a atuação dos movimentos de esquerda.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.07-13;XXI

comporão definitivamente as estruturas que consolidarão a disseminação do anticomunismo no Brasil na década de 1930.<sup>8</sup>

A presente pesquisa contribui para o estudo da história do pentecostalismo no Brasil, abordando um período pouco estudado desse movimento. O discurso anticomunista assembleiano será analisado até meados da década de 1950, tanto porque corresponde ao primeiro desdobramento do anticomunismo no Brasil, ou *onda anticomunista*, como porque refere-se a presença de um modelo de pentecostalismo que foi hegemônico até esse momento. Os primeiros anos que seguem o fim da Segunda Guerra são marcados por um ameno discurso anticomunista sendo que se intensifica a partir da década de 1960.

O discurso escatológico assembleiano que permeará praticamente todo o discurso anticomunista, foi considerado como produto de variáveis históricas e não pautado em premissas ontológicas e dogmáticas. Pensar o anticomunismo analisando a escatologia<sup>9</sup> assembleiana limita-se a refletir de que forma as demandas sociais e históricas moldaram a construção teológica e as compreensões sobre a história e a sociedade.

<sup>8</sup> MOTTA, Rodrigo P. S, op.cit., 2002, passim.

<sup>9</sup> Na tradição cristã, o termo “*escatologia*” (gr. *escatha*, “ as últimas [coisas]”), designa as idéias concernentes ao fim do mundo ou aos eventos que atingirão seu termo com o Juízo Final. Associado ao termo escatologia estão as palavras “milénarismo” ou “quiliísmo” (derivadas respectivamente do latim *mille* e do grego *chilias*, “mil”) remetem, em seu sentido primeiro, à espera de um reino de mil anos sob a égide de Cristo, de volta à terra antes do Juízo Final. Em sentido mais amplo, entende-se por elas todas as esperanças, todas as aspirações de conotações religiosas prevendo o surgimento sobre a terra de uma ordem perfeita, de certa forma paradisíaca. O termo “escatologia” foi desenvolvido por Philipp Henrich Friedlieb’s no seu *Dogmatics* (1644) e seguido por Abraham Calov no seu *Voluminous Systema Locorum Theologicorum* (1655-77). O teólogo luterano Johann Gerhard no seu *Loci Theologici* (1610-22) compilou doutrinas que ele considerava das “últimas coisas” [En. “*last things*”]. O termo escatologia de acordo com Colov se aplica ao *schaton* “o fim” que no discurso teológico deve ocorrer após Cristo ter subjugado todos os poderes e autoridades. Compõem o “*schaton*” as últimas coisas, o último dia (s) como a consumação da história, a ressurreição dos mortos, o acórdão último da consumação do mundo, a presença do inferno, a morte eterna e a vida eterna na Comunidade de Deus. De acordo com Paul Althaus a “escatologia” se apresenta como um argumento contra a “ciclicidade” do pensamento grego que inviabilizava qualquer noção da história enquanto processo no seio da cultura helênica. Cf. SAUTER, Gerhard. Protestant Theology. In: WALLS, Jerry L. *The Oxford Handbook of Eschatology*. New York: Oxford University Press. 2008, p.248. e LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP. EDUSC,2006. p.353; Paul Althaus. *Die letzten Dinge: Entwurf einer christlichen Eschatologie*. Gütersloh: Bertelsmann, 1922. Referendado por Jacques Le Goff. “*Escatologia*” In: “*Memória-História*”. Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Lisboa: Casa da Moeda, 1984.p.425.

Algumas análises sociológicas permitirão refletir sobre os processos de construção identitária. O suporte teórico para entender os processos de *nomização*<sup>10</sup> e *legitimação*<sup>11</sup> são requeridos de Peter Berger. Ele parte da premissa que a legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal, sagrada, de maneira que as construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem, assim, a aparência de definitiva segurança e permanência. Ou seja, através da sociologia de Berger será possível evidenciar como os *nomoi*<sup>12</sup> humanamente construídos ganham um *status* cósmico.<sup>13</sup> Interpretar o discurso anticomunista principalmente pelo viés escatológico ao qual ele se remete admitirá tal arcabouço teórico.

A maneira como o pentecostalismo interpreta a escatologia, os sinais do fim dos tempos, está intrinsecamente ligado à própria existência do movimento. O batismo com o Espírito Santo, o crescimento pentecostal, o reavivamento espiritual, os dons espirituais,<sup>14</sup> são evidências da segunda volta de Cristo. De tal forma compõe os sinais do fim, a *ideologia bolchevique*,<sup>15</sup> o ateísmo, a falta de fé, violência, idolatria, materialismo, progresso tecnológico e das ciências, a fome, miséria, a destruição da moral e da família, o divórcio, sindicalismo, revoluções, violência, imoralidade, deturpação dos costumes e tradições, o antisemitismo, ou seja, tudo que entendiam como mundanismo. Frequentemente esses valores e comportamentos foram atribuídos aos comunistas.

Os comunistas foram representados sob a égide do mal, frequentemente relacionados ao demônio, Anticristo e ao pecado. Estereotipado às imagens de figuras assustadoras, “bestas”, animais perigosos, agentes patológicos, associado às barbaridades e ao retrocesso civilizatório, o comunismo ganhou forma e atributos desqualificantes. Toda a linguagem usada nos jornais para *interpretar os sinais dos tempos* estava carregada de sentidos, símbolos e imagens dotados de poder capazes

<sup>10</sup> Compreende as estruturas que visam estabelecer uma ordem compreensiva de todos os *itens* que possam ser objetivados linguisticamente.

<sup>11</sup> Por legitimação entende-se todo o saber socialmente objetivado que serve para explicar a ordem social.

<sup>12</sup> *Gr. νομοί (nomoi)*, remete-se as leis, normas e padrões humanamente acordados.

<sup>13</sup> BERGER, Peter. *O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2ed. São Paulo: Paulus, 1985, *passim*.

<sup>14</sup> Uma série de habilidades especiais que se julgam provenientes do Espírito Santo. Tais habilidades possibilitam aos homens a capacidade de curar enfermidades, interpretar sonhos, profetizar, falar em línguas ou interpretá-las, ter visões, exorcizar demônios entre outros.

<sup>15</sup> *Som Alegre*, Maio de 1930, p.03.

de estruturar a própria vida e a percepção da realidade. Os assembleianos identificavam nas doutrinas, crenças, profecias e revelações a resposta para os acontecimentos históricos.

Este trabalho será abordado sob o prisma das representações, sendo que o conceito será utilizado de maneira abrangente, entendendo que dele fazem parte o imaginário, as construções mentais, a formulação de signos e imagens por meio dos quais os homens interpretam e dão sentido à realidade. A discussão nesse sentido contará com as considerações de Roger Chartier. O autor propõe que as representações dizem respeito, as divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreensão do real e que estas são sempre *marcadas pelos interesses dos grupos que as forjam*.<sup>16</sup> Chartier chama a atenção para o poder que as representações possuem no grupo social, pois elas são capazes de produzir respeito e submissão. Agindo como instrumentos produtores de imposições interiorizadas, as representações têm o poder de se impor de modo eficaz *lá onde falta o possível recurso da força bruta*.<sup>17</sup>

Nessa perspectiva o discurso anticomunista assembleiano é impregnado de símbolos visando direcionar os comportamentos a uma atitude de repulsa e alteridade. Procurando entender as formas como os signos se processam, Pierre Bourdieu reforça a idéia que, é próprio da eficácia simbólica não poder exercer-se senão com a cumplicidade, ou seja, a legitimidade simbólica do discurso só terá eficácia na medida em for reconhecida. A sociologia bourdieusiana ajuda a ler criticamente o discurso religioso, municiando-nos de armas de resistência específicas para combater os *efeitos de autoridade*. Bourdieu defende que os bens simbólicos atuam como um poder que consegue criar significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se assim, como os *instrumentos por excelência da integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida*.<sup>18</sup> De acordo com Bourdieu os porta vozes que transmitem a mensagem religiosa são dotados de um poder que os possibilita *agir em nome do grupo, como se detivesse uma procuração para tal*.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. 1990, op.cit., p.17

<sup>17</sup> CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre:UFRGS, 2002, p 75.

<sup>18</sup>BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução: Sérgio Miceli et al. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p14.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Ática, 2008, p. 82.

Na primeira parte deste trabalho as abordagens estão relacionadas principalmente com as questões que dizem respeito a sistematização e compreensão de como as Assembléias de Deus se estabeleceram no Brasil. As análises procuram demonstrar de que maneira o pentecostalismo norte americano que influenciou o movimento pentecostal no Brasil do início do século XX. Neste capítulo estão presentes algumas considerações importantes sobre os periódicos das Assembléias de Deus e o tipo de mensagem que veiculavam.

O último capítulo procura mostrar como um discurso anticomunista gestado nos Estados Unidos chegou ao Brasil através do discurso teológico pentecostal. A partir da análise e relações entre os periódicos nacionais e internacionais foi possível verificar que houve uma apropriação de um discurso escatológico estadunidense que tinha objetivos políticos bem definidos. O conceito de representação foi muito útil para interpretar a forma como os assembleianos construíram sua própria identidade e ao mesmo tempo desqualificaram os comunistas, representando-os como agentes do mal.

## CAPÍTULO I

### O PENTECOSTALISMO E SUAS ORIGENS

No final do século XIX, evangelistas do movimento da santidade [*holiness*] foram muito importantes no cenário protestante, decorrente principalmente da influência do *movimento Keswick*, criado pelos evangelistas W.E.Boardman, Robert Pearsall Smith e sua esposa Hannah Whitall Smith. A partir de 1875 concentrações de ensino e estudo da escrituras eram realizadas anualmente no *Keswick Convention for the Promotion of Pratical Holiness*, realizados em English Lake District, no nordeste da Inglaterra. Uma das principais razões para a importância desse movimento no cenário religioso do século XIX se deve principalmente ao fato de que ele representa um marco referencial teológico na adoção do premilenarismo e na defesa que a chegada de um *novo Pentecostes* preconizaria o *breve retorno de Cristo*,<sup>20</sup> [*soon coming King*]. Em Keswick a idéia prevalecente era da proeminente volta de Jesus Cristo. Nesses encontros anuais tanto metodistas quanto adeptos de outros grupos religiosos declaravam-se entregues a uma experiência de santidade, onde o objetivo principal era a busca pela pureza das intenções e erradicação do desejo pecaminoso na espera da *parousia*.<sup>21</sup>

Segundo a historiadora Edith W. Blumhofer muitos preceitos ali ensinados também se popularizaram nos Estados Unidos e contribuíram para a formação de conceitos e linguagens que foram adotadas posteriormente pelo movimento pentecostal.<sup>22</sup> Nestas conferências anuais era professado a idéia de que todos deveriam buscar uma vida superior [*higher life*] como uma segunda experiência na ordem da salvação. Essa experiência marcada principalmente por evidências físicas e emocionais era interpretada como uma preparação dos crentes para a realização de feitos extraordinários, para o testemunho e a obra de evangelização. Principalmente a partir de eventos que reuniam grandes concentrações

<sup>20</sup> ANDERSON, Allan. *An Introduction to Pentecostalism: Global Charismatic Christianity*. New York: Cambridge University Press. 2004, p. 30.

<sup>21</sup> BURGESS, Stanley M. MAAS, Eduard M. Van der. (orgs). *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Michigan, EUA: Zondervan Publishing House, 2003.p.589

<sup>22</sup> BLUMHOFER, Edit Waldvogel. *The Assemblies of God: A Popular History*. Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1985,p.15.

de pessoas como em Keswick, a experiência de revestimento de poder chamada de *Batismo com o Espírito* era muito frequente.<sup>23</sup>

Na virada do século XIX muitos grupos religiosos defendiam que a humanidade estava literalmente vivendo os dias que antecediam o retorno de Jesus Cristo. Muitos acreditavam que os últimos dias seriam precedidos por bênçãos especiais. Essas bênçãos ficaram conhecidas entre os protestantes estadunidenses como *latter rain revival*, ou *avivamento da chuva serôdia*<sup>24</sup>. O conceito de *salvação plena*, (espírito, alma e corpo) muito enfatizado pelos grupos ligados ao movimento da santidade, reforçava a necessidade de ser santo em razão da proximidade da volta de Cristo.<sup>25</sup> Aqueles que acreditavam na *chuva serôdia* afirmavam que a volta de Cristo seria prenunciada por um avivamento muito grande, e que inclusive os dons espirituais relatados no Novo Testamento poderiam ser restaurados com a proximidade do fim dos tempos.

Alguns grupos ligados ao movimento da santidade compreendiam que manifestações religiosas semelhantes às relatadas no Novo Testamento, referentes ao período apostólico, estavam sendo restauradas em decorrência da proximidade do fim dos tempos. Esses grupos ficaram conhecidos como restauracionistas.

Muitos líderes restauracionistas defendiam que Deus havia lhes concedido poderes tal como na era apostólica, dando-lhes a capacidade de curar enfermidades mediante a fé e através do uso do nome de Jesus Cristo. Os restauracionistas acreditavam que a expiação de Cristo na cruz, promoveu a cura para o corpo da mesma maneira que a cura da alma.<sup>26</sup> Em oposição a essa compreensão, muitos protestantes atribuíam as curas a uma *superstição católica* e afirmavam que as *curas divinas* não eram mais possíveis naqueles dias.

A realização das curas geralmente era acompanhada por palavras que visavam acabar com o mal, eliminar a dor e a doença. As palavras possuíam uma condição de performatividade sancionadas naquela religiosidade. Segundo Bourdieu frequentemente as religiões se valem

<sup>23</sup> WACKER Grand. *Heaven Below: early Pentecostals and American Culture*. 2 ed. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, 2003, p.02

<sup>24</sup> Chuva serôdia se remete a uma expressão bíblica que está relacionada as chuvas tardias. A partir do movimento da Santidade ela passou a representar uma manifestação definitiva da glória do Espírito Santo nos dias que antecedem o fim da história.

<sup>25</sup> BLUMHOFER, Edith L. *Restoring the faith: the Assemblies of God, pentecostalism, and American culture*. Chicago: University of Illinois Press, 1999, p.13

<sup>26</sup> [They insisted that Christ's atonement on the cross provided healing for the body just as it provided healing for the soul]. Cf. WACKER Grand. 2003, op.cit., p.03.

de uma retórica cuja pretensão é a de agir sobre o mundo social ou agir *magicamente*. Essa performatividade nada mais é que um enunciado que comporta uma *pretensão manifesta de possuir este ou aquele der*.<sup>27</sup> Compõem estes enunciados as palavras proferidas para a cura, a repreensão dos espíritos maus, o recebimento de dons, mas também podem ser destinadas a mudar o rumo da política, do clima, das condições sociais, entre tantas aplicações.

Segundo Grant Wacker nos Estados Unidos muitas aspirações sectárias daqueles tempos também influenciaram o *ethos* evangelical em relação às compreensões escatológicas. De forma que os protestantes frequentemente se ajustavam a algumas aspirações escatológicas dos adventistas, mórmons, espíritas, cientistas cristãos e testemunhas de Jeová.<sup>28</sup> Nesse sentido estão as afirmações de Alberto Antoniazzi ao endossar a idéia que havia uma expectativa de grande avivamento que marcaria a virada do século em vários grupos “pré-pentecostais”. Em suas palavras:

Havia nesses grupos uma expectativa, atizada pela virada do século, de que o iminente fim do mundo fosse precedido por um grande avivamento marcado pelo fenômeno glossolálico da Igreja Primitiva. Em meios a exemplos esporádicos de glossolalia, a síntese doutrinária que permitiu o surgimento do pentecostalismo como movimento distinto foi alcançada por volta de 1900 por um dono de escola bíblica em Kansas chamado Charles Parham: as línguas eram a evidência do batismo com o Espírito Santo.<sup>29</sup>

Uma das reivindicações dos restauracionistas era de que toda a cristandade deveria viver em simplicidade, tal como Jesus Cristo e a igreja primitiva. A ênfase que colocavam em cima de uma origem comum, desencadeava a busca por uma unidade e por uma identidade que se remetia aos tempos apostólicos. Consequência disto foi que as aspirações restauracionistas nutriram uma espécie de antidenominacionalismo. Segundo Blumhofer o restauracionismo modelou o pentecostalismo, de

---

<sup>27</sup> DUCROT, O. *Illocutoire et Performatif, em Linguistique et Sémiologie*. 4, 1977, p.17-54, Apud. BOURDIEU, Pierre.2008, op.cit.,p.62.

<sup>28</sup> WACKER Grand.2003, op.cit.,p.04.

<sup>29</sup> ANTONIAZZI, Alberto. (et.al) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994, p.74

tal forma que as igrejas na corrida para preservar um caráter apostólico se proclamavam ahistóricas ou afirmavam existir independentemente das correntes históricas, anelando redescobrir o evangelho puro.<sup>30</sup>

Restorationists promoted assumptions of Christian unity and simplicity. They reminded believers of their fundamental oneness in Christ. In focusing on the unity of the early church, they ignored the turmoil and heterodoxy that had characterized Christian beginnings. Amphasis on shared origins promoted hopes of renewed family harmony and optimism about rediscovery of the "pure" gospel.<sup>31</sup>

Tanto os restauracionistas do movimento da santidade e posteriormente os pentecostais experimentaram um profundo sentimento de perda cultural. A invasão da modernidade era um inimigo sinistro que representava a derrocada dos valores e da teologia, deslocando os indivíduos de suas crenças fundamentais. A convicção de que os valores culturais defendidos pela cultura secular eram contrários a fé verdadeira, denota a forma como compreendiam o mundo. Eles acreditavam que a Bíblia oferecia todas as ferramentas para perfeita compreensão da realidade, que aos outros não era possível.

O pentecostalismo emergiu como um discreto movimento religioso que defendia uma visão de mundo ajustado modelo restauracionista, avivalista e teleológico. Dentro de uma compreensão da história em termos dispensacionalistas,<sup>32</sup> estavam certos que viviam os dias da res-

---

<sup>30</sup> BLUMHOFER, Edit L. 1993, op.cit.,p.13.

<sup>31</sup> Os restauracionistas promoviam pressupostos de unidade e simplicidade cristã. Estavam preocupados em mostrar aos crentes a unidade fundamental em Cristo. Ao centrar-se sobre a unidade da igreja primitiva, eles ignoraram a crise e heterodoxia que tinha caracterizado os primórdios do cristianismo. A ênfase sobre as origens comuns promovia esperanças de harmonia familiar e renovava o otimismo da redescoberta do "evangelho puro". [tradução minha] Cf. BLUMHOFER, Edit L. 1993, op.cit.,p.13.

<sup>32</sup> O dispensacionalismo é uma interpretação teológica que possui entre seus principais formuladores o teólogo irlandês John Nelson Darby (1800-82), e entre um dos seus principais é destacada a figura de Cyrus Scofield (1843-1921), que através da *Bíblia de Referência Scofield* (1909) sistematizou e popularizou o dispensacionalismo. Para Darby o plano de salvação de Deus estava relacionado com o momento histórico ao qual o homem teve contato com o criador. Ele defendia que Deus se relaciona com o homem obedecendo a realidade de cada época e, portanto agia de forma diferente em cada dispensação [era/época/período histórico]. Darby defendia que uma série de profecias haviam se concretizado com Jesus e a sua crucificação, porém outro ciclo teria início com o "Arrebatamento"<sup>32</sup> [*Rapture*] dos salvos, momento em que todos os crentes irão encontrar Cristo nos ares. Scofield defendia que a história da humanidade

tauração, marcado por uma antecipação do retorno de Cristo. A análise das profecias lhes dava a nítida certeza de que uma intensa fé e pureza associada ao retorno das experiências apostólicas evidenciariam esse momento<sup>33</sup>. Segundo Blumhofer dentro dessa compreensão restauracionista tanto os crentes ligados ao movimento da santidade, quanto os pentecostais que mantinham essa visão tinham muito nítido em sua ascese que podiam cooperar com as presumíveis intenções de Deus.

Since the people whose restorationist hopes most directly shaped American Pentecostals were premillennialists ardently committed to the belief that theirs were the last days, they generally expected God's imminent intervention in history; they also sought ways to cooperate with God's presumed intentions.<sup>34</sup>

É seguindo essa compreensão restauracionista e escatológica que em 1925 o jornal Boa Semente das Assembléias de Deus no Brasil, cujo artigo intitulado *O Segundo Advento de Cristo* advertia que os crentes nesse mundo deveriam levar em consideração a esperança na segunda vinda de Cristo, a qual compreende três passos. Eles afirmam que em primeiro lugar era missão do cristão *estar preparado*, em segundo estar atento a todos os acontecimentos e a própria vida espiritual em atitude de *vigilância*, e em terceiro afirmava que os crentes deveriam estar preocupados em *apressar a vinda do dia de Deus*.<sup>35</sup>

Muitas vezes restauracionistas popularizaram a idéia de cura através da expiação no calvário. O anseio de restauração trazia os milagres da igreja primitiva para a realidade dos crentes. Na retórica daqueles dias muitos evangélicos esperavam que as chuvas temporãs, símbolo

era composta de sete dispensações: da *Inocência*, da *Consciência*, do *Governo Civil*, da *Promessa*, da *Lei*, da *Graça*, e do *Reino*. Além disso, o dispensacionalismo faz uma nítida distinção entre Israel e a Igreja, que representam essencialmente dois povos de Deus Cf. HARRIS, Harriet A. *Fundamentalism and Evangelicals*. New York. Oxford University Press, 2008, p.23; BURGESS, Stanley M. MAAS, Eduard M. Van der. (orgs). 2003. op.cit.,p.1094.

<sup>33</sup> WACKER, Grant. F. In: HUGHES, Richard. *The American Quest for the Primitive Church*. Urbana: University of Illinois Press, 1988, p. 196-219.

<sup>34</sup> No início os restauracionistas, principalmente os pentecostais norte-americanos foram comprometidos com a crença de eles eram parte dos últimos dias, esperavam a iminente intervenção divina na história mantendo-se preocupados em cooperar com as presumíveis intenções divinas. BLUMHOFER, Edit L.1993, op.cit.,p.13.

<sup>35</sup> *Boa Semente*. Julho de 1925, n.49, p.02.

dos sinais e maravilhas ocorridos em Atos, dessem lugar à chuva serôdia, uma manifestação definitiva da glória do Espírito Santo no fim da história. Essa imagem das bênçãos de Deus representada pelo ciclo de chuvas narrados no Antigo Testamento provém das interpretações escatológicas que faziam dos textos do profeta Joel.<sup>36</sup> No jornal Mensageiro da Paz o subtítulo do artigo intitulado A Chuva Seródia é A Repetição do Pentecostes. Nas linhas que seguem a esse subtítulo encontramos uma associação entre a chuva seródia da narrativa bíblica como alegoria do progresso da pregação do evangelho na igreja primitiva e da chuva seródia que é anunciada como uma repetição do derramamento de bênçãos divinas para aqueles dias, considerados os derradeiros da história humana.

Assim como as chuvas temporãs e seródias foram dadas no derramamento do Espírito Santo, ao inaugurar-se a obra do Evangelho, afim de determinar a germinação da preciosa semente (Joel. 2:23), assim também a chuva seródia há de ser dada, por ocasião da última ação da pregação evangélica, para determinar o amadurecimento da serara e a preparação do povo de Deus, para que o mesmo possa subistir quando Jesus vier.<sup>37</sup>

Por volta de 1900, Charles Fox Parham, um dos principais personagens relacionados ao surgimento do movimento pentecostal, viajou para Chicago com o propósito de conferir de perto avivamentos religiosos que pregavam o restauracionismo. Estes grupos defendiam a possibilidade de viver nos moldes da igreja primitiva. A tônica de suas mensagens fortalecia o senso de que era possível viver experiências espirituais semelhantes às vividas pelos apóstolos de Cristo. Certamente Parham já tinha muita familiaridade com as doutrinas restauracionistas

---

<sup>36</sup> Joel 2.23;32. “...regozijai-vos e alegrai-vos no SENHOR vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva temporã; fará descer a chuva no primeiro mês, a temporã e a serôdia. E as eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de mosto e de azeite. ...E comereis abundantemente e vos fartareis, e louvareis o nome do SENHOR vosso Deus, que procedeu para convosco maravilhosamente; e o meu povo nunca mais será envergonhado... E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo...”(Almeira Corrigida e Revisada, 1994).

<sup>37</sup> Mensageiro da Paz. Maio de 1936, n.10, p.05.

ensinadas nas igrejas que iria visitar e não foi movido por uma inocente curiosidade que se dirigiu até esses grupos.

No norte de Chicago Parham frequentou a comunidade liderada por John Alexander Dowie (1847-1907), a *Christian Catholic Church*, em Zion<sup>38</sup> (Sião), Illinois. Dowie defendia que a verdadeira restauração à era apostólica, dependia do total afastamento das pessoas de coisas que representassem o pecado (inclusive o afastamento geográfico como fez com sua comunidade), além da abstenção dos vícios, dos medicamentos, do fumo, das bebidas alcoólicas, dos tratamentos médicos, e alimentos derivados do porco<sup>39</sup>.

De Chicago Parham segue rumo New York, onde frequentou a comunidade liderada por Albert Benjamin Simpson, a *Christian and Missionary Alliance*. A. B. Simpson era um dos maiores líderes religiosos de seu tempo, ele fez do *evangelho da cura* o maior tema do seu ministério, além de defender o prémilenarismo dispensacional e o Arrebatamento da igreja seguido de sete anos de Tribulação.<sup>40</sup>

De New York seguiu para, Shiloh, Maine, onde participou de cultos e escolas bíblicas na *Holy Ghost and Us Bible School*, liderada pelo pastor batista Frank Sandford. Durante uma escola bíblica com a presença de Parham, a estudante Jeannie Glassey teve uma experiência espiritual vindo a falar um dialeto africano. De acordo com o relato de Parham tanto para a estudante quanto para os demais presentes o fenômeno representava um sinal claro da chamada divina para que ela realizasse trabalho missionário na África. Segundo o historiador Vinson Synan esta foi a primeira vez que Parham teve contato com aquela manifestação, todavia James Goff Jr. contesta essa versão alegando que há fortes indícios de que Parham já tivesse conhecimento do fenômeno glossolálico muito tempo antes. É muito provável que pelo menos dois anos antes Parham já tivesse conhecimento desta manifestação, pois já conhecia Sandford.<sup>41</sup>

Retornando à Topeka, Parham se tornou um dos grandes promotores da teologia restauracionista. Em dezembro de 1900, na sua

<sup>38</sup> O nome da região foi uma iniciativa dos restauracionistas. A esperança de que Cristo retornasse para a bíblica Sião, fez com que Dowie batizasse a região de instalação da sua comunidade com esse nome.

<sup>39</sup> BLUMHOFER, Edit Waldvogel. 1985, op.cit., p.17

<sup>40</sup> WACKER Grand. 2003, op.cit., p.02

<sup>41</sup> Cf. GOFF Jr. James R. *Fields White unto Harvest: Charles F. Parham and Missionary Origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1988, p. 72-74; SYNAN, Vinson. 1997, op.cit., p. 90

escola bíblica, Parham levou os alunos a reconhecer através do estudo dos grandes princípios do movimento da santidade a existência da cura divina e da necessidade do retorno aos bons anos dourados [*good old days*] que o cristianismo primitivo representava.<sup>42</sup> Ele propôs aos seus alunos que encontrassem nas sagradas escrituras evidências do *batismo com o Espírito Santo*.

No dia 31 de dezembro de 1900 após um longo estudo do livro de Atos dos Apóstolos, cujo principal ensinamento de Parham era que o batismo com o Espírito Santo vinha acompanhado do *falar em línguas*, como no dia que os apóstolos estavam reunidos com os demais cristãos no cenáculo em Jerusalém. Após algum tempo de estudos uma jovem chamada Agnes N. Ozman solicitou a Parham que orasse por ela. Após a meia noite, já no século XX, Agnes Ozman começou a falar em línguas. Agnes teria falado o idioma chinês [*speaking in the Chinese language*] enquanto uma auréola de santidade circuncidava sua cabeça e seu rosto [*halo seemed to surround her head and face*].<sup>43</sup> Nessa narrativa Parham representou o fenômeno através da tradicional forma de apresentação da santidade das iconografias do cristianismo, cuja auréola simboliza o santo e consagrado a Deus.

De acordo com Parham, por mais três dias Agnes Ozman falava e escrevia em caracteres chineses, sem conseguir falar em inglês. Nos próximos dias outros alunos afirmavam terem recebido a mesma experiência, porém cada um falava em línguas distintas que eles reconheciam como sendo, francês, alemão, sueco, japonês, húngaro, russo, italiano, espanhol, norueguês, entre outras. Pouco tempo depois o próprio Parham afirmou ter recebido a experiência. Para ele o Espírito Santo tinha o propósito de lhes ensinar outros idiomas com intuito de facilitar a obra missionária no exterior, acelerar a evangelização mundial e conseqüentemente a própria volta de Cristo.<sup>44</sup>

Após 1901, Parham fechou a *Escola Bíblica Betel* em Topeka e viajou a várias regiões dos Estados Unidos como pregador itinerante. Foi professor por muito tempo em Cincinnati, na escola *Bíblia God's Bible School* de Martin Wells Knapp e depois voltou ao Texas para a cidade de Houston em 1903.

---

<sup>42</sup> SYNAN, Vinson. *The Holiness-Pentecostal traditions: Charismatic movements in the twentieth century*. 2.ed. Gran Rapids, Michigan / Cambridge, U.K:Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 1997.p. 90

<sup>43</sup> SYNAN, Vinson.1997. op.cit., p. 90-91

<sup>44</sup> Ibidem, p.92

Em 1905 um jovem negro e pobre chamado William Joseph Seymour, foi para Houston com intuito de reencontrar alguns parentes e muito provavelmente conseguir um bom emprego. Nascido na Louisiana, ele era descendente de escravos e já havia residido nos estados de Indiana, Ohio e Illinois. Em Indianápolis ele se converteu à *Simpson Chapel Methodist Episcopal Church* ligada ao movimento da santidade. Em Cincinnati, Ohio, passou a ter contato com outros grupos ligados ao movimento da santidade com orientações restauracionistas, entre eles a *Church of God Restoration Movement*, da qual fez parte. Após um surto de varíola que acabou provocando a cegueira de um olho de Seymour, ele se dedicou ao trabalho religioso.

Quando chegou a Houston, passou a freqüentar e pregar em uma igreja pastoreada por uma ex-escrava chamada Lucy Farrow. Parham se tornou pastor da igreja após Farrow ir para Kansas, trabalhar na casa da família de Parham. Voltando a Houston já batizada no Espírito Santo em 1905, mesmo ano em que Parham também foi para lá. Parham realizou cultos no *Bryan Hall*, atraindo muitas pessoas e entre elas Seymour, presumidamente esse foi o primeiro contato de Seymour com a doutrina do batismo com o Espírito Santo cuja evidência eram as línguas.<sup>45</sup>

Parham deu prosseguimento às suas escolas bíblicas, e abriu uma classe de estudos com cerca de quarenta alunos, entre eles estava Seymour. Devido a segregação racial, o jovem acompanhava as aulas afastado dos demais alunos. E termo *baptism with the Holy Spirit* era amplamente conhecido nos grupos evangélicos e estava associado a experiências físicas e emocionais que por muitos do movimento da santidade era considerado uma *segunda bênção* seguida da justificação. Todavia para Parham o batismo com o Espírito Santo significava uma *terceira experiência* desvinculada da *segunda bênção*, acompanhada da única evidência bíblica que era o falar em línguas. Segundo Parham, o “outro batismo” que o movimento da santidade costumeiramente vinculava à santificação era o *batismo de fogo*, [*baptism on fire*], de outra natureza sem a evidência do falar em línguas. Para Parham era necessário as línguas como prova de *evidência* do recebimento do verdadeiro batismo.<sup>46</sup> Isso ficou bem claro para Seymour ao enfatizar no primeiro número do seu jornal o *The Apostolic Faith*;

<sup>45</sup> ROBECK Jr. Cecil M. *The Azusa Street Mission and Revival: The Birth of Global Pentecostal Movement*. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Inc. 2006, p.40-52.

<sup>46</sup> SYNAN, Vinson.1997, op.cit.,p. 92-95

The Baptism with the Holy Ghost is a gift of power upon the sanctified life; so when we get it we have the same evidence as the Disciples received on the Day of Pentecost, in speaking in new tongues.<sup>47</sup>

Pouco tempo depois Seymour se torna amigo de Nelly Terry, uma visitante dos cultos de Lucy Farrow. Neely Terry foi excluída da *Second Baptist Church*<sup>48</sup> e passou a pertencer a uma pequena congregação de negros adeptos do movimento da santidade, associada a *Southern California Holiness Association*. Quando Neely Terry volta a Los Angeles, em razão das suas simpatias por Seymour ela o recomendou à congregação.

Seymour aceitou o convite e viajou até Los Angeles, porém a caminho passou em Denver, Colorado, e participou dos cultos com Alma White, líder da *Pillar of Fire*, uma pequena igreja da Santidade, cuja ênfase era a manifestação das danças no Espírito<sup>49</sup> [*holy dance*], como evidência da santificação. Antes de Seymour expandir seu ministério existia uma relação amistosa com White, porém os rumos que o pentecostalismo seguirá, principalmente em razão da defesa das línguas como *evidência* do batismo com o Espírito Santo e que elas representam um dos principais sinais da restauração da igreja primitiva, promoveram discórdia entre muitos grupos. Um exemplo disto é que alguns anos depois, White escreve um livro chamado *Demons and Tongues*, no qual argumenta que o pentecostalismo nada mais é que um *movimento demoníaco*.<sup>50</sup>

Finalmente Seymour chega a Los Angeles na congregação indicada por Nelly Terry e pastoreada por Julia Hutchins. No terceiro dia de congregado ele já era o pregador do culto. O texto do seu sermão estava relacionado ao dia do Pentecostes apostólico e entre outras coisas afirmava que o batismo com o Espírito Santo só era possível com o sinal de *evidência* das línguas. A pastora reprovou o sermão, e argumentou que o próprio Seymour não havia vivido a experiência que ele defendia. Um

---

<sup>47</sup> [O batismo com o Espírito Santo é um dom de poder sobre a vida santificada, por isso quando o conseguirmos temos a mesma comprovação, tal como os discípulos receberam no Dia de Pentecostes, falando em novas línguas] Cf. *The Apostolic Faith*, Setembro de 1906, n.01, p.01.

<sup>48</sup> Era uma igreja de negros.

<sup>49</sup> Esse é o termo pelo qual a manifestação é mais conhecida no Brasil.

<sup>50</sup> WHITE, Alma. *Demons and Tongues*. Zerapath, NJ. 1949. Apud. SYNAN, Vinson. 1997, op.cit.,p. 96.

pequeno grupo aceitou essa mensagem e passou a realizar reuniões familiares na *Bonnie Brae Street* [Rua Bonnie Brae]. Alguns dias depois Edward Lee falou em línguas após uma oração de Seymour, seguido de outros seis participantes que no mesmo dia afirmam ter recebido a experiência. Poucos dias depois o próprio Seymour falou em línguas.<sup>51</sup>

## O MOVIMENTO DE AZUZA STREET

Em pouco tempo o número de pessoas que ouviam Seymour já não podia ser comportado em uma residência, foi quando ele alugou um edifício abandonado de uma igreja a *African Methodist Episcopal Church*, localizada na Rua Azuza 312. O local servia para abrigo de animais e precisava de muitas reformas. Seymour fez parte do edifício moradia. Os cultos ficaram conhecidos pelas manifestações físicas dos crentes além do fenômeno das línguas nas reuniões eram os crentes frequentemente dançavam, pulavam e caíam no chão devido ao poder divino.<sup>52</sup> Um repórter do *Los Angeles Times* realizou uma matéria sobre a *Azuza Street Mission* (Missão da Rua Azuza) e afirmou que ali se reunia uma seita de fanáticos era um grupo com problemas mentais e acusava Seymour de hipnotizar as pessoas através do seu olho comedido de cegueira.<sup>53</sup> Após a publicação do jornal, a igreja passou a receber muitos curiosos que acabaram se tornando membros.

Em pouco tempo o *Azuza Street Mission* ficou conhecida como *Apostolic Faith Mission* e se tornou a maior igreja de Los Angeles. A igreja se tornou amplamente conhecida após a publicação do jornal *The Apostolic Faith*<sup>54</sup>. Muitos grupos com uma visão restauracionista foram atraídos pelo modelo litúrgico e doutrinário desenvolvido em Azuza. Centenas de visitantes de dezenas de países visitavam Azuza para ver o

<sup>51</sup> *História do Avivamento Pentecostal de Azuza Street: centenário – Los Angeles 1906-2006*. 3.ed. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007. 11-18 e ROBECK Jr. Cecil M. 2006, op.cit., p.60-69.

<sup>52</sup> SYNAN, Vinson. 1997, op.cit.,p. 97

<sup>53</sup> O jornal descreve que as pessoas clamavam, faziam barulho noite e dia, corriam, pulavam, tremiam, gritavam muito alto, faziam rodas de dança, tombavam sobre o assoalho coberto de serragem, sacudiam, esperneavam e rolavam no chão. Muito ficavam inconscientes como mortos, pareciam loucos, enfeitados. Cf. *Los Angeles Daily Times*. *Weird of Babel Tongues*. 18 de Abril de 1906.

<sup>54</sup> Em 1908, dois anos após sua origem o periódico tinha uma tiragem de 50.000 exemplares.

que estava acontecendo. De acordo com Allan Anderson em menos de dois anos Azuza já tinha disseminado a *doutrina do movimento pentecostal* para vinte e cinco países, incluindo locais tão distantes como a China, Índia, Japão, Egito, Libéria, Angola e África do Sul.<sup>55</sup>

De acordo com Allan Anderson e Walter Hollenweger o reflexo da cultura religiosa de Azuza foi sentido em todo o pentecostalismo, e afirma isso após tentar diagnosticar algumas correspondências entre a liturgia de Azuza e a religiosidade africana. Segundo eles as principais características estão impressas principalmente na liturgia oral, no modelo narrativo e teológico do testemunho, na ampla participação de toda a comunidade no culto e nas atividades religiosas, na inclusão de sonhos e visões em cultos públicos, e uma compreensão em relação ao corpo e mente manifestada principalmente nas orações. Para Allan Anderson e Hollenweger, a maneira que o corpo se comporta durante a liturgia, o ritmo das mãos, a interferência dos congregados durante as preleções, e a mediação de Deus durante as práticas cerimoniais, são expressões claras da hibridização da espiritualidade africana com o movimento da santidade.<sup>56</sup> Entretanto essa forma de interpretação não leva em consideração que muitos elementos litúrgicos semelhantes aos praticados em Azuza já eram presentes em outros grupos religiosos que não tinham relação alguma com a religiosidade africana. Cada congregação possui elementos que a caracterizam, todavia não se pode afirmar que esses elementos serão reproduzidos mecanicamente em outros ambientes da mesma forma e com a mesma configuração. Quando se afirma categoricamente que determinados traços religiosos são provenientes de um modelo cultural específico se nega a capacidade inventiva dos sujeitos bem como se reitera a hegemonia e preponderância da cultura religiosa sobre o indivíduo.

É importante lembrar que na segunda metade do século XIX se tornou muito popular a realização dos *camp meetings*. Nessas reuniões milhares de pessoas das mais variadas confissões protestantes se reuniam com objetivo de orar, ouvir sermões e estudar a Bíblia. A ênfase destas palestras recaía sobre as doutrinas ligadas ao movimento da san-

---

<sup>55</sup> ANDERSON, Allan. 2004, op.cit.,p.42

<sup>56</sup> HOLLENWEGER, Walter J. The Black Roots of Pentecostalism. In. ANDERSON, Allan. HOLLENWEGER, Walter J. (ed.) *Pentecostalism after a Century: Global Perspectives a Movement in transition*. Sheffield, UK: Sheffield Academic Press, 1999, p. 42-43.

tidade como a da *segunda obra da graça* [*second work of grace*].<sup>57</sup> Essas conferências se tornaram muito populares nos Estados Unidos atraindo milhares de evangélicas<sup>58</sup> [*evangelicals*], duravam dias ou semanas, e a princípio tinham o objetivo de reunir grupos das mais variadas confissões para o estudo sistemático da Bíblia, participação dos sacramentos e oração, porém como o tempo se tornaram evangélicas e com forte apelo para as manifestações emocionais.

Os pregadores se especializaram em convencer os ouvintes dos seus pecados e apelavam a uma manifestação física e emocional como evidência do processo de santificação. A grande ênfase emocional promovida nestes acampamentos geralmente era acompanhada de choros, desmaios e outras manifestações físicas diversas.<sup>59</sup> Muitos cultos congregacionais também possuíam características semelhantes, segundo o evangelista Charles G. Finney metodistas adotavam comportamentos semelhantes nos cultos, alguns davam socos nos brancos, outros oravam em voz alta e ao mesmo tempo, desconsiderando as tradicionais formalidades litúrgicas.<sup>60</sup>

No início do pentecostalismo, existiram vários problemas de discordância em relação à liturgia de Azusa. O próprio Parham criticava

<sup>57</sup> A *segunda obra da graça* também era conhecida por diferentes nomes como santificação, perfeito amor, perfeição cristã, segunda bênção, batismo com o Espírito Santo, entre outros. Contudo, em todos os termos estava intrínseco o conceito de *revestimento do poder* do Espírito [*endowed with power*]. Cf. BLUMHOFER, Edit Waldvogel.op.cit, p.19.

<sup>58</sup> O *Movimento Evangelical* ocorreu entre 1730 e 1790 na Inglaterra e compreende as reformas religiosas das quais fizeram parte o Puritanismo, o Pietismo e o Metodismo. Nos Estados Unidos os principais líderes do evangelicalismo foi Jonathan Edwards e George Whitefield. Na Inglaterra John Wesley foi o principal líder. Este período ficou conhecido como o “Primeiro Grande Despertamento” [*First Great Awakening*]. Segundo Prócoro Velasques Filho o “Evangelicalismo” é o movimento pré-reformado que enfatiza a Bíblia como única regra de fé, já os evangélicas é uma ala deste movimento que enfatiza a experiência emocional da conversão como sinônimo de conversão. Peter Berger elucida que o termo *Evangelical* geralmente é traduzido no Brasil como *evangélico*; contudo, é importante lembrar que os dois termos não se correspondem exatamente. Apenas as igrejas fundamentalistas e conservadoras são chamadas de *Evangelical* nos Estados Unidos. Entre essas se encontram a maior parte das pentecostais, mas nem todas as pentecostais são *Evangelical*. Já o termo *evangélica* no Brasil tem um sentido bem amplo, designando também as igrejas históricas, é na prática um sinônimo para protestante. Cf. VELASQUES, Prócoro Filho. *Deus Como Emoção: Origens Históricas e Teológicas do Protestantismo Evangelical*. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. VELASQUES Filho, Prócoro. 1990, op.cit.,p. 82. Cf. BERGER, Peter. *A DESSECULARIZAÇÃO DO MUNDO: UMA VISÃO GLOBAL*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1) 2000, p.9-24.

<sup>59</sup> VELASQUES Filho, Prócoro.1990, op.cit.,p. 84-85.

<sup>60</sup> Cf. ROSSEL, Garth M. DUPUIS, Richard. A. Z. (org.). *Memórias originais de Charles G. Finney: uma narrativa de avivamentos que marcaram a história*. Tradução: Gordon Chown. São Paulo, Editora Vida, 2006, p.448

as formas adotadas para receber o Espírito Santo, pois segundo ele o método beirava ao ridículo [*brought into ridicule*].<sup>61</sup>

Embora Azuza seja considerada como a mais proeminente o movimento pentecostal mais proeminente, porém não podemos esquecer que centenas de outros grupos religiosos também sofreram o processo de *pentecostalização*, principalmente os adeptos do movimento da santidade simpáticos a teologia restauracionista.

Grande parte da primeira geração de pentecostais alegava que só os batizados com o Espírito Santo seriam Arrebatados no retorno de Cristo. Parham acreditava que o número de salvos no Arrebatamento seria de 144.000<sup>62</sup>, estes pertenceriam às dez tribos perdidas de Israel a qual seria restaurada através do batismo com o Espírito.<sup>63</sup> Os demais cristãos também poderiam escapar do inferno, mas não escapariam da Tribulação iminente. Posteriormente com as interpretações de William Durham esse modelo será questionado, pois ele defendia que todos quantos tivessem aceitado a Cristo já estavam *santificados e justificados* e não precisam necessariamente do batismo com o Espírito Santo para serem arrebatados.

De acordo com o jornal *The Apostolich Faith*<sup>64</sup>, estimava-se que cinco anos após a experiência de Parham em Topeka existiam treze mil pessoas falando em línguas.<sup>65</sup> Embora esses números possam ser questionados eles ao menos indicam que o progresso do movimento pentecostal não estava relegado apenas a Azuza e não se deu somente após o ano de 1906 como grande parte da historiografia defende. Leonildo Silveira Campos argumenta que existe uma tendência da historiografia em promover o pentecostalismo a partir de Seymour, em razão das suas atribuições como personagem de uma história incrível de superação através da fé<sup>66</sup>. Neste sentido sua história de vida acabou sendo usada pelos pentecostais como um exemplo de religiosidade. Os pentecostais enfatizavam as questões raciais que envolveram seu ministério

<sup>61</sup> *The Apostolic Faith*. Outubro de 1912, p.09.

<sup>62</sup> [E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel]. Cf. Apocalipse, 7:4

<sup>63</sup> Parham. *Voice*, 86-87. Apud. BLUMHOFER, Edit L. 1993, op.cit.,p.50

<sup>64</sup> Este periódico era editado pelo movimento da Rua Azuza [*Azuza Street*]. Existiam ao menos três jornais com o esse nome, o editado por Parham, editado por Seymour e o editado por Florence Crawford em Portland, Oregon.

<sup>65</sup> *The Apostolic Faith*. Setembro de 1906, p.01

<sup>66</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005, p.105.

sempre afirmando que ele era um negro, filho de ex-escravos, trabalhador, pai de família, exemplo em espiritualidade e dedicação a vida missionária, entre outras atribuições. Essas entre outras características o transformam em uma espécie de *líder ideal* para a origem do movimento.

Segundo Campos, a história de Seymour o transformou em celebridade para os pentecostais associando sua imagem aos avivamentos de Azusa Street. Em compensação a historiografia tende a relegar uma subalternidade ao papel de Parham. Talvez em razão de Parham ter sido preso por acusações de sodomia, por suas notórias inclinações racistas (presumidas ligações com a Ku Klux Klan), pela defesa de contraditórias doutrinas, como a de que os anglo-saxões seriam descendentes das dez tribos perdidas de Israel e de que o mal não será eterno, pela oposição doutrinária aos ensinamentos de Durham, os pentecostais tenham silenciado sobre muitos aspectos da sua vida.

De acordo com Michael Pollack a construção de uma memória coletiva se dá em um processo de ajustamento, no qual existe um *esforço consciente de definir e reforçar sentimento de pertencimento* e o passado serve, portanto, para *manter a coesão dos grupos e das instituições*.<sup>67</sup> Assim vemos que a construção dessa memória que na maioria das vezes foi efetuada pelos “historiadores da casa”, os quais procuram exercer um controle da memória<sup>68</sup>, resulta no estabelecimento de complementaridades e da construção de uma história que preza por uma identidade sem nódoa.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.<sup>69</sup>

Muitos que aderiram ao movimento pentecostal foram influenciados pelos ensinamentos de Keswick. Os pregadores de Keswick de

<sup>67</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.07

<sup>68</sup> Ibidem, p.08

<sup>69</sup> HALBWACHS. Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968, p.12. Apud. POLLAK, Michael. 1989, op.cit., p.02,03.

maneira geral defendiam o conceito de *santificação progressiva*, ou seja, ela era um processo e não um estado de santificação. Uma das pessoas que sustentou esse conceito foi o pastor batista da *Gospel Mission Church* mais conhecida como *North Avenue Mission*, William Durham. Batizado com o Espírito Santo em 1907 ele se tornou um dos grandes promotores do pentecostalismo. Logo depois de retornar de Azuza, transformou sua igreja num centro de propagação das doutrinas pentecostais.<sup>70</sup>

O modelo doutrinário de pentecostalismo defendido por Durham foi disseminado por todo o mundo. Entre os principais nomes que abraçaram seus ensinamentos estão Eldorus N. Bell, (fundador e presidente das Assembléias de Deus norte americanas), Lewi Pethrus (um dos principais líderes do movimento pentecostal na Escandinávia) Luigi Francescon (fundador de grandes igrejas na Argentina, Itália e no Brasil), Daniel Berg e Gunnar A. Vingren (fundadores das Assembléias de Deus no Brasil), Aimee Semple McPherson (uma das maiores líderes do movimento pentecostal nos Estados Unidos, e fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular), estes são apenas alguns entre tantos outros líderes que foram influenciados por Durham.<sup>71</sup>

As relações de Durham e Seymour eram muito amistosas até o dia em que Durham foi convidado para pregar na *Apostolic Faith Mission* (Azuza Street) e defendeu sua doutrina. Segundo Durham toda a obra divina de salvação, cura e santificação, havia se consumado no Calvário. Essa doutrina conhecida como “*obra consumada*” [*finish work*] desencadeou muitos conflitos no seio do pentecostalismo. Muitos líderes pentecostais repudiaram essa doutrina. Com essa compreensão sobre a santidade, Durham foi o responsável pelo primeiro grande cisma doutrinário do movimento.<sup>72</sup>

A santificação para Durham não era uma *segunda bênção* tal como John Wesley defendia,<sup>73</sup> ou uma *experiência de crise* como ensinavam os perfeccionistas, tal como Asa Mahan e Charles G. Finney. Durham discordava da idéia que existia uma *experiência instantânea de santificação plena* ou *perfeição cristã*, nessa lógica a santificação era um estado e não um processo, sendo distinta da experiência de conversão. O discurso teológico que Durham refutava defendia que a *santifica-*

<sup>70</sup> ANDERSON, Allan. 2004, op.cit.,p.45.

<sup>71</sup> Ibidem, p.46.

<sup>72</sup> ANDERSON, Allan. 2004, op.cit.,p.45,46.

<sup>73</sup> Especialmente no seu livro *Plain account of Christian Perfection* (1777).

ção ou *segunda benção* era uma reparação necessária para o recebimento do batismo com o Espírito Santo, considerado a *terceira obra da graça*. Por volta de 1910, Durham rompe com esse conceito de santidade ao defender o que ele chamou de *obra consumada no Calvário*.

É importante destacar que muitos líderes pentecostais também defendiam a *obra consumada no Calvário*, todavia em razão da importância do ministério de Durham, principalmente entre os imigrantes, ele foi duramente criticado pelos demais líderes que pensavam diferente.

Para Durham a santificação plena e o batismo com o Espírito Santo eram de natureza distinta. Cristo havia providenciado a santificação na sua expiação, de forma que ela é recebida no momento da conversão, quando se aceita a Cristo por intermédio da fé (justificação). Ou seja, o sacrifício de Cristo era suficiente tanto para a salvação quanto para a santificação. Para santificar-se o cristão necessitava apenas apropriar-se da *obra consumada* do Calvário, que está disponível a partir da justificação.

## A SANTIFICAÇÃO COMO UM PROCESSO

Com base nessa doutrina muitos pentecostais passaram a defender a santificação como um processo gradual e não como um estado de santidade, uma segunda obra instantânea subsequente a conversão. Na compreensão de Durham há uma mudança imediata no coração do homem no momento da conversão, afirmando que: *Nós somos novas criaturas em Cristo através da regeneração*, para ele o novo nascimento significava a salvação do pecado, da morte e do inferno e o importante era permanecer em Cristo, andar no Espírito, manter a fé, crescer na graça e no conhecimento de Deus e de Cristo.<sup>74</sup>

Nesse entendimento, o cristianismo consiste em três obras da graça (justificação, santificação e batismo com o Espírito Santo) e não mais em duas obras da graça (justificação que inclui a santificação e batismo com o Espírito Santo). Essa mudança no conceito contrariava a maioria dos adeptos do movimento da santidade e os principais líderes pentecostais da época, entre eles Seymour e Parham. A tese de Durham rompeu com a santificação da tradição wesleyana, e com isso não fazia

---

<sup>74</sup> BLUMHOFER, Edit L. 1993, op.cit.,p.42.

parte da santificação em termos de processo, as obras de piedade, as ações misericordiosas, a busca pela perfeição.<sup>75</sup>

A controvérsia gerada por Durham desencadeou uma série de divisões no pentecostalismo norte americano. Seus ensinamentos sobre o *evangelho pleno* [*full gospel*] incluíam as doutrinas da justificação e santificação (agora como um processo) a cura divina, o pré-milenarismo e o batismo com o Espírito Santo (com evidência de línguas).<sup>76</sup>

A compreensão era de que o pentecostalismo representava o movimento de restauração do evangelho pleno, do poder apostólico, dos dons ministeriais de profeta, evangelista, pastor e mestre, e da prática apostólica. O termo *pentecostal* adquiria um duplo significado, tanto no aspecto dispensacional, segundo a qual a experiência do Pentecostes era vista como a inauguração de uma nova era, e sob o aspecto da *praxis*, onde o Pentecostes era tanto um evento quanto um estilo de vida para ser repetido na experiência dos crentes.

A defesa de conceitos diferentes de santificação dividiu o pentecostalismo em duas frentes. A maioria seguiu as interpretações de Durham, que alguns anos depois se tornaram praticamente hegemônicas, principalmente depois que as Assembleias de Deus incorporou a doutrina da *obra consumada* ao seu credo religioso.

Parham não estava satisfeito com a teologia da obra consumada no Calvário. Ele acreditava que essa doutrina era fruto de uma inspiração diabólica. Parham teria profetizado que caso a doutrina de Durham fosse herética, que Deus o matasse. Ele teria dito: “*como prova de que a doutrina deste homem é falsa, não deixe que ele viva, mas se o nosso ensino sobre a graça definitiva da santificação for verdadeiro, que sua vida pague com a perdição*”.<sup>77</sup> Pouco tempo depois Durham falece de pneumonia em 1912. Parham viu nesse fato uma prova de que não estava errado e Deus havia escutado suas orações. Isso não foi suficiente para abalar a credibilidade da *obra consumada* pela maioria dos pentecostais.

Pouco tempo depois da morte de Durham, sua doutrina seria o principal assunto da sessão de abertura da Convenção das Assembléias

<sup>75</sup> ANDERSON, Allan. 2004, op.cit.,p.60

<sup>76</sup> [*The Latter Rain, a dispensational philosophy that believed in the restoration of the “lost” power of the Spirit.*] Cf. ANDERSON, Allan. 2004, op.cit., p.61

<sup>77</sup> HOLLENWEGER, Walter. *The Pentecostals*. Peabody.MA: Hendrickson Publishers, Inc. 1988, p.24,25

de Deus realizada em *Hot Springs*, no Arizona em 1914, cujo tema era: *A Obra Consumada no Calvário*.

### A FORMAÇÃO DO *GENERAL CONCIL OF THE ASSEMBLIES OF GOD* (1914)

Os restauracionistas almejavam a unidade nos moldes apostólicos e movidos por esse senso vários pastores se concordaram nesse propósito. Um exemplo disso foi o encontro com o tema *Glory and Unity* (Glória e Unidade) no *Eureka Camp Spring*, no Kansas, em julho de 1912.<sup>78</sup> Esse encontro foi a primeira iniciativa nesse aspecto. A partir dessa experiência Eldorus N. Bell através da sua rede de influências comandou a organização de um Concílio cuja proposta era a promoção da unidade. Além disso, já fazia algum tempo que vários pastores estavam preocupados com a emergência de sérios erros doutrinários. Uma variedade de interpretações contraditórias causava inquietação entre os pentecostais. Muitos estavam certos que a falta de organização institucional daria margem para que movimentos heréticos surgissem a todo o instante. Uma das principais preocupações era que muitos utilizavam as profecias e línguas com objetivos de atender desejos pessoais.<sup>79</sup>

Segundo Blumhofer uma das preocupações era justamente com os missionários que vinham do exterior e que falavam dialetos e línguas diferentes, e que podiam confundir de alguma forma quem os ouvia. Episódios como os que envolveram denúncias de sodomia ligadas a Parham também contribuíram para a desfragmentação de muitos grupos e a institucionalização seria um caminho para evitar a falta de unidade do movimento pentecostal e a quebra da credibilidade na doutrina.<sup>80</sup> Em 1913 muitos já estavam conscientes da necessidade de algum tipo cooperação mútua e 352 líderes pentecostais decidiram se mobilizar e criar uma organização que nasceu com o nome de *The Church of God in Christ and in unity with the Apostolic Faith Movement*.<sup>81</sup> Em pouco tempo o nome foi abreviado para *Church of God in Christ*. Os antide-

<sup>78</sup> *Word and Witness*, 20 de Agosto de 1912, n.06, p.01, Cf. Anexo I

<sup>79</sup> BLUMHOFER, Edit Waldvogel. 1985, op.cit.,p.34.

<sup>80</sup>Ibidem, p.31-38.

<sup>81</sup>A relação completa dos nomes dos Anciãos [“Elders”], ministros, evangelistas, e missionários da *Church of God in Christ and in unity with the Apostolic Faith Movement* está no *Word and Witness*, 20 de Dezembro de 1913, p.04

nominacionalistas se opunham a esse projeto, tal como Parham, que chegou a chamar os líderes de religiosos anarquistas.<sup>82</sup>

O grande articulador do Concílio em *Hot Springs* foi Bell, editor do jornal *Word and Witness*, em Malvern, Arizona, juntamente com outros pentecostais. O encontro foi divulgado em vários periódicos, e convocava os líderes dos mais variados grupos pentecostais, tanto os que estavam conveniados a algum grupo quanto os autônomos para o encontro. O apoio de H.G. Rogers foi fundamental, pois como líder das igrejas pentecostais do sul conseguiu atrair para *Hot Springs* a maioria dos convencionais. Não obstante a maioria dos pentecostais sulinos serem negros, com o Concílio houve uma divisão ideológica na qual a *Church of God in Christ*, de predominância negra, foi segmentada para dar origem a *Assembly of God* com predominância branca.<sup>83</sup>

O evento era inspirado nos moldes do Concílio de Jerusalém.<sup>84</sup> O convite que estava estendido aos santos de toda a parte, elencava cinco propostas para o encontro que podem ser sintetizadas na busca pela unidade, estabilidade (doutrinária, institucional), efetivação da expansão missionária, legalização do movimento e considerações sobre uma escola bíblica pentecostal.<sup>85</sup>

Essa pretensão de organizar um Concílio está relacionada ao que Peter Berger e Thomas Luckmann chamam de organização de *comunidades de vida*.<sup>86</sup> A princípio as denominações nascem como *comunidades de sentidos*, ou seja, que se organizam em torno de uma forma complexa de consciência, que encontram nas experiências uma relação freqüentemente pautada pelos mesmos referenciais.<sup>87</sup> Os pentecostais conscientes ou não, ao criar o Concílio e organizar um sistema burocrático o qual estabelecia a exigência de compartilhamento dos mesmos princípios, estavam automaticamente estruturando uma denominação. O Concílio representa a formação de uma comunidade de vida, na qual existe ao menos um mínimo de comunhão de sentido que foi comparti-

<sup>82</sup> BLUMHOFER, Edit Waldvogel. 1985, op.cit.,p.39

<sup>83</sup> ANTONIAZZI, Alberto. (et.al). 1994, op.cit., p.74.

<sup>84</sup> Conselho da Igreja Primitiva em Jerusalém afim de estabelecer os critérios de relacionamento e comportamento religioso, entre gentios e judeus. Atos dos Apóstolos 15

<sup>85</sup> *Word and Witness*. 20 Dezembro de 1913, p.01.

<sup>86</sup> BERGER. Peter. LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p.28-30.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p.14,15

lhada e que a partir de agora será caracterizada por um agir que se repete com regularidade, em relações sociais duráveis.<sup>88</sup>

A convocação de Bell provocou muita desconfiança no meio pentecostal, principalmente em decorrência do repúdio ao *denominacionalismo*, tão condenado no *The Pentecostal Testimony*, periódico de grande prestígio no meio pentecostal que era editado por Durham. Bell que também fora um pastor batista, recebeu a experiência do batismo com o Espírito Santo na *North Avenue Mission*, pastoreada por Durham, e provavelmente tinha receio quanto ao *denominacionalismo*, daí sua preocupação em fazer uma convocação sem estabelecer um credo a ser seguido em moldes denominacionais. Dada as necessidades de fortalecer o movimo os pastores envolvidos na criação do Concílio usaram a retórica da comunhão.<sup>89</sup> O uso dessa expressão era estratégico, pois conferia plausibilidade à realização do evento.<sup>90</sup>

O Concílio que começou no dia 2 de abril de 1914 e se estendeu por quatro dias.<sup>91</sup> Neste evento os delegados firmaram um propósito de manter uma mútua cooperação entre os grupos desde que não houvesse choques na própria organização das comunidades. Neste encontro ficou decidido que o nome genérico que adotariam seria *Assembly of God* [Assembléia de Deus]. No seu estatuto constava no Artigo I, o título *The General Concil of the Assemblies of God*, referindo-se a denominação como pessoa jurídica. Embora o Concílio não tenha elaborado um credo de verdades fundamentais o periódico *Word and Witness* afirmou que foi unânime a decisão adotar somente a Bíblia como a única regra de fé e prática.<sup>92</sup>

Poucos meses depois do Concílio passava de quinhentos o número de ministérios que estavam associados às Assembléias de Deus, entre eles estavam registrados ministros e missionários que representavam pelo menos cinco grandes grupos pentecostais entre os quais o *Christian and Missionary Alliance*, comunidade Zion, missionários de

<sup>88</sup>Ibidem, p.28

<sup>89</sup> BLUMHOFER, Edit Waldvogel. 1985, op.cit.,p.31.

<sup>90</sup> BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 19.ed. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2000, p.205.

<sup>91</sup> O anúncio de divulgação informava que a convenção seria realizada entre os dias 02 e 12 de Abril de 1914, porém teve uma duração bem inferior ao planejado. Cf. *Word and Witness*. 20 de Março de 1914, p.01.

<sup>92</sup> *Word and Witness*. 20, Abril, de 1915, p.01-02.

Chicaco, a *Apostolic Faith* [dos discípulos de Parham], e a comunidade da *Church of God in Christ*.<sup>93</sup>

O papel da imprensa foi fundamental na organização das Assembleias de Deus,<sup>94</sup> pois nesse momento foi usada não só como um instrumento para propagação doutrinária como também para dar unidade aos pentecostais que estavam pulverizados por toda a parte.

A frente do Concílio estava Bell, um líder considerado de grande credibilidade boa instrução e maturidade. Por unanimidade ele foi eleito o presidente do primeiro Concílio ao lado de Joseph Roswell Flower, editor do *Christian Evangel*. Toda a diretoria, incluindo secretários, tesoureiros, suplentes, era composta por 12 pessoas. Ficou decidido também que o jornal *Word and Witness* seria o órgão oficial do Concílio. Em janeiro de 1916 tanto o *Word and Witness* e quanto o *Christian Evangel* foram fundidos para dar lugar ao *Weekly Evangel*.<sup>95</sup>

Na convenção surgiu uma questão que acabou promovendo grande cisma entre os pentecostais. Chamada de *nova questão* [*new issue*], ela diz respeito a doutrina da Trindade. Muitos alegavam que a fórmula do batismo nas águas estava equivocada, uma vez que na igreja primitiva não havia o batismo no nome das três pessoas da Trindade mas somente no nome de Cristo.<sup>96</sup> A doutrina do batismo somente em nome de Jesus (*unicismo*) abalou grandemente a unidade do movimento pentecostal. No início de 1915, Bell havia afirmado que o batismo era trinitário, entretanto alguns meses depois para a surpresa de muitos ele mesmo foi rebatizado no nome de Jesus.<sup>97</sup> No terceiro Concílio Geral,

<sup>93</sup> *Combined Minutes of General Council of the Assemblies of God in the United States of America, Canada and Foreign Lands. 1914-1917*, p. 03-30.

<sup>94</sup> O uso da imprensa no início do movimento pentecostal nos Estados Unidos foi muito intenso, o periódico que Bell publicava, *Word and Witness*, tinha uma tiragem de 5.000 exemplares mensais, a publicação de Joseph James Roswell Flower, o *The Christian Evangel*, uma tiragem de 1.000 exemplares semanais, além destes outros periódicos foram muito importantes nesse momento, o *Letter Rain Evangel* publicado por William Piper, o *Trust* das irmãs Duncan, o *Triumphs of Faith* de Carrie Judd Montgomery, e o *Pentecostal Testimony* de William Durham, além de diversos periódicos chamados *Apostolic Faith*, (Parham e Seymour também escolheram esse nome para seus periódicos). No Brasil o primeiro periódico das Assembleias de Deus foi o Boa Semente de 1919, seguido do O Som Alegre de 1929 e o Mensageiro da Paz em 1930.

<sup>95</sup> *Word and Witness*, Novembro, de 1915, p.03.

<sup>96</sup> Cf. Atos 2.38 "And Peter [said] unto them, Repent ye, and be baptized every one of you in the name of Jesus Christ unto the remission of your sins; and ye shall receive the gift of the Holy Spirit...". *American Standard Version Bible*, 1901. ("E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo..."). (*Almeira Corrigida e Revisada*, 1994).

<sup>97</sup> *Word and Witness*, Julho de 1915, n.07, p.01-02.

Bell faltou a reunião e os trabalhos foram assumidos pelo secretário J. R. Flower. Devido ao impasse gerado pela *nova questão* após três dias de encontro e discussão os congregacionais decidiram que ambos os batismos deveriam ser aceitos.

Para o a quarto Concílio Geral foi eleito como presidente J. W. Welch, o qual tinha pela frente a responsabilidade em manter a unidade e resolver conflitos doutrinários principalmente ligados a questão do batismo em águas, se era trinitário ou não. Depois de muita discussão não foi possível chegar a um consenso doutrinário que atendesse os dois grupos tanto os que defendiam o batismo trinitário quanto os unicistas. Mediante a necessidade de elaboração de um credo doutrinário para estabelecer as verdades fundamentais, foi decidido que seria mantido o antigo método batismal trinitariano. Os ministros que não aceitaram o que foi estabelecido nas verdades fundamentais romperam com o Concílio, e dos 429 membros 156 deixaram de fazer parte da organização. Dois anos depois o número de ministros e missionários dobrou.<sup>98</sup>

A partir dos primeiros Concílios, principalmente após 1917, quando as questões doutrinárias estavam bem orientadas, muitos grupos metodistas, presbiterianos, batistas, congregacionais, pentecostais independentes, entre outros, que concordavam com os princípios e fundamentos estabelecidos nos Concílios das Assembléias de Deus, passaram incorporar ou substituir o nome de suas comunidades por *Assembly of God* (Assembléia de Deus). Embora na retórica dos pentecostais, não necessariamente na *praxis*, existisse um repúdio a institucionalização, as demandas sociais forçaram eles a tomar iniciativas nesse sentido. Segundo Berger e Luckmann uma das características das denominações é que elas *desenvolvem um corpo de especialistas que se esforçam por reescrever a história institucional à luz da corrente teológica que conquistou a hegemonia institucional.*<sup>99</sup> As resoluções oriundas do primeiro Concílio, e o estabelecimento de fundamentos doutrinários, nada mais são que a consolidação da corrente teológica que se mostrou hegemônica. A esperança escatológica proveniente da soma de interpretações restauracionistas, dispensacionalistas, e prémilenaristas, dominou o movimento.

---

<sup>98</sup> BLUMHOFER, Edit Waldvogel. 1985, op.cit.,p.50

<sup>99</sup> BERGER. Peter. LUCKMANN, Thomas. 2004, op.cit.,p.107.

## O SENTIDO DO PENTECOSTES

O esquema dispensacionalista<sup>100</sup> adotado pelo pentecostalismo implicava em uma compreensão dramática da história. Os pentecostais estavam certos de que o período compreendido desde o primeiro Pentecostes<sup>101</sup> da igreja primitiva até o presente, não significava um rompimento da idade do Espírito Santo. No jornal *Apostolic Faith* é possível perceber que os pentecostais procuraram justificar o batismo com o Espírito Santo naqueles dias recorrendo a uma exegese bíblica que adotava como regra interpretativa o dispensacionalismo, justificando que o fenômeno era próprio dos últimos momentos da humanidade na terra. Eles argumentavam que tudo fazia parte do plano divino no qual a *chuva temporã* do Espírito foi oferecida aos apóstolos, e posteriormente a *chuva serôdia* oferecida a todos que a buscarem, segundo os relatos proféticos do Antigo Testamento. De acordo com o jornal o fato de não existir testemunhos de batismo com o Espírito Santo durante o período de quase dois mil anos que afastava o evento relatado no cenáculo em Jerusalém e o que se iniciara no início do século XX nos Estados Unidos, se justificava em razão da desobediência dos cristãos que não esta-

---

<sup>100</sup> O dispensacionalismo está relacionado a uma compreensão teológica da história e do texto bíblico. De acordo com a teologia dispensacionalista, desenvolvida por John Darby (1800-82) e posteriormente disseminada através da *Bíblia de Estudos Scofield* (1909), o plano de salvação de Deus estava relacionado com o momento histórico ao qual o homem teve contato com o criador. Darby defendia que Deus havia tratado [*dealt*] com o homem obedecendo a realidade de cada época e, portanto agia de forma diferente em cada dispensação [era/época/período histórico], nas quais os meios de salvação obedeciam critérios relacionados com aquele tempo. Darby entendia que os últimos tempos seriam marcados por sete anos de Tribulação sob o domínio do Anticristo e da Igreja Apóstata. uma dispensação (*gr. oikonomia*) é um período de tempo durante o qual o homem é testado quanto à sua obediência a alguma revelação específica de Deus. Cada dispensação tem seu início, seu teste e seu término em julgamento, de acordo com o contínuo fracasso da humanidade. Scofield defendia que a história da humanidade era composta de sete dispensações: da *Inocência*, da *Consciência*, do *Governo Civil*, da *Promessa*, da *Lei*, da *Graça*, e do *Reino*. Além de fazer uma nítida distinção entre Israel e a Igreja, que representam essencialmente dois povos de Deus. Cf. BURGESS, Stanley M. MAAS, Eduard M. Van der. (orgs). 2003. op.cit., p.1094. Cf. BOYER, Paul. *When Time Shall Be No More: Prophecy Belief In Modern American Culture. Studies in Cultural History*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1992, p. 87.

<sup>101</sup> Pentecostes era uma festa do antigo calendário bíblico, no Antigo Testamento, celebrado em comemoração as colheitas, era realizado cinquenta dias após a Páscoa, (Cf. Ex 23.14-17; 34.18-23) também era conhecido como Festa da Colheita ou da Segã, Festa das Semanas ou Dia das Primícias. Na era cristã simboliza a assunção de Cristo aos céus e a vinda do Espírito Santo sobre os homens. O evento está registrado no capítulo 2 de Atos dos Apóstolos, quando sob a influência do Espírito muitos falaram em línguas.

riam aptos a vivenciar tal experiência em decorrência de seus pecados e superstições.<sup>102</sup>

Sob uma perspectiva restauracionista, os pentecostais acreditavam reviver as mesmas experiências míticas e espirituais da igreja primitiva. Essa experiência era significada simbolicamente com vistas a reprodução de uma realidade muito distante o Pentecoste primitivo relatado em Atos dos Apóstolos.. No Brasil essa era uma das preocupações dos missionários, defender que o modelo de evangelho pregado pelos apóstolos na igreja primitiva podia ser restaurado. Na primeira publicação destinada ao estudo sistemático da Bíblia, o material didático de Escola Dominical das Assembléias de Deus no Brasil traz o seguinte tema: *Modo de vida na Igreja Primitiva*.<sup>103</sup> A escolha deste assunto está associado a essa preocupação restauracionista. No ano seguinte em 1926, o Boa Semente alertava que a mulher cristã, “*pouco a pouco, vem perdendo a modestia do traje recomendado pelos apóstolos*”<sup>104</sup> e ainda “*um dos sucessos do Diabo hoje é dia é convencer até mesmo os próprios crentes, de que os sinais pertenciam somente à era apostólica*”<sup>105</sup>. Este é um bom exemplo do quanto almejavam restaurar um modelo de cristianismo apostólico.

No entendimento de Berger e Luckmann um universo simbólico permite a localização de todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui passado, o presente e o futuro. Os membros podem com isso conceber-se como “*pertencendo a um universo que possui um sentido, que existia antes de terem nascido e continuará a existir depois de morrerem*”.<sup>106</sup> Seguindo essa compreensão sociológica os grupos compreendiam que as manifestações religiosas daqueles dias eram uma espécie de prolongamento do que aconteceu na igreja primitiva e que perdurará até a volta de Cristo. É justamente o que os pentecostais reivindicavam: a necessidade de viver as mesmas experiências que os apóstolos viveram.

O Pentecoste representava nessa conjuntura uma herança atemporal, tomando a característica de um conhecimento transferido, que poderia ser vivenciado de geração a geração e repetido fenomenologicamente pelos indivíduos. Segundo Berger e Luckmann a percepção

<sup>102</sup> *The Apostolic Faith*. Setembro de 1906, p.04

<sup>103</sup> *Suplemento da Boa Semente: Estudos Dominicais*. Abril 1925, n.04.

<sup>104</sup> *Boa Semente*. Julho de 1926, n.62, 01.

<sup>105</sup> *Boa Semente*. Março de 1926, n.58, p.04.

<sup>106</sup> BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. 2000, op.cit. p.95.

desta realidade tem o *poder de configurar o indivíduo e orientar seu comportamento*.<sup>107</sup>

Os pentecostais ao olhar para a sua própria origem, não reconheciam o movimento como fruto das articulações doutrinárias humanas. Eles não admitiam a idéia da existência de um fundador ou líder (*dotado de carisma*), tal como Lutero na Reforma, George Fox para os quakers, Wesley para o Metodismo, Mary Baker Eddy da Ciência Cristã entre outros.<sup>108</sup> A compreensão que o avivamento pentecostal foi desencadeado pelo próprio Deus excluía a atribuição de que tivesse existido qualquer intererferência humana nessa dinâmica religiosa. Percebe-se que há uma preocupação em definir e defender uma originalidade do movimento religioso, daí decorre que os pentecostais se lançaram em defesa das doutrinas ligadas a ação do Espírito Santo sobre o fiel. Segundo Bourdieu é uma prática comum nos meios religiosos apelar para a construção de doutrinas distintas . Inspirado no pensamento weberiano, ele defende que;

(...) a preocupação em definir a originalidade da comunidade em face das doutrinas concorrentes leva à valorização dos *signos distintivos* e das *doutrinas discriminatórias* a fim de lutar contra o indiferentismo e dificultar a passagem à religião concorrente.<sup>109</sup>

Movidos por um forte senso de evangelização, principalmente entre os anos de 1906 e 1909 orientados pela compreensão que as línguas eram *xenolíticas*, um aprendizado sobrenatural de uma língua terrena reconhecida, muitos se lançaram aos campos missionários. Eles estavam convictos que no campo missionário iriam pregar o evangelho na língua nativa dos povos. A frustração foi imediata ao perceberam que não conseguiam falar a língua dos nativos. Em razão disto, os pentecostais rapidamente ajustaram suas estratégias de evangelização nos moldes evangélicos.<sup>110</sup>

---

<sup>107</sup> Ibidem

<sup>108</sup> POLOMA, Margaret M. *Charisma and Structure in The Assemblies of God: Revisiting O'Dea's Five Dilemmas*. Manuscript prepared as the Assemblies of God "Case Study" for the Organizing Religious Work Project. The University of Akron. February 6, 2002, p.06.

<sup>109</sup> BOURDIEU, Pierre. 2005, op.cit. p.69.

<sup>110</sup> ANDERSON, Allan. 2004, op.cit., p.217,218.

Dentro desta construção doutrinária escatológica a volta de Cristo estava muito próxima, o *evangelho pleno* estava sendo restaurado e prova disso era que o Espírito Santo havia lhes ensinado um idioma. Era uma missão de todos apressarem a evangelização dos povos para que a volta de Cristo ocorresse. Dada a realidade enfrentada nos campos missionários, principalmente decorrente das dificuldades com o idioma, muitos se ligavam a igrejas de vertentes protestantes já estabelecidas. Frequentemente parte da membrasia sofria um processo de pentecostalização.

Protestantes de várias partes do mundo, principalmente os ligados ao movimento da santidade, ao receberem a informação dos fenômenos espirituais que aconteciam nos Estados Unidos, realizaram peregrinações principalmente à Chicago, e voltaram pentecostalizados. Como defende Carmelo E. Álvarez, esse contato com o movimento fez com que houvesse uma “*multiplicação e matizes de expressões pentecostais pelo mundo*”, como um “*caleidoscópio*”, sendo que na primeira década depois de Azusa, sabia-se de experiências pentecostais na Ásia, África, Europa e América Latina.<sup>111</sup>

No início os pentecostais sofreram forte oposição principalmente dos grupos de cristãos de matiz protestante. Muitos pentecostais retaliavam, acusando os opositores do pentecostalismo de serem influenciados pelo Diabo. O missionário pentecostal norte americano Paul G. Aenis destaca em um artigo do Boa Semente que muitas pessoas mesmo após o terem visto o *derramamento do Espírito Santo*, não foram capazes de reconhecer que ele era divino. pois um *espírito maligno* tinha se introduzido na mente deles.<sup>112</sup>

De acordo com Harvey Cox o pentecostalismo representou uma remodelação [*reshaping*] da religião protestante a qual está centrado na busca pela espiritualidade *primordial*. Nesse discurso as línguas representam uma *linguagem primordial*. Segundo Cox a manutenção de uma  *piedade primordial* emerge no ressurgimento do: transe, nas visões, curas, sonhos, danças e outras expressões. E finalmente em uma *esperança primordial* que consiste na própria compreensão do pentecosta-

---

<sup>111</sup> ÁLVAREZ, Carmelo E. Panorama histórico do pentecostalismo latino-americano e caribenh. In: GUTIERREZ, Benjamim F. CAMPOS, Leonildo S. *Na Força do Espírito: Os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. Tradução: Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo, Pendão Real 1996. p.94.

<sup>112</sup> *Boa Semente*. Março/Abril de 1923, n.24 e 25, p.04.

lismo no plano divino escatológico, sob a égide restauracionista.<sup>113</sup> A partir das imagens que estabeleceram dos tempos apostólicos os pentecostais procuraram desenvolver uma religião pautada no texto bíblico considerado plenamente inspirado, se empenharam em recriar o modelo religioso da igreja primitiva e consideraram os princípios éticos neotestamentários como essenciais na vida cristã.<sup>114</sup> No discurso dos primeiros pentecostais a palavra união era muito utilizada e defender o *evangelho pleno* pressupunha a eliminação de conflitos e divisões. Em 1906 o jornal *Apostolic Faith* afirmou que Deus não reconhecia nenhum credo humano, doutrina ou classe de pessoas, e que não deveria existir separação entre os cristãos.<sup>115</sup> Muitos acreditavam que seria possível recriar o modelo de igreja primitiva na qual os cristãos partilhavam de tudo em comum de forma planificada. O Concílio das Assembléias de Deus representa certamente uma das tentativas de levar a cabo essa idéia baseada na noção de unidade cristã.

Segundo Wacker os pentecostais não tinham dúvidas de que eles estavam pregando o *evangelho pleno*. Eles reconheciam que o fenômeno das línguas era um dos sinais de que o fim dos tempos se aproximava. Outros acontecimentos e fatos históricos também eram vistos como provas irrefutáveis de que a história se encaminhava para o fim. Os pentecostais consideravam que muitos sinais estavam relacionados ao retorno dos judeus à Palestina, a apostasia que dominava as religiões, a ascensão política do “bolchevismo”, a crescente desobediência aos pais, as calamidades naturais (o terremoto de São Francisco em 1906 era muito citado como exemplo), e inclusive estranhos sinais nos céus visíveis a olho nú.<sup>116</sup>

---

<sup>113</sup> COX, Harvey. *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and Reshaping of Religion in the Twenty-first Century*. Londres : Cassel, 1996, p. 81-88, 91-92.

<sup>114</sup> BLUMHOFER, Edith. SPITTLER, Russel. WACKER, Grant.(ed). *Pentecostal currents in American Protestantism*. Illinois: Board of Trustees of the University of Illinois. 1999, p. 241-242.

<sup>115</sup> [“God is going to work wonders in this place. He recognizes no man-made creeds, doctrines, nor classes of people, but “the willing and obedient shall eat the good of the land”] Cf. *The Apostolic Faith*. Setembro de 1906, p.03.

<sup>116</sup> Alguns exemplos de sinais nos céus incluíam arco-íris, nuvens com formas demoníacas, o próprio demônio em forma de serpente aterrorizando os crentes. Estes relatos podem ser encontrados nos periódicos, *Weekly Evangel*. 19 de Janeiro de 1918, p.13; *Glad Tidings*. [São Francisco]. Agosto 1927, p.02,11. *Mensagem da Paz*. Julho de 1937, n.14, p.02; *Mensagem da Paz*. Setembro de 1938, n.18, p.04.

## O PENTECOSTALISMO NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

O crescimento do movimento pentecostal no Brasil tem despertado muito interesse da academia nas últimas décadas. O crescente número de adeptos, a evidência na mídia, a força política que possuem, entre outros fatores, despertou um grande interesse pela pesquisa envolvendo o pentecostalismo. Na opinião de alguns especialistas a rápida expansão do pentecostalismo é provavelmente o fenômeno mais importante no cenário religioso do Brasil e talvez de toda a América Latina<sup>117</sup> no século XX. O pentecostalismo promoveu transformações grandiosas na sociedade e no imaginário social, construiu significados próprios para a realidade e construiu representações *sui generis*. Segundo Leonildo S. Campos não há indícios na sociedade brasileira de que o pentecostalismo esteja definhando, pelo contrário, “*percebe-se nele um fôlego e vontade de se tornar uma força religiosa e política hegemônica*”.<sup>118</sup>

O desenvolvimento histórico do protestantismo nos Estados Unidos e as distintas linhas teológicas ali presentes refletem diretamente na diversidade de grupos protestantes em todo o mundo. Sob um aspecto macro-tipológico, as igrejas evangélicas no Brasil podem ser divididas em quatro grandes correntes, que se remetem ao protestantismo estadunidense. O protestantismo histórico, o fundamentalismo, o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Embora seja uma tipologia abrangente ela permite tanto a delimitação temporal quanto a diferenciação de questões teológicas específicas em cada grupo.

Embora as tipologias sejam importantes, como uma forma de estabelecer critérios mais ou menos reconhecíveis na delimitação de características identitárias, teológicas, históricas entre outras, é muito importante reconhecer que um movimento não se sobrepõe ao outro de forma a anulá-lo.

Frequentemente as tipologias são insuficientemente seguras. Todavia é preciso estar atento ao que Berger e Luckmann chamam de *comunidade de sentidos*, ou seja, existe uma *forma complexa de*

---

<sup>117</sup> VALLE, Rogério. “*O risco das Comparações Apressadas*”. In: ANTONIAZZI, Alberto. 1994, op. cit., p.07

<sup>118</sup> CAMPOS, Leonildo S. *Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos*. In: GUTIERREZ, Benjamim. CAMPOS, Leonildo Silveira. 1996, op.cit., p.94.

*consciência*, que permeia os grupos. Essa comunidade de sentidos não possui caráter ontológico, de forma que o *sentido é a consciência que existe uma relação entre as experiências*.<sup>119</sup> Embora as diferenças no protestantismo sejam reconhecidas, principalmente quanto aos conceitos teológicos e a liturgia empregada, isso não elimina a existência de uma comunidade de sentidos no meio protestante.

Uma das preocupações deste trabalho consiste em compreender o pentecostalismo das Assembléias de Deus, reconhecendo suas origens nos Estados Unidos e sua presença no Brasil, respeitando as acomodações que ocorreram em uma realidade cultural diversa. Afirmar categoricamente que a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã são as representantes de um pentecostalismo tipologizado como clássico resultaria em anular as acomodações culturais que são comuns nos movimentos religiosos ou estabelecer um senso de legitimidade maior a um determinado grupo religioso em detrimento de outros. O termo pentecostalismo clássico compreende uma relação doutrinária e histórica baseada principalmente no modelo restauracionista, fundamentalista e avivalista que se deu no início do século XX. O termo frequentemente tem sido utilizado sem levar em conta as transformações que as denominações sofreram. Esse termo foi utilizado primeiramente nos Estados Unidos na década de 1960 para distinguir as primeiras igrejas pentecostais dos emergentes grupos neopentecostais e carismáticos (ligados à igreja Católica).<sup>120</sup> Todavia atualmente muitos elementos litúrgicos, teológicos, filosóficos das igrejas que são denominadas pertencentes ao pentecostalismo clássico, ou originárias dele, são dinamicamente mais próximas das igrejas neopentecostais que daquele modelo religioso que caracterizava o pentecostalismo nas primeiras décadas do século passado.

No Brasil tanto a Congregação do Brasil (1910) quanto as Assembléia de Deus (1911) permaneceram como representantes hegemônicas do pentecostalismo até a primeira metade do século XX, quando a estrutura do pentecostalismo sofre mudanças significativas, frente às dissidências e entrada de novas denominações. Empiricamente as mudanças que estas denominações sofreram são tributárias do que Berger e Luckmann chamam de *desgaste temporal*. As instituições são

---

<sup>119</sup> BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. 2004, op.cit.,p.15

<sup>120</sup> ARAÚJO, Isael. 2007, op.cit., p.568

volúveis no tempo na medida em que mudam as exigências humanas sobre as quais elas se baseiam.<sup>121</sup>

Tanto a Assembléias de Deus quanto a Congregação Cristã do Brasil são oriundas da mesma vertente pentecostal nos Estados Unidos, ligadas ao ministério do pastor Durham. Mesmo com uma origem em comum no Brasil elas ganharam contornos bem diferentes. Suas distinções estão principalmente nas orientações teológico-doutrinárias, enquanto as Assembléias de Deus possuem uma orientação predominantemente arminiana nas Congregações Cristãs predominam as exegeses calvinistas. Além das questões dogmáticas e doutrinárias existem as diferenças litúrgicas, nos métodos de evangelização, no uso da mídia, no apoio a lideranças políticas, entre tantas outras questões.

Embora as diferenças sejam muito grandes ambas utilizam uma linguagem simbólica muito semelhante. Adotaram signos distintivos presentes na indumentária, no templo, no uso da linguagem, entre outros. Ambas possuem uma postura sectária, defendem um *núcleo doutrinário*<sup>122</sup> comum (salvação, batismo com o Espírito Santo, cura divina e segunda Volta de Cristo), obedeçam a rígidas hierarquias, entre tantas outras questões que podem ser relacionadas.<sup>123</sup> Nas questões doutrinárias elas compartilham da mesma compreensão pré-milenarista, compreendem a história em termos dispensacionais e defendem a doutrina da *obra consumada no Calvário* como dogma. O pentecostalismo da primeira metade do século XX no Brasil partilha muitos vínculos que não se resumem à simples relação histórica ligada às suas origens temporais.

Como forma de organizar e definir de uma maneira criteriosa o campo religioso protestante alguns autores formularam tipologias mais detalhadas<sup>124</sup> que permitem classificar as denominações e grupos

<sup>121</sup> BERGER, Peter L. 1985, op.cit., p.49

<sup>122</sup> NOVAES Regina C. Reyes. 1980, op.cit., p.80

<sup>123</sup> CORRÊA, Manoel Luiz G. *As Vozes Prementes*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p.13-29.

<sup>124</sup> As tipologias mais utilizadas se valem de três critérios principais, o histórico dividindo em migração, missão, pentecostalismo e neopentecostalismo; o teológico, dividindo em *sacramental, da reta doutrina e do espírito*; e ideológico, nomeando *protestantismo liberal, conservador, evangélico*. Os principais teóricos sobre as tipologias pentecostais são: José Bitencourt Filho em *Matriz religiosa brasileira*; Martin N. Dreher em *Protestantismo brasileiro: um mundo em mudança*; Rubem Alves em *Protestantismo e repressão*; José Míguez Bonino em *Rostros del protestantismo latinoamericanos*, Antônio Gouvêa Mendonça em *Panorama atual e perspectivas do protestantismo*; Ricardo Mariano em *Neopentecostais*, Santely M Burgess, Gary B. McBee em *Dictionary of pentecostal and charismatic movements*, Paul Freston em

religiosos no Brasil. Estas tipologias são baseadas em critérios como o histórico, ou teológico, ideológico, sendo que estes podem também se misturar a outros como o litúrgico. Nessa perspectiva é possível classificar as denominações com parâmetros diferentes. Como salienta Adilson Schultz as *tipologias não podem desconsiderar o empirismo das religiões*, pois ele não obedece rigorosamente os enunciados teológicos previamente estabelecidos, mas aderem uma flexibilidade baseada no empirismo.<sup>125</sup>

Os pentecostais acreditavam que deveriam agir para que o fim dos tempos se desse no menor espaço de tempo possível, e tanto o financiamento das missões quanto a atuação no campo missionário eram duas maneiras de cooperar para a volta de Cristo ocorrerse. A crença de que o fim dos tempos deveria acontecer depois que o evangelho chegasse a toda humanidade permeava os discursos. Este era um pensamento ganhou força a partir da crença que as línguas eram idiomas ensinados pelo Espírito para facilitar a evangelização de outros povos (*xenolalia*). Muitos estavam convencidos que o próprio Deus havia lhes capacitado com um novo idioma com o propósito de que fossem enviados aos campos missionários. Entre os anos de 1906 e 1909 existem muitos relatos de envios de missionários em função do idioma que acreditavam ter recebido do Espírito Santo. A expectativa do fim dos tempos que se vinculou a própria identidade do movimento acelerou ainda mais a agressiva corrida pela evangelização mundial. Uma das consequências foi que poucos meses depois de se tornar uma realidade, como experiência vinculada a uma fundamentação teológica, o pentecostalismo foi centrifugado para muitos lugares.

A compreensão do tempo histórico em termos dispensacionais foi muito bem aceita dentro do pentecostalismo. Essa doutrina não era compreendida como uma construção teológica dotada de algum grau de historicidade e sim entendida como um projeto divino para a humanidade. O principal propagador do dispensacionalismo foi Cyrius Scofield, o editor da Bíblia de Referência Scofield [*Scofield Reference Bible*] a

*Protestantes e política no Brasil* – tese de doutorado em sociologia ;UNICAMP; Francisco Cartaxo Rolim em *Pentecostais no Brasil: Uma interpretação sócio-religiosa*; David Martin em *The Dilemmas of Contemporary Religion*. Cf. SCHULTZ, Adilson. Tipologias do Protestantismo Brasileiro. In: SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente o diabo está no meio*. O protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro. 2005. 405 fl. Tese. (Doutorado em teologia) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo. RS, p. 94-109.

<sup>125</sup>SCHULTZ, Adilson. 2005, op.cit., p.95.

partir de 1909. Ele comentou o texto bíblico e para sua análise exegética utilizou o dispensacionalismo com uma chave interpretativa da Bíblia e da história. Para Scofield tanto a história quanto o texto bíblico são uma espécie de mosaico no qual todas as partes tem o seu lugar designado e previsível. Ele afirma que na Bíblia tudo tem seu lugar designado, existem sete sinais que comprovam sua unidade, existem distinções entre o judeu, o gentio e a Igreja de Deus, são sete dispensações, dois adventos, duas ressurreições, ou seja, toda a história pode ser ordenada e reconhecida mediante o texto sagrado.<sup>126</sup>

O movimento fundamentalista nos Estados Unidos era um grande promotor da Bíblia de Scofield. O ensinamento dispensacional do tipo scofieldiano negava a possibilidade de uma experiência pentecostal e afirmava que os dons do Espírito estavam limitados à era apostólica. O dispensacionalismo scofieldiano é cessacionista, enquanto o pentecostalismo é restauracionista. Essa ambigüidade, não impediu que muitas notas explicativas de Scofield fossem usadas como justificativas para dar suporte à compreensão soteriológica, escatológica, e histórica dos pentecostais.

Na visão cessacionista de Scofield, todos que julgam praticar os dons relatados no neotestamento estavam errados e deveriam ser proibidos, porque Deus não concedia mais esses dons. Entretanto os pentecostais vêem o sistema dispensacional como um apoio útil para enfatizar a separação entre gentios e judeus, a segunda Vinda de Cristo pré-milenial, o Arrebatamento da igreja, os sete anos da Grande Tribulação, o Julgamento Final, e o avivamento que precederia os últimos dias. Dentro das compreensões pentecostais, as manifestações espirituais acompanhadas das línguas indicavam claramente que o avivamento que antecede o retorno de Cristo era uma realidade. Com base no dispensacionalismo os pentecostais sustentaram um discurso separatista, dividiram o plano da salvação com critérios específicos para gentios e judeus e se colocaram no centro do projeto divino de salvação.

O amplo uso da Bíblia de Estudos Scofield como modelo exegético facilitou a adoção por parte dos pentecostais de posturas semelhantes às defendidas pelo movimento fundamentalista nos Estados Unidos. Além do conteúdo doutrinário, adotaram uma linguagem semelhante, principalmente em relação aos teólogos liberais, o mundo, o sistema político, os pecados e a modernidade. O dispensacionalismo é

---

<sup>126</sup> *Bíblia de Referência Scofield*, p. VII – IX.

um método de organização das histórias bíblicas que visa encaixar todo o conjunto de escritos proféticos como se fossem um complicado quebra-cabeças, dando assim unidade a todo o texto bíblico.

Os pentecostais acreditavam que o mundo se encontrava em um estado permanente de degradação. O Arrebatamento<sup>127</sup> da igreja seria precedido pelo *princípio das dores*<sup>128</sup> tempo de caos e destruição. Tal condição não pode ser alterada pela vontade humana, deveria ser aceita. A humanidade deveria simplesmente aceitar a história projetada por Deus em sua plena onisciência. Como observa o teólogo Heinrich Shäefer, no pentecostalismo quanto pior a situação da humanidade maiores seriam os indícios de que a volta de Cristo estava próxima.<sup>129</sup> Esse modelo de interpretação sugere um posicionamento social mais passivo e menos disposto à atuação política, visto estar alinhado a uma concepção de história fatalista. Nessa lógica o único progresso que deveria existir é de ordem espiritual e está associado a santificação. A crença que a situação mundial deveria piorar cada vez mais refletiu diretamente na preocupação em agir para melhorar as condições sociais do mundo. A escatologia premilenarista se converteu na expressão de legitimação do fatalismo

## ASSEMBLÉIA DE DEUS

No Brasil os primeiros pentecostais deram origem às igrejas Congregação Cristã do Brasil<sup>130</sup> em 1910 com Luigi Francescon e a Assembléia de Deus fundada pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Adolf Vingren em 1911. Até meados da década de 1950 elas eram praticamente exclusivas em termos de pentecostalismo no Brasil. Ambas contribuíram com grande parte das bases doutrinárias, filosóficas

---

<sup>127</sup> Arrebatamento ou Rapto é um conceito teológico utilizado para se referir ao traslado dos salvos no momento em que Jesus voltar.

<sup>128</sup> Cf. Evangelho de Mateus 24:8

<sup>129</sup> SHÄEFER, Heinrich. *Protestantismo y crisis social en América Central*. 1.ed. San Jose, Costa Rica. Editorial DEI, 1992...p.184

<sup>130</sup> A Congregação Cristã do Brasil é possivelmente a igreja pentecostal que apresenta as maiores barreiras em relação a pesquisa. Eles são relutantes em escrever sua própria história e devido seu sectarismo não enchem para pesquisas ligadas às ciências humanas. Seus preceitos teológicos orientam os fiéis a afastarem-se de pesquisas e não julgam necessário registrar a sua própria história, desta forma não possuímos fontes que permitam reconstruir uma narrativa histórica consistente da igreja. Um recurso muito usado pelos historiadores para recompor sua história é adotar a história oral como metodologia para a reconstrução histórica.

e comportamentais de muitas outras vertentes do pentecostalismo brasileiro. O sociólogo Paul Freston destaca que os primeiros quarenta anos de pentecostalismo no Brasil estas duas denominações representaram hegemonicamente o pentecostalismo. Freston identifica que ocorreram pequenos cismas no movimento pentecostal brasileiro, todavia as tímidas iniciativas que se tem conhecimento são oriundas da interferência ou estabelecimento de grupos vindos do exterior com a mensagem pentecostal, porém não alteraram significativamente o pentecostalismo, eram inexpressivos no cenário religioso.<sup>131</sup>

De acordo com o jornal das Assembléias de Deus, o Mensageiro da Paz no ano de 1933 um missionário pentecostal liderava a igreja Metodista em São Paulo e nessa igreja havia a pregação sobre o batismo com o Espírito Santo acompanhado da evidência das línguas. O jornal elogiosamente afirma:

Os movimentos colectivos que, agora se esboçam e se realizam fora das Assembleas de Deus, acerca do batismo do Espírito Santo, são outra demonstração de que o fogo do ceo continua acceso, ardendo no coração de muitos.<sup>132</sup>

Principalmente em razão das disparidades teológicas existentes entre as Assembléias de Deus e as Congregações Cristãs não existiu entre elas iniciativas de união ou cooperação denominacional, pelo contrário a relação entre elas foi marcada por hostilidades, principalmente depois da década de 1930. Nessa década o pentecostalismo já havia se propagado a praticamente todo território nacional. Ambas expandiram geograficamente e acabaram disputando o mesmo mercado religioso.

Na viagem que Vingren fez em 1923 para o sul, acabou passando em São Paulo e pregando em uma Congregação Cristã, ocasião que ficou amigo de Emílio Conde. No sul pregou em uma igreja Batista. Essas duas situações ilustram que embora existissem divergências, os protestantes partilhavam de uma comunidade de sentidos que permitia algumas aproximações. Os conflitos estavam muito ligados ao domínio legítimo da “verdade”, com discursos diferentes a consequência direta era a perda de fiéis.

---

<sup>131</sup> Paul Freston cita a Igreja de Deus, vinda do exterior e a Igreja de Cristo, um cisma da Assembléia de Deus. Cf. ANTONIAZZI, Alberto, et.al. 1994, op.cit., p.70.

<sup>132</sup> *Mensageiro da Paz*. Julho de 1933, n.13, p.04.

Ambas adotavam uma visão restauracionista. A compreensão de que a “unidade” nos moldes da igreja primitiva deveria ser buscada não foi suficientemente forte para romper com as distâncias teológicas, porém promoveu um senso de união intradenominacional. Nesse sentido, qualquer esforço contrário a coesão do grupo dentro da denominação representava um desvio dos princípios pentecostais. Essa é uma das razões que permitiram que estas instituições se mantivessem guindadas acima das insatisfações ou interesses separatistas. Segundo Peter Berger as principais ameaças das instituições são os *estragos do tempo*, ou seja, a imprevisibilidade dos acontecimentos históricos. Outro dispositivo de ruptura com a instituição são os conflitos e discrepâncias entre os grupos cujas atividades elas pretendem regular<sup>133</sup>. Uma vez que os conflitos e discrepâncias foram regulados por um eficiente discurso de unidade isso permitiu que por mais de quatro décadas permanecessem blindadas de grandes separatismos.

Em larga medida a síntese doutrinária adotada pelos pentecostais neste período é constituída em parte pela audição das preleções de W. H. Durham e pelo periódico que editava o *The Pentecostal Testimony*. É difícil diagnosticar com clareza as influências doutrinárias que fizeram parte do pentecostalismo no Brasil, porém não se pode negar que a trajetória dos missionários revele muito sobre a orientação doutrinária que adotavam. Vingren mesmo com pouco dinheiro, dias antes de vir para o Brasil, registra no seu diário que ofertou a Durham todo seu dinheiro com intuito de contribuir com a impressão do *The Pentecostal Testimony*<sup>134</sup>.

Embora Vingren, Berg e Francescon tenham sido influenciados por Durham suas trajetórias pré-pentecostais também refletem na forma como deram sentido ao pentecostalismo. Tanto a Assembléia de Deus quanto a Congregação Cristã foram conduzidas de formas diferentes. Francescon era presbiteriano de orientação teológica calvinista, enquanto os suecos eram batistas e arminianos. Através das referências biográficas dos missionários é possível recortar e caracterizar um modo discursivo que refletiu diretamente na própria identidade das denominações que deram origem.

---

<sup>133</sup> BEGER, Peter. 1985, op.cit. p.49.

<sup>134</sup> VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário de um pioneiro*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2004, p.29.

## ACOMODAÇÕES DO PENTECOSTALISMO

Mesmo que os crentes estivessem conveniados a uma determinada denominação religiosa isso não elimina o fato de conhecerem e até mesmo simpatizarem com doutrinas diversas. No início do século XX a imprensa era um dos veículos de comunicação mais poderosos e eficientes, existia uma vasta oferta de periódicos em circulação entre os protestantes, com orientações doutrinárias e teológicas diversas. Como veremos a seguir, embora os assembleianos no Brasil estivessem ligados à Assembléia de Deus norte-americana, muitos artigos que compunham os periódicos publicados pelos assembleianos no Brasil são provenientes principalmente do movimento pentecostal estadunidense e sueco além de artigos ligados ao movimento da santidade e fundamentalista.

Na Suécia a igreja oficial, Luterana, era subordinada ao Estado, e quem pertencia à igreja Batista não era visto com bons olhos dentro da cultura religiosa da nação. Mesmo que a prática religiosa se restringisse a uma minoria da população, excetuando-se os ritos de passagem e a adesão formal, apenas uma singela parcela podia ser considerada praticante de atividades religiosas.<sup>135</sup> O Catolicismo não tinha significativa atuação, e a pluralidade religiosa se dava basicamente nas relações internas, pietistas. Segundo Freston a religião se mantinha muito mais como um sentimento cultural, que uma experiência empírica.<sup>136</sup> Todavia os missionários mantiveram um ascetismo que refletiu profundamente na forma que conduziram a evangelização no Brasil.

A influência da organização social, cultural e religiosa da Suécia sobre os missionários certamente contribuiu para a formação de um modo de perceber a religião e o seu envolvimento com a vida social. Na Suécia as dissidências religiosas eram quase que impraticáveis. Em decorrência destas relações sociais, Freston argumenta que no seu *ethos*, os missionários eram *portadores de um religião leiga e contracultural, resistentes à erudição teológica e modesta nas aspirações sociais*.<sup>137</sup> A postura dos missionários era de desprezo a teologia liberal predominante no seu país de origem. Em muitos aspectos eles possuíam uma postura bem diferente dos missionários americanos que chegaram logo em se-

---

<sup>135</sup> Algo em torno de 5% da população era ativa em algum sistema religioso. Cf. ANTONIAZZI, Alberto.(et.al). 1994, op.cit., p.77.

<sup>136</sup> Ibidem

<sup>137</sup> Ibidem, p. 78

guida no Brasil, principalmente no que se refere a preocupação de ascensão social e apego a erudição teológica.

De acordo com Freston, estas características da sensibilidade dos missionários frente a sociedade e a religião, contribuíram para que a Assembléia de Deus se desenvolvesse com maior liberdade em terras brasileiras. A própria condição econômica dos missionários em seu país de origem, a estrutura social a qual estavam inseridos foram importantes para o sucesso das missões no Brasil. Os missionários permaneceram ligados a setores menos favorecidos da sociedade. Freston enfatiza que forçosamente suas vidas foram marcadas pela simplicidade, pouco preocupados com a ascensão econômica.<sup>138</sup> Outros fatores contribuíram para o crescimento do movimento pentecostal, como a facilidade de adesão, a simplicidade organizacional do culto, a experiência de possuir poder,<sup>139</sup> a teologia conversionista, a liturgia livre nas primeiras décadas. Estas e outras características fornecem algumas pistas que ajudam explicar sociologicamente as origens do movimento pentecostal no Brasil

Doutrinariamente podemos resumir que o pentecostalismo propagado pelos missionários era caracterizado principalmente pela manifestação da *glossolalia*<sup>140</sup> a cura divina e o forte apelo escatológico. Nessas afirmações doutrinárias é perceptível uma interpretação bíblica fundamentalista e uma moral puritana de origem marginal, visto que foi trazida por imigrantes pobres oriundos de um ambiente social predominantemente de negros e de classes menos favorecidas. No Brasil a clien-

---

<sup>138</sup> *Ibidem*, p.79

<sup>139</sup> Cecília Mariz propõe que a *sensação de sentir poder* sobrenatural ocorria mais frequentemente entre aqueles que não tinham nenhum poder material. Um dos fatores para o grande êxito do pentecostalismo estaria em fatores psicológicos ligados a auto-estima e a motivação, na ênfase nos dons espirituais em oposição à riqueza material. Cf. ANTONIAZZI, Alberto.(et.al). 1994. op.cit., p 85,87

<sup>140</sup> *Gr. γλώσσα* [falar] *λαλώ* [língua], é o fenômeno onde o indivíduo expressa sonoramente uma língua desconhecida. Os linguistas afirmam que a glossolalia não é uma língua real. Especificamente a glossolalia não revela nenhuma gramática ou sintaxe, não acomoda tempos passados, presentes ou futuros. A análise que os linguistas fazem desse fenômeno indica que não existem distinções que possam especificar o singular ou o plural, a distinção entre verbos e substantivos ou qualquer outro valor semântico. Em outras palavras, as unidades de som da fala glossolálica não têm qualquer relação previsível ao seu contexto natural ou social. Porém a glossolalia privilegia os demais componentes da fala ligados ao timbre, a elocução com ênfases, variações na tonalidade. Cf. WACKER Grand. 2003. op.cit.,p.51,52

tela alvo se constituiu nos primeiros anos basicamente pelas camadas periféricas da sociedade.<sup>141</sup>

## A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DOS SUECOS

A própria justificativa para a vinda dos missionários ao Brasil está permeada por uma mística religiosa interessante. Foi mediante uma visão sobrenatural de Adolf Ulldin que os suecos decidiram vir ao Brasil. Esse pode ser definido como o mito fundador da igreja no Brasil. Em uma reunião de oração na casa de Ulldin o missionário Vingren registrou em seu diário que aconteceram várias manifestações do Espírito Santo. Entre estas manifestações esta registrado que duas pessoas tiveram um arrebatamento profético e outras caíram ao chão, muitas falaram línguas e o próprio Ulldin profetizou. Vingren registrou que nesse dia várias coisas sobre o seu futuro foram reveladas. A profecia de Ulldin foi proferida em português e afirmava que Vingren deveria seguir ao Pará, onde atuaria como missionário em meio a um povo muito simples. Segundo Vingren a profecia dava detalhes sobre o tipo de alimento que ele encontraria no campo missionário além de indicar que seu casamento seria com uma moça chamada Strandberg.<sup>142</sup> O registro em seu diário ocorreu muito tempo depois dos episódios relatados e embora tenha atuado como missionário no Brasil o romance com sua esposa cujo sobrenome de solteira é Strandberg aconteceu na Suécia.

Segundo o diário de Vingren o encontro dele com Daniel Berg ocorreu em uma convenção de igrejas Batistas reavivadas de Chicago em 1909. Logo após o início da amizade, Berg sentiu-se orientado por Deus a seguir para *South Bend*, Indiana, onde Vingren era pastor de uma igreja batista. Desse encontro os dois descobriram afinidades no ideal missionário e passaram a frequentar ambientes de oração em comum. Vingren convidou Berg para ir até a residência de Ulldin, na qual era hóspede. Na cozinha da casa, Ulldin foi arrebatado em espírito e em seguida revela-lhes uma profecia. Ele reiterou a mensagem que havia proferido dias antes a Vingren e afirmou que Berg também deveria a-

---

<sup>141</sup> ALENCAR, Gideon F. *Todo o poder ao pastor, todo o trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus: origem, implantação e militância 1911-1946*. Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000. p.11

<sup>142</sup> VINGREN, Ivar. 2004, op.cit. p.27

companhar o amigo nas missões. A viagem deveria ocorrer em um navio rumo a uma cidade chamada Pará no dia 05 de novembro de 1910.<sup>143</sup> Os missionários afirmavam não sabiam onde ficava essa região e seguiram até a biblioteca pública para encontrar um atlas geográfico que lhes indicasse.

De acordo com Freston é provável que o nome “Pará” já tivesse aparecido em relatos enviados pelo pastor da igreja Batista que implantara missões no Brasil.<sup>144</sup> A missão Batista estava na região desde 1897 e era dirigida por um pastor sueco que viveu nos Estados Unidos, Erik Nilsson, (ou Eurico Nelson). Ele trabalhou com a implantação de igrejas em toda a região amazônica e recebia suporte financeiro para desenvolver o trabalho no Brasil. Essa região também era muito conhecida devido às ligações comerciais que o Brasil tinha com os Estados Unidos principalmente através da exportação de látex. De acordo com a memória de Daniel Berg:

Certo dia, o dono da casa onde Gunnar Vingren se hospedava recebeu de Deus uma revelação e profetizou para nós que iríamos para o Pará. Esse nome era uma orientação para nós, apesar de nunca o termos ouvido antes. Acrescentou que tinha a impressão que esse nome era de uma cidade em algum lugar... Descobrimos que o Pará ficava no Norte do Brasil. Visto no mapa, ele ficava tão longe que pensamos não ser essa a direção divina.<sup>145</sup>

Os missionários decidiram vir ao Brasil sem o apoio de qualquer igreja ou amparo financeiro, chegando em Belém no dia 19 de novembro de 1910, no navio *Clement*. Partiram na data indicada na profecia, 5 de novembro de 1910. Por falta de recursos compraram uma passagem de terceira classe. Assim que desembarcaram do navio procuraram informações sobre as missões que já estavam agindo no Brasil e logo encontram a comunidade Batista. Ao que tudo indica foram muito bem recebidos pelo pastor local que lhes abriu as portas da igreja para congregar e morar, visto que alugaram o porão da igreja para morar.

---

<sup>143</sup> Ibidem, p.27, 28.

<sup>144</sup> ANTONIAZZI, Alberto, et.al. 1994, op.cit., p. 81

<sup>145</sup> BERG, David. *Daniel Berg – enviado por Deus*. Versão ampliada. Rio de Janeiro, CPAD, 1995. p. 32.

Durante sete meses moraram na própria igreja. Logo que começaram a dominar a língua portuguesa e iniciaram o processo de propagação das idéias pentecostais precisaram encontrar outro lugar para residir, pois decorrente dos conflitos doutrinários, foram excluídos da comunidade.

## PENTECOSTALIZAÇÃO DA IGREJA BATISTA

Os dois jovens chegaram ao Pará justamente no momento em que a economia declinava, pois a produção de borracha estava em baixa, devido a concorrência com os mercados asiáticos.<sup>146</sup> Analisando a história de implantação das Assembléias de Deus por estado da federação, fica nítido que o deslocamento de pessoas do norte para outras regiões do país, foi motivado principalmente por questões econômicas, de forma que essa migração destaca-se como propulsora da propagação do pentecostalismo no Brasil.

No Brasil a intenção desde o princípio era propagar o evangelho e, sobretudo, o batismo com o Espírito Santo. Seguindo um projeto de sucesso entre muitas igrejas nos Estados Unidos, os pentecostais geralmente inseriam na comunidade a que pertenciam a doutrina do batismo com o Espírito Santo com evidência das línguas, promovendo a *pentecostalização* da comunidade. No Brasil essa investida resultou na divisão da igreja batista no Pará.

Vingren já havia enfrentado uma experiência de separação compulsória da igreja batista nos Estados Unidos, quando pastoreava a igreja de Menominee em Michigan. Após ter passado pela experiência do batismo com o Espírito Santo em uma conferência da Primeira Igreja Batista Sueca de Chicago. Convicto da experiência do batismo com o Espírito Santo e a evidência das línguas, procurou repassar essa doutrina para a sua igreja local. Após algumas investidas nesse sentido a grande maioria dos membros de Menominee o rejeitam como pastor. Na impossibilidade de continuar seu trabalho migrou para outra igreja batista sueca, em *South Bend*.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. (Didática, 1). São Paulo: Edusp. 2006, p.293

<sup>147</sup> CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. 2.ed. Viçosa:Ultimato, 2000, p.118.

Conscientes ou não, os missionários comprovaram ao chegar ao Brasil que não receberam a *xenolália* e sim a *glossolália*, portanto deveriam estudar o idioma para evangelizar. Isso não os impediu de acreditar que Deus concedia línguas de vários povos, sem o prévio estudo deste idioma. Em 1911 Vingren relata em seu diário que Jesus tinha batizado uma mulher com o Espírito Santo que falou tanto em latim como em árabe, seguido de uma interpretação na língua portuguesa.<sup>148</sup>

Tanto as dificuldades com o idioma, quanto a falta de uma organização que os tivesse enviado como missionários e a inexistência de suporte financeiro formal são indícios que pretendiam levar a cabo um projeto de conscientização dos protestantes que já atuavam no Brasil à realidade das doutrinas pentecostais.

Vingren registra no seu diário que logo que chegou em Belém, as quatro igrejas protestantes da cidade estavam ansiosas para ouvi-los. Ao participarem de um culto em uma destas igrejas os missionários cantaram um hino em inglês e o poder de Deus “caiu” sobre eles. Vingren explica que o culto foi diferente pelo fato de que o próprio Espírito Santo estava cantando o hino com eles.<sup>149</sup> Logo em seguida os missionários passaram a explicar sobre o Espírito Santo aos demais protestantes.

Depois da atuação no primeiro culto Vingren registrou no seu diário que três crentes tinham se interessado pelo evangelho que eles pregavam. Essa foi uma oportunidade para que testificassem sobre o batismo com o Espírito Santo.<sup>150</sup> Outra iniciativa se deu com o missionário sueco que fora enviado dos Estados Unidos, Erik Nilsson, o qual ouviu os missionários e os alertou que deveriam parar de falar sobre o batismo com o Espírito Santo. A rejeição de Nilsson foi interpretada pelos missionários como uma cilada muito astuta do Diabo para desviá-los da vontade de Deus.<sup>151</sup> Ao que tudo indica Nilsson enquanto morava nos Estados Unidos teve contato com a doutrina do batismo com o Espírito Santo tal como defendido pelo movimento da Santidade e não nos moldes pentecostais com a evidência das línguas, pois Vingren registra que Nilsson tinha buscado o batismo e o poder do Espírito Santo... porém, “quando começou a sentir o poder de Deus, sua mulher ficou com medo e o impediu de continuar”.<sup>152</sup>

---

<sup>148</sup>VINGREN, Ivar. 2004, op.cit., p.51

<sup>149</sup> Ibidem, p.37

<sup>150</sup> Ibidem

<sup>151</sup> Ibidem, p.39

<sup>152</sup> Ibidem

A maioria dos protestantes que chegaram ao Brasil foram posteriores aos avivamentos ocorridos nos Estados Unidos, portanto, estavam permeados da mentalidade evangelical, sua teologia e ideologia. Intencional ou não, após sete meses no Brasil, os missionários provocam um cisma na comunidade batista. Até esse momento não há indícios que tenham sido bem sucedidos na evangelização de pessoas de outros credos.

Ao que tudo indica o grupo que rompeu com igreja Batista foi motivado pela experiência de Celina de Albuquerque que admitiu ter recebido o batismo com o Espírito Santo com evidência das línguas.<sup>153</sup> No dia seguinte, Maria de Nazaré, inspirada pela experiência de Celina, afirma também ter experienciado a mesma manifestação espiritual. A mensagem dos missionários e os testemunhos das experiências de Celina e Maria de Nazaré impulsionaram outros membros a crerem no discurso dos missionários. Esse é o caso de um dos diáconos, Manoel Maria Rodrigues, que diz ter acreditado no fenômeno mesmo sem vivenciá-lo.<sup>154</sup> Dois dias após a experiência de Celina, dezoito pessoas<sup>155</sup> que simpatizaram com a mensagem pentecostal foram excluídas da igreja Batista, no dia 10 de junho de 1911, em um culto dirigido pelo diácono Raimundo Nobre.<sup>156</sup>

Logo após o testemunho de Celina e a exclusão de todos que reconheceram publicamente a legitimidade do batismo com o Espírito Santo com a evidência das línguas, Celina cedeu sua casa para a realização dos primeiros cultos. Em sua residência nasceu a “*Missão da Fé Apostólica*”, o primeiro nome que adotaram para a igreja. É interessante notar que os suecos decidiram usar o mesmo nome da primeira denominação pentecostal dirigida por Seymour, *Apostolic Faith Mission*, uma

<sup>153</sup> Conde descreve: “... uma hora da manhã do dia 8 de Julho de 1911, em sua residência na Rua Siqueira Mendes, 79 (atual 161). Celina de Albuquerque foi batizada com o Espírito Santo. Estava confirmada a verdade pregada pelos missionários, que anunciavam um novo batismo”. Cf. CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p.26

<sup>154</sup> Ibidem.

<sup>155</sup> Há discordância quanto a quantidade de pessoas, Freston e Campos sustentam que são dezenoves dissidentes enquanto Cezar admite dezoito, Vingren afirma que foram 18. Conde registra 17 excluídos, mas relaciona 20 nomes. A explicação provável está no próprio Conde quando diz que “dessa lista, 17 eram membros e outros menores”. Cf. CONDE, Emílio. Op.cit.p.26

<sup>156</sup> Raimundo Nobre havia acolhido os dois missionários no porão da sua casa e permitiu a participação deles nos cultos, o que redundou na divisão da igreja. Aborrecido com a dissidência ele escreveu um folheto com 27 páginas contra a pregação de Berg e Vingren e publica vinte mil exemplares que são distribuídos para as igrejas evangélicas de todo o Brasil.

referência clara não só a ligação que tinham com a teologia gestada nos Estados Unidos como com a visão restauracionista intrínseca nessa nomeação.

Gunnar A. Vingren tinha pastoreando igrejas nos Estados Unidos e assume a liderança como pastor da nova denominação, colocando em prática sua experiência. Entretanto seu companheiro Daniel Berg, nunca esteve a frente de qualquer igreja, obteve cargo ou exerceu qualquer atividade ligada a hierarquia. Nos periódicos oficiais das Assembléias de Deus só há dois artigos assinados por ele e até seu trabalho como missionário em Portugal anos mais tarde, não é registrado naquele país.<sup>157</sup> O próprio Berg admite que não tinha pretensões em assumir qualquer atividade de liderança na igreja. Segundo Berg sua chamada missionária estava relegada a servir o Senhor com sua força física.<sup>158</sup> No Brasil ele trabalhou na Companhia *Port of Pará*, para sustentar seu amigo Vingren. O principal articulador do projeto missionário foi Vingren que logo procurou estudar a língua e construir um bom relacionamento com os demais fiéis da igreja Batista. A principal atividade de Berg como missionário consistia na evangelização das regiões ribeirinhas do alto Amazonas e no trabalho de colportagem.

Contudo Vingren e sua esposa exerceram desde os primórdios da denominação uma influência grandiosa tanto nos hábitos instituídos, como no conteúdo doutrinário e estruturação da instituição. Ele possuía formação no Seminário Teológico Batista Sueco de Chicago (1904 a 1909), estudou com afinco a língua portuguesa no Brasil, e produziu um grande número de textos apoloéticos da doutrina que defendia.

O primeiro templo com o nome de Assembléia de Deus foi inaugurado na cidade de Belém (PA), em 08 de novembro de 1914. A decisão em aderir ao mesmo nome surgido nos Estados Unidos por influência do Concílio das igrejas pentecostais que adotaram esse nome, foi uma decisão local e não uma imposição externa. Certo é que mesmo antes do reconhecimento jurídico os membros já admitiam esse nome, mas a igreja reconhecidamente como *Assembléia de Deus* só é oficial em 1918, segundo o diário de Gunnar A. Vingren.

O ano de 1918 foi de suma importância para a continuação do movimento pentecostal no grande país. O trabalho já contava com alguns anos. Agora chegou o tempo de registrar a igreja oficialmente, nos

---

<sup>157</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. 2000, op.cit., p.50

<sup>158</sup> BERG, David. 1995. op.cit.,p. 16

trâmites de pessoa jurídica. Isso aconteceu no dia 11 de janeiro de 1918, quando oficialmente foi registrada como Assembléia de Deus.<sup>159</sup>

## O PROGRESSO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS

O jornalista assembleiano Emílio Conde registra que os três primeiros anos foram os mais difíceis para a igreja no Pará, pois as perseguições<sup>160</sup> sofridas pelo pequeno grupo de pentecostais eram intensas. Além da expulsão da igreja Batista, ainda ocorreram perseguições de católicos e outros protestantes metodistas, anglicanos e presbiterianos.<sup>161</sup> Entretanto a situação da igreja começou a melhorar com a chegada de missionários suecos e o investimento destes nas missões no Brasil. É importante lembrar que nesse momento as manifestações religiosas não católicas de um modo geral eram extremamente perseguidas, principalmente as ligadas aos cultos afros e espíritas.

No ano de 1921, antes mesmo da explosão da chegada dos missionários suecos, os Estados Unidos já tinha enviado doze missionários.<sup>162</sup> Havia mais missionários americanos e suecos que pastores nacionais nesse momento. Nesta leva de missionários, entretanto, somente um homem se faz presente as demais são mulheres que por sua vez não têm participação hierárquica semelhante a dos homens na igreja. Embora os suecos exercessem maior influência política no Brasil são os norte americanos que contribuirão significativamente para os grandes traços característicos do pentecostalismo. As concepções políticas e teológicas defendidas nos Estados Unidos foram muito relevantes na construção da identidade das Assembléias de Deus, seu discurso e suas práticas.

Berg era amigo de infância do um grande líder pentecostal na Suécia, Lewi Pethrus. Foi inclusive por influência de Pethrus que Berg

<sup>159</sup> VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren, o diário de um pioneiro*. Rio de Janeiro:CPAD, 1973, p.57

<sup>160</sup> “Depois do primeiro batismo, nas águas do rio Guamá, foram realizados centenas deles, através de Berg e Vingren. (...) ‘Os primeiros batismos no Pará era feitos em segredo, geralmente as 11 horas da noite, pois não havia tanques batismais’. Nessas ocasiões, a perseguição era intensa. Certa vez, dezenas de pessoas apareceram armadas de facas e laços, querendo impedir a realização daquele ato. Apesar das ameaças, no entanto, com a ajuda de Deus, o batismo foi efetuado e nada aconteceu”. Cf. CONDE, Emílio. 2005, op.cit., p.26

<sup>161</sup> SCHULTZ, Adilson. 2005, op.cit., p.148.

<sup>162</sup> CONDE, Emílio. 2005, op.cit., p.45

ao visitar a Suécia no ano de 1908, quando retorna para os Estados Unidos no caminho, recebeu a experiência do batismo com o Espírito Santo. Em 1910 Pethrus assumiu o pastorado de uma igreja batista em Estocolmo. Pouco tempo depois foi excluído da denominação e com o rompimento abriu-se a possibilidade da igreja apoiar financeiramente o incipiente trabalho do amigo Berg no Brasil.<sup>163</sup>

A década de 1930 é marcada pela intensa presença de suecos. Cerca de vinte famílias compunham o quadro missionário da igreja de Estocolmo. As Assembléias de Deus se desenvolvem no Brasil de forma autônoma, sem interferências quanto a sua estrutura organizacional provenientes do exterior. As grandes influências para o pentecostalismo residem no discurso teológico e na fundamentação doutrinária. A igreja sueca embora enviasse e sustentasse os missionários teve poucas interferências políticas na missão brasileira. Uma das características das missões suecas consistia em preservar a autonomia das igrejas locais. Um exemplo da atuação política da igreja sueca no Brasil ocorreu na primeira Convenção das Assembléias de Deus no Brasil em 1930 quando o pastor Lewi Pethrus atuou de forma significativa. O jornal *Mensageiro da Paz* destaca que a atuação do líder sueco foi muito importante.

Todos os assumptos foram discutidos com inteira liberdade, tanto pelos trabalhadores brasileiros, como pelos missionários, fazendo-se ouvir sempre, o Pastor Lewi Pethrus, da Suécia.<sup>164</sup>

Nos primeiros anos a expansão da igreja no território nacional ocorreu de forma desordenada, sem planejamento ou interesse prévio em estabelecer locais e estratégias de evangelização. Como fora visto, a queda na produção de látex e a migração dos seringueiros foi um dos fatores responsáveis pela expansão da igreja. Os líderes não têm pleno domínio sobre a expansão da igreja que rapidamente se espalhou por todos os Estados. Muitos homens e mulheres, frequentemente sem qualquer ordenação formal se lançaram como missionários autônomo/as sem qualquer vínculo financeiro, constituindo igrejas sem pastor. Vingren nos seus diários relata vários testemunhos de implantação de igrejas por agentes até então anônimos, leigos/as, sem hierarquia institucional, que muitas vezes acabaram estabelecendo uma comunidade de fiéis após

---

<sup>163</sup> ANTONIAZZI, Alberto, et.al. 1994, op.cit., p.80

<sup>164</sup> *Mensageiro da Paz*. Janeiro de 1930, n.01.p.01

uma visita a parentes ou em razão da migração destes. A compreensão de que as demais igrejas protestantes não tinham o Espírito Santo na sua plenitude, fez com que muitos se lançassem na evangelização dos próprios protestantes.

A divulgação do evangelho era um dever do crente, a medida que havia um número significativo de membros, uma casa era cedida ou alugada e os cultos ganhavam contornos litúrgicos congregacionais. Frequentemente os pastores só eram chamados no momento em que havia uma quantidade de convertidos que passariam pelo batismo em águas ou para ministrar a Santa Ceia.<sup>165</sup> O alvo de todos era ganhar o máximo possível de almas para o Senhor antes do Arrebatamento da igreja. Todos se esforçavam o máximo possível e os resultados não tardaram, surgia uma igreja após a outra.

No Rio de Janeiro a igreja é igualmente implantada de forma imprevisível. Alguns fiéis vindos do Pará em busca de trabalho, funcionários públicos transferidos pelo governo e outros que visitavam parentes, iniciaram os primeiros processos de evangelização no Estado. Quando Vingren visita o Rio de Janeiro pela primeira vez ele já encontrou um grupo assembleiano organizado.<sup>166</sup> Na casa de Eduardo de Souza Brito já eram realizados os cultos. Vingren atendendo aos interesses dessa comunidade e reconhecendo a importância geográfica do Rio de Janeiro, abandona o pastorado em Belém e deixa a igreja sob a supervisão de Samuel Nyström. Com essa atitude se desvincula do norte e o sudeste aos poucos se transforma no centro administrativo da igreja. Em abril de 1924 Vingren despede-se de Belém.

## **A IMPRENSA NAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS**

A imprensa foi uma grande aliada do pentecostalismo. Os registros indicam que uma das primeiras iniciativas dos missionários nos campos de evangelização era a produção e importação de literatura pentecostal. No Brasil isso demorou um pouco para acontecer. No início os missionários importavam Bíblias e novos testamentos em língua portuguesa. Os missionários reconheciam a necessidade de aproximação dos crentes à Bíblia, embora no Brasil grande parte dos neófitos sequer soubesse ler.

---

<sup>165</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. 2000, op.cit., p.64

<sup>166</sup> CONDE, Emílio. 2005, op.cit., p.199

A primeira iniciativa se deu com a criação do jornal *Voz da Verdade* em novembro de 1917, cujos redatores eram José Manoel Cavalcante de Almeida Sobrinho e João Trigueiro da Silva, ambos brasileiros.<sup>167</sup> Os primeiros jornais valorizavam o restauracionismo tão enfatizado pelos pentecostais. No jornal *Voz da Verdade*, consta a seguinte observação “Orgam devotado a pregar a Fé Apostólica”.<sup>168</sup> Segundo Conde essa foi a mesma motivação teológica presente no jornal *Boa Semente*, ele afirma que “*todos eram unânimes em reconhecer a necessidade da criação de um jornal que divulgasse as doutrinas apostólicas*”, e conclui que “*foi assim que apareceu o Boa Semente*”.<sup>169</sup>

Embora o jornal *Voz da Verdade* tenha sido extinto na segunda edição é importante reconhecer que os missionários não faziam parte da primeira orientação literária pentecostal e ao que tudo indica eles não aprovaram a iniciativa. Nos dez anos que compõem os diários de Vingren, não há menção do jornal, ou esta informação fora omitida quando redigido por Ivar Vingren, seu filho. Conde afirma que o conteúdo era relativo a horários de culto, notícias missionárias, notas sociais e defesa dos fundamentos pentecostais. A primeira matéria do periódico era - *Jesus é quem batiza com o Espírito Santo e com fogo*. As reais razões da extinção do jornal permanecem uma incógnita, mas podemos presumir que os suecos não tenham simpatizado com a iniciativa dos pastores brasileiros.<sup>170</sup> Dentre os que foram separados com a função pastoral até esse período, nenhum deles estava a frente do *Voz da Verdade*.

De acordo com Vingren, após quatro anos de implantação do pentecostalismo, a igreja havia batizado 384 pessoas nas águas e destas 276 no Espírito<sup>171</sup>. Esses números associados ao alto índice de analfabetismo e dificuldades tanto de produção como distribuição, representam um tímido mercado para um editorial.

A literatura antes de 1919 era toda importada, Bíblías e os novos testamentos freqüentemente eram vendidos ou ofertados, inclusive a muitos crentes analfabetos. Um dos grandes responsáveis pela distribuição de Bíblías em língua portuguesa foi o missionário Daniel Berg, que

<sup>167</sup> *Mensageiro da Paz*, Março de 1980, n.1115, p.11

<sup>168</sup> *Voz da Verdade*, Novembro de 1917, n.01, p.01.

<sup>169</sup> CONDE, Emílio. 2005, op.cit., p.41.

<sup>170</sup> Até o ano de 1917 sabe-se da existência de cinco pastores brasileiros (Absalão Piano, Isidoro Filho, Crispiano de Melo, Pedro Trajano e Adriano Nobre), quatro missionários suecos (Daniel Berg, Gunnar Vingren, Otto Nelson, Samuel Nyström. Cf. CONDE, Emílio.2005, op.cit., p. 36-40

<sup>171</sup> VINGREN, Ivar. 2004, op.cit. p. 71

durante os primeiros anos no Brasil vivia da atividade de copolitor.<sup>172</sup> Outras literaturas como jornais, revistas, hinários e livros eram em inglês ou sueco e estavam sob o domínio dos missionários. Nos primeiros anos o pentecostalismo privilegiou o uso da oralidade, da leitura da Bíblia e de alguns folhetos com mensagens conversionistas.

O primeiro periódico oficial das Assembléias de Deus foi o jornal *O Boa Semente*, foi editado pela primeira vez em 18 de janeiro de 1919, em Belém do Pará. A frente da edição estava Vingren e seus principais redatores eram os missionários suecos Samuel Nyström e Nels Nelson e o brasileiro Plácido Aristóteles Tavares do Canto. A atuação de Plácido foi crucial tanto porque os missionários precisavam de uma pessoa com conhecimentos técnicos em tipografia como pelo domínio da língua portuguesa.

Em decorrência do deslocamento de Vingren e sua família para o Rio de Janeiro, ele entregou a direção do jornal *Boa Semente* para Nyström. Nesse momento o jornal já contava com toda a estrutura de máquinas de impressão próprias. Na capital federal Vingren deu início a publicação de outro jornal *O Som Alegre* em novembro de 1929. O jornal teve uma vida muito curta, pois no ano seguinte devido as resoluções da primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus, fora decidido que tanto o *Boa Semente* como *O Som Alegre* seriam extintos para dar lugar ao jornal *Mensageiro da Paz*.<sup>173</sup>

No Brasil quem tem o domínio sobre o acervo é a Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), que recentemente digitalizou boa parte de suas obras mantendo assim a integridade dos materiais, facilitando a conservação e o acesso.<sup>174</sup> As lições bíblicas, folhetos, fotografias, livros, jornais e revistas estão acondicionados em uma biblioteca bem organizada sob a responsabilidade de profissionais. Mesmo diante da preocupação de preservar a memória editorial, não foi possível agrupar todos os números das edições publicadas. Frequentemente há falta de edições ou de páginas de algumas edições, principalmente nos periódicos mais antigos como os jornais *Boa Semente*, *O Som Alegre* e o *Mensageiro da Paz*.

<sup>172</sup> BERG, David. 1995, op.cit. p. 68

<sup>173</sup> Algumas versões apresentam *Mensageiro de Paz* e outras *Mensageiro da Paz*, prevalecendo a partir do segundo ano do jornal a grafia *Mensageiro da Paz*.

<sup>174</sup> A CPAD digitalizou a maioria dos jornais e revistas publicados, entre eles estão os jornais *Boa Semente* e o *Mensageiro da Paz* e as revistas *A Seara*, *Círculo de Oração*, *Jovem Cristão*, *Nosso Lar* e *O Obreiro*.

O mais bem organizado e maior acervo é o das Assembléias de Deus (Assembly of God) nos Estados Unidos. Praticamente todos os jornais, folhetos, revistas, minutas convencionais (atas), sermões, esboços, cartas, manuscritos, anotações, fotos, áudio-visuais, entre outros, que fazem parte do seu acervo material, estão digitalizados e disponíveis para a pesquisa. O acervo pode ser consultado gratuitamente pela internet<sup>175</sup> ou adquirido mediante *download*, com pagamento eletrônico ou mediante a compra de DVDs com parte dos arquivos. O acervo não se restringe a produções estadunidenses, é possível acessar on line materiais em dezenas de idiomas e nacionalidades.<sup>176</sup>

O olhar sobre esses documentos exige a compreensão de que não servem apenas como instrumentos enunciativos, que não devem ser considerados somente pelas informações que fornecem. O próprio documento é um objeto de estudo, na forma como organiza seu discurso, que faz agir seus agentes produtores, na maneira como se estabelecem as condições de sua produção, suas utilizações estratégicas, enfim precisam ser tratados sob o prisma da sociologia dos textos proposta por Chartier<sup>177</sup> sem esquecer que o discurso, seja qual for sua forma é sempre uma narrativa que deve se preocupar em construir temporalidades e concepções de causalidade.<sup>178</sup> O papel da imprensa no meio religioso é mais que um mecanismo de orientação espiritual, ela dita normas, valores, condutas, padrões de comportamento.

Os jornais assembleianos se caracterizavam por serem extremamente apologéticos e doutrinários, primavam pelo texto, sem recursos iconográficos, propagandas ou assuntos que não fossem relacionados à organização da igreja, a doutrina, a fé. Seu discurso sempre visava orientar as condutas dos fiéis, valorizando o testemunho e focalizando o discurso nas práticas cotidianas e no combate aos perigos sociais. As poucas imagens iconográficas que aparecem são alusivas a templos, líderes e obras sociais da igreja. Esta tendência segue até a década de 1950 quando os periódicos assembleianos começam a inserir propagan-

---

<sup>175</sup> <http://www.ifphc.org/index.Cf.m?fuseaction=search.archiveAdvancedSearch> (acesso em Fevereiro de 2010)

<sup>176</sup> Os periódicos da Assembléia de Deus mais antigos do acervo são do jornal Mensageiro da Paz (15/10/1972) ; (30/10/1972) ; (15/01/1973) e algumas edições de 1977, 1978, 1979, 1983 e 1997, e edições da revista A Seara de Março 1977; Setembro de 1977; Novembro 1977; Setembro de 1978; Dezembro de 1978; Maio de 1979; Julho de 1979, Setembro de 1979 e Janeiro de 1997.

<sup>177</sup> CHARTIER, Roger. 1990, op.cit. pg.13.

<sup>178</sup> *Ibidem*, p.85

das de produtos para um público evangélico, imagens de pessoas não ligadas a igreja, de cidades, gravuras.

Um artigo escrito por um dos redatores do Mensageiro da Paz, Sílvio Brito, mostra claramente a demarcação de um espaço e uma identidade distinta ao adotar esse modelo de diagração, ele apresenta as razões:

O Mensageiro da Paz, único periódico que tem procurado cumprir a meta que propôs seguir. Tenho encontrado vários críticos que me apontam faltas, aos tais faço esta pergunta: que notamos hoje, em muitas colunas evangélicas? Anúncios de remédios, de consultórios médicos, de venda de sementes, assuntos políticos etc. semelhante a uma atalaia fiel, permanece no seu posto, trazendo-nos, quinzenalmente, mensagens de paz, poder e alegria!<sup>179</sup>

Quase não há trabalhos falando sobre os primeiros anos do pentecostalismo no Brasil. A Academia concentrou as pesquisas principalmente no período posterior a década de 1950. Presumidamente porque nesse momento outros grupos surgiram e os questionamentos sobre as relações entre eles se mostravam mais interessantes. No caso das Assembléias de Deus um dos únicos pesquisadores que se propôs a analisar aspectos ligados a origem do pentecostalismo no Brasil foi Gideon Alencar.<sup>180</sup> O pesquisador teve acesso às primeiras publicações sobre as Assembléias e contou com uma série de depoimentos de membros da igreja ligados a primeira e segunda geração de pentecostais<sup>181</sup>.

Segundo Alencar, um dos fatores primordiais para o progresso das Assembléias no Brasil é decorrente da aguda preocupação com o estudo bíblico. Essa atividade garantiu a “*uniformidade doutrinária*”,<sup>182</sup> da denominação. Para ele a extinção do Voz da Verdade e a centralização da produção dos periódicos nas mãos dos suecos é um forte

<sup>179</sup> *Mensageiro da Paz*. Junho de 1937, n.11, p.02.

<sup>180</sup> A dissertação de mestrado de Gideon Alencar foi defendida em 2000 e tem como título: Todo o poder ao pastor, todo o trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946) procura compreender como se deram as relações de poder dentro da formação e crescimento das Assembléias nos primeiros trinta anos da igreja no Brasil.

<sup>181</sup> O trabalho de Gideon não deixa claro quem foram os entrevistados e não apresenta o roteiro das entrevistas.

<sup>182</sup> ALENCAR, Gideon Freire. 2000, op.cit., p.133.

indício de que os missionários não queriam perder o controle sobre sua obra.<sup>183</sup>

Na primeira edição do *Boa Semente*, os artigos são produzidos pela tríade sueca, Gunnar A. Vingren, Otto Nelson e Daniel Berg. Interessante notar que Berg não atuava como um importante produtor literário da igreja, ele escreveu apenas na primeira edição do jornal um artigo intitulado - O Senhor é o nosso médico - e uma poesia em edição posterior. Sua produção jornalística é irrisória e sua atuação na instituição tem sido reconstruída historicamente visando dar evidência ao personagem. Os missionários e sua chamada considerada pelos fiéis como sobrenatural são amplamente rememorados a partir da década de 1960 em razão das comemorações do cinquentenário da igreja. Em 1939 o pastor Emílio Conde já declarava:

[...] não somos uma denominação, não obedecemos a um sistema que provenha da orientação de um movimento que os homens hajam organizado (...) Se vos perguntarem quem é o fundador das Assembléias de Deus (o termo ecclésia, é uma palavra grega, que traduzida quer dizer assembléia), podeis responder que foi Jesus o seu fundador. Se vos perguntarem quem dirige as Assembléias, responderei que não temos outros chefes a não ser o Pai, o Filho e o Espírito Santo.<sup>184</sup>

Mendonça adverte que o processo de conservação da memória religiosa é marcado pelo reconhecimento da tradição, e que toda a religião desenvolve sempre um corpo de especialistas que administram o sagrado, é o reconhecimento destes especialistas e da tradição que contribuirão para a formação de uma identidade<sup>185</sup>, daí a necessidade de se reconhecer o fundador, missionário, evangelizador, pioneiro etc., mesmo diante da sua inexpressiva atuação institucional.

## BOA SEMENTE (1919 -1930)

---

<sup>183</sup> *Ibidem*: p.73

<sup>184</sup> CONDE, Emílio. *O Testemunho dos Séculos: História e Doutrina*. Rio de Janeiro, CPAD, 195?, p.12,13.

<sup>185</sup> MENDONÇA, Antônio G. *Religiosidade no Brasil: imaginário, pós modernidade e formas de expressão*. Estudos da Religião 15. São Paulo: UMEESP 1998, p.59.

O jornal *Boa Semente* foi sem dúvida o veículo de doutrinação assembleiano mais importante antes do *Mensageiro da Paz*. Tanto pelo alcance geográfico, atingindo várias capitais do Brasil<sup>186</sup> como pelo papel que representava. Financiado por doações tanto de particulares quanto de igrejas, ao que tudo indica sua distribuição era gratuita. Ele foi o primeiro modelo de Lição Bíblica para escola dominical adotado pela instituição.

Encontramos nas edições de 1925 e em 1928 um editorial chamado de *Suplemento da Boa Semente* ou *Suplemento para a Escola Bíblica Dominical*. Esses suplementos eram anexos incorporados nas edições do *Boa Semente*. Eles eram textos específicos para serem estudados nas manhãs de domingo. Lembram as atuais Lições Bíblicas, tanto por sua diagramação quanto pela forma como o conteúdo é apresentado, com tema principal, texto áureo, introdução, sub-tópicos temáticos, texto bíblico de referência e comentários do redator. Nestas edições prevalecem os temas normatizadores de conduta, abordavam principalmente temas que enfatizavam o comportamento submisso da mulher, o testemunho cristão diante da sociedade, o comportamento do fiel no templo e na vida civil, assim como os deveres do cristão diante dos governos constituídos e da sociedade.

Na primeira edição Vingren inaugura o jornal falando dos motivos que levaram os missionários a produzir uma literatura cujo conteúdo enfatizasse as doutrinas pentecostais. Nas palavras de Vingren o principal objetivo do jornal era divulgar o batismo com o Espírito Santo tendo o falar em línguas como evidência, ressaltando a importância do fenômeno como um *senal convincente*. Logo na primeira página o artigo - O Batismo no Espírito Santo - inaugura a literatura oficial da igreja, repleto de textos bíblicos e experiências legitimadoras do fenômeno.

Nesse período o apelo apologético é grandemente ressaltado. Os missionários ressaltavam principalmente os testemunhos. Esta era uma forma de mostrar que as doutrinas têm uma relação direta com a vida das pessoas. O testemunho conferia unidade ao grupo a medida que estes se reconheciam nas falas. O jornal reforçava o discurso militante na medida em que, pessoas de todas as partes do país estão recebendo as mesmas curas, revelações, perseguições e batismos no Espírito Santo e estão relatando no jornal umas as outras.<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> Os testemunhos, avisos, comunicados referindo-se a todas as regiões do Brasil permitem diagnosticar que era enviado para os fiéis de grande parte do território brasileiro.

<sup>187</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. 2000, *passim*.

## O SOM ALEGRE (1929 – 1930)

As dificuldades na distribuição do Boa Semente, bem como a necessidade de estabelecer uma comunicação mais regional e presumidamente certa autonomia intelectual, instigaram Vingren a organizar um jornal no Rio de Janeiro. Da sua iniciativa surgiu o jornal O Som Alegre.<sup>188</sup> Este seria o segundo periódico do movimento em um país com grande maioria analfabeta. O conteúdo dos dois exemplares pesquisados<sup>189</sup> não parece indicar que havia interesse em disputar território com o Boa Semente. Os articulistas escrevem em ambos os jornais e não há evidências de que existesse conflitos entre os periódicos ou desvalorização do trabalho realizado em outras regiões. Ao que tudo indica não existia a pretensão que o Som Alegre viesse a substituir o Boa Semente e sim que se tornasse mais um reforço para a evangelização. Enquanto o Boa Semente é denominado como o *Órgão das Assembléias de Deus*, O Som Alegre intitula-se como o *Jornal das Assembléias de Deus para Avivamento Espiritual*. O jornalista Emílio Conde tece grandes elogios a ambos e enfatiza o caráter evangélico dos dois. Sobre o Som Alegre menciona o seguinte comentário:

Este jornal, colocado nas mãos de um homem sem Deus, podia tornar-se um instrumento para a salvação, como de fato aconteceu. Todos os membros se muniam de certa quantidade de jornais e saíam pelas ruas e praças evangelizando as pessoas, e os resultados eram surpreendentes.<sup>190</sup>

O Som Alegre foi um dos jornais que permaneceram por muito tempo no esquecimento da história da igreja, Conde menciona a existência do jornal e trechos nele contidos na primeira versão da história das Assembléias de Deus em 1960. Até bem pouco tempo não havia cópia de exemplares na Casa Publicadora, sendo que somente em 2004 a Casa recebeu fotocópias de alguns exemplares enviadas por um membro da igreja.<sup>191</sup> O periódico durou pouco menos de um ano, sua primeira edi-

---

<sup>188</sup> A inspiração para o nome do jornal vem do versículo “Bem aventurado o povo que conhece o som alegre. Andará ó Senhor na luz da tua face”. Cf. Salmo 89:15

<sup>189</sup> *Som Alegre*. Dezembro de 1929 e *Som Alegre*, Maio de 1930.

<sup>190</sup> CONDE, Emílio. 2005, op.cit., p.209

<sup>191</sup> Informação recebida em 2005 em conversa informal com os responsáveis pelo setor de arquivos da CPAD.

ção foi em dezembro de 1929<sup>192</sup> e foi extinto em outubro de 1930. Na pesquisa realizada por Alencar, nenhum dos pastores que ele entrevistou estava ciente da existência do O Som Alegre.<sup>193</sup> Presume-se que se tivesse um alcance geográfico maior, ou interesses separatistas, certamente comporia a lembrança dos líderes que fizeram parte da construção da história das Assembléias no Brasil.

Na primeira edição Vingren afirma que o jornal tem o propósito de “*ser útil para a conversão dos peccadores e edificação dos crentes*”, sugere assim que pessoas não ligadas a igreja tinham fácil acesso ao jornal em razão de sua utilidade como instrumento evangelístico.

Seu conteúdo e a disposição dos artigos assemelha-se ao Boa Semente. Há escritores tanto brasileiros quanto suecos e não há menções de sublevação ante ao trabalho realizado em outras regiões, pelo contrário, ao final de cada edição havia o endereço e horários de cultos dos principais templos do país. Os escritores que enviavam artigos para o Boa Semente também o fazem com o Som Alegre. O jornal carioca fora lançado com uma tiragem bem representativa, de 2.000 exemplares. Posteriormente o Mensageiro da Paz que unificará a imprensa assembleiana terá sua primeira edição com 2.200 exemplares, somente 200 exemplares a mais que a tiragem mensal do Som Alegre.

Um personagem muito importante para a história e a imprensa assembleiana foi o jornalista Emílio Conde<sup>194</sup>. Ele compunha a equipe de redatores do jornal Boa Semente, e foi o primeiro sistematizador de uma história das Assembléias de Deus no Brasil.

A principal obra de Conde é o livro História das Assembléias de Deus no Brasil, reconhecido por muitos anos como a história oficial da instituição. O livro de Conde estabelece o *padrão historiográfico assembleiano*,<sup>195</sup> pois todos os demais livros posteriores repetem seu estilo: a história dos missionários, como as Assembléias de Deus foram implantadas nas cidades e Estados, as perseguições, os batismos, a inau-

<sup>192</sup> Conde afirma que foi em Novembro. Cf. CONDE, Emílio.2005, op.cit., p.209

<sup>193</sup> ALENCAR, Gideon Freire. 2000. Op.cit.p.19.

<sup>194</sup> Emílio Conde trabalhou com exportação e em hotéis no Rio de Janeiro. Homem culto, poliglota e responsável por dezenas de artigos nos jornais e livros – O testemunho dos séculos, Asas do Ideal, Igrejas sem brilho, O Homem, Pentecoste para todos, Nos domínios da fé, Caminhos do mundo, Flores do meu jardim, Tesouros de conhecimentos bíblicos, Estudos da palavra e a (primeira) História das Assembléias de Deus. Era celibatário, e não deixou descendente. Recusou a ordenação ministerial. Converteu-se na Congregação Cristã do Brasil e representou a Assembléia de Deus do Brasil em várias Conferências Mundiais.

<sup>195</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. 2000, op.cit., p.19.

guração dos templos entre outros. De certa forma sua obra aglutinou o que já fora publicado nos jornais em um só volume, onde são acrescentadas informações inéditas que compunham a lembrança de pastores e do próprio autor. A preocupação de Conde é apresentar fatos e enaltecer a denominação. Ele emprega um método que valoriza o testemunho e acentua as conquistas e o progresso minimizando os desgastes institucionais.

#### MENSAGEIRO DA PAZ (1930 – 20\*\*)

Na primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil em 1930 os pastores e missionários decidiram que os jornais *Boa Semente e Som Alegre* não seriam mais publicados, porém seria criado um novo jornal o *Mensageiro da Paz*. A proposta de tornar o periódico o Órgão Oficial das Assembléias de Deus, feita por Gunnar A. Vingren, teve aceitação unânime entre todos os pastores, e assim o jornal teria amplitude nacional, com a redação no Rio de Janeiro. Com a extinção do jornal *Boa Semente*, o *Mensageiro da Paz* ficou estabelecido como o Órgão Oficial de todas as Assembléias de Deus do país. Ao analisar a estrutura do jornal, o conteúdo dos artigos, percebe-se que o jornal sofreu alterações pouco significativas no seu editorial, destacando assim o aspecto muito mais organizacional que ideológico para a criação de um novo periódico.

Como prova de união e cooperação, foi resolvido que os dois jornais, A Boa Semente e O Som Alegre do Rio de Janeiro, se unirão num só jornal que será então o Órgão das Assembléias de Deus no Brasil. Será o mesmo redigido no Rio de Janeiro, sob a diretoria dos abaixo assinados, e sairá quinzenalmente.<sup>196</sup>

---

<sup>196</sup> Ata da CGADB de 1930. Apud. DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil: Os Principais líderes e resoluções do órgão que modificou a fase do movimento pentecostal brasileiro*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2004, p.33

Ao contrário da educação teológica, que não teve apoio formal até meados da década de cinquenta, quando surge o Instituto Bíblico de Pindamonhangaba, por uma iniciativa de missionários americanos, o jornalismo foi amplamente incentivado pelos pentecostais. A partir da década de 1920 ele significou um dos instrumentos mais eficientes de propagação da doutrina pentecostal, aliado a folhetos e ao evangelismo pessoal, além de promover a unidade doutrinária e a centralização do poder.

A responsabilidade da direção do Mensageiro da Paz, logo após sua oficialização na primeira Convenção Geral, ficou a cargo dos missionários suecos Lars Erik Samuel Nyström<sup>197</sup> e Gunnar Adolf Vingren. O jornal logo na sua primeira tiragem atingiu 2.2 mil exemplares com aumento progressivo no número de edições a medida que os anos seguiam e a igreja aumentava.

Após a fundação da Casa Publicadora, organizada em 1937, para atender uma exigência de lei, a produção e distribuição dos periódicos foi ampliada resultando no aumento significativo de edições. O auge do crescimento da Casa Publicadora, que acompanhou o próprio crescimento do movimento pentecostal no Brasil, foi entre 1964 e 1974. A comemoração do progresso assembleiano foi realizado na 22ª Convenção Geral.<sup>198</sup> Tal crescimento se fez notório na produção dos jornais, que chegou neste período a uma tiragem de 300.000 exemplares mensais, além das revistas de Escola Dominical, hinários e livros. O Mensageiro da Paz era vendido em banca, e podia ser comprado por qualquer pessoa, não sendo restrito somente aos pentecostais assembleianos.<sup>199</sup>

Embora nos primeiros anos a produção fosse muito modesta em relação aos próximos trinta anos da igreja, desde o início algumas características são constantes. Ao folhear o jornal é perceptível a preocupação dos editores em exaltar o crescimento do trabalho realizado por todo o Brasil, apresentando fotos de batismos, de igrejas inauguradas em todos os cantos do país, sejam pequenas congregações, seja o lançamento da pedra fundamental de um grande templo. Outra preocupação destacada no jornal é a de evidenciar os testemunhos, vindos de todo o país, principalmente no que concerne à cura divina e ao batismo com o Espírito Santo.

---

<sup>197</sup> Conhecido vulgarmente como Samuel Nyström

<sup>198</sup> DANIEL, Silas. 2004, op.cit., p. 442

<sup>199</sup> ANTONIAZZI, Alberto, et.al. 1994, op.cit., p.92

O interesse em formar uma teologia enfatizando principalmente a experiência pentecostal é evidente. Adeptos de uma compreensão de mundo guiada pelo empirismo os assembleianos repudiavam qualquer modelo teológico cujo aprendizado tenha como critério o pensamento crítico, o acompanhamento de professores, a argumentação e o uso de outros textos que não fosse a Bíblia. Para os pentecostais a Bíblia era acima de tudo a própria palavra de Deus, inerrante e infalível, não continha idéias humanas era plenamente inspirada pelo Espírito Santo. O estudo da Bíblia, acompanhado da oração e orientado Espírito era a tônica do pentecostalismo. O jornal *Boa Semente* apresenta no poema chamado *A Bíblia a visão dos pentecostais sobre esse livro*:

Este livro contem – O pensamento de Deus, o estado do homem, o caminho da salvação, a condenação dos peccadores e a felicidade dos crentes. Suas doutrinas são sanctas, seus preceitos são obrigatórios, suas histórias são verdadeiras e suas decisões são immutaveis. Lede-o para serdes sabio, crê-de-o para serders salvo e praticae para serdes sancto. Elle contem luz para vos dirigir, alimento para vos sustentar e conforto para vos consolar. É o mappa do viajante, o bastão do peregrino, a bussuloa do piloto, a espada do soldado e a carta regia do Christão. Christo, seu grande objectivo, nosso bem e se de signo e a gloria de Deus seu fim.<sup>200</sup>

Baseados na compreensão de muitos textos sagrados o movimento pentecostal adotou uma linguagem *sui generis*. E seguindo as orientações de Peter Berger é esta linguagem a responsável na construção de um “*imponente edificio se símbolos que permeiam todos os aspectos da vida*”.<sup>201</sup> Os artigos procuram demonstrar a necessidade de o crente, converter-se, receber o Batismo com o Espírito Santo, e viver seguindo outros padrões de conduta, não “mundanos”, que não sejam promíscuos, e sim voltados à pureza espiritual, e ao arrependimento dos pecados, aguardando a todo o instante o adventismo do Senhor. Na linguagem que permeia estas questões estavam postos os valores simbólicos que acabavam orientando o comportamento do indivíduo.

---

<sup>200</sup> *Boa Semente*, Janeiro/Fevereiro 1923, n.22 e 23, p.06.

<sup>201</sup> BERGER, Peter L. 1985, op.cit.,p.19

A priori o objetivo dos editores é escrever visando edificação espiritual dos crentes, portanto, relatam acontecimentos extraordinários, excepcionais, tencionando-se ao heroísmo dos personagens. Desta forma as entrelinhas precisam ser analisadas, pois o normal e o corriqueiro que garantem à história algumas ricas problematizações, não são destacados.<sup>202</sup> A criação dos jornais tem esse objetivo de expor a teologia da igreja, estabelecer comportamentos e servir como um órgão de coesão ideológica nos vários pontos do país. O Som Alegre na primeira página do primeiro exemplar expõe os motivos pelo qual foi criado. A intenção do jornal era abordar de forma totalizante todos os aspectos da vida dos fiéis, e segundo o missionário Gunnar A. Vingren:

Pelo <<O Som Alegre>> anunciaremos as promessas gloriosas incluídas no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo, como sejam: A salvação completa e perfeita de todos os peccados, e também tudo que pertence a nova vida do christão. O baptismo no Espírito Santo, os dons espirituaes, e a próxima e gloriosa vinda do Senhor.<sup>203</sup>

---

<sup>202</sup> ANTONIAZZI, Alberto, et.al. 1994, op.cit., p.70

<sup>203</sup> *Som Alegre*. Dezembro de 1929, n. 01, p.01

## CAPÍTULO II

### IMAGINÁRIO ESCATOLÓGICO E ANTICOMUNISTA

Sabemos que a literatura foi de grande importância no estabelecimento e implantação do pentecostalismo no Brasil. Ela condicionou formas de pensar, serviu como porta-voz de uma pretensa verdade e garantiu parte do sucesso das Assembléias de Deus no Brasil. Qual era o contexto religioso que os missionários encontraram no Brasil? De que forma a mensagem foi assimilada e interpretada? Como ela ajustou-se a concepção de realidade que os brasileiros possuíam de maneira geral?

Estas são questões que certamente nunca terão uma resposta definitiva, no entanto isso não exclui que algumas considerações sejam feitas com objetivo de refletir sobre as correspondências entre o pentecostalismo e os demais grupos sociais.

Entendemos que o imaginário social é algo construído e está intimamente imbricado com as relações de poder, visto que o poder não pode ser deduzido de um princípio universal. Nesse sentido o responsável pela legitimação dos poderes é o próprio imaginário social.

Como enfatiza Bronislaw Baczko, os imaginários sociais atuam fornecendo um *sistema de orientações expressivas e afetivas* que correspondem a tantos outros estereótipos oferecidos aos agentes sociais, ele tem um poder unificador responsável por assegurar a  *fusão entre verdade e normatividade, informações e valores*, operados por um sistema simbólico.<sup>204</sup> O imaginário social informa acerca da realidade, realidade que é flexível no tempo. Ele ao mesmo tempo em que informa, constitui um apelo à ação, um apelo a “*comportar-se de determinada maneira*” obedecendo a sistemas que são definidos pelos próprios agentes sociais. Baczko defende que um imaginário coletivo é capaz de intervir no exercício do poder, de forma que por meio da apropriação dos símbolos é possível garantir a obediência pela “*conjugação das relações de sentido e poderio*” e assim pelo uso do imaginário que permite refor-

---

<sup>204</sup> BACZKO, Bronislaw. “*A imaginação social*” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.311

çar a dominação. Ele afirma que o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos.<sup>205</sup>

Segundo Berger, a sociedade está para o homem como *facticidade externa*, é experimentada como dada lá fora, estranha a consciência objetiva e não controlável, como uma força coercitiva, de tal maneira que a *realidade é apreendida como algo exterior ao indivíduo e, portanto opaca ao seu entendimento*.<sup>206</sup> Tentando ajudar na compreensão destas questões, Mendonça destaca que a presença deste imaginário, subjacente na sociedade, é fator preponderante para que uma crença religiosa tenha sucesso ou descrédito.

Ao que tudo indica a doutrina pentecostal encontra no início do século na sociedade brasileira, um fértil campo imagético social preparado para absorver os conceitos pelos quais se dá o êxito da nova religião, e da nova compreensão de mundo. Segundo Mendonça o imaginário religioso brasileiro do início do século XX, estava permeado por:

[...] um certo realismo fatalista, um misto de espera messiânica, mesmo que mal definida e expressa na crença de que as coisas vão melhorar, e um senso místico de que o mundo é controlado por forças desconhecidas mas que podem ser manejadas, especialmente por pessoas qualificadas para isso (profetas, pastores, xamãs de toda a espécie, etc.), e até mesmo pela fé individual. Parece haver um universo mágico que perpassa a sociedade em que espíritos benéficos ou maléficos são exorcizados por heróis construídos pela mídia nas classes privilegiadas e por lideranças religiosas nas camadas periféricas da sociedade.<sup>207</sup>

Quando o pentecostalismo adentra no campo religioso brasileiro ele encontra muitas condições sociais favoráveis pelo seu crescimento. A ênfase na cura divina vinha de encontro a uma grande demanda do mercado religioso no Brasil. Os protestantes que aderiram o pentecostalismo encontram uma espiritualidade que consideraram superior, onde o sagrado não está só no texto, está nas palavras, nas visões, na família, ou

---

<sup>205</sup> BACZKO, Bronislaw. 1985, passim.

<sup>206</sup> BERGER, Peter L. 1985, op.cit., p.24

<sup>207</sup> MENDONÇA, Antônio G.1998, op.cit., p.50.

seja, o sagrado está mais próximo e as experiências relatadas na Bíblia mais vivas e presentes no dia a dia. O pentecostalismo veio como uma resposta àqueles que acreditavam no progresso espiritual, pois se apresentava como o modelo legítimo de religiosidade seguida pelos apóstolos. Em outras palavras, se apresentava como um prolongamento da era apostólica e, portanto dotado de uma espiritualidade superior.

O discurso teológico pentecostal no início do século explorava as representações daquele momento com grande eficiência, ao mesmo tempo em que se ajustava a realidade social dos indivíduos. Os primeiros pentecostais autóctones eram ligados as camadas mais baixas da população, com grandes índices de analfabetismo, com frequentes problemas de saúde e geralmente detentores de uma religiosidade sem compromisso formal com alguma instituição religiosa. O pentecostalismo com ênfase na oralidade, com forte apelo à cura divina, mantendo um discurso de que o progresso está na religião e não fora dela, conseguiu adequar-se a essas condições. Para Alencar o pentecostalismo característico da Assembléias de Deus do início do século pouco lembra o contemporâneo, “*este pentecostalismo está bem distante do moderno quando a ênfase é riqueza, poder e saúde – a tríade da teologia da prosperidade*”.<sup>208</sup> Nos primeiros anos a identidade do pentecostalismo estava ao discurso cuja ênfase estava no batismo com o Espírito Santo com evidência das línguas, a cura divina e a escatologia. O pentecostalismo no início do século era caracterizado por uma interpretação bíblica que podia ser mediada pelo Espírito Santo inclusive a própria Bíblia era considerada plenamente divina, adotava uma religiosidade que oferecia às pessoas condições de serem tanto agentes como agenciadores da salvação e defendiam uma moral puritana sem anseios de ascensão social.

Todas as interpretações pentecostais estavam arguidas por uma profunda mentalidade escatológica. Estas compreensões dizem respeito tanto às relações sociais, os fenômenos mundiais, quanto às aspirações religiosas e as próprias experiências individuais. O substantivo mentalidade segundo o conceito de Jacques Le Goff agrupa as noções, crenças, práticas, sistemas de valores, de comportamentos, de atitudes, de idéias, de costumes, de pensares, de sentimentos.<sup>209</sup> A mentalidade é, portanto,

---

<sup>208</sup> ALENCAR, Gideon Freire. 2000.op.cit, p.11.

<sup>209</sup>LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In:LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs). *História: novos objetos*. 4 ed. Tradução: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995, passim, p.68-83.

justamente o que um “*indivíduo tem de comum com outros homens de seu tempo*”, ou ainda:

[...] o nível da história das mentalidades é aquele do cotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos individuais da história, porque é revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento, é o que César e o último soldado de suas legiões [...] têm em comum.<sup>210</sup>

Desta forma a mentalidade seria composta por uma série de condicionamentos inconscientes e interiorizados que são socialmente compartilhados. Esses conteúdos mesmo que não sejam enunciados sobre o modo individual estão imbricados com uma ampla gama de significados partilhados socialmente. Mesmo que não se apresente de forma explícita, é através das mentalidades que são partilhados um “*sistema de representações e um sistema de valores*”.<sup>211</sup> Podemos dizer que quando essa mentalidade assume um caráter escatológico, a vida presente se aliena ao devir. Outro ponto de acordo com essa concepção é que a mentalidade engloba o que é “*concebido e sentido, o campo da inteligência e do afetivo*”.<sup>212</sup>

Quanto a escatologia, nas palavras de Jürgen Moltmann, ela nada mais é que a “*doutrina da esperança cristã, que abrange tudo aquilo que se espera, como ato de esperar, suscitado por esse objeto*”.<sup>213</sup> Não podemos afirmar que o pentecostalismo é mais escatológico que as demais religiões, mas podemos afirmar que entre as religiões cristãs ele está entre os grupos que mais se prende a um discurso escatológico. O próprio movimento pentecostal construiu sua identidade usando a escatologia como um dos pilares do seu discurso, as línguas foram compreendidas como um sinal claro de que a igreja estava sendo restaurada para a volta de Cristo.

Seguindo nessa direção Robson Franco Guimarães ao analisar a construção do imaginário do fim dos tempos no meio pentecostal esclarece que a mentalidade escatológica pode ser definida como uma “*preo-*

<sup>210</sup> LE GOFF, Jacques. Referendado por CHARTIER, Roger. 1990, op.cit., p.71.

<sup>211</sup> Idem, p.35

<sup>212</sup> MANDROU, Robert. “*L’histoire des mentalités*”. In. *Encyclopedia Universalis*, vol. VIII, 968, p.436-438. Apud. CHARTIER, Roger. 1990, op.cit., p.35. .

<sup>213</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Teológica, 2003, p.22

*cupação com o porvir vivenciada pelo fiel no presente, que envolve suas crenças, sentimentos e anseios e que se traduz numa linguagem*".<sup>214</sup>

Nos jornais existia uma preocupação tanto com a vida presente como com a vida futura. Para o tempo presente ao cristão se exigia que fosse um bom cidadão, entregasse a "*César o que é de César e a Deus o que é de Deus*"<sup>215</sup>, cumprisse suas obrigações civis e religiosas distintamente, estabelecesse uma família nuclear, desse bom testemunho em todos os ambientes que frequentasse. Essas ações não estavam alheias a uma preocupação milenarista, pelo contrário, era assumida uma forma de conceber a realidade objetiva atrelada a um imaginário escatológico.

O modelo discursivo do pentecostalismo conseguiu fornecer "*estruturas de plausibilidade*" muito coerentes para os indivíduos. Segundo Berger e Luckmann é por meio dessas estruturas que o indivíduo sofre o processo que eles chamam de alternância, que nada mais é que uma mudança na forma como a realidade é percebida e vivida.<sup>216</sup> Mediante o processo de alternância o indivíduo pode mudar radicalmente a forma como interpreta a realidade. Esse processo permite que os acontecimentos objetivos sejam reconhecidos como dotados de determinados sentidos e assim passam a ser subjetivamente significativos para estes indivíduos.<sup>217</sup> Nessa direção os pentecostais procuram colocar tudo que acontecia objetivamente no mundo dentro de uma ordem coerente e inquestionável, fornecendo "*estruturas de plausibilidade*" tanto para as esferas materiais quanto espirituais.

Ao mesmo tempo em que conferiam um sentido para a tranqüilidade terrena, para o progresso do evangelho, também conferiam um sentido para as crises, as desigualdades as injustiças, para os desafios da modernidade. O discurso religioso confere essa coerência ao mundo quando relega as causas sociais às causas divinas. Nessa lógica, nada escapa do plano divino, se algo acontece é por conviência ou vontade do sobrenatural. Desta forma o discurso religioso adquire o poder de legitimar a secularidade do mundo.

Estas estruturas de plausibilidade permitem que os pentecostais definissem e elaborassem uma imagem do mundo natural, no qual se encontra um sentido para as causas que se apresentam. Esse sentido

<sup>214</sup> GUIMARÃES, Robson F. *Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos*. Revista de Estudos da Religião REVER nº 1/2005, p.34

<sup>215</sup> Cf. Evangelho de Mateus 21.21.

<sup>216</sup> BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. 2000, op.cit., p.205

<sup>217</sup> Ibidem, p.174

dependerá de significações imaginárias que visam conferir respostas a esse mundo que precisa ser ordenado. A religião tem um papel importante nesse empreendimento, a medida que oferece respostas que nem a realidade nem a racionalidade podem fornecer. Para Michel Maffesoli o imaginário, mesmo que seja difícil definir é composto tanto por um elemento racional, ou razoável, como por outros parâmetros tais como o “*onírico, o lúdico, a fantasia o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, todas as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas*”.<sup>218</sup>

Para Pierre Bourdieu esse tipo de discurso propõe conferir coerência ao mundo sendo capaz de ultrapassar as fronteiras da simples enunciação, penetrando no campo da criação de realidade. É o que ele chama de *efeito de teoria*, onde temos uma mensagem imaginária, guiando a realidade objetiva da sociedade na medida em que impõe uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social.<sup>219</sup> Essa maneira de ver o mundo contribui para fazer a realidade desse mundo.

Uma das formas dos pentecostais fornecerem determinadas estruturas de plausibilidade para o mundo e conferir a ele um sentido foi através do discurso escatológico, a medida que a história é compreendida em termos teleológicos e a realidade como um processo estabelecido sob uma égide escatológica. Em outras palavras, nesse discurso a história não é fruto do homem, é um plano divino. Todavia, uma vez que o indivíduo se depare com dúvidas a respeito da realidade em questão, ele passa a questionar os sentidos que atribuiu a realidade objetiva e conseqüentemente as estruturas de plausibilidade são abaladas.<sup>220</sup> A eficiência do discurso se dá quando os indivíduos se mantêm coesos às estruturas de plausibilidade oferecidas.

No discurso pentecostal, a realidade não se desvincula do pensamento escatológico. Ele era o referencial que contribuía como o instrumental interpretativo da história. Assemelhando-se ao judaísmo que entende a história como uma projeção linear cujo fim é o Juízo e o fim da história. Daí a tendência de explicar os fatos que ocorriam no mundo material sempre fazendo alusão a profecias e sinais, como se tudo já estivesse previsto pela vontade divina e relatado nas escrituras.

<sup>218</sup> MAFFESOLI, Michel. *O imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 15, agosto 2001, p.76

<sup>219</sup> BOURDIEU, Pierre. 2008, op.cit, p.82

<sup>220</sup> BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. 2000, op.cit., p.206

Toda a linguagem usada nos jornais para interpretar os sinais dos tempos estava carregada de sentidos, de significados e imagens com um poder de estruturar a própria vida. Nesse aspecto à palavra era autorgado um poder estruturante. Segundo Bourdieu no discurso religioso existe uma capacidade das palavras de prescrever sob a aparência de descrever, ou de denunciar sob a aparência de enunciar.<sup>221</sup> Essa performatividade do discurso permite que a própria forma como se descreve uma sociedade represente que se exerça influência sobre ela. A própria análise da sociedade pode se traduzir na própria determinação de como deve ser esta sociedade. Nesse sentido o conteúdo das mensagens pentecostais foi um veículo eficiente de codificação da realidade objetiva dos fiéis.

## CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL E O ANTICOMUNISMO

Mas que relação há entre as compreensões escatológicas e o comunismo? Nas Assembléias de Deus pode-se dizer que estão aglutinados. Nas primeiras décadas as ações dos comunistas, as transformações políticas e todo o sistema soviético são interpretados como sinais escatológicos, embora nem sempre que houvesse menção a eventos ligados a este imaginário, como as pestes, terremotos, enchentes, violência, fome entre outros o comunismo obrigatoriamente estivesse presente.

Os assembleianos quando analisavam a humanidade e as suas relações sociais, sempre relacionavam os fatos com a esfera espiritual, não fazendo uma clara separação do transcendente e do material, argumentava-se que não se lutava contra carne nem sangue, mais sim contra as hostes espirituais.<sup>222</sup> Este é um exemplo de como a realidade subjetiva é objetivada à medida que se mostra importante para estabelecer as devidas correspondências com a realidade social empírica.

De que forma os pentecostais interpretavam, vivenciavam e diagnosticam a realidade? Certamente precisamos entrar no campo teológico e sociológico para lançar luzes nestas questões. Analisar o imaginário pentecostal é uma tarefa difícil, principalmente por sua característica

---

<sup>221</sup> BOURDIEU, Pierre. 2008, op.cit., p.118

<sup>222</sup> Cf. Efésios 6.2

de sofrer mutações diante do tempo, pela flexibilidade doutrinária e maleabilidade que se tornaram características da doutrina pentecostal.

Para os pentecostais era muito clara a certeza de que habitavam um mundo corruptível, mas que poderia se transformar num mundo incorruptível a qualquer momento do tempo e do espaço com o advento de Cristo. A esperança como objeto da fé, não estava em sentido hipotético e sim pertencencia à espera, ao *telos* a *parousia*.<sup>223</sup>

Na mentalidade assembleiana permanecia latente a sensação de “não pertencimento” ao mundo material, como pode ser identificado em um editorial do jornal Boa Semente. O cristão tinha a obrigação de seguir as leis dos homens, servir a pátria, aderir a língua oficial, obedecer as instituições civis. A postura do cristão no mundo deveria ser a de “*habitar no seu próprio país como forasteiros, participar de todas as coisas como cidadãos, porém, sofrer tudo como se fosse estrangeiro*”.<sup>224</sup>

Que espécie de estrangeiro é esse de que fala o Boa Semente? Este estrangeiro é utilizado como metáfora para se referir ao posicionamento dos fiéis no mundo, ele era o crente, um ser “celestial”, um filho de Deus, não pertencia às coisas terrenas ou mundanas. O céu é aqui considerado outra pátria, governado pelo Senhor. Neste discurso, este céu imaginado tal como uma nação, é destinado aos salvos. Este lugar é destinado somente aos que aceitaram o evangelho de Cristo como uma verdade, e a estes fiéis já estava garantido, mesmo que a posteriori um espaço nas moradas celestes. O jargão clássico muito comum no movimento pentecostal era: “*estar no mundo mas não pertencer a ele*”.<sup>225</sup> A demonização do mundo gerava comportamentos ora de crítica ferrenha, ora de descaso. Para Schultz, tal concepção faz com que as estruturas sociais sejam abandonadas em nome da consciência individual: quem muda o mundo é o indivíduo, sobretudo seu mundo. A relação com Deus está geralmente restrita ao plano individual, e a cultura raramente manifesta aspectos divinos.<sup>226</sup> Todavia Freston salienta que embora os

<sup>223</sup> *Telos* (τέλος) - designa a noção de 'finalidade' em grego, mas não se trata da finalidade como é comumente entendida, e sim aquilo que estava presente desde o início, forjando e conduzindo a realidade para vir a ser o que ela é. Ressalta-se a nesse sentido a tendência natural da própria coisa, como o seu destino, de forma que na noção de destino está implícita na noção de *telos*. *Parousia* (παρουσία) designa a presença como o Retorno de Cristo em Evangelho de Mateus 24:3.

<sup>224</sup> *Boa Semente*. Abril de 1925, n.47, p.01

<sup>225</sup> MINA, Andréia M.S. *Nós e o mundo. A construção do “outro”: alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na década de 1990*. Mestrado. Florianópolis, UFSC, 2004, passim, p. 69-105.

<sup>226</sup> SCHULTZ, Adilson. 2005, op.cit., p.127

pentecostais desprezem o mundo, muitas vezes aceitam as opiniões mundanas a seu respeito, quando estas opiniões são favoráveis.<sup>227</sup>

Nessa relação de demonização do mundo e de compreensão dos tempos em termos premileniais e dispensacionais, veremos como um imaginário com grande ênfase escatológica se remeterá ao comunismo. Muitas imagens relacionadas à guerra, a luta espiritual vão se vincular a ele, com relações diretas a um plano que Deus estabeleceu para a história. Em um artigo do Mensageiro da Paz intitulado - O Bolchevismo Batalhando contra o Cristianismo<sup>228</sup> - é clara a imagem de uma guerra cósmica, travada entre as forças sobrenaturais do bem e do mal. Nesse discurso o comunismo era ligado as forças do demônio e precisaria recuar diante da força do bem. Os fiéis eram verdadeiros soldados ao obedecer as ordens de Cristo, representado como um general. Assim a guerra contra esse inimigo foi relatada da seguinte maneira: “*O nosso General Jesus nos tem dado ordem de marchar; vamos então obedecê-lo, e o nosso inimigo Satanaz fugirá como a água do mar Vermelho (...) marchai soldados de Cristo Jesus*”.<sup>229</sup>

Quando o Mensageiro da Paz afirmava que “*a situação do mundo é tão confusa e enganosa, descrita no evangelho de Lucas como angústia das nações*”,<sup>230</sup> endossava a idéia de que tudo o que se passava naquele momento histórico era fruto do que já havia sido escrito no livro sagrado. A realidade presente já estava prescrita e mais uma vez a atemporabilidade bíblica estava legitimada. Ao mesmo tempo em que a chamada angústia das nações representava um sinal claro e evidente de que o Arrebatamento da igreja estaria prestes a acontecer.

Para podermos lançar luzes sobre o imaginário anticomunista assembleiano não podemos desvincular o discurso da própria construção da realidade. De que forma a realidade pentecostal era percebida? Que ameaças o comunismo representava dentro desta compreensão de realidade? Como a linguagem era significada nessa construção do real? Enfim, a forma como a percepção do real foi tratada contribui para entender a força que o discurso anticomunista adquiriu no meio assembleiano.

<sup>227</sup> FRESTON, Paul. *Entre o Pentecostalismo e o Declínio do Denominacionalismo: O Futuro das Igrejas Históricas no Brasil*. In: GUTIERREZ, Benjamim. CAMPOS, Leonildo Silveira. 1996, op.cit., p.257

<sup>228</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1935, n.04, p.01

<sup>229</sup> *Ibidem*, p.02

<sup>230</sup> *Mensageiro da Paz*, Janeiro de 1937, n.01, p.05

Como bem enuncia Berger e Luckmann há a necessidade da simplificação no conceito de realidade e conhecimento. Os termos sofrem significações diferentes, pois os agentes que os interpretam são distintos, o homem da rua e o filósofo.<sup>231</sup> Perante tal dificuldade em definir critérios específicos para uma abordagem tanto do homem da rua quanto do filósofo sobre esses conceitos, os autores consideram pertinente entender a realidade como uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem existência independente da nossa volição (não podemos desejar que não existam), e definir *conhecimento* como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas.<sup>232</sup>

Nessa proposta conseguimos perceber que tais conceitos podem ter significações diferentes dependendo dos agentes que os pensam. A própria realidade passa a ser relativizada socialmente. Portanto, a sociologia do conhecimento terá de tratar não somente da multiplicidade empírica do conhecimento nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais o corpo do conhecimento chega a ser socialmente estabelecido como realidade.<sup>233</sup> Nilda Teves ao abordar o tema da realidade social propõe que cada realidade social é dotada de uma inteligibilidade própria, de forma que:

Realidade social pressupõe contar com um conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros, mediante diferentes formas de linguagem: esse conjunto é o imaginário social, como o quadro cultural que matricia a produção imaginativa do grupo. De certa forma o imaginário social regula os comportamentos recíprocos dos indivíduos. Quando se fala imagina-se, pressupõe-se que o Outro está nos entendendo, mais ainda, esperam-se de certas respostas.<sup>234</sup>

---

<sup>231</sup> O homem da rua habita um mundo que é “real” para ele, e em graus diferentes “conhece”, com graus variáveis de certeza que esse mundo possui tais ou quais características. O filósofo por sua vez, levantará questões de caráter ontológico e epistemológico sobre essas questões.

<sup>232</sup> BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. 200, op.cit., 11

<sup>233</sup> Ibidem, p.14

<sup>234</sup> TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus; Faculdade de Educação da UFRJ, 1992, p.17-18.

Portanto de posse dos conceitos acima enunciados, tentar-se-á elucidar de que forma a realidade foi interpretada e significada pelos assembleianos e quais são as características desta interpretação quando relacionadas ao comunismo. Veremos como alguns artigos interpretavam a realidade objetiva como o cumprimento literal de profecias anunciadas centenas de anos antes. O dispensacionalismo conferia ao tempo um sentido, uma direção, caberia aos homens e mulheres tanto a passividade da espera quanto a cooperação com a efetiva consolidação desses sentidos ao cumprir o seu papel no plano divino. Os acontecimentos do mundo real endossavam as profecias, ou melhor, na visão pentecostal são as profecias que estabeleciam o que era o mundo real. Nesse sentido para o pentecostalismo o mundo moderno, as tecnologias, a secularização, o fortalecimento do capitalismo as transformações na cidade, no campo, as mudanças em todas as esferas sociais representavam evidências proféticas. Esse tipo de interpretação da realidade confere à configuração fenomenológica dos fatos um caráter espiritual.

O missionário sueco Samuel Nyström desde que chegou ao Brasil foi um dos principais defensores do dispensacionalismo. Ele realizou muitas viagens a todo território nacional para ensinar a doutrina tanto nos cultos quanto em estudos bíblicos para obreiros. Ao que tudo indica o dispensacionalismo permeava todo discurso pentecostal. Nos jornais até 1950 não há nenhum estudo detalhado sobre o dispensacionalismo, entretanto a forma como os temas são abordados indicam que os leitores dos jornais já conheciam do que se tratava. Eni Orlandi chama a atenção para as “condições de produção” do discurso. Nem sempre o jornal precisava produzir determinados discursos, pois eles já pertenciam a ordem do interdiscurso, ou seja, as palavras traziam nelas outras palavras, “*aquilo que fala antes, em outro lugar... o saber discursivo que torna possível todo dizer*”.<sup>235</sup> Nesse caso entendemos que os discursos dos testemunhos, das pregações, dos cânticos, dos folhetos, das escolas bíblicas e dos próprios jornais já haviam conferido sentido ao dispensacionalismo.

A proposta do pentecostalismo era construir uma realidade na qual o fiel deveria reinterpretar o mundo social sob um olhar que não era seu. Uma vez que os crentes julgavam ser orientados pelo Espírito San-

---

<sup>235</sup> ORLANDI, Eni. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 31; BARRETO, Raquel Goulart. *ANÁLISE DE DISCURSO: CONVERSA COM ENI ORLANDI*. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006, p.05.

to, a própria forma como a realidade era interpretada era transpassada pela compreensão que tinham do sagrado. A igreja, seus fiéis, os salvos, de todas as partes do mundo, no imaginário pentecostal eram representados por símbolos de pureza, de incorruptibilidade. A imagem de uma noiva era frequentemente utilizada como símbolo da própria identidade. Semelhante a esta a comunidade dos salvos era alva, casta e esperava o seu futuro esposo, Cristo, com quem se uniria eternamente no plano espiritual. Longe de ser uma organização humana a comunidade dos salvos era considerada divina, daí as afirmações que “*a noiva de Cristo é fechada, sellada e separada do mundo, mas aberta para Deus*”.<sup>236</sup> Não havia mácula ou nódoa na igreja de Cristo e os esforços para que se mantivesse pura deveriam ser constantes. De que forma a igreja se manteria assim? Como o comunismo afetaria a noiva de Cristo? As tentativas de permanecer fiel a este princípio se constituíram um dos principais mecanismos de combate aos seus inimigos.

A literatura assembleiana era dotada de sentidos e particularmente reconhecíveis por aquela comunidade de leitores. De acordo com Chartier, a leitura não consiste somente em uma operação abstrata de intelecção é necessário que o historiador esteja preocupado em *reconstruir as maneiras de ler* próprias de determinada comunidade de leitores, nesse caso dos pentecostais.<sup>237</sup> Chartier sugere que é preciso reconhecer que nem as inteligências, nem as idéias são desencarnadas de forma que as próprias categorias dadas como invariantes, sejam filosóficas ou fenomenológicas, *devem ser construídas nas discontinuidades das trajetórias históricas*.<sup>238</sup>

A compreensão sobre o caráter do texto e sobre os fatores espirituais que conduzem a leitura são muito importantes para entender a forma como os pentecostais liam seus textos. Para os assembleianos a leitura não era um mero reconhecimento de determinados sentidos expressos no texto. Consistia em uma relação que dependia tanto do próprio texto, quanto do sentido conferido a ele (sagrado, profano), quanto da própria crença na atuação do Espírito Santo orientando o leitor para uma correta interpretação das palavras.

Ainda relacionado à reconstrução das maneiras de ler próprias de determinada comunidade, vemos que um no pentecostalismo existe um léxico de palavras que adquirem um sentido próprio à comunidade.

<sup>236</sup> *Som Alegre*. Dezembro de 1929, p.03

<sup>237</sup> CHARTIER, Roger. 1990, op.cit., p.70

<sup>238</sup> *Ibidem*, op.cit., p.68

Palavras como mundo (referindo-se a um espaço teológico), vaso, instrumento, ungido, profeta (referindo-se a pessoa humana), noiva, eleita, Rebeca (referindo-se a igreja), amado das nações, Isaque, cordeiro de Deus, juiz, primogênito dos mortos (referindo-se a Jesus) entre outros, são costumeiramente expressas e inteligíveis, obedecendo a significações próprias dentro daquela comunidade de sentidos. Não são simples jargões, são conceitos definidos, estabelecem signos próprios, compõem uma linguagem que tem finalidades específicas dentro da comunidade.

## **ORIGENS DO ANTICOMUNISMO NO BRASIL**

O Brasil da década de 1930 vive um momento especialmente delicado no que se refere a um imaginário anticomunista. Nesta ocasião vários organismos se posicionaram contra um inimigo em comum. Esse inimigo representava principalmente uma ameaça a ordem da nação que se construía e se impôs como projeto no Estado Novo. Esse estudo dedicado à análise do anticomunismo compreende o que Carla Luciana Silva chama de um fenômeno nacional.<sup>239</sup> A autora apresenta o anticomunismo não como um projeto político isolado, mas como um componente integrante da sociedade brasileira. Esse discurso não foi criado somente pelas elites políticas dos anos 1930, mas conforme afirma Silva ele se remete a uma lógica autoritária anterior a esse período.<sup>240</sup> Durante décadas grande parte do mundo ocidental, inclusive o Brasil, viveu o que se chamou de *perigo vermelho*, perigo este, que na maioria dos discursos representava a derrocada dos valores morais e religiosos estabelecidos.

No Brasil a ameaça representada pelos comunistas foi muito denunciada e combatida principalmente pelos meios jornalísticos, sejam eles laicos ou não. Embora existissem focos de resistências, de forma geral permeava na sociedade brasileira certo consenso sobre o comunismo e o que ele representava. Os veículos que apresentavam essa questão, principalmente a imprensa jornalística, o discurso dos partidos políticos e o posicionamento das instituições religiosas, eram massificadamente endossados como legítimos. Uma série de discursos visando a

---

<sup>239</sup> SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: Imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p.17.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p.15

condenação do comunismo se ancorava na construção de identidades que o rejeitassem.

Embora a identidade seja inconclusiva em razão da sua condição, pois ela é criada e recriada a todo instante, ou melhor, segundo Zygmunt Bauman ela é *inventada de acordo com objetivos ou propósitos*.<sup>241</sup> É mediante essa invenção da identidade que se estabelecerá um discurso que contemple a construção da imagem do *outro* e por sua vez do próprio inimigo. O processo de construção de identidades e de condenação ao comunismo no Brasil se deu de forma viva e eloquente que possibilitou a formação de bases sólidas para a manutenção de uma tradição anticomunista.

A historiadora Carla Simone Rodeghero entende que dois pontos são fundamentais para a construção de uma identidade, um externo: que possa servir de parâmetro para o estabelecimento das diferenças, e outro interno, composto por elementos comuns, que possam identificar algo, seja um grupo, uma determinada forma de agir ou uma cultura.<sup>242</sup> Lembrando que há vários tipos de identidades, construídos por diferentes agentes sociais.

Os imaginários sociais nessa perspectiva são os responsáveis em designar a identidade de uma coletividade, pois esta atua elaborando uma representação de si mesma. Sobre essa relação entre imaginário social e identidade Baczko afirma que:

Através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e imprime crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento (...) assim é produzida uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar” e sua identidade e a sua razão de ser. Porém designar a identidade coletiva corresponde, do mesmo passo, a delimitar o seu “território” e as suas relações com o meio ambiente e, designadamente, com os “outros”; e corresponde ainda a for-

---

<sup>241</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005, p. 21,22.

<sup>242</sup> RODEGHERO, Carla S. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2.ed. Passo Fundo: UFP, 2003, p.30.

mar as imagens dos inimigos e dos amigos, rivais e aliados, etc.<sup>243</sup>

Portanto os imaginários sociais estão vinculados a própria construção da identidade e as formas como as representações se apresentaram, tanto em relação a si quanto em relação aos outros. Mais do que isso essa construção identitária delimita espaços, estabelece os critérios para que os vínculos entre os agentes se estabeleçam ou não. Muitos autores sugerem que no Brasil, foi mobilizado um esforço muito grande para construir uma identidade nacional cujos valores não tivessem correspondência com o comunismo. Vários setores da sociedade se lançaram nesse empreendimento.

Quanto as origens do anticomunismo no Brasil, Rodrigo Patto Sá Motta aponta a ele é diretamente relacionado à da Revolução Russa de 1917. Na sua percepção os responsáveis pela disseminação desse imaginário no país foram realmente as elites. Preocupados em defender o capital, os países capitalistas investiram maciçamente em propaganda anticomunista. Segundo Motta a elite brasileira teria importado essas idéias dos países centrais. Ele identifica que nos anos de 1920 a 1930 a *fonte de inspiração* provinha da Europa Ocidental, especialmente da França.<sup>244</sup>

A influência estadunidense como fornecedores de um modelo anticomunista vai aumentando na medida em que o capitalismo revigora após a década de 1930. Os norte-americanos teriam transformado os Estados Unidos numa espécie de fortaleza do anticomunismo e mobilizaram forças intensas, imensos recursos e considerável energia na destruição da *ameaça vermelha*. Para Motta, considerando as circunstâncias era natural que tenham assumido a posição dos europeus no papel de irradiadores dos projetos anticomunistas.<sup>245</sup> O autor defende que o combate ao comunismo foi marcado por influências internacionais, todavia o Brasil teria combatido o comunismo com uma dinâmica própria e elaborações originais nos campos de representações.<sup>246</sup> Ou seja, nada mais lógico que em realidades e condições sociais diferentes os discursos tenham sido permeados por outras representações.

<sup>243</sup> BACZKO, Bronislaw. 1984, op.cit., p.309

<sup>244</sup> MOTTA, Rodrigo P. S. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 02

<sup>245</sup> *Ibidem*, p.02

<sup>246</sup> *Ibidem*, p.04

Segundo o autor entre os anos de 1917 e 1930, o comunismo foi encarado como uma ameaça remota, que tinha mais a ver com o velho mundo que com o continente americano. No Brasil a imprensa secular enfatizava os horrores atribuídos aos bolchevistas de forma que “*o comunismo tão execrado era uma desgraça que se abatera sobre o povo das longínquas terras dos soviets, pouco afetando os brasileiros*”,<sup>247</sup> não havia quase nada a dizer sobre a atividade dos comunistas no país.

Embora as manifestações anticomunistas já começassem a ocorrer modestamente logo após a Revolução Russa de 1917. A questão social e os riscos políticos associados à Revolução de Russa, não eram vinculados de maneira preponderante ao comunismo. O maior repúdio era contra o movimento anarquista, que acabava tendo mais visibilidade que os seguidores de Lênin.<sup>248</sup>

Possivelmente em decorrência destas mesmas percepções que envolviam os discursos antianarquistas é que os assembleianos em um primeiro momento comparam o comunismo russo com anarquismo. Um artigo no ano de 1927 do jornal *Boa* procura explicar o que é o comunismo e vale da compreensão disseminada na sociedade sobre o anarquismo e o relaciona ao comunismo como sinônimos.

COMMUNISMO – Que quer dizer BOLCHEWIKI e que será a sua origem? Em 1916, na Rússia, durante a revolução, muitos anarquistas se reuniram em KUAKILLA para elaborarem o programa político. A maioria pugnava pelo programma anarquista que a Rússia segue hoje. A minoria desejava uma forma atenuada. A palavra “maioria” em russo é BOLCHENSTWO e a palavra “minoria” é MIENCHSTWO. O partido anarquista BOLCHEWIKI foi o que venceu.<sup>249</sup>

O crescimento do Partido Comunista Brasileiro, a adesão do líder tenentista Luiz Carlos Prestes ao partido, a formação da Aliança Nacional Libertadora e principalmente chamada Intentona Comunista, é que compuseram definitivamente as estruturas que consolidaram a disseminação do anticomunismo no Brasil na década de 1930. Como ve-

---

<sup>247</sup> *Ibidem*, p.06

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. XXI

<sup>249</sup> *Boa Semente*. Agosto de 1927, n.75, p.06

remos o anticomunismo nas Assembléias de Deus obedeceu a uma dinâmica própria. Os vínculos da igreja com o movimento pentecostal na Suécia e com o protestantismo estadunidense afetaram significativamente as formas como ela se posicionou em relação ao comunismo. Esse era um dos principais motivos pelo qual não existiu um ajuste sincrônico entre o anticomunismo assembleiano e os demais anticomunismos no Brasil. Não houve um acompanhamento preciso à tendência das ondas anticomunistas<sup>250</sup> proposta por Motta, mas perceberemos que existe certa coincidência entre os períodos em que houve um silêncio sobre o assunto.

## OS ANTICOMUNISMOS

Ao analisar o discurso anticomunista assembleiano verifica-se que nem sempre existia uma relação de acompanhamento histórico ajustado aos demais discursos anticomunistas no Brasil. A princípio as Assembléias participam do que Motta chama de *primeira onda*<sup>251</sup> anticomunista no Brasil que tem início nos primeiros meses de 1927 com a legalidade do Partido Comunista Brasileiro.<sup>252</sup>

Os assembleianos na busca pelos sinais dos fins dos tempos já faziam alusão aos regimes autoritários que se fortaleciam no cenário político mundial, e frequentemente se reportavam a questões envolvendo os russos como sinais escatológicos. Nos anos que antecedem a chamada primeira onda anticomunista, verificamos que existe um posicionamento muito mais antifacista do que anticomunista entre os assembleianos. Porém é a partir do artigo - O Despertamento na Rússia e o clamor a Deus<sup>253</sup> - em abril de 1927 que os assembleianos vão se posicionar nomeadamente contra o comunismo através do seu periódico. De acordo com Motta, em relação a primeira metade do século passado, os

<sup>250</sup> O anticomunismo no Brasil é um tema discutido desde a Revolução Russa de 1917, tratado como com uma questão “remota”. A partir de 1927 o anticomunismo ganha corpo e expressividade, os momentos agudos de combate ao comunismo são a partir de 1935. Os anos de 1935 a 1937 o anticomunismo torna-se intenso impulsionado pela “Intentona Comunista”, depois de 1946 a 1950 no início da Guerra Fria e a partir de 1964, período do golpe militar. MOTTA, Rodrigo P. S. 2002, op.cit, passim.

<sup>251</sup> MOTTA, Rodrigo P. S. 2002, op.cit.,7-13.

<sup>252</sup> O PCB, fundado em 1922 só entra na legalidade em Janeiro de 1927, quando elege Azevedo Lima para a Câmara dos Deputados, sob a presidência de Washington Luís, em Agosto do mesmo ano volta para a ilegalidade.

<sup>253</sup> *Boa Semente*. Abril de 1927, n.71, p.02 ; *Boa Semente*. Maio de 1927, n.72, p.02.

momentos de maior intensidade no combate ao comunismo no Brasil ocorreram entre os anos de 1935 a 1937 e depois de 1946 até 1950.<sup>254</sup> Nas Assembléias são particularmente importantes os anos de 1927, de 1930 a 1933 e entre 1937 e 1939, havendo uma “trégua” nesse combate nos anos referentes à Segunda Guerra e uma retomada do discurso anticomunista a partir de 1946. Entre os anos de 1940 e 1945 os discursos anticomunistas são tímidos tanto nos periódicos assembleianos no Brasil como nos periódicos assembleianos dos Estados Unidos.<sup>255</sup>

Em novembro 1935 o Brasil viveu a chamada Intentona Comunista. Esse episódio foi marcado pela tentativa de golpe contra o governo Vargas. Estavam envolvidos nessa conspiração contra o governo o Partido Comunista Brasileiro e a Aliança Nacional Libertadora. Estas duas organizações mobilizaram forças visando tomar o poder, liderados por Luis Carlos Prestes e apoiados pela Internacional Comunista. O Estado reagiu rapidamente e reprimiu os opositores. Muitos setores da sociedade, principalmente ligados a burguesia e a classe média vinculados a igreja Católica também se colocaram contra o movimento. Esse episódio desencadeou uma ampla mobilização de vários setores da sociedade com o mesmo objetivo: combater o comunismo em todo o território nacional.

Os assembleianos também se colocaram ao lado do governo, porém não de forma assumidamente aberta. Esse episódio não foi mencionado de forma clara e objetiva nem nas Lições Bíblicas de Escola Dominical, nem no Mensageiro da Paz, as duas produções literárias da igreja nesse período. Embora não seja declaradamente contra a Intentona Comunista, presumidamente o artigo escrito pelo pastor Antonio Torres Galvão fez alusão ao episódio:

Até mesmo nas terras livres da América, neste Brasil onde tudo é imenso, e onde não se conhece a crise, no verdadeiro sentido do termo, mercê dos recursos naturais com que nos dotou a dadivosa mão do Criador – espíritos antipatrióticos procuram perturbar a ordem e a paz da família brasileira, ensanguentando o solo pátrio, levando o luto, a orfanidade e a viuvez a milhares de lares, até então, felizes e

---

<sup>254</sup> MOTTA, Rodrigo P. S. 2002, op.cit., p. 01-13; 179-214. .

<sup>255</sup> O *Mensageiro da Paz* (Brasil) e o *The Pentecostal Evangel* (Estados Unidos) foram usados como referência nesse período.

sorridentes. Tudo isso é resultado do pecado, da desobediência aos postulados do Altíssimo.<sup>256</sup>

Essas questões que agora faziam parte da nação brasileira eram indícios claros da ameaça mundial do comunismo e do seu poder global. Galvão não reconhecia que o Brasil tinha vivido crises políticas e a paz da qual se referia estava sendo ameaçada pelo que denominou “*espíritos antipatrióticos*”. Segundo Galvão, os agitadores não só promoviam a destruição dos lares, mas também eram assassinos e promoviam muito sofrimento. Referências claras de que não estavam ao lado do bem.

Nos primeiros meses do mandato de Washington Luís entrou em vigor a Lei Celerada,<sup>257</sup> que restringia as atividades sindicais e políticas de esquerda, de forma que mesmo na legalidade o Partido Comunista Brasileiro enfrentaria a oposição do Estado. A lei autorizava o governo a fechar centros, sindicatos e entidades que praticassem atos considerados subversivos a ordem, moralidade e segurança pública. Diante da tramitação da lei vários órgãos da imprensa foram instigados a posicionar-se contra uma suposta conspiração comunista no país. Em maio de 1927 vários jornais privilegiados com informações policiais sobre uma suposta conspiração revolucionária comunista se lançam na publicação de artigos sobre o Partido Comunista Brasileiro e sua ligação com o governo soviético. Motta destaca o caráter crítico da imprensa perante o perfil autoritário da lei, embora após a sua oficialização a ilegalidade do Partido Comunista Brasileiro tenha sido tema em vários jornais.<sup>258</sup>

Ao que tudo indica o discurso anticomunista manifesto no jornal Boa Semente não estabelecia referências diretas aos acontecimentos políticos no Brasil daquele período. No periódico não havia qualquer referência a estes episódios mencionados. A maioria dos artigos anticomunistas eram na realidade traduções literárias de periódicos pentecostais estadunidenses ligados às Assembléias de Deus norte-americanas. Frequentemente os discursos eram mais relacionados à dinâmica anticomunista daquele país do que do Brasil. Embora se reconheça que os artigos publicados no Brasil não eram plenamente alheios a realidade política e social do país.

---

<sup>256</sup> *Mensagem da Paz*, Fevereiro de 1936, n.03, p.02.

<sup>257</sup> Lei proposta no Congresso pelo Deputado Aníbal de Toledo.

<sup>258</sup> MOTTA, Rodrigo P. S., op.cit., p.07-08

Em 1927 foram publicadas três grandes matérias de caráter explicitamente anticomunista<sup>259</sup>, todas com o mesmo título - O Despertamento na Rússia e o Clamor a Deus.<sup>260</sup> Os artigos não se remetiam ao Partido Comunista Brasileiro, ao Estado brasileiro, Lei Celerada, informação policial, ou outra referência aos episódios daqueles dias. Na realidade eles eram traduções de uma série de sermões proferidos pelo pastor norte americano Paul Petterson em janeiro de 1927 na *Stone Church*, em Chicago. Repleto de imagens e representações sobre o comunismo este artigo estava preocupado com a descrição de como era a realidade soviética. As informações sobre essa realidade eram baseadas no testemunho de vida de Petterson, sua experiência e impressões como missionário na Rússia.

É importante ressaltar que o Brasil sofreu não apenas uma espécie de anticomunismo. Embora a expressão seja sempre usada no singular Motta destaca que seria mais adequado falar em anticomunismos.<sup>261</sup> O objetivo em comum acabava sendo o combate ao comunismo, porém a diversidade como ele ocorria, os projetos diversos de ataque punham a heterogeneidade contra o inimigo em comum. Segundo o autor “o aspecto ideológico em questão é tão amplo que vai da direita para a esquerda, reunindo reacionários, conservadores, liberais e esquerdistas”.<sup>262</sup>

As notícias que os editores do órgão oficial das Assembléias de Deus têm dos acontecimentos políticos mundiais eram frequentemente extraídas de outros jornais geralmente traduzidos do inglês. Boa parte do que se sabia e imaginava sobre o comunismo nas Assembléias de Deus advinha de fontes exógenas. O jornal era um canal de codificação destas mensagens, de extração do que se julgava importante para um leitor pentecostal. Embora os jornais norteamericanos consistissem na maior fonte de informação sobre o comunismo, outros jornais publicados no Brasil também eram apresentados pelos jornais assembleianos. Desta forma é perceptível que o discurso anticomunista das Assembléias de Deus era permeado por influências exógenas e endógenas sendo que

<sup>259</sup> Cf. *Boa Semente*. Abril de 1927, n.71, p.02; *Boa Semente*. Maio de 1927, n.72, p.02; *Boa Semente*. Junho de 1927, n. 73, p.06,07

<sup>260</sup> O título original dos artigos era: “*Might moving of the Spirit in Russia, Poland and Latvia*” e foi traduzida das seguintes edições: *The Pentecostal Evangel*, 01 de Maio de 1927, p.01; *The Pentecostal Evangel*, 28 de Maio de 1927, p.02; *The Pentecostal Evangel*, 04 de Junho de 1927, p.08.

<sup>261</sup> MOTTA, Rodrigo P. S, op.cit.,16

<sup>262</sup> Ibidem: p.16

estas influências foram muitas vezes ressignificadas e transformaram-se em argumentos teológicos para o combater o comunismo.

Constata-se que os redatores dos jornais assembleianos frequentemente reproduziam esse discurso anticomunista exógeno sem averiguar a autenticidade das informações. Nessa condição o que se considerava mais importante era o seu efeito como mobilizador de ações e não necessariamente a comprovação da veracidade das informações. A autoridade da fonte garantia que as informações fossem aceitas e compreendidas como legítimas.

## O POSICIONAMENTO POLÍTICO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS

O temor de uma revolução mundial significava o esfacelamento de uma ideologia burguesa. Carla Luciana Silva entende que o Brasil na década de 1930 combatia o comunismo alicerçado em uma burguesia hegemônica que necessitava de uma mentalidade conservadora, e de imaginários legitimadores.<sup>263</sup> Daí a necessidade da imprensa como um veículo importante nesse empreendimento. Os jornais ao posicionarem-se contra o comunismo definiam um espaço político. Esse veículo de comunicação possibilitava formar e divulgar ideais que transformavam o imaginário social.<sup>264</sup> Embora houvesse uma preocupação nos jornais assembleianos em afastar-se dos temas políticos, o posicionamento que adota diante dos comunistas já estabelece claramente de que lado os assembleianos estavam.

Os periódicos assembleianos mantinham um caráter conservador. Em todas as épocas demonstraram simpatias com o governo constituído civilmente no Brasil. Qualquer pretensão de oposição às autoridades era visto como uma desobediência, um ato subversivo a própria vontade divina. Os jornais assembleianos insistiam em defender que o poder civil era estabelecido e constituído não por vontade dos homens, mas por vontade divina. Um exemplo deste discurso esta no artigo: Deveres Christãos Para com as Autoridades Constituidas. Neste artigo é possível diagnosticar qual deveria ser o comportamento do cristão como cidadão diante dos seus representantes eleitos democraticamente.

---

<sup>263</sup> SILVA, Carla Luciana. 2001, op.cit. p.18

<sup>264</sup> *Ibidem*: p.19.

*Toda a alma esteja sujeita as potestades... – Vemos neste verso as obrigações de cada pessoa sem distinção, para com o Estado e suas autoridades. Podemos ver que toda potestade vem de Deus e são ordenadas por Ele (...) Por isso quem resiste a autoridade resiste a ordenação de Deus(...) O verdadeiro cristão deve ser patriota piedoso, não cedendo às paixões políticas [...].*<sup>265</sup>

Nesse sentido, analisando a forma como sistemas religiosos significam o poder político Berger esclarece que a autoridade política é frequentemente legitimada pelo sagrado, “*o poder humano, o governo e o castigo se tornam, fenômenos sacramentais, isto é, canais pelos quais forças divinas são aplicadas à vida dos homens para influenciá-los*”.<sup>266</sup> Desta forma, ao lado de outros grupos cristãos com posturas anticomunistas, as Assembléias de Deus em certa medida corroborou com o perfil do Estado autoritário que se erigia no Brasil. Como salienta Alcir Lenharo, o agudo anticomunismo que atendia aos interesses religiosos cristãos no período do Estado Novo, serviu de “*eficiente instrumento para denunciar, isolar, desmoralizar o adversário, e fornecer ao Estado uma legitimidade especial, para suas práticas repressivas*”.<sup>267</sup>

Nos periódicos desse período encontramos vários textos alusivos a posturas políticas bem definidas por parte dos assembleianos. Quando os periódicos teciam louvores ao presidente Vargas<sup>268</sup>, apregoavam que os crentes deveriam se sujeitar às autoridades,<sup>269</sup> e que acima de tudo deveriam ser patriotas, pois argumentavam que o que o espírito é no corpo, são os cristãos na pátria.<sup>270</sup> Estas são seguramente manifestações que demonstram grandes simpatias pelo Estado Novo. Em 1935, o redator do Mensageiro da Paz, Antônio Torres Galvão afirmava que o patriotismo é “*justificável e louável*”, sua visão era que:

---

<sup>265</sup> *Boa Semente*, Novembro de 1928, p.13

<sup>266</sup> BERGER, Peter L. 1985, op.cit., p.47.

<sup>267</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*, 2.ed. São Paulo: Papirus, 1986, p190.

<sup>268</sup> *Mensageiro da Paz*, Junho de 1938, n.12, p.03

<sup>269</sup> *Boa Semente*, Abril de 1925, n.47, p. 01

<sup>270</sup> *Boa Semente*, Março de 1925, n.46, p.01

[...]cada pessoa tem o dever de amar o seu país, concorrer para o seu desenvolvimento, acatar as suas leis e cumprir os seus deveres para com o Estado, visto que não pode ser um bom cristão, sem que se seja um bom cidadão, um elemento útil à família e a pátria.<sup>271</sup>

Para Freston, a experiência dos primeiros missionários suecos, com o sistema de governo de seu país, onde a igreja e o Estado andavam de mãos dadas responde ao comportamento de repulsa à política por parte dos suecos. Era considerada uma virtude no passado assembleiano o seu “apoliticismo”.<sup>272</sup> Todavia seja evidente que todo e qualquer posicionamento não é desprezencioso ou desprovido de algum engajamento político. Segundo Freston o interesse dos assembleianos pelo envolvimento da política secular com a igreja é recente, isto se sucedeu principalmente após a reestruturação da Convenção Geral em 1979, em moldes mais burocráticos, permitindo que o projeto de candidaturas coordenadas à Constituinte tivesse um grande sucesso.<sup>273</sup> Todavia percebemos que nunca houve de fato uma desvinculação entre política e religião, mesmo que discursivamente ou partidariamente não tenha ocorrido.

É importante lembrar que o Brasil na década de 1930 foi transpassada por um dos mais fortes períodos de autoritarismos da história da nação. Eliana de Freitas Dutra sugere que *mecanismos de controle* foram acionados na sociedade, dispositivos mentais e materiais postos em prática na retórica do *perigo comunista*, de forma que contribuíram para o *projeto totalitário* do Estado na década de 1930. Entendendo que nesse período estava implícita na sociedade uma disposição totalitária, uma espécie de “*monoteísmo dos valores e dos desejos*”.<sup>274</sup>

Como lembra Lenharo a política do período pós-Primeira Guerra era profundamente marcada por transformações nos Estados. É nesse momento que emergiam formas de governar pautadas na formulação de um Estado todo poderoso e onipresente.<sup>275</sup> A difusão da idéia de *todo nacional*, buscava unificar os interesses de grupos e classes de forma que qualquer fragmentação passava a representar o grande inimigo do

<sup>271</sup> *Mensageiro da Paz*. Outubro de 1935, n.19, p.05.

<sup>272</sup> ANTONIAZZI, Alberto, et.al. 1994, op.cit., p.93

<sup>273</sup> Ibidem

<sup>274</sup> DUTRA, Eliana F. *O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: UFRJ, Belo Horizonte: UFMG, 1997, p.16-25.

<sup>275</sup> LENHARO, Alcir. 1986, op.cit., p.160.

país.<sup>276</sup> Foi nesse espaço que os imaginários anticomunistas foram criados e fortalecidos, amparados, sobretudo pela idéia de que o Estado era a “*poderosa voz que fala em nome de todos os brasileiros*”.<sup>277</sup>

Logo após serem estabelecidos alguns critérios que fazem com que determinado grupo reconheça determinada identidade, existe o processo não só de reconhecimento, mas de legitimação identitária. Todo processo de legitimação envolve uma questão de poder, que compõe o imaginário social. Para que cumpra sua finalidade esse poder precisa se impor de forma reconhecida e aceita pelos agentes sociais. Nessa perspectiva a teologia foi o instrumento legitimador por excelência da identidade assembleiana, ela contribuiu para a orientação e construção dos sistemas de alteridade. A teologia forneceu um vasto edifício de símbolos que foram utilizados discursivamente para representar os amigos e os inimigos.

De maneira geral nas religiões cristãs o cosmos é dividido entre os que pertencem à salvação e aos que pertencem à perdição. Entre os pentecostais prevalece essa percepção maniqueísta da realidade, segundo a qual o mundo estaria vivendo uma luta irreconciliável entre forças divergentes, neste caso fé versus ateísmo, cristianismo versus comunismo, bem versus mal, etc.

Nessa perspectiva os assembleianos se esforçaram para se afastar de tudo o que representava o mundanismo. Ligados ao “mundo” estavam todos os seus inimigos, materiais e imateriais. Entre estes inimigos estavam as ameaças da modernidade, do liberalismo teológico, das forças comunistas, dos governos humanos, dos poderes do Diabo e suas influências. Entre as influências mais maléficas do demônio na sociedade estava a sua ligação direta com os pecados dos prazeres da carne, dos vícios, dos jogos, da idolatria, entre outros. O Som alegre advertia:

Mas onde acharemos homens e mulheres com corações tocados por Deus? Sim, nós não os acharemos nos prazeres deste mundo. Os homens querem ser tocados por todas as coisas aqui neste mundo, mas não por Deus. Eles querem chorar, rir e brincar e se deixar levar por toda qualidade de loucura. Querem ver e ouvir uma coisa empolgante e dramática, mas

---

<sup>276</sup> LENHARO, Alcir. 1986, op.cit., p.165

<sup>277</sup> Ibidem, p. 34

não querem ser dirigidos por Aquelle que tem olhos como chammãs de fogo. Tanto mais que deixarmos as coisas terrestres, tanto mais alcançaremos as celestes. Aquelle que somente procura as coisas desta vida se torna inimigo de Christo.<sup>278</sup>

A compreensão dos pentecostais dava conta de que todas as coisas estavam arranjadas cosmicamente por Deus e a realidade deveria ser considerada em relação a esta ordenação. Nesse aspecto os estudos de Berger permitem mostrar que os pentecostais pretenderam relacionar a realidade humana definida com a realidade última, universal e sagrada, ou seja, “*as construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem, assim a aparência de definitiva segurança e permanência, os nomoi humanamente construídos ganham um status cósmico.*”<sup>279</sup> Em correspondência com esse entendimento Andréa de Souza Mina esclarece que *mundo* no imaginário assembleiano refere-se a um *espaço teológico*, é o local impregnado de impureza, maldade, desavença, imoralidade, é o lugar do pecado. Tudo que não estiver de acordo com os preceitos bíblicos, fazia parte das *coisas mundanas*, ou seja, referia-se ao lugar de não aceitação das leis divinas.<sup>280</sup>

Os assembleianos procuraram construir uma identidade recorrendo a uma série de representações, as quais foram elaboradas em relação a si e aos outros. Nesse sentido Baczko concebe que:

[...]designar a identidade coletiva corresponde, do mesmo passo, a delimitar o seu território e as suas relações com o meio ambiente e, designadamente com os outros; e corresponde ainda a formar as imagens dos *amigos e dos inimigos*, rivais e aliados etc.<sup>281</sup>

Ao delimitar seus inimigos, estabelecer os pontos de divergência, a historiadora Carla Luciana Silva defende que nos movimentos anticomunistas, a categorização e definição de *um outro*, visava configurar o comunismo como um inimigo social, ou seja, articulava-se formas

---

<sup>278</sup> *Som Alegre*. Dezembro de 1929, p.04.

<sup>279</sup> BERGER, Peter L. 1985, op.cit., p. 49

<sup>280</sup> MINA, Andréia Mendes de Souza. 1990, op.cit., p.13.

<sup>281</sup> BACZKO, Bronislaw. 1984, op.cit., p.309

de coesão dos mais diferentes setores sociais empenhados em combater o inimigo de toda a sociedade ocidental.<sup>282</sup>

Os assembleianos não se afastaram dessa premissa. Combater o comunismo configurava-se dentro dessa lógica como um critério para preservar a cristandade. O comunismo contribuía com o que chamavam de “mundanismo”. Ele era o agente de proliferação de vários pecados que pertencem ao mundo. O comunismo era entendido como um perigo, um agente causador da crise social. As imagens que serão criadas para descrever as práticas mundanas dos comunistas estão inseridas dentro de uma perspectiva de autodefesa, é a defesa do cristianismo. Desta forma é que Baczko elucida que em momentos onde se intensifica a “*produção de imaginários sociais concorrentes e antagonistas*” em que se procura dar legitimidade a representações, essas iniciativas são caracterizados por um mecanismo de autodefesa. Nesse mesmo sentido todos os “*dispositivos imaginários são empregados de forma a mobilizar as energias dos seus membros para uma ação*”.<sup>283</sup>

As representações de acordo com Chartier permitem articular três registros de realidade, a que corresponde às representações coletivas:

[...] incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; e por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e estabilidade desta identidade assim afirmada [...] as propriedades objetivas fruto dessas representações são comuns a seus membros em uma pertença percebida, mostrada, reconhecida (ou negada).<sup>284</sup>

De que forma os assembleianos produzirão imagens e representações do comunismo? A ação de defesa dos assembleianos foi disposta de forma discursiva nas preleções, nos editoriais, nas escolas dominicais, os inimigos e heresias são ao mesmo tempo produzidos e desqualificados em todas as manifestações discursivas.

---

<sup>282</sup> SILVA, Carla Luciana. 2001, op.cit., p.13

<sup>283</sup> BACZKO, Bronislaw. 1984, op.cit., p.310

<sup>284</sup> CHARTIER, Roger. 1990, op.cit., p.11.

## O PODER SIMBÓLICO AS REPRESENTAÇÕES E LEGITIMAÇÕES

Para entender a dinâmica do anticomunismo é necessário estar atento para as relações simbólicas que estão presentes nos imaginários que foram criados com esse objetivo. Segundo Bronislaw Baczko é mediante ao valor atribuído aos símbolos que permitem eles exercerem poder sobre as pessoas e as conduzir para uma ação, para práticas e comportamentos.<sup>285</sup> Em outras palavras os símbolos são capazes de instigar o homem a agir decorrente do valor que a eles são atribuídos. A partir destas questões é que se reconhece a importância de entender como o discurso religioso trabalha com as questões simbólicas e como esse discurso é capaz de orientar diferentes posicionamentos, definindo tanto as ações da vida coletiva quanto demarcando quem são os amigos e os inimigos. De acordo com Bourdieu;

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.<sup>286</sup>

Na constituição do imaginário, percebe-se a necessidade de legitimação do poder através dos símbolos, uma vez que um saber seja objetivado e interiorizado nos indivíduos definindo a realidade objetiva, a legitimação está garantida. A medida que um grupo adere e compartilha os mesmos códigos, pode ser constatado tanto a eficácia do discurso quanto o poder legitimador dos símbolos. Ou seja, se um grupo compartilha dos mesmos códigos é porque a legitimação foi eficaz. Acerca da legitimação religiosa Berger afirma:

Toda a legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz

---

<sup>285</sup> BACZKO, Bronislaw. 1984, op.cit.,p.311

<sup>286</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 14

porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções de realidade erguidas pelas sociedades empíricas. As tênues realidades do mundo social fundam no sagrado *realissimum*, que por definição está além das contingências dos sentidos humanos e da atividade humana.<sup>287</sup>

A partir do momento em que a Bíblia é considerada como divinamente inspirada devemos considerá-la como pertencente a categoria de instrumento legitimante por natureza. Ela pode ser classificada dentro do que Berger chama de legitimação por facticidade objetiva.<sup>288</sup> A legitimação depende de uma relação de ajuste entre a apropriação dos bens simbólicos da Bíblia e a devida correspondência com um objeto. Nesta perspectiva encontrava-se o comunismo, que uma vez relacionado a símbolos de caráter religioso, e legitimados por argumentos considerados válidos acabavam sendo referendados significativamente pelo grupo por representar justamente a visão destes.

A forma como a religião passa a tratar assuntos seculares, como ela explica-os, interage com eles, acompanha uma lógica social que não é necessariamente em todos os aspectos religiosa. Segundo Berger acima de tudo existe uma relação de mercado, na qual se estabelecem competições com rivais sociológicos que fornecem sistemas explicativos de mundo igualmente poderosos.

Como resultado da secularização, os grupos religiosos também são levados a competir com vários rivais não religiosos na tarefa de definir o mundo [...]A situação pluralista é acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo.<sup>289</sup>

Os assembleianos na busca pelos sinais escatológicos provomoveram um imaginário escatológico que representou os conflitos, as guerras, a violência, como evidências claras de que as forças de Satanás estavam operando e manipulando homens. Em 1925, segundo o jornal Boa Semente, a humanidade estaria revivendo o que se sucedeu nos dias

---

<sup>287</sup> BERGER, Peter L. 1985, op.cit., p.45.

<sup>288</sup> Ibidem, p. 43

<sup>289</sup> Ibidem, p.149

de Noé.<sup>290</sup> Ou seja, essa comparação entre a sociedade contemporânea e a patriarcal era uma referência clara à aniquilação do mundo, semelhante com o que se passou quando Deus teria enviado o dilúvio e exterminado todos os habitantes da terra deixando somente a família do patriarca livre da condenação. No artigo do Boa Semente intitulado - Como aconteceu nos dias de Noé...<sup>291</sup> - o redator procurou estabelecer correspondências entre o dilúvio e o Arrebatamento, fazendo clara alusão ao segundo grande julgamento divino da humanidade, o Juízo Final.

A análise pré-milenarista ancorada no exemplo veterotestamentário afirmava que maldade no coração do homem estava se multiplicando nos últimos dias, perceptível pelo aumento na imoralidade e da violência. Segundo o artigo, os sinais de que o fim do mundo se aproximava podiam ser diagnosticados nos relacionamentos entre pessoas de credos diferentes (intercomunhões ilícitas) no progresso da arte, da indústria, da imprensa, da política, na diversidade religiosa, no divórcio, no aumento da infidelidade matrimonial, no intelectualismo, no sindicalismo, no aumento dos pecados da vaidade, luxúria, sensualidade, egoísmo, presunção, soberba, avareza, desobediência, orgulho, hedonismo, preguiça, homossexualismo, mentira, corrupção, além do avanço científico e tecnológico, no avanço da medicina, nas relações entre política e religião, na emergência de religiões como o espiritismo e adventismo do sétimo dia, no liberalismo teológico entre outros. Esse seria o cenário que compreenderiam sinais do fim dos tempos, eram evidências da apostasia e portanto deveriam receber o juízo divino como nos dias de Noé.<sup>292</sup>

Utilizando uma série de imagens os assembleianos visavam desqualificar seus inimigos. Estamos perto da meia noite, afirmava o jornal. A meia noite é o símbolo da volta de Cristo, tal como no discurso de Jesus, interpretado como referência a sua segunda vinda, na parábola em que dez virgens esperam o noivo que deveria chegar exatamente no horário marcado: a meia noite.<sup>293</sup> A narrativa continua com alegorias sobre o fim dos tempos com afirmações como: “*é perto da meia noite*

<sup>290</sup> “Noé recebeu a incumbência divina de construir uma arca que abrigaria todas as pessoas e animais que entrassem nela, somente sua família e um casal de animal de casa espécie entrou na arca, sobreveio portanto um dilúvio sobre a terra e destruiu toda a humanidade”. Cf. Gênesis 6.

<sup>291</sup> *Boa Semente*. Março de 1925, n.46, p.01.

<sup>292</sup> *Boa Semente*. Março de 1925, n.46, p.01.

<sup>293</sup> Cf. Evangelho de Mateus 25

*que as sombras caem*”,<sup>294</sup> ou seja, à medida que se aproxima a volta de Cristo, as coisas deveriam piorar. O discurso pessimista com relação aos acontecimentos no mundo é muito forte dentro dessa compreensão pré-milenarista da história. Esse pessimismo pode ser traduzido na forma como compreendiam todas as questões sociais e políticas.

Seria loucura pensarmos que tudo é natural ou está na ordem cosmica das coisas. Não; há algo de misterioso, o desencadear dos factos, a intensidade febril das correntes políticas internacionaes, o despoitor que caracteriza os meios sociaes... Sabemos que todo o cataclysmo se pronuncia pela desordem social tal qualmente aconteceu com Sodoma e Gomorra.<sup>295</sup>

Segundo o Mensageiro da Paz os crentes precisavam estar vigilantes para que o *“sono da meia noite que já pode ser sentido não venha sobre os que sairão ao encontro do Noivo”*<sup>296</sup>. Visando fortalecer a força da evangelização, da obediência aos ensinios, da busca a Deus, o jornal utiliza a imagem do sono para propor que os crentes se mantenhiam acordados, vigilantes na espera do Salvador. A angústia muitas vezes enfatizada nos discursos escatológicos representa um estado de apreensão, que aflige e causa mal estar. Em 1938 o redator do Mensageiro da Paz, Antônio Torres Galvão, identificava que a angústia daqueles dias era causada pela *“rejeição dos sublimes ensinios de Cristo e a adoção de teorias informadas de materialismo histórico – criação de falsos líderes da humanidade tais como Marx e Lenine”*.<sup>297</sup> Desta forma posiciona o comunismo como a causa das mazelas que o mundo vivenciava, nomeando os responsáveis por aquele estado de tensões.

O fim dos tempos para os assembleianos estava em simbiose com o contexto sócio-político mundial. A repressão ao comunismo no Brasil e o fortalecimento do Estado na década de 1930 não afastava o medo e a sensação de que o comunismo irá se generalizar. No jornal um versículo afirmava, *“quando disserem paz e segurança, então lhes virá repentina destruição e de modo algum escaparão”*<sup>298</sup>, logo em seguida

<sup>294</sup> *Mensageiro da Paz*. Dezembro de 1930, n.01, p.02

<sup>295</sup> *Boa Semente*. Fevereiro de 1927, n. 69, p.03

<sup>296</sup> *Mensageiro da Paz*. Dezembro de 1930, n.01, p.0

<sup>297</sup> *Mensageiro da Paz*. Janeiro de 1938, n.01, p.02

<sup>298</sup> Cf. Tessalonicenses 5.3

evidência, o “*horror do bolchevismo está ficando forte não só na Rússia, mas em todo o resto do mundo*”.<sup>299</sup> A preocupação com a Rússia como centro propagador do ateísmo pelo mundo estava manifesto no Mensageiro da Paz e se estendia por toda a década de 1930. O jornal destacava que a Rússia era um local perigoso principalmente devido seu poder de expandir o comunismo que adotava, o jornal anunciava: “*Rússia um centro de agitações e intranqüilidades para todas as nações, cuja religião oficial é o ateísmo*”.<sup>300</sup>

Em 1930 a situação política do país, longe de conflitos declarados, de guerras civis levou aos assembleianos interpretarem que a própria sensação de paz, fazia parte da evidência do fim, ou seja, em guerra ou em paz, o fim está próximo. A aparente paz da nação não era motivo para deixar de se preocupar com as guerras, com os conflitos, o forte nacionalismo de alguns países, e todos os sinais que se entendiam como evidência do fim.

Nessa época esteve em exercício o governo do presidente Washington Luís [1926 – 1930 (deposto)], Boris Fausto defende que foi relativamente tranqüilo seu mandato.<sup>301</sup> Ele libertou presos políticos, não há registro de perseguição contra operários,<sup>302</sup> não prorrogou o estado de sítio que caracterizou o quadriênio anterior de Artur Bernardes, enfim, embora tenha sido deposto pelos ministros militares em outubro, e Getúlio Vargas tenha assumido o cargo em novembro, o Brasil enfrentava certa tranqüilidade interna nesse momento. Todavia Motta destaca que em razão da Lei Celerada e forma como o Partido Comunista se articulava naqueles dias, estava latente na sociedade um estado repressivo. A Lei Celerada representava uma ameaça muito grande a qualquer ação subversiva.<sup>303</sup> A sensação de paz e tranqüilidade defendida pelos assembleianos em dezembro de 1930, pretendia expressar o contexto histórico vivenciado pelo país, negligenciando que existia no Estado um poder repressor que estava voltado para qualquer ação esquerdista. Daí que o jornal afirma que nem mesmo a sensação de paz deveria ser motivo

<sup>299</sup> *Mensageiro da Paz*, Dezembro de 1930, n.01. p.02.

<sup>300</sup> *Mensageiro da Paz*, Janeiro de 1932, p.?

<sup>301</sup> FAUSTO, Boris. 2006, op.cit., p.319

<sup>302</sup> Embora tenha sido atribuído a ele, caluniosamente, enquanto presidente de São Paulo a frase: " Questão social é questão de polícia", quando a frase verdadeira foi "A agitação operária é uma questão que interessa mais à ordem pública do que à ordem social, representa o estado de espírito de alguns operários, mas não de toda a sociedade". Cf. FAUSTO, Boris. 2006, op.cit., p.319

<sup>303</sup> MOTTA, Rodrigo. P. S. op.cit. p.07,08.

para tranqüilidade. A análise da realidade social e política conduzia a seguinte afirmação: “*quando tudo estiver tranqüilo sobrevirá repentina destruição*”.<sup>304</sup>

## O COMUNISMO E OS SINAIS ESCATOLÓGICOS

No pentecostalismo, particularmente as interpretações escatológicas adquirem uma conotação especial por esta estar atrelada a sua própria identidade dentro do sistema teológico dispensacionalista, como um movimento que precede o fim dos tempos. Tanto o pentecostalismo representava uma evidência do fim quanto o comunismo. Ambos estavam associados aos sinais escatológicos. Mas quais sinais eram relacionados ao comunismo? Eram os sinais apresentados principalmente pelos livros apocalípticos do profeta Daniel no antigo testamento e Revelação, também conhecido como Apocalipse de São João, ou simplesmente Apocalipse no novo testamento.

Os pentecostais ao interpretar o Apocalipse segundo a teologia dispensacionalista compreendiam que o sinal da Besta representado pelo número 666 iria acompanhar o governo maligno que surgiria imediatamente após o Arrebatamento. A preocupação com o comunismo como um sistema de governo representante da Besta era muito grande em 1930. Os assembleianos anunciavam nesse momento: “*O governo dos Soviets, na Rússia, decretou ultimamente uma lei que proíbe os crentes de comprar e vender. É necessário aceitar um signal para se poder viver. Esta lei está funcționando desde o mês de Novembro deste ano*”.<sup>305</sup> Os assembleianos defendiam quem todos os que possuísem o número da Besta, estavam condenados ao Juízo e ao inferno, logo essa associação entre o texto apocalíptico e a afirmação que a Rússia havia implantado um sinal nas pessoas não era desproposita.

As características do discurso bíblico sobre a Besta e o seu sinal, a articulação da mensagem no jornal só corroborava com a cabal afirmativa de que os comunistas eram os representantes do governo diabólico do Anticristo e da Besta. Após essa afirmação o jornal convocava os leitores a conferir no capítulo treze do Apocalipse a narrativa correspondente. Essa prática muito comum no discurso pentecostal se

---

<sup>304</sup> *Mensagem da Paz*. Dezembro de 1930, n.01, p.02

<sup>305</sup> *Mensagem da Paz*. Dezembro de 1930, n.01, p.02

reveste do que Bourdieu chama de discurso de autoridade o qual não basta que seja compreendido é preciso que seja reconhecido enquanto tal.<sup>306</sup> Daí a necessidade do locutor se remeter à palavra oficial, ortodoxa, legítima,<sup>307</sup> que nesse caso está ancorada na crença da infalibilidade bíblica. Para Orlandi essa é uma característica fundamental do discurso teológico o apelo a *intertextualidade*, ou seja, esse discurso se fundamenta em relação a outros discursos, nesse caso o discurso bíblico. Orlandi reitera que esse é um discurso fechado, pois “*não há autonomia do representante em relação a voz que fala nele*”.<sup>308</sup>

Segundo os assembleianos em 1930 o plano político da Besta já estaria agindo na Rússia e as evidências apontavam para isto. Restava a consolidação dos projetos de dominação mundial. A adoção deste sinal pelos comunistas não era apenas um passaporte para a morte, mas também a antítese da fé, da religião cristã, do evangelho. É o sinal da adoração da Besta, é a marca da destruição e devoção ao demônio. O anúncio de que o sinal estava em uso há pouco menos de um mês, denota o caráter emergencial da divulgação da palavra, da tentativa de livrar o máximo possível de pessoas do poder da Besta. Ao mesmo tempo esse tipo de afirmação dentro da compreensão escatológica assembleiana reforçava a sensação de que o Arrebatamento poderia ocorrer a qualquer instante. Os assembleianos interpretavam que o Antricristo era uma autoridade humana que governaria as nações, coadunado com a Besta, este animal que surgiria do centro da terra, com chifres e voz de dragão. No imaginário cristão estas já eram figuras largamente reconhecidas e estereotipadas pelo catolicismo.

Os assembleianos acreditavam que tanto a Besta quanto o Anticristo representavam a encarnação do próprio demônio. O aparecimento desses personagens representaria a maior manifestação diabólica de todos os tempos. Contra a Besta é que Jesus Cristo, o messias, deve lutar quando voltar pela segunda vez. Nesse conflito o bem deve vencer o tanto a Besta quando o Anticristo e os seus seguidores deveriam ser punidos. Para os assembleianos essas figuras apocalípticas não eram alegorias, representavam seres reais. Os assembleianos fizeram uso de uma vasta gama de antíteses entre o Anticristo e Cristo para denunciar as características do mal.

---

<sup>306</sup> BOURDIEU, Pierre. 2008, op.cit.,p.91

<sup>307</sup> Ibidem, p.87

<sup>308</sup> ORLANDI, Eni. 1987, op.cit., p.259,260.

[...]Christo foi o Homem-Deus, o Anti-Christo será o Satanaz-Homem...o amor, a compaixão, a mansidão, a paciência, a fé e a santidade viveram em Cristo; o dolo, a malignidade, a crueldade, a astúcia, e a maldade moram no Anti-Christo... elle será um instrumento de Satanáz, imitando Christo, e, ao mesmo tempo, oppondo-se a Deus, elle subirá da perdição tal como Christo desceu dos céos; elle receberá actoridade de Satanaz assim como Christo recebeu autoridade do Pae; seu verdadeiro reinado de injustiça e tyramnia, durará 3 anos e meio, tempo igual ao do ministério público de Jesus; elle será um rei falso, enquanto Christo é o Rei verdadeiro; elle se orgulhará e ostentará grandeza, enquanto Christo se humilhou e negou-se a si mesmo; elle violará todas as leis, porém, Jesus veio cumpri-las; elle controlará todas as riquezas deste mundo; Christo, porém, fez-se pobre para que nós fossemos ricos, elle será “generalissimo”, tem todas as guerras; Christo veio como Príncipe da Paz; ele será um dos da trindade satanica – Satanaz, Besta e Falso propheta, assim como Christo é um da Trindade Santissima – Pae, Filho e Espírito Santo. Finalmente, elle será destronado e Christo será exaltado para sempre<sup>309</sup>.

Dentro destas condições percebemos que os pares antitéticos constituem uma força mobilizadora de comportamentos. As sombras e a claridade, a meia noite ante o início do dia, as trevas e a luz, os escolhidos e os desprezados, remetem-se a uma ordem totalitária e ao mesmo tempo legitimam estruturas de poder, nesse sentido Mafessoli reitera:

Os pares antitéticos de Deus bom e Deus mau, criador e destruidor, claridade e sombra, Deus e Satã, impregnam mitologias e exprimem sempre uma fascinação de dupla face. E é precisamente esta sideração ambígua que (...) permite ao poder legitimar o seu exercício<sup>310</sup>.

---

<sup>309</sup> *Mensagem da Paz*. Outubro de 1933, n.20, p.01, p.02

<sup>310</sup> MAFFESOLI, Michel. *A Violência Totalitária: Ensaio de antropologia política*. Rio de Janeiro: Zahar. 1981, p. 197.

As imagens do Diabo possuem uma força simbólica muito grande que contrastam com as imagens de Cristo. No cristianismo os pares antitéticos se manifestam na assimetria de identidades, de um lado se constrói a imagem do bem, de outro o opositor, o mal, num jogo de antíteses maniqueístas, com valores hierárquicos bem definidos. Para Tania N. Swain essas representações que estão presentes no imaginário dos indivíduos tem como critério o uso de antíteses ou conceitos assimétricos e possuem uma dupla função:

O imaginário – entendido como uma representação global ou um conjunto orgânico de representações – também assume esta dupla função: interfere nas práticas dos indivíduos ou instituições; forja sentidos, identidades; define comportamentos; inculca valores; atribui méritos; corrobora ou condena atitudes, dele deriva uma poderosa força de instauração ou de legitimação do social. Além disso, o imaginário propõe estereótipos e paradigmas que são apresentados como verdades, definindo-se alguns papéis como naturais e desqualificando-se outros como inconcebíveis<sup>311</sup>.

Desta maneira é a partir dos conceitos utilizados para si que decorrem as denominações usadas para o outro, onde o seu oposto é contrário, porém de maneira desigual. O resultado desta assimetria das identidades impregna o discurso teológico assembleiano de uma série de referências discriminatórias e juízos negativos a todos quantos forem considerados adversários.

Nessa mesma direção os assembleianos apontavam que todas as questões que se remetiam ao mal, ao perverso, ao pecado, ao mundo, estariam em ação no planeta como os *princípios do Anticristo*.<sup>312</sup> Seu aparecimento e o surgimento da Besta seria só uma questão de tempo, pouco tempo. Os assembleianos entendiam que faziam parte dos princípios do Anticristo, uma vasta lista de pecados e ações que geralmente se remetiam a atitudes comunistas. Frequentemente os assembleianos usavam a expressão *princípios do Anticristo* como sinônimo para ideologia ou orientação política. A expressão não se referia especificamente a um

---

<sup>311</sup> SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: -(Org). *História no plural*. Brasília: Unb, 1994. Apud. RODEGUERO, Carla Simone. 2003, op.cit., p.29.

<sup>312</sup> *Mensagem da Paz*. Dezembro de 1930, n.01, p.02

líder ou grupo de pessoas, mas era uma espécie de aura que dominava a todos, exceto os que eram guiados pelo Espírito Santo. Este princípio do Anticristo também é chamado de espírito do Anticristo ou espírito anticristão. Para os assembleianos este espírito já estava em atividade no mundo, agindo como uma força coercitiva sobre os homens mediante poderes que teriam a capacidade de manipular as pessoas.

A vigilância na oração e a dependência de Deus, são coisas necessárias para que o crente possa ver e, corajosamente, resistir ao espírito antichristão, que domina os homens neste mundo, para que não fique preso por uma ideologia terrena, seja racismo, hitleirismo, ou comunismo, ou, ainda, por outro ismo que aparece.<sup>313</sup>

Os assembleianos, porém, admitiam que existia uma maneira de se ver livre dessa influência.<sup>314</sup> Só a conversão, enfatizam, seria capaz de tirar a pessoa das trevas e trazê-la para a luz, da morte para a vida, do poder de Satanáz para o poder de Deus.<sup>315</sup>

O papel da revelação e da profecia no pentecostalismo fortalecia um discurso escatológico. Discursivamente os profetas do passado bíblico ressurgiam na contemporaneidade nos pastores, obreiros, pessoas simples e desprovidas de bens materiais, no crente. Qualquer fiel poderia reivindicar a inspiração divina para a interpretação de um texto bíblico, ou até mesmo ter recebido uma mensagem sobrenatural que pudesse revelar o futuro. O jornal Mensageiro da Paz relata que no ano de 1938 um fiel assembleiano chamado Gabriel Mansur recebeu duas revelações que se complementavam. A primeira foi uma visão na qual Jesus Cristo estava com as mãos em cima de uma mesa diante de um cálice. No dia seguinte Mansur teria sonhado com um anjo gigantesco de posse de uma trombeta que estava prestes a ser tocada. No testemunho ele afirma ter escutado uma voz que dizia: “*quando o anjo tocar a trombeta os tempos serão mudados*”. Para Mansur a revelação significava que “*o som da quarta trombeta é a mudança completa dos tempos e a vinda duma nova fase*”.<sup>316</sup>

---

<sup>313</sup> MP. Set. de 1933, n.17, p.08.

<sup>314</sup> *Mensageiro da Paz*. Dezembro de 1930, n.01 p.03

<sup>315</sup> *Mensageiro da Paz*. Janeiro de 1932. 01, p.02

<sup>316</sup> *Mensageiro da Paz*. Junho de 1938, n.12, p.06.

Esse testemunho evidencia a preocupação do Mensageiro da Paz em alertar os assembleianos sobre a eminência do fim dos tempos. A abrupta passagem de uma dispensação a outra, representada no som da trobeta angelical, reforçava o caráter urgente da evangelização, confirmava a interpretação dos sinais e encaminhava as pessoas a propósitos comuns. Nesse caso o testemunho adquire um poder de reforçar a identidade do grupo, de forma que quando disposto de maneira autorizada, o testemunho pessoal se funde em uma mesma pertença identitária com os demais.

Os pentecostais assumiram uma retórica de guerra. A compreensão que tinham é que deveriam lutar contra tudo que se opunha às revelações, a Bíblia, as profecias, e a natureza humana.<sup>317</sup> Essa luta seria guiada pelo Espírito Santo ou por Jesus Cristo representado na figura de um General, cujos soldados eram os crentes. A missão dos crentes era se colocar a postos para a batalha contra Satanás, cujo lema está expresso na seguinte ordem: “*marchai soldados de Jesus Cristo*”.<sup>318</sup> Nessa retórica de guerra Jesus Cristo era o General que havia dado ordens aos seus santos para marchar. O uso da imagem de um exército se remete diretamente a todas as suas atribuições que envolvem tanto o combate, a disciplina, a ordem as estratégias de guerra, e principalmente seu objetivo final, a vitória.

## IDENTIFICAÇÕES DA BESTA E DO ANTICRISTO

Entre os pentecostais a busca pelas evidências dos reais representantes do Anticristo na terra se transformou em uma questão de posicionamento no mundo. A partir do diagnóstico das evidências ou sinais de que a Besta ou o Anticristo estavam prestes a agirem, os prémilenaristas se colocavam em estado de alerta, pois o Arrebatamento poderia acontecer a qualquer momento e para esse evento era muito importante estar preparado espiritualmente, longe dos pecados e próximos de Deus.

---

<sup>317</sup> *Mensageiro da Paz*, Dezembro de 1930, n.01, p.02.

<sup>318</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1935, n. 04, p.02.

Na realidade essa busca por evidências e sinais foi muito recorrente no final do século XIX e início do século XX entre protestantes do movimento da Santidade, vindo a se intensificar com o movimento fundamentalista e com o pentecostalismo. A primeira edição do Mensageiro da Paz já anunciava: “*como signaes dos tempos figuram entre outros, guerras e revoluções*”. Que revolução se referia o jornal se não da Revolução Russa de 1917? Fica nítida a relação ao mencionar no mesmo artigo a Rússia como o local onde o *horror do bolchevismo* estava ficando cada vez mais forte e que os povos estavam cada vez mais se afastando de Deus para receber o Anticristo.<sup>319</sup>

Os pentecostais nutriram uma preocupação intensa em identificar de onde o mal viria. A frenética ansia pela busca dos sinais bíblicos promovia uma verdadeira corrida teológica afim de que algum crente recebesse a plena inspiração e apontasse seguramente pela Bíblia quem era o Anticristo, a Besta e os seus governos correspondentes. Por volta de 1927 o comunismo passou a ser apresentado, com todas as letras, como o real representante do Anticristo.

Nos Estados Unidos muitos encontros foram promovidos com intuito de detectar de forma mais precisa quem e onde estavam operando as forças malignas do Anticristo. No periódico *The Pentecostal Evangel*, órgão oficial do Concílio das Assembléias de Deus norteamericanas, o editor Artur W. Frodsham, membro da Sociedade Prémilenarista em Los Angeles, afirmou que participava de encontros nessa sociedade para discutir questões escatológicas. Em uma destas reuniões ele destacou que a grande questão teológica levantada pelos estudiosos do premilenarismo era se Mussolini era ou tinha ligações com o Anticristo.<sup>320</sup>

Esse artigo foi traduzido no jornal Boa Semente com o título - Quem é o Anti-Christo?- em maio de 1926.<sup>321</sup> A tradução para o português preza pela literalidade. O artigo mostra que segundo Frodsham até o fim da Primeira Guerra a grande maioria dos prémilenaristas defendia que o Kaiser alemão era o Anticristo, porém com o fim do conflito outros prognósticos se estabeleceram. Na reunião em Los Angeles provavelmente realizada em 1925, estavam presentes muitos estudantes considerados entendidos de profecia bíblica.<sup>322</sup> Um deles D.M. Pantom,<sup>323</sup>

<sup>319</sup> *Mensageiro da Paz*. Dezembro de 1930, n.01. p.02.

<sup>320</sup> *The Pentecostal Evangel*, 30 de Janeiro de 1926, p.04.

<sup>321</sup> O título original do artigo é *IS MUSSOLINI THE ANTICHRIST? Cf. The Pentecostal Evangel*, 30 de Janeiro de 1926, p.04.

<sup>322</sup> *Boa Semente*. Maio de 1926, n.60, p.02.

levantou a questão sobre Mussolini, justificando que ele era o “*preparador notável do sétimo império que ainda virá*”.<sup>324</sup> Para os prémilenaristas uma idéia era clara e se remetia a compreensão teológica premilenarista das visões do profeta Daniel, segundo a qual o Anticristo estava associado ao último império, o Império Romano.

Para Frodsham estava muito claro que a intenção de Mussolini era o reavivamento do Império Romano.<sup>325</sup> Segundo ele, o líder fascista teria pronunciado: “*Nós desejamos fazer Roma grande, como foi na sua idade de ouro... Eu nesse momento entraria em aliança com o próprio Diabo, com o Anti-Christo, se isto desse tranquilidade a esse paiz*”.<sup>326</sup>

Ao que tudo indica as considerações resultantes desse encontro de prémilenaristas foram de que Mussolini teria um sistema de governo que é compatível com a do Anticristo, ele era o sétimo imperador que deveria governar Roma nos últimos dias. Segundo Frodsham, os números da Besta estavam associados a ele. As interpretações dos teólogos indicavam que nem mesmo a morte de Mussolini representaria o seu fim, pois mesmo que ele fosse ferido de morta seria milagrosamente curado e ressuscitaria diante de todos como uma forma de *encantar o mundo*.<sup>327</sup> Esta era uma referência clara aos poderes sobrenaturais apocalípticos onde o Diabo concede poderes sobrenaturais para o Anticristo.

Para Frodsham estava muito claro que Mussolini tinha relações com os russos, ele era “*devedor dos russos*” enfatizava no seu artigo. O teólogo concluía seu artigo afirmando: “*se Mussolini tornar-se o sétimo imperador, é bem claro que um ‘oitavo’ que é descrito como a Besta surgirá*”.<sup>328</sup> O líder assembleiano ao fazer esta afirmação referendava profetivamente o cenário político que se desenrolava naqueles dias. As conquistas de Mussolini e o fortalecimento do fascismo eram uma prova clara que o mal estava ao seu lado. Tanto o comunismo quanto o fascismo estariam desta forma coadunados na grande batalha do Armagedom. A crença de que o Império Romano tinha um papel importante

<sup>323</sup> Presumidamente esse personagem é David Morrieson Panton (1870-1955), pastor da *Chapel Norwich* em Norfolk na Inglaterra e diretor da *Dawn Magazine* entre 1924 e 1955, um periódico fundamentalista. Em Junho de 1938 o Mensageiro da Paz faz referências ao periódico. Cf. *Mensageiro da Paz*. Junho de 1938, n.11, p.03 e [http://en.wikipedia.org/wiki/David\\_Morrieson\\_Panton](http://en.wikipedia.org/wiki/David_Morrieson_Panton) (acesso Fevereiro de 2010).

<sup>324</sup> *The Pentecostal Evangel*. 30 de Janeiro de 1926, p.04.

<sup>325</sup> *Boa Semente*. Maio de 1926, n.60, p.02.

<sup>326</sup> *Ibidem*

<sup>327</sup> *Boa Semente*. Maio de 1926, n.60, p.02.

<sup>328</sup> *Ibidem*

dentro das profecias, baseada no mito das quatro idades do mundo, foi resignificado e ajustado às interpretações prémilenaristas, que defendiam a restauração do Império.

Todos os acontecimentos ligados ao mal já estariam sob a égide de um plano maligno mobilizado pelo Diabo e outros demônios. Muitos pentecostais acreditavam que eram detentores de uma capacidade espiritual de diagnosticar a realidade mediante a leitura da Bíblia. As questões que envolviam o mundo e se relacionam com a vida presente estariam profeticamente descritas na Bíblia e por intermédio do Espírito Santo seriam facilmente reconhecidas. Ao falar sobre a situação na Rússia no jornal o *Som Alegre*, o missionário Vingren entendia que nesse país estava manifesto o chamado *espírito do Anticristo*. Portanto, o comunismo seria um prelúdio das idéias e das ações desse personagem que se oporia a toda a religião cristã.

Nós que conhecemos alguma cousa das profecias, sabemos que essas cousas hão de vir. No Bolchevismo está manifesto o verdadeiro espírito do Anti-Christo. E o “Anti-Christo”, certamente não tarde em apparecer; portanto, o que se está passando na Rússia, é para nós, crentes, motivo de levantarmos as nossas cabeças – e esperar a nossa próxima redempção.<sup>329</sup>

A afirmação “*nós que conhecemos*”, remete-se a uma revelação exclusiva. Já havia sido profetizado, e como intérpretes guiados pelo Espírito Santo, estão conscientes que tudo está dentro dos planos divinos. A redenção estaria próxima, a volta do salvador Jesus era iminente, pois os sinais da sua segunda vinda estavam se cumprindo e manifestos no comunismo. A atitude dos crentes diante dessa situação era de esperança, levantar a cabeça, ou seja, metaforicamente olhar para os céus, olhar para o local que vem a salvação.

Disto tudo presume-se que quanto maior a intensidade do discurso anticomunista maior o apelo à espera da vinda de Cristo. Em outras palavras à medida que o comunismo representa uma ameaça cada vez mais evidente da manifestação do Anticristo menor será o horizonte de expectativa em relação ao futuro. Esse tipo de enunciação se vale de um capital simbólico acumulado pelo grupo no qual as forças do mal

---

<sup>329</sup> *Som Alegre*, Maio de 1930, n.06. p.03.

podiam ser reconhecidas facilmente. As descrições ou afirmações em relação ao comunismo eram rapidamente assimiladas pelo grupo, principalmente porque esse discurso provinha dos jornais oficiais da igreja.<sup>330</sup>

Baseados nas notas da bíblia de estudos Scofield,<sup>331</sup> os prémilenaristas acreditavam que Deus viria contra os poderes que vinham do norte. Nas anotações de Scofield esta era uma clara referência a Rússia, como a grande nação líder da guerra do Armagedom. Esse tipo de análise escatológica conferia plausibilidade tanto para o mito das Idades do mundo, quanto para a realidade política que se passava naqueles dias.

Em 1926 não estava muito claro em que espaço geográfico o Anticristo estava localizado. Nesse período a grande preocupação era com o chamado *espírito do Anticristo*, uma espécie de ações reconhecíveis que faziam parte de vários modelos de governos autoritários que facilmente os pentecostais traduziam como a ameaça do fim. Para o articulista do jornal Boa Semente o assembleiano Affonso de Oliveira esse espírito era caracterizado como uma *força latente* àqueles dias. No seu artigo intitulado - O Espírito do Antichristo operando já no mundo - ele afirmava:

O Antichristo está no mundo, como força latente, aguardando a sua manifestação de outro modo, qual seja o aparecimento de um ser que de facto encarne todos os attributos descriptos na Palavra de Deus e que realmente congregue em torno de si elementos poderosos, com os quaes possa enfim realizar o seu desiderato. Romano ou judeu, atheu ou theista, o que é certo é que há de apparecer tal homem, que será destruido com o assopro da boca do benedicto Salvador.<sup>332</sup>

O missionário Samuel Nyström falando sobre um culto realizado em Belém cujo pregador foi o missionário Rice, no dia 09 de outubro de 1927, descreve o sermão nas páginas do Boa Semente. Uma das questões que chama a atenção é que na mensagem de Rice fica muito claro o quanto os pentecostais estavam convictos que pertenciam a últi-

---

<sup>330</sup> BOURDIEU, Pierre. 2008, op.cit., p.89

<sup>331</sup> Cf. *Scofield Bible Reference*: Ez.38:02; Joell:15; Ap. 19:19.

<sup>332</sup> *Boa Semente*. Novembro e Dezembro de 1926, n. 66-67, p.10

ma geração da raça humana sobre a terra. Ele dirigiu ao público as seguintes palavras:

Muitos estudantes, prezados, irmãos, creem que o reino do Antichristo inaugurar-se-á durante a nossa vida. Cada dia devemos lutar contra esse espírito... Tanto mais se aproxima o dia da vinda de Cristo, quanto deve ser clara a divisão entre o crente e o mundo.<sup>333</sup>

Algum tempo depois em 1932, o sermão A Marca da Besta<sup>334</sup> de Nathan Cohen Beskin foi traduzido para o Mensageiro da Paz.<sup>335</sup> Neste artigo Beskin procura por intermédio de uma série de combinações numerológicas identificar a quem se refere o número da Besta. Utilizando um complicado cálculo que relaciona números a letras tanto em hebraico quanto em grego, ele chegou a conclusão que o nome do papa da Igreja Católica, Pio XI e o seu reinado latino eram correspondentes ao número 666. Tal número seria o código que representa a Besta. No discurso teológico do jornal, a origem latina e a simpatia de Mussolini com a Igreja Católica coloca-o como um possível aliado, seguidor, ou até mesmo a própria Besta. Embora o jornal sugira, não defende objetivamente quem é a Besta, mas lança a questão eliminando os líderes que não o são: “*não pode ser Emil Pasha na Turquia, porque elle não está usando-se do papa para os seus desígnios, não pode ser Stalin da Rússia porque combate o papa. Quem será então?*”<sup>336</sup>

Mais do que esclarecer quem é a Besta a proposta do jornal é posicionar-se contra outros inimigos, o fascismo italiano, acusando Mussolini e a própria Igreja Católica. Se em 1930 a Besta parecia estar no território russo, agora não mais. É perceptível que tanto a Besta quanto o Anticristo estavam volúveis no discurso teológico, à medida que admitiam papéis que não eram estáticos. As imagens da Besta e do Anticristo assumiam certas funções, corporificando ações que mudavam de uma época para outra. As representações de um inimigo a ser combatido, conferiam a este inimigo características identitárias conforme exigências discursivas e teológicas próprias de cada época. Se em um mo-

<sup>333</sup> *Boa Semente*. Outubro de 1927, n.77, p.01-02

<sup>334</sup> Título original do artigo é: The Mark of the Beast. Cf. *The Pentecostal Evangel*, 4 de Julho de 1931, p.01:08.

<sup>335</sup> *Mensageiro da Paz*. Fevereiro de 1932, n.03-04, p.06

<sup>336</sup> *Mensageiro da Paz*. Fevereiro de 1932, n.03-04, p.06

mento o Anticristo combate o fascismo, em outro ele é descrito como amigo da igreja Católica.

Cabe lembrar que na década de 1930 o catolicismo se fortalecia consideravelmente no Brasil e representava uma ameaça muito forte a todos os outros grupos religiosos. Nesse período grandes forças como a do Estado sob o governo do presidente Getúlio Vargas quanto o próprio Papa Pio XI fortaleceram o papel institucional da Igreja no país. Marco simbólico disso é o decreto do papa Pio XI em 16 de julho de 1930, que proclamou a imagem de Maria, a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e a inauguração da estátua do Cristo Redentor em 12 de outubro de 1933. Estes dois eventos contaram com a celebração do presidente Vargas.<sup>337</sup>

## EXPECTATIVAS ESCATOLÓGICAS

Em 1938 uma das expectativas escatológicas estava relacionada à crença de que o Império Romano seria restaurado como cumprimento das profecias bíblicas. Para os assembleianos tanto a Guerra Civil Espanhola quanto a conquista da Abissínia pela Itália representava que parte do Império Romano tinha sido restaurada.<sup>338</sup> As interpretações que durante a Segunda Guerra associavam a Rússia com Gog, o grande líder dos exércitos do Anticristo, permitiram os assembleianos afirmar a partir de 1945 que era durante o Armagedom que o Império Romano seria restaurado plenamente.<sup>339</sup>

No discurso assembleiano o comunismo era uma obra do demônio que tinha características já conhecidas e outras inéditas. Ele era uma influência do mesmo mal que estava presente quando se manifestou o pecado original, ou quando tentou Jesus no deserto, mas também se caracterizava entre outras coisas pela subversão política, pelo materialismo, o ateísmo, a destruição da família da propriedade privada e da pátria.

Embora a crença na existência de agentes do mal seja anterior ao cristianismo, Motta destaca que a religião cristã sistematizou o arquétipo e colocou o demônio em posição de destaque, como fonte originária

---

<sup>337</sup> FAUSTO, Boris . 2006, op.cit., p. 332

<sup>338</sup> *Mensageiro da Paz*, Janeiro de 1938, n.01, 01

<sup>339</sup> *Mensageiro da Paz*, Agosto de 1945, n.15, p.02

de todo o mal. Este é um recurso usado pelas instituições cristãs que quando ameaçadas enxergam nos adversários o dedo oculto do maligno.<sup>340</sup> No discurso assembleiano o demônio tinha sua identidade aglutinada com outros agentes como a Besta e o Anticristo. Daí a afirmação do Mensageiro da Paz:

Assim como o Christo foi o Homem-Deus, o Anti-Christo será o Satanaz-Homem: sabemos que elle será um homem, embora não sabíamos agora que o seja. (...) Filho da perdição”, “Homem do peccado” e “Besta”, são as palavras com que as Escripturas conhecem o Anti-Christo.<sup>341</sup>

Como fora visto a Besta e o Anticristo até meados de 1931 pareciam estar sem solo definido. O Diabo estava solto no mundo, mas não havia certeza claramente em que espaço geográfico ele se manifestaria em termos apocalípticos. A busca pelos sinais e evidências do seu posicionamento saturava a retórica assembleiana. Agentes como Mussolini representavam até esse momento um inimigo em potencial.

O que fica muito claro é que à medida que os jornais pentecostais nos Estados Unidos intensificavam o discurso anticomunista e antifascista, no Brasil ocorria um acompanhamento desse discurso. O grande combate ao comunismo a partir de 1930 nos Estados Unidos modificou a própria compreensão escatológica, associando cada vez mais o Anticristo ao comunismo. O próprio Mussolini que fora até bem pouco tempo reconhecido como o Anticristo passou a ser interpretado como um *amigo da Bíblia*. No jornal *The Pentecostal Evangel* a partir de 1931 vários artigos reconsideraram a visão que tinham sobre Mussolini e passaram a mostrá-lo com outra imagem, representando-o de outra forma.<sup>342</sup> Essa postura era reflexo direto da política internacional adotada pelos Estados Unidos em relação aos países europeus em especial a Itália. No Brasil um artigo traduzido do *Australia Missionary Tidings* publicado em junho de 1932, afirmava que Mussolini realizou uma

---

<sup>340</sup> MOTTA, Rodrigo P. S, op.cit.,p.49

<sup>341</sup> *Mensageiro da Paz*. Outubro de 1933, n.20, p.01,02

<sup>342</sup> Muitos periódicos a partir de 1931 nos Estados Unidos desvincularam a imagem de Mussolini com a do Anticristo. Cf. *The Pentecostal Evangel*, 09 de Abril de 1932, p.14; *The Pentecostal Evangel*, 09 de Julho de 1932, p.04, *The Pentecostal Evangel*, 22 de Outubro de 1932, p.14, *The Latter Rain Evangel*, vol.23, n.06, Março de 1931, p.02,03, *The Latter Rain Evangel*, 01 de Janeiro de 1933, p.22.

grande reunião e “*erguendo um exemplar das Escripturas, perante muitos ouvintes, disse: é o melhor livro do mundo*”. Segundo o artigo, este era um dos motivos pelos quais Mussolini iria “*introduzir o estudo da Bíblia nas escolas*”, e por esse motivo conquistou a simpatia de muitos protestantes.<sup>343</sup>

Em 1933 fica nítido que o mal estava se posicionando geograficamente e já estava com território estabelecido. O articulista do Mensageiro da Paz, Emílio Conde, fala que por intermédio de um jornal alemão ficou sabendo de notícias terríveis provenientes da Rússia. Conde afirma que naquele mesmo ano a Rússia punha em prática um “*plano quinquenal atehista e diabólico*”, que estava sendo executado pelos organizadores satânicos com o objetivo de “*acabar com o sentimento religioso naquele paiz*”.<sup>344</sup> Embora não cite o Anticristo, todas as referências mostram que para Conde é na Rússia que o Diabo está levando a cabo seus planos.

Outro artigo traduzido do The Pentecostal Evangel para o Mensageiro da Paz foi - *O Bolchevismo batalhando contra o Cristianismo*.<sup>345</sup> Este artigo escrito por Herbert Schmidt representa o Anticristo como o líder de um grande exército que se lança contra os cristãos. Na estrutura do artigo é disposto no centro da página um versículo emoldurado por uma caixa de texto no qual está escrito um versículo do profeta Habacuque que serviria para orientar toda a compreensão do texto restante. Nesse quadro o texto de Habacuque se remete a imagem de um exército que é simbolizado pelos caldeus. No velho testamento os caldeus eram um povo mesopotâmico que se estabeleceu na Babilônia e agia contra a nação de Israel. O texto do enfatiza a mortandade que acometeria Israel ao deparar-se com esse povo. O jornal apropria-se da imagem bíblica dos caldeus e remete-se aos comunistas como símbolos deste povo. Vejamos a seguir como os representam:

Porque eis que suscito os caldeus, nação amarga e apressada, que marcha sobre a largura da terra, *para possuir moradas não suas*. Horrível e terrível é: dela mesmo sairá o seu juízo e a sua grandeza. Eles todos virão, com violência: os seus rostos buscarão o oriente, e eles congregarão os cativos, como areia.

---

<sup>343</sup> *Mensageiro da Paz*, Maio de 1933, n.09, p.06.

<sup>344</sup> *Mensageiro da Paz*, Maio de 1933, n.10, p.02.

<sup>345</sup> O artigo original intitulado “*Battling Against Christianity*” foi escrito por Herbert Schmidt e publicado no *The Pentecostal Evangel*, 04 de Agosto de 1934, p.03.

*E escarnecerão dos reis e dos príncipes farão zombaria: eles rirão de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomarão. Então passará como vento, e pisará e se fará culpada, pois o seu próprio poder é seu Deus.* (versão sueca) Hab.1:6,7.9-11.<sup>346</sup>

Nestas palavras estava evidente para os assembleianos que o comunismo, tal como os caldeus, representavam uma ameaça para o povo de Deus. Se no antigo testamento esse povo era Israel, no novo testamento corresponde a todos que passarem pelo processo de verdadeira conversão ao cristianismo, a igreja de Jesus Cristo.

O texto fazia alusão aos comunistas como uma gente amarga, sem sensibilidade, que como um exército marcha sobre a terra em toda a sua largura, ou seja, aqui fora enfatizado o caráter global do comunismo. Representados como violentos, conseguiriam dominar todos os habitantes da terra, fazendo-os cativos, tal como os babilônicos fizeram com o povo de Israel. O poder dos comunistas era tal que dominariam as autoridades da terra, representadas no artigo por reis e príncipes. A referência ao Oriente era alusiva a Rússia, local para onde levariam todos os seus dominados, mas chegaria um momento em que se dariam conta da necessidade da religião e então se sentiriam culpados por não cultuar a Deus e sim cultuar o seu próprio poder.

Igualmente a Babilônia bíblica passava a representar a atividade do governo comunista. Esse império que dominou Israel e proibiu que esse povo adorasse o seu Deus é aqui representado pelo despotismo russo. Anos mais tarde a imagem da Babilônia representada pela Rússia reaparece. No Mensageiro da Paz de abril de 1938, o redator Emílio Conde classificava como satânica as atividades de homens como Stálin, e alertava que todos deveriam estar preocupados em “*sair da Babilônia, rejeitar seus costumes estigmatizar os seus feios pecados, resistir a toda a obra má e condenar as inovações criminosas*”.<sup>347</sup>

O exemplar do Mensageiro da Paz de fevereiro de 1935, que trazia a tradução do artigo de Schmidt, foi apreendido pelo Deops<sup>348</sup> e indexado ao prontuário do pastor Samuel Hedlund. Segundo as autoridades que apreenderam o jornal o material possuía um “*conteúdo nocivo*”

<sup>346</sup> *Mensageiro da Paz*. Fevereiro de 1935, n.04, p.01

<sup>347</sup> *Mensageiro da Paz*. Abril de 1938, n.08, p.02.

<sup>348</sup> O Deops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) foi um órgão que atuava em São Paulo desde 1924 cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais. Durante o Estado Novo foi incorporado ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

ao governo Vargas e sob a máscara da religião poderia esconder algum gesto político”. No prontuário de número 456 está relatado que Hedlund poderia sensibilizar os camponeses de Gramadinho (SP), “*peças sem mentalidade alguma... com manifestações religiosas de caráter ridículo e até certo ponto perturbador da ordem*”.<sup>349</sup> Tudo indica que a apreensão do jornal ocorreu de forma isolada, pois os responsáveis diretos pela publicação, os editores Carlos Brito e Nils Kastberg, ou o tradutor Julius Schalch, não são mencionados no Deops. Em abril de 1935, Hedlund retorna com sua família para a Suécia, dois meses após ter sido fichado.<sup>350</sup>

## O COMUNISMO E A TRIBULAÇÃO

Baseados na análise fenomenológica das questões que se desenvolviam no mundo, tanto relacionados às esferas religiosas quanto seculares, os pentecostais faziam prognósticos quanto ao desencadeamento da história. Esse modelo especulativo inferia sentidos para os tempos. Nessa perspectiva a Rússia se encontrava como um dos locais onde se manifestavam os indícios de que a Tribulação era real e breve ocorreria. Para os assembleianos as evidências dessa fase na história da humanidade eram que os russos adotavam práticas cruéis como métodos para enlouquecer as pessoas, o cerco aos ministros do evangelho, os fuzilamentos, prisões perpétuas, a condenação qualquer manifestação religiosa.<sup>351</sup>

Essas interpretações de que a Tribulação já tinha iniciado ou estava prestes a iniciar, se remetem a um horizonte de expectativa em relação ao futuro que praticamente ignorava o tempo futuro como algo a ser vivenciado e colocava o tempo presente como o centro das preocupações. Nesse sentido o Mensageiro da Paz ilustra bem o quanto o horizonte de expectativa dos assembleianos estava vinculado ao presente:

---

<sup>349</sup> CARNEIRO, Maria Luiza T. KOSSOY, Boris. (orgs.) *A imprensa confiscada pelo Deops-1924-1954*. São Paulo: Ateliê/Imprensa Oficial, 2003, p. 164.

<sup>350</sup> ARAÚJO, Isael. 2007, op.cit., p.345

<sup>351</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1932, n.03-04, p.06.

Não desperdices o presente, para que não venhas a sentir remorso de não haveres aproveitado o tempo para fazer alguma coisa que alegre a ida e satisfaça a Deus. O passado não se recuperou, o presente é a nossa oportunidade de servir a Deus. O futuro não te pertence, como pois fazer projetos para os dias vindouros e adiar para mais tarde as necessidades inadiáveis de hoje? Não, o futuro não é teu; não está na tua mão. Não contes com o futuro; o passado já se foi, só o presente é o tempo de ação, mas ação para Deus.<sup>352</sup>

De acordo com as interpretações escatológicas dispensacionalistas, o período que antecede a volta de Cristo seria marcado pela Tribulação. Esse período da história deveria ser entendido como a penúltima fase da humanidade na terra, precedente a volta de Cristo e posteriormente seguida do Milênio. A crença de que os salvos escapariam da Tribulação pode ser reconhecida nas palavras do missionário Samuel Nyström:

Todos nós que lemos as Escripturas sabemos que depois da dispensação da igreja virá aflicção e grande aperto sobre a terra, antes que comece o riemo millenial do qual as Escripturas fallam. Sabemos também pela Palavra de Deus, que antes que venha esta aflicção – a vingança de nosso Deus – o Senhor tirará o seu povo da terra.<sup>353</sup>

Essa compreensão da história estava alinhada aos ensinoss de Durham e da maioria dos prémilenaristas. Qualquer conflito ou desordem da sociedade poderia significar um imediato início da Tribulação e um sinal claro de que Cristo voltaria para buscar os santos. Os que fossem arrebatados por Cristo, seriam libertos desse período da história. Em 1936 o missionário Algot Sweenson declarou no Mensageiro da Paz que em alguns lugares na terra o diabo já estava atuando e provavelmente a Tribulação já havia começado.<sup>354</sup>

O início da Segunda Guerra é interpretado sob as orientações das notas da bíblia de estudos Scofield e com base nelas muitos defendi-

---

<sup>352</sup> *Mensageiro da Paz*. Junho de 1946, n.11, p.03.

<sup>353</sup> *Boa Semente*. Julho 1923, n.26, p.01

<sup>354</sup> *Mensageiro da Paz*. Outubro de 1936, n.20, p.01,02.

am que a região bíblica de Gog se referia literalmente a Rússia. O Mensageiro da Paz no início de 1940, afirmava que as estratégias de guerra da Rússia nada mais eram do que Gog tomando posição. O “*despertar do gigante moscovita... e a sua ameaça aos pequenos Estados limítrofes, indica que Gog está tomando posição*”. Segundo Emílio Conde este era um prenúncio de que o “*Armagedom é uma coisa real*”.<sup>355</sup> Em agosto de 1940, no artigo intitulado - Começo do Fim - os assembleianos fazem um prognóstico de que assim que a Rússia (Gog) se fortalecer, ela vai dominar uma confederação e chefiará as forças que vão guerrear com Deus.<sup>356</sup>

Para os assembleianos tudo que se passava no mundo representava o pleno cumprimento das profecias e do próprio Apocalipse. Ao que tudo indica estavam certos que um dos quatro cavalos do Apocalipse já estava no mundo. Era o Cavalo Vermelho, cuja cor se remete diretamente às insignias do comunismo. Bastava tão somente esperar o Arrebatamento, quando o Cavalo Branco, simbolizado aqui por Cristo, viria buscar a igreja. Em 1940 vemos no Mensageiro da Paz como a realidade era interpretada a guisa das profecias.

O Cavalo Vermelho do Apocalipse está no mundo, trazendo morte e destruição, reinando em grande parte dele a anarquia e a confusão. Felizmente o profético Livro do Apocalipse não termina com este quadro tétrico, mas, aponta-nos aquele que, mostrado em um Cavalo Branco, e também todo vestido de branco, tem por nome A PALAVRA DE DEUS.<sup>357</sup>

Alguns meses depois dessa afirmação o Mensageiro da Paz traz outro artigo intitulado -O Cavalo Branco da Revelação. De acordo com o editorial ocorreu um equívoco ao terem afirmado que o Cavalo Branco representava Cristo, isto porque as características do texto apocalíptico que não condizem com a identidade divina. Desta forma o artigo concluía que “*o segundo cavalo [branco] não desceu à terra pois ainda não houve aqui paz para que ele viesse tirar*”.<sup>358</sup> Para o jornal essa paz se referia a qualquer sinal de armistício. Esta interpretação foi uma forma de estabelecer um sentido para o comunismo dentro do plano escatológico.

<sup>355</sup> *Mensageiro da Paz*, Janeiro de 1940, n.02, p.01.

<sup>356</sup> *Mensageiro da Paz*, Agosto de 1940, n.16, p.05.

<sup>357</sup> *Mensageiro da Paz*, Maio de 1940, n.09, p.05

<sup>358</sup> *Mensageiro da Paz*, Agosto de 1941, n.16, p.04.

gico, representado pelo vermelho do primeiro cavalo, e de justificar o final do conflito mediante o uso simbólico do branco como insígnia da paz.

A credibilidade que os assembleianos conferiram à Bíblia, como uma espécie de manual de instruções que prescreve tanto como agir como o que sucederá na história, forneceu uma série de elementos que resultaram em paradigmas teológicos. Nos estudos bíblicos realizados pelo missionário Samuel Nyström sobre o capítulo 38 de Ezequiel, ele procurou fornecer um sentido para a realidade histórica. Para o missionário estava muito claro que não era a Alemanha quem chefiaria a confederação do mal que combaterá no Armagedom, e sim a Rússia. Ele defendia que isto estava muito claro pelas profecias. Algumas acomodações foram feitas no texto com objetivo de que o sentido fosse justamente aquele a qual se esperava.

Nyström afirmava que os nomes descritos nas profecias significam respectivamente, Rosh (Rússia); Mesech (Moscou); Tubal (Tobolsk) [capital da Sibéria] Gomer (Germânia) e Magog (China). Desta forma o missionário procurava legitimar suas impressões sobre a realidade com base no texto bíblico, procurando as verossimilhanças entre o texto e a realidade.<sup>359</sup> A medida que esses prognósticos não se concretizavam, os versículos bíblicos sofreram adaptações exegéticas com intuito de acomodar tanto o texto quanto a realidade dentro de uma compreensão teológica orientada pelo dispensacionalismo prémilenarista. Nesse sentido logo que chegou ao fim a Segunda Guerra novos prognósticos proféticos surgiram prevendo uma Terceira Guerra.<sup>360</sup> O mundo polarizado entre capitalismo e socialismo passou a ser reconhecido como símbolo profético dos pés da estátua da profecia de Daniel.<sup>361</sup> As decisões da Organização das Nações Unidas em relação a Israel foram interpretadas como o desfecho de uma das últimas ações de Deus antes da volta de Cristo.<sup>362</sup>

---

<sup>359</sup> *Mensagem da Paz*. Fevereiro de 1942, n.03, p.03

<sup>360</sup> *Mensagem da Paz*. Julho de 1948, n.13, p.03.

<sup>361</sup> *Mensagem da Paz*. Outubro de 1949, n.19, p.03.

<sup>362</sup> *Mensagem da Paz*. Janeiro de 1950, n.01, p.03; *Mensagem da Paz*. Março de 1950, n.06, p.05; *Mensagem da Paz*. Setembro de 1950, n.17, 04; *Mensagem da Paz*. Setembro de 1950, n.18, 04; *Mensagem da Paz*. Março de 1951, n.05, 02.

## REPRESENTAÇÕES DA RÚSSIA DO ANTICRISTO E DO COMUNISMO

Em uma pequena parábola o jornal Mensageiro da Paz utilizou a imagem de um lenheiro para descrever a ação do Anticristo. Nessa imagem fora apelado para o caráter destrutivo do lenhador. A humanidade foi representada como uma grande árvore que seria derrubada por ele. Esta alegoria ilustrava o objetivo do Anticristo, que era formar um sistema de governo globalizante, capaz de controlar todas as atividades sociais e promover a união dos homens sob um plano maligno.

Certo homem estava ao lado de uma árvore e quando olhava para esta sorria sem parar. Alguns perguntaram de que ele estava rindo, e ele disse: eu estava pensando que se todas as árvores fossem uma só árvore, e todos os lenheiros fossem um só lenheiro, e todos os machados um só machado, e todos os rios um só rio, e derrubando-se a árvore, haveria uma grande queda (...) Aparecerá o grande lenheiro, que há de absorver todas as igrejas, todos os bancos, todas as mercearias e todas as fábricas. Ele será um grande homem – o Anticristo, e quando for revelado, então, virá a tribulação. Tribulação tal que o mundo nunca viu. Fico arrepiado em pensar.<sup>363</sup>

Essa parábola demonstrava o poder do Anticristo, bem como seu mecanismo de atuação. As observações sobre os acontecimentos sociais levavam a crer que em pouco tempo o governo deste inimigo seria estabelecido. A constatação do jornal que “*todos os reinos estão ficando um reino, e todas as igrejas estão ficando uma só igreja*”,<sup>364</sup> atemorizava os fiéis, reafirmando a idéia de que um governo universal não tardaria. Em 1933 há uma retomada desta imagem que associava o período da Tribulação com a de um único Estado totalitário. A crença de que um Estado onipotente seria a expressão máxima do estabelecimento da dispensação Tribulacionista foi associada ao comunismo. Para os assembleianos estava evidente que a Rússia tinha uma responsabilidade muito grande no estabelecimento deste Estado.

---

<sup>363</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1932, n.03-04, p.06

<sup>364</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1932, n.03-04, p.05

O que faz a questão tornar-se mais crítica, no tempo presente, é o facto de que, em toda a parte as nações estão avançando para o Estado Omnicompetente. Na Rússia e na Itália, esse ideal já foi atingido, e está em plena operação... Em logar do direito divino dos Reis, temos doutrinas do direito divino do Estado; a diferença entre ambos é que o Estado poderá exercer uma pressão cem vezes maior do que fora possível a um rei. Tal regime poderá apresentar um desafio direto ao christão, com a exigência de obedece-lo.<sup>365</sup>

O medo do Anticristo estava permeado dos mistérios que envolveriam suas ações. Os pentecostais julgavam-se capazes de desvendar os “mistérios” bíblicos inclusive os relacionaos ao próprio Anticristo. Segundo o Boa Semente em 1925 operava no mundo o “*mistério da iniquidade*” que nada mais era que o próprio comunismo. Eles afirmavam que sob a atuação de Satanás este mistério seria revelado. Embora não tenham utilizado a palavra comunismo, a retórica ligada a eles era muito clara. O Boa Semente declarou que o “*atheismo actual é como a semente de que há de se germinar, de brotar, essa arvore do mal, em cuja sombra se accomodarão todos os principios que já agora negam a divindade*”.<sup>366</sup> Segundo os assembleianos esse mistério da iniquidade estava contido, esperando o tempo de se manifestar, mas certamente estava presente no mundo. A imagem da planta da semente que cresce e se transforma em árvore sevia para ilustrar a expectativa que possuíam de que o comunismo avançasse. Tal como o Reino de Deus ilustrado como uma semente que germina e cresce, os assembleianos adotam essa mesma imagem para se referir ao comunismo.

Visando descrever alguns métodos de tortura que o Anticristo poderia adotar o jornal relata atrocidades cruéis empregadas pelo governo na Rússia e as compara com as punições aplicadas pela Inquisição Católica. Entre os métodos de tortura e punição praticados na Rússia estariam as mutilações de membros do corpo, o uso de cadeias para prender o pescoço, a dilaceração da carne com tenazes aquecidas no

---

<sup>365</sup> *Mensageiro da Paz*. Setembro de 1933, n.17, p.08

<sup>366</sup> *Boa Semente*. Setembro de 1925, n.52, p.04.

fogo, fuzilamentos e prisões perpétuas.<sup>367</sup> A própria Inquisição foi utilizada como exemplo das atrocidades que se passavam na Rússia:

Descrever as cenas que se passam com os christãos na Russia seria reviver a inquisição; pensamos que com palavras, não se explica o que temos ouvido de algumas victimas que Deus permitiu escaparem com vida.<sup>368</sup>

Quem orientava e direcionava os homens comunistas a agirem daquela maneira? A resposta para os assembleianos era muito clara: as forças espirituais, especificamente a influência de Satanás. O demônio seria responsável por todas as ações dos comunistas. Os jornais enfatizavam que era na mente do demônio que surgiam os planos, os projetos políticos, as estratégias para levar as pessoas para o inferno. Os assembleianos classificavam os comunistas como instrumentos do demônio. Como verdadeiros objetos nas mãos do demônio os comunistas eram manipuláveis, tal como marionetes guiados pelo poder satânico. A vontade destes homens era submissa à vontade do demônio, o mal é quem os coordenava. Segundo os assembleianos era na mente de Satanás que todas as ações comunistas eram pensadas. Na sessão do Mensageiro da Paz chamada Atualidades, no artigo intitulado - O que se passa na Rússia - os jornal afirmava que a “*imaginação de Satanás e seus instrumentos ,os homens do peccado, é muito profunda e muito vasta*”<sup>369</sup>. Tal possessão maligna os levaria a um estado de demência e loucura, a falta de juízo e da racionalidade, o artigo complementava “*Ó loucos, até onde vos levará o desvario?*”<sup>370</sup>. Portanto o diabo teria o poder de agir tanto na consciência quanto na racionalidade humana, e a imagem do louco é uma forma de ilustrar o desvario deles.

Os assembleianos identificavam que dentre os planos demoníacos estavam aqueles relacionados à destruição da moral e dos bons costumes. Os russos representavam o retrocesso civilizatório, a demência humana, que poderia levar as pessoas a perder o controle de si mesmas a ponto de desprezarem os valores morais cristãos. Toda a sociedade comunista estaria envolta nesse intento, pois como um todo estaria sob a

<sup>367</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1932, n.03-04, p.05

<sup>368</sup> *Mensageiro da Paz*, Novembro de 1933, n. 22, p.04

<sup>369</sup> *Ibidem*

<sup>370</sup> *Mensageiro da Paz*, Novembro de 1933, n. 22, p.04.

ação do demônio, de crianças a velhos todos estariam sob a ação do maligno, “*o Diabo não escolhe a idade das pessoas*” afirmava o jornal.<sup>371</sup>

## IMAGINAÇÃO TERIOMÓRFICA

O comunismo foi associado à imagem de muitas criaturas. Geralmente essas criaturas tinham presença marcante no imaginário popular, que os classificava como bichos traiçoeiros. Motta explica que as características de determinados animais compõem um verdadeiro *bestiário* sobre o comunismo no Brasil, animais peçonhentos, bichos assustadores, serpentes, lobos, ursos, abutres entre outros foram largamente usados na criação de imagens sobre o comunismo.<sup>372</sup> Para Gilbert Durand o processo de representação de valores, temores e anseios utilizando o simbolismo animal configura-se no que ele chama de *imaginação teriomórfica*.<sup>373</sup>

Seguindo essa mesma linha de representações, o missionário Samuel Nyström representou o comunismo como um urso traiçoeiro. Uma suposta proposta da Rússia com objetivo de reduzir seus armamentos seria na realidade um plano comunista visando destruir outras nações. Desta forma sobre essa proposta o jornal faz a seguinte colocação:

O leão suggestionou a águia, para que esta dispensasse as garras. A águia apelou para o touro, que acabasse com os seus chifres. O touro apelou para o tigre, para abandonar as suas unhas. Por fim, o urso sugeriu a todos, que se deviam desarmar, completamente, unindo-se a elle, num abraço universal.<sup>374</sup>

---

<sup>371</sup> *Ibidem*

<sup>372</sup> MOTTA, Rodrigo P. S. op.cit., p.51.

<sup>373</sup> DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martin Fontes, 1997, p.69.

<sup>374</sup> *Mensageiro da Paz*. Abril de 1933, n.07, p.05.

A suposta docilidade do urso esconderia sua agressividade e desejo de destruir com um gesto aparentemente amigável seus opositores. No artigo estava clara a presença de outros animais, porém a astúcia do urso simbolizando a Rússia esconderia um propósito muito claro, o domínio sobre outras nações. A proposta russa de reduzir suas “*grandes reservas de material de guerra (...) foi recolhida com descrédito*”,<sup>375</sup> o caráter mentiroso do comunista foi evidenciado na imagem do urso.

A imagem do urso foi novamente empregada quando o Mensageiro da Paz descreveu um animal apocalíptico. Em 1938 um artigo escrito por José Teixeira Rego, afirmava que o monstro apocalíptico visto pelo evangelista São João, estava pronto para entrar em ação. Em que consistia o monstro? O animal teria a cabeça de leão, o corpo de leopardo e as patas de um urso, de forma que cada animal representaria uma nação poderosa e ao mesmo tempo um único animal híbrido. De acordo com Rego, “*o animal teratológico tem a cabeça na Abissínia, o tronco na Inglaterra e as patas do urso moscovita*”<sup>376</sup>. Esse monstro era um devorador, motivado por um desejo infernal de um regime cruel. Tal monstro pretenderia reinar com uma selvageria jamais vista. O articulista adverte:

E o monstro devorador [...] animado pelo desejo infernal de um regimen de crueldade, sem controle, pretende reinar, com um terror jamais visto, com uma selvageria jamais registrada [...] Reflitamos, irmãos, e unimo-nos contra um inimigo comum. Esta guerra que se esboça, é uma luta de idéias. Vai ser travado o mais formidável combate, entre o bem e o mal, entre a verdade e o erro, entre a civilização e a animalidade (...) E escolhamos, ou nós devoramos o monstro ou ele nos devorará [...] Identifiquemo-nos em um sentimento único: resistir ao domínio do monstro, salvando as conquistas grandiosas do gênero humano, das garras do leão, da ambição do leopardo e da ferocidade do urso.<sup>377</sup>

O Mensageiro da Paz apresentou uma entrevista realizada a James Innes, secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. No

---

<sup>375</sup> *Ibidem*

<sup>376</sup> *Mensageiro da Paz*, Outubro de 1938, n.19, p.02.

<sup>377</sup> *Ibidem*

depoimento de Innes, ele se refere a presença dos comunistas na Guerra Civil Espanhola como cães da guerra<sup>378</sup> Os comunistas foram descritos como “*animais ferozes que estão soltos, com instintos naturais sanguinolentos*”.<sup>379</sup> Para Innes os comunistas eram os em colocar em risco os copoltores da Sociedade Bíblica, os responsáveis em levar o “Livro da Vida” aos espanhóis. Os comunistas foram representados como cães sanguinários que impossibilitavam a divulgação do evangelho nessa Espanha.

## COMBATENDO UM INIMIGO EM COMUM

Para as instituições religiosas cristãs o comunismo questionava os fundamentos básicos do cristianismo. Os assembleianos interpretaram o comunismo como um sistema de crenças que concorreria com a religião à medida que se propusesse fornecer sentido ao mundo e aos valores humanos. Esse posicionamento também era mantido pela Igreja Católica, a instituição não estatal que mais combateu o comunismo no Ocidente.

Nessa lógica, tanto o capitalismo, quanto a religião eram considerados pares antitéticos em relação ao comunismo e o ateísmo. O discurso anticomunista assembleiano, apelava frequentemente para uma retórica que procurava defender as instituições cristãs e o mundo ocidental com todos os seus valores. Em 1930, o jornal *O Som Alegre* argumentava que na Rússia, indistintamente do credo, todos os religiosos eram indignos de viver e por isso o governo russo estava promovendo um “*assassínio sistemático às multidões de pessoas*”. Esse projeto de genocídio teria como algo todos os religiosos e defensores do capitalismo.<sup>380</sup>

Para muitos católicos o comunismo representava uma ameaça a toda e qualquer religião cristã. O bispo católico Dom João Becker enfatizava que a filosofia comunista opunha-se a qualquer princípio cristão e representava uma derrocada dos postulados básicos da cristandade; “*negando a existência de Deus e conseqüentemente as doutrinas e dogmas religiosos, defendendo suas próprias doutrinas baseadas no ateísmo e*

---

<sup>378</sup> *Mensagem da Paz*. Julho de 1937, n.14, p.03.

<sup>379</sup> *Ibidem*

<sup>380</sup> *Som Alegre*. Maio de 1930, p.03.

*no materialismo*”.<sup>381</sup> Em sentido semelhante, para os assembleianos o comunismo representava não apenas como uma luta entre o bem e o mal, e sim entre a religião e o ateísmo, como podemos constatar:

[...]vemos que o governo dos Soviets, tem levantado uma pesseguição forte e sistemática contra toda a religião, afim de extinguir e expulsar, qualquer forma de religião existente naquele paiz [...] Futuramente obrigarão em todas as escolas, a instrução “anti-religiosa.”<sup>382</sup>

Encontramos nesse discurso a defesa do cristianismo como um sistema mais amplo, independente das matizes religiosas as quais por incongruências na pertença simbólica acabam sendo rivais (Igreja Católica, Batista, Presbiteriana, Adventista etc). Ocorre nesse momento o que Baczko chama de representar solidariedade,<sup>383</sup> ou seja, o imaginário que é abordado nesse momento, sai em defesa da religião, do monoteísmo, dos valores que se estabelecem como comuns, na diferença combate-se o que é mais diferente. Em exemplo disso é que, descrevendo a perseguição contra o cristianismo, os pentecostais se solidarizaram com a igreja Ortodoxa Grega; “*Da igreja cathólica grega, foram mortos 26 bispos, 6.755 padres e grande número de christãos de outras egrejas*”. No mesmo artigo havia a menção referência aos pentecostais: “*conforme notícias recém chegadas da Rússia, também evangelistas pentecostaes são presos e só Deus sabe qual tem sido a sua sorte*”.<sup>384</sup>

Muitos assembleianos por intermédio de catecismos (de uma herança católica), sermões, leituras da história do cristianismo, da bíblia, estavam saturados de imagens sobre as atrocidades cruéis cometidas em Roma contra os primeiros cristãos, os apóstolos e ao próprio Cristo. Consciente disto e da imagem que os fiéis possuíam dos castigos executados contra o “povo de Deus”, é que a Rússia foi comparada ao próprio Império Romano que nos primeiros séculos executou um incontável número de cristãos. É importante ressaltar que frequentemente o inimigo é imaginado na sua forma mais mítica, quando isso ocorre (o que pode

<sup>381</sup> BECKER, (Dom) João. *O Comunismo Russo e a Civilização Christã*. (19ª Carta Pastoral). Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa, 1930, p.07. Apud. MOTTA, Rodrigo P. S, op.cit., p.20

<sup>382</sup> *Som Alegre*. Maio de 1930, p.03

<sup>383</sup> BACZKO, Bronislaw. 1984, op.cit.,p.316

<sup>384</sup> *Ibidem*

ser nesse caso) o perigo que ele representa é tanto maior quanto o seu nome designa, apenas pelo desconhecido, o nunca visto.<sup>385</sup>

Poucos têm verdadeiramente compreendido, que o que se desenrola na Rússia, é a perseguição mais cruel e temível contra o Christianismo e que jamais teve lugar desde o Império Romano até os nossos dias.<sup>386</sup>

A historiadora Carla Rodeghero, estudando o imaginário anti-comunista católico no Rio Grande do Sul identificou que o comunismo adquiriu formas no imaginário católico brasileiro que permitiu ser considerado o “*inimigo mais poderoso de todos os tempos da cristandade, o demônio mais aterrorizante e maldoso*”.<sup>387</sup> Fica claro que as características dos grupos que não se enquadram na mesma forma de conceber e explicar o mundo e a realidade, logo eram repudiados. Desta forma, avalia-se as características dos comunistas e dos anticomunistas, os cristãos, afirma a historiadora.<sup>388</sup>

Um telegrama extraído do Diário de Notícia do Rio de Janeiro de 20 de outubro de 1932 foi publicado no Mensageiro da Paz. Refere-se a um telegrama que segundo o jornal provava que as perseguições na Rússia comunista, nada mais eram do que um sistema bem definido de exterminar toda a religião. O telegrama afirmava:

Renasce na Rússia, a Campanha Contra a Religião-Londres -19 de outubro. Acaba de ser promulgado em Moscou, um decreto, que se refere a um plano quinquenal ateu, isto é, que cogita de extirpação completa, no espaço de 5 anos, da religião e da igreja, na União Soviética.<sup>389</sup>

O Mensageiro da Paz afirmava que o diário norte americano *Times* explicava como se darria o “*sensacional plano soviético*”. No primeiro ano todas as igrejas e capelas seriam fechadas, no segundo ano as capelas e oratórios familiares ao mesmo tempo as pessoas que manti-

<sup>385</sup> BACZKO, Bronislaw. 1984, op.cit.,p.319.

<sup>386</sup> *Som Alegre*. Dezembro de 1929, p.03

<sup>387</sup> RODEGHERO, Carla S. 2003, op.cit. p.25

<sup>388</sup> *Ibidem*, p.16

<sup>389</sup> *Mensageiro da Paz*. Novembro de 1932, n.21, p.01.

vessem a crença católica seriam demitidas, e o terceiro ano seria destinado à propaganda comunista.<sup>390</sup> Tal como era a urgência de evangelização o comunismo apresentaria uma urgência em exterminar a religião.

Um ano de forte discurso anticomunista nas Assembléias de Deus foi o de 1933. Naquele momento os assembleianos acreditavam que o Anticristo governaria o mundo sob um Estado onipotente que tomaria proporções universais se não fosse contido. Durante toda a década de 1920 as interpretações escatológicas procuravam colocar o papa e o governo do Anticristo como unidos pela mesma causa. Entretanto, em razão do erijecimento do anticomunismo e as novas interpretações sobre o papel de Mussolini e da igreja Católica naqueles dias o rumo das interpretações tomou outra direção. O Mensageiro da Paz enfatizou o discurso anticomunista do Papa Pio XI como uma forma de reforçar o seu próprio discurso. Neste pronunciamento é possível perceber nitidamente que tanto católicos quanto assembleianos estavam engajados na luta contra um inimigo em comum.

O papa Pio XI disse, no *Universe* de 10-03-33; “Estamos confrontando uma ideologia que, claramente, se resume em uma adoração realmente paga, do Estado-estadolatria, que é um contraste dos direitos naturais da família, e sobrenaturais da igreja”. Eis aqui um testemunho claro, da época presente, ainda que vindo de uma fonte contrária as nossas convicções.<sup>391</sup>

Para os assembleianos em decorrência das oposições que a igreja Católica estabeleceu com o comunismo e devido ao fato de que não representava mais uma aliança com o possível Anticristo, que neste momento estava relacionado com a Rússia, o comunismo e o catolicismo passaram a ser representados como sistemas antagônicos. Se a igreja Católica se opõe ao comunismo e ao mesmo tempo possui um papel dentro das compreensões escatológicas dos assembleianos, qual foi a designação atribuída a ela no cenário que compunha o fim dos tempos? Para os assembleianos a igreja Católica era a prostituta do Apocalipse, a grande adúltera do apocalipse e seria julgada pela Rússia. Os assembleianos representavam os comunistas como uma ameaça maior do que

---

<sup>390</sup> *Ibidem*

<sup>391</sup> *Mensageiro da Paz*, Setembro de 1933, n.17, p.08.

qualquer religião, acima da igreja Católica e a igreja Ortodoxa. Nestas interpretações ambas mereciam punição, pois haviam se corrompido e perdido suas qualidades espirituais. Elas teriam deixado de ser sal da terra.<sup>392</sup> Esta imagem do sal provém das palavras de Jesus, ao afirmar que os discípulos eram sal da terra e luz do mundo e de nada valeriam se fossem insípidos.<sup>393</sup> O sal no cristianismo se converteu em símbolo de conservação da pureza e do verdadeiro evangelho.

## A GUERRA CIVIL NA ESPANHA E O DISCURSO ANTICOMUNISTA

O contexto da Guerra Civil Espanhola representou uma grande ameaça para a Igreja Católica, pois o alvo das perseguições anticlericais desta vez era uma nação católica e não a Rússia ortodoxa. Motta destaca que a partir do início desse conflito, em meados de 1936 houve uma campanha mundial promovido pela Igreja Católica de denúncia às atrocidades comunistas cometidas na Espanha.<sup>394</sup>

Um editorial do Mensageiro da Paz trazia a seguinte pergunta: Que acontecerá durante o ano de 1937?<sup>395</sup> A resposta estabelecia um prognóstico pessimista. O jornal afirmava que aquele ano seria marcado por muitos problemas e dificuldades, pois a Guerra Civil Espanhola produziria um ano sombrio. Segundo o jornal este acontecimento já fora predito por Jesus quando afirmou que na angústia das nações onde as virtudes do céu seriam abaladas contemplariam tempos semelhantes aqueles vividos no contexto da Guerra Civil Espanhola. O missionário Nils Katsberg avaliava que aqueles dias eram de *grande aflição mundial* em que a Guerra Civil Espanhola estava abrindo ainda mais “*o caminho para o Anti-Cristo*”.<sup>396</sup>

Para o pastor Antônio Torres Galvão na Espanha estava em ação a sabedoria dos comunistas, que era terrena, animal e diabólica e podia ser reconhecida pelos seus frutos. A imagem de um fruto é recorrente do início ao fim da Bíblia, seja no Jardim do Éden com o fruto da

<sup>392</sup> *Mensageiro da Paz*. Setembro de 1933, n.17, p.08.

<sup>393</sup> Cf. Evangelho de Mateus 5:13.

<sup>394</sup> MOTTA, Rodrigo P. S, op.cit., p. 21-22

<sup>395</sup> *Mensageiro da Paz*. Janeiro de 1937, n.01, p.05

<sup>396</sup> *Mensageiro da Paz*. Janeiro de 1938, n.01, p.01

árvore do conhecimento do bem e do mal, seja com os profetas comparando Israel com frutos, seja nos sermões de Jesus comparando frutos a comportamentos e sensibilidades humanas. Os frutos ligados ao comunismo diziam respeito a sua atuação política no mundo, especialmente a manifestação desta política na Espanha.

A política atual, a que alguém, com justiça, chamou “*a jurisprudência dos tanques e canhões*”, é toda inspirada na sabedoria terrena, animal e diabólica de que falou São Tiago, seus frutos apodrecidos, frutos de ódio, de vingança de sangue, de ambição e de terror, já se manifestam nos acontecimentos que se desenrolam na Espanha, e seu cheiro pútrido ameaça contaminar todo o continente europeu, e, quiçá, o mundo inteiro.<sup>397</sup>

Os assembleianos consideravam o conflito o inimigo de toda a cristandade. Eles argumentavam que a guerra na Espanha não se tratava de uma questão nacional e sim internacional. Para o missionário Nils Katsberg a guerra civil na Espanha tenta arrastar o mundo para uma nova conflagração.<sup>398</sup> Ao acentuar as evidências de que o mundo a qualquer momento poderia sofrer a interferência de algum sistema político global, contribuía para referendar sua postura prémilenarista associada a um governo liderado pelo Anticristo.

O que podemos perceber é que todos os discursos tanto o católico quanto o assembleiano estavam permeados de interdiscursividade. Em relação ao comunismo os discursos foram construídos socialmente levando em consideração uma série de outros discursos, mas que não estavam colocados necessariamente de forma explícita ou tacitamente enunciados. A interdiscursividade que ajudou a compor o discurso antocomunista assembleiano compreende uma série de outros discursos que foram construídos socialmente e que estavam dispostos naqueles dias. Os discursos dos testemunhos, dos jornais seculares, da experiência com a democracia, das experiências passadas, dos discursos teológicos, das fontes exógenas (literatura estadunidense, sueca, etc) entre tantos ou-

---

<sup>397</sup> *Mensageiro da Paz*, Julho de 1937, n.13, p.02 .

<sup>398</sup> *Mensageiro da Paz*, Janeiro de 1937, n.01, p.05

tros. Segundo Orlandi, para que as palavras tivessem sentido era necessário que elas já fizessem sentido.<sup>399</sup>

## A RÚSSIA E A EVANGELIZAÇÃO DO FIM DOS TEMPOS

Um desafio muito claro estava colocado para os pentecostais: se a volta de Cristo era iminente e precedida pela evangelização mundial, como atingir esse objetivo sem promover o evangelho na Rússia? Essa preocupação é muito evidente no artigo traduzido por Samuel Nyström: O despertamento na Rússia e o clamor a Deus: A grande fome é um precursor de avivamento.<sup>400</sup> Este artigo é na realidade um sermão que fora originalmente proferido pelo sueco Paul Peterson, em janeiro de 1927 na igreja pentecostal The Stone Church em Chicago e publicado no *The Latter Rain Evangel* no mês seguinte.<sup>401</sup> Peterson iniciou o sermão com um versículo da carta aos romanos que dizia: “Como invocação aquelle em quem não teem crido? E como creirão naquelle de quem não teem ouvido falar? E como ouvirão sem pregador?” Neste sermão, todas as mazelas enfrentadas pela Rússia eram interpretadas como um juízo divino. Peterson considerou a guerra, a fome e a peste como punições para esse povo, ele afirmou: “*Pouco depois da revolução veio fome terrível: Na Bíblia encontramos commumente estes três males – guerra – fome – peste. Tivemos a guerra; depois a aquella gripe terrível e ainda mais adeante a fome: a Rússia sofreu tudo isso (...) Deus está tractando*<sup>402</sup> *com os russos.*” A imagem de um povo com fome foi contrastada com a fome da palavra, “*há uma fome da Palavra de Deus e os missionários são poucos*”. Para o pregador estava claro que os russos passavam por aqueles problemas pois o sofrimento os levaria para o Evangelho.<sup>403</sup>

Petterson conduz o sermão relatando o sofrimento dos crentes russos para realizar cultos. Segundo ele os cultos eram ao ar livre e frequentados por um número expressivo de pessoas, “*em algumas cidades*

<sup>399</sup> ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 1999, p. 33-34.

<sup>400</sup> *Boa Semente*. Abril de 1927, n.71.p.02

<sup>401</sup> O título original do artigo é *Russia's Awakening and Cry after God: The Great Famine a Forerunner of the Revival*. Cf. *The Latter Rain Evangel*. Fevereiro de 1927, p.02-05.

<sup>402</sup> “Tratando” foi usado como sinônimo para “punição”.

<sup>403</sup> *Boa Semente*, Maio de 1927, n.76, p.02

*excedia a mil participantes por reunião, sempre atentos e com Bíblias em punho*” afirmava. A causa para o despertar, título da matéria, seria motivado pelas perseguições que os cristãos estavam enfrentando. Petterson menciona que cristãos que tentaram fugir do regime bolchevista foram capturados, “*enviados acorrentados para a Sibéria, afim de allí morrerem, somente porque adoravam a Deus e leram a Bíblia para os seus irmãos illetrados*”.<sup>404</sup> O sermão explorava a idéia de que a população não aceitava o sistema de governo, que viviam sob um jugo autoritário cerceados de qualquer liberdade e se pudessem optar pelo cristianismo, o fariam.

No sermão o pregador enfatizava que naqueles dias dois milhões e quinhentos mil refugiados de guerra russos foram repatriados e levaram consigo a mensagem cristã apreendida nas prisões da Áustria, Hungria e Alemanha. Esse discurso em certa medida satisfazia as expectativas pentecostais no sentido de que o evangelho estava progredindo inclusive nas regiões onde não era possível o envio de missionários. Desta forma o discurso de Peterson foi acomodado às expectativas escatológicas pentecostais, uma vez que a evangelização mundial resultaria no retorno de Cristo.

O discurso de conversão destes indivíduos nos longínquos campos de concentração e que voltam à Rússia como missionários autônomos, representava que o pentecostes era um fenômeno mundial, que o avivamento espiritual não seria barrado nem mesmo pelos países comunistas e que as profecias divinas estavam se cumprindo. O pentecostes como sinal escatológico deveria abranger a todas as culturas, línguas e nações até a chegada do fim dos tempos. Dentro da compreensão dispensacionalista e prémilenarista da história os russos não escarpariam do evangelho pregado a toda criatura.<sup>405</sup> Esta era uma prerrogativa teológica para o Arrebatamento.

Doravante as perseguições e oposição as instituições religiosas em alguns momentos os assembleianos demonstraram muito otimismo em relação a evangelização russa. O Boa Semente falando sobre as conversões na Rússia dizia que o número de convertidos poderia chegar a dois milhões sendo que muitos estimavam que chegava a quatro milhões de convertidos.<sup>406</sup> Essa era uma forma de mostrar que Deus tinha o con-

---

<sup>404</sup> *Ibidem*

<sup>405</sup> Cf. Evangelho de Marcos 16:14-18.

<sup>406</sup> *Boa Semente*. Maio de 1927, n.72, p.03

trole de tudo que o Arrebatamento não seria adiado, nem mesmo diante da impossibilidade de evangelização dos russos.

Um dos principais argumentos contra o comunismo recaía justamente na afirmação de que a após a Revolução de 1917 o ateísmo havia se generalizado. Para os assembleianos o progresso do ateísmo estava relacionado ao fracasso da igreja Ortodoxa, que iludiu o povo com mentiras. A justificativa para se opor ao comunismo era que existindo a verdadeira religião naquele país, a religião que *não engana*, e se o povo tivesse acesso aos verdadeiros ensinamentos de Cristo, certamente mediante o esclarecimento abandonariam as práticas diabólicas.

Quando um alto official da igreja ou sacerdote morria, o seu corpo era collocado em algum lugar sancto que elles tinham para este fim, o povo fora ensinado que estes corpos nunca viriam corrupção, mas sempre permaneceriam no estado em que estavam. Desde modo o povo adorava taes “sanctos incorruptíveis”; mas quando os bolchevistas chegaram ao poder uma das primeiras coisas que elles fizeram, foi despojar estes “sanctos incorruptíveis” que nada eram senão couros e sacos cheios de palha e serragem de madeira, e os expor a vista do povo. Quando o povo ignorante viu esta decepção, fora de um extremo ao outro. Conhecendo isto em que sempre acreditaram, era uma mentira, muitos perderam a fé em Deus.<sup>407</sup>

O jornal O Som Alegre destacou a mensagem profética de um crente, identificado como missionário Simpson. Pouco se sabe sobre esse personagem, todavia presume-se que se tratasse do grande líder pentecostal estadunidense Albert B. Simpson. Na pesquisa aos periódicos pentecostais assembleianos estadunidenses deste período este sobrenome é muito comum e aparece em vários artigos. Embora não se saiba com clareza quem é o missionário citado, ele é o mencionado pelo O Som Alegre como um portador das mensagens celestiais. Segundo o jornal Simpson teve uma visão profética que revelava parte dos acontecimentos dos últimos dias. Seu discurso foi aceito, endossado, reconhecido como fiel e verdadeiro e inspirado pelo próprio Deus. No artigo intitulado - A Situação na Rússia – lemos:

---

<sup>407</sup> *Boa Semente*. Abril de 1927, p.02.

Verdadeiramente, está se cumprindo o que o missionário Simpson, viu acerca dos últimos acontecimentos. Ele teve a revelação da grande guerra mundial, e, após esta, viu rebentar na Rússia, uma grande revivificação, que depois se estendeu por todos os países. Está escrito: “O Senhor fará alguma coisa sem primeiro revelar aos seus servos, os profetas? “Portanto, não devemos estranhar isto, ainda mais por vermos o cumprimento, diante dos nossos olhos, do que elle previra.”<sup>408</sup>

Essa profecia se referia a própria The American Assemblies of God, uma missão da Assembléias de Deus estadunidense na Rússia. A profecia refere-se a Rússia como um centro irradiador do pentecostalismo, pois erra recorrente entre os primeiros assembleianos a idéia que quanto maior a perseguição, as calamidades e crises, maiores serão os progressos na pregação do evangelho. O jornal enfatiza que: “*não há para admirar que se levante perseguições aonde o poder de Deus se manifesta*”.<sup>409</sup>

## A AMEAÇA DE ALCANCE GLOBAL DO COMUNISMO

Em meados do ano de 1927 os assembleianos consideravam o comunismo o responsável pela regressão histórica da humanidade. Ele representava a destruição das instituições como a família, a pátria, a religião, a propriedade privada, etc. O jornal enfatizava que embora a ciência tivesse se desenvolvido, melhorado a saúde das pessoas, ela não era suficiente para acabar com a mortandade mundial, e isto ficava muito claro ao verificar que as “*cartas demográficas accusam expantoso obituário*”. Quem seria responsável pela regressão histórica e pelos altos índices de mortes? O jornal Boa Semente acusava o comunismo. O jornal não só identificava a causa, mas propusera a solução. A solução destes problemas e do mundo comunista estava em aceitar o Evangelho de Cristo, a causa disso tudo estava na “*criminosa rejeição do Evangelho*”.<sup>410</sup>

---

<sup>408</sup> *Som Alegre*, Dezembro de 1929, p.03

<sup>409</sup> *Ibidem*

<sup>410</sup> *Boa Semente*, Maio de 1927, n.76, p.02

O comunismo foi representado como uma doença maligna, que necessitava de cura. Em alteridade a doença estava a fé, apresentada como o remédio para todos os males. A fé seria a responsável em “*regenerar, purificar e salvar*”. A crença em Deus e nas doutrinas pentecostais seriam responsáveis pela cura da humanidade. Como um agente patológico o artigo enfatiza que o comunismo ameaçava generalizar-se,<sup>411</sup> semelhante a uma doença que atinge várias partes do corpo.

Essa ameaça de generalização do comunismo foi apresentada na edição de setembro de 1927, quando ocorreu a primeira referência dos assembleianos ao comunismo como um perigo global. Antes tratado como uma ameaça remota, neste momento ele foi considerado um agente patológico, maligno que precisava ser detido. O temor que o comunismo transpassasse o Atlântico e chegasse no continente americano preocupava os assembleianos.

A Rússia continua no sistema de depuração fuzilando os seus próprios generais que ousam discordar da brutalidade de Stalin, e procurando implantar a desordem nos outros países, não somente na Europa, como na própria América.<sup>412</sup>

A própria reação dos comunistas contra os evangélicos foi colocada como um projeto global. Em 1929 os assembleianos afirmaram que tinha sido publicado um decreto na imprensa mundial restringindo rigidamente a obra de ministros das igrejas evangélicas. Entre os comunistas os missionários deveriam obedecer a ordem que: “*nenhum ministro pode pregar mais do que numa igreja [...] não pode ter classes organizadas para o ensino religioso, ainda, que essas classes se reunissem dentro da igreja.*”<sup>413</sup>

Através de um jogo de antíteses a Revolução Russa foi representada como o mal, já a Revolução de 1930 no Brasil é representada como a verdadeira Revolução. Para os assembleianos Vargas foi o grande responsável pela ordem da nação. Em 1938 no discurso do Mensageiro da Paz, Vargas teria evitado a “*funesta iminência da guerra civil*” que estava para sobrevir ao Brasil. Enquanto a Revolução Russa representava uma revolução vermelha, feita por baixo, pelo povo, os assembleianos

---

<sup>411</sup> *Boa Semente*. Setembro de 1927, n.76, p.02

<sup>412</sup> *Mensageiro da Paz*. Fevereiro de 1938, n.03, p.06

<sup>413</sup> *Boa Semente*, Fevereiro de 1930.

elogiavam o fato de que “*somente o Brasil conseguiu fazer uma revolução branca, revolução de cima para baixo, graças a argúcia do estadista que, há sete anos nos governa*”.<sup>414</sup>

No início da década de 1930 é em defesa do Estado que os assembleianos se pronunciaram contra o comunismo. Como se deu essa defesa? Primeiramente incorporando ao discurso político o discurso religioso. O comunismo passou a representar o agente responsável em transformar o Estado em uma entidade defensora do ateísmo. As “*instituições vigentes*”<sup>415</sup> estavam ameaçadas argumentavam os assembleianos, para eles a grande preocupação era que a ideologia comunista fosse adotada pelo Estado brasileiro. No artigo intitulado - O Estabelecimento dum Estado Atheístico - foi enfatizado que na ideologia comunista havia uma pretensão de acabar com a religião, e que os soviets haviam proclamado que o ateísmo do partido comunista era a prova mais cabal de que os funcionários do Estado defendiam o ateísmo.<sup>416</sup>

De que forma esse “Estado ateístico” poderia ultrapassar as fronteiras da Rússia? O artigo em análise também é traduzido, fora escrito para o periódico, *Christian World* nos Estados Unidos pelo editor Paul Hitchinson. O autor afirmava que o comunismo estava se precipitando na Europa, e outrora “*nunca fora visto um Estado ateístico em tão grande escala*”. É portando um governo que se expandia e tinha pretensões globais. Para Hitchinson a causa desta expansão estava no caráter militante do comunismo, que sem medir esforços buscava adeptos em todos os lugares.<sup>417</sup> Os assembleianos denunciavam que este era um “*Estado com tal dimensão que nunca fora visto na história mundial*”.<sup>418</sup> O medo do desconhecido, da proporção e grandeza do inimigo, logo se tornava evidente nessas palavras. O posicionamento do autor só corroborava com a imagem da proporção de tal Estado, ele era um cidadão americano, presidente de um periódico muito influente, dotado de autoridade sacral, testemunhando sobre sua experiência na Europa. A argumentação tinha credibilidade ainda maior por ter sido acompanhada *in loco*.

Tenho estado na Rússia percorrendo praticamente a porção europeia, desde o Báltico até o mar Cáspio.

---

<sup>414</sup> *Mensagem da Paz*, Fevereiro de 1938, n.03, p.06

<sup>415</sup> *Boa Semente*, Setembro de 1927, n.76, p.02.

<sup>416</sup> *Boa Semente*, Fevereiro de 1930, n. 105, p.03

<sup>417</sup> *Ibidem*

<sup>418</sup> *Boa Semente*, Fevereiro de 1930. n.105.p.03

Tenho procurado conhecer quanto um espectador possa a respeito do que está acontecendo em questões religiosas. Eu duvidára dos rumores. A minha reportagem é que os rumores estão baseados em factos. Há perseguição religiosa de carácter e mais brutal e posta agora em actividade na Rússia. E esta perseguição está crescendo em escopo e intensidade.<sup>419</sup>

Uma das grandes preocupações do discurso anticomunista assembleiano era reforçar a idéia que a liberdade era uma dádiva do cristianismo. Para os assembleianos a grande ameaça do comunismo era que ele significava uma coerção da liberdade. A proibição do exercício da religião e a perda dos direitos civis eram iniciativas comunistas. O Boa Semente enfatizava que a intenção original do comunismo era acabar com toda e qualquer liberdade em especial a liberdade religiosa. Nesse discurso o comunismo era o responsável pela  *mumificação*  da Igreja Ortodoxa, retirando dos fiéis todos os seus direitos civis.<sup>420</sup>

O jornal denunciava que todos os que professaram algum tipo de fé, logo receberam algum tipo de punição. O periódico relata a experiência de um jovem que por afirmar: “*algum dia o direito dumá fé vital deverá existir nesse país*”, em seguida o jovem foi “*sentenciado a quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria*”.<sup>421</sup> Nesse trecho é importante destacar o valor da fé, ela é considerada vital, está na ordem da sobrevivência, mas não uma sobrevivência no sentido físico, mas sobrenatural.

Os pentecostais que viviam na Rússia eram representados como verdadeiros heróis da propagação do evangelho e do cristianismo. Eles seriam os detentores da luz do evangelho, essa imagem logo se remete às trevas que será dissipada na presença da claridade. Os ouvintes por sua vez estavam sedentos. A palavra de Deus era representada como a água que saciava a sede. A religião era caracterizada como vital, é uma questão de sobrevivência. Quando afirmavam que “*o povo está sedento da Palavra de Deus (...) cidades, povoações e aldeias inteiras têm recebido a luz do evangelho*”, ou “*por meio da pregação e devoção pessoal possam fazer arder o fogo de uma religião vital*”.<sup>422</sup> Havia a intencionalidade de afirmar que só o pentecostalismo oferecia as respostas às neces-

<sup>419</sup> *Boa Semente*, Fevereiro de 1930. n.105.p.03

<sup>420</sup> *Boa Semente*, Fevereiro de 1930. n.105.p.03

<sup>421</sup> *Ibidem*, p.04

<sup>422</sup> *Som Alegre*. Maio 1930, n.06, p.03

sidades comunistas. Fogo e água foram usados como símbolos que se coadunam remetendo à necessidades pentecostais do Espírito e da palavra, que são capazes de promover pureza e ao mesmo tempo saciedade espiritual.

Quando os pentecostais utilizavam a imagem do fogo, conferiam a essa imagem um sentido de poder espiritual, de ligação e presença do Espírito Santo com os dons divinos. Mais do que isso a imagem do fogo se remete ao próprio caráter do pentecostalismo que reclamava suas origens na experiência da igreja primitiva, quando o fogo veio do céu e teria inaugurado a dispensação do Espírito.<sup>423</sup>

Os assembleianos preocupados com o mundanismo, o pecado, se voltaram para o repúdio dos prazeres terrestres, e por isso frequentemente relacionavam o comunismo ao hedonismo. As igrejas na Rússia estariam sendo fechadas para dar lugar a “*theatros, clubs e cinemas*”<sup>424</sup>, locais de diversão e prazer. Os comunistas estavam preocupados em felicidades consideradas terrenas. Para os assembleianos a verdadeira alegria e felicidade não deveriam ser buscadas nesta vida, pois usufruir dos prazeres na terra significava trazer para o mundo dos homens as questões que são de ordem divina ou negligenciado-as, os comunistas estavam profanando o mundo<sup>425</sup>.

O jornal *Som Alegre* enfatiza a “*criação de dez mil clubs anti-religiosos*”<sup>426</sup>. A igreja não só repudiava nesse momento a participação em tais ambientes, como usava uma vasta gama de imagens para relacioná-los ao pecado e os prazeres os quais os comunistas estavam envolvidos.

Para o pentecostalismo o batismo em águas representa mais que um ritual é um mandamento de Cristo, um dogma. Muitos dogmas católicos foram desprezados pelas vertentes da Reforma Protestante, contudo dois subsistiram, o batismo e a eucaristia (santa ceia). Dada as especificidades litúrgicas e conceituais que adquiriram em matizes religiosas cristãs diversas. O batismo como um rito de passagem representa para os assembleianos um processo muito importante da conversão, do com-

<sup>423</sup> “Cumprindo-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E viram línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. Todos foram cheios do Espírito Santo.” Cf. Atos dos Apóstolos, 2:1-4

<sup>424</sup> *Som Alegre*. Maio de 1930, n.06, p.03.

<sup>425</sup> AGAMBEM, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo:Boitempo, 2007, p.66.

<sup>426</sup> *Som Alegre*, Maio de 1930, n.06, p.03.

promisso com Deus, de uma nova perspectiva de vida. A celebração do casamento representa o início da família, a prova do amor, o laço mais forte de um relacionamento. Ele é considerado um direito natural sendo que seu fim principal está expresso na ordem de Deus, “crescei e multiplicai-vos”. Como atenta Rodeghero, neste caso a “*sociedade doméstica é entendida como anterior à sociedade civil*”.<sup>427</sup>

O domingo era para os assembleianos um dia de caráter simbólico muito significativo. Eles argumentavam que em um domingo que Jesus ressurgiu e foi em um domingo que cumpriu a promessa do Batismo com o Espírito Santo, que inaugurou uma nova dispensação. Quando os assembleianos afirmavam que na Rússia, “*batismos e casamentos, celebrados pelos crentes são proibidos. Não mais se guarda o domingo*”,<sup>428</sup> estavam automaticamente colocando em evidência a derrocada de instituições e ritos simbolicamente importantes. Discurso semelhante foi adotado para a defesa da santa ceia, considerada uma prática inalheável do crente, logo após o batismo é dever do crente participar deste ato simbólico. Ao afirmar que os comunistas não permitiam nem que se lesse a Bíblia, nem que se pregasse a palavra ou que se realize a santa ceia e o batismo, automaticamente estavam conenando-o por se oporem aos ritos sagrados que compõem a religiosidade pentecostal. O jornal enfatizava que o cristão na Rússia “*vive mês após o outro, sem ouvir uma palavra, a nenhuma reunião espiritual assiste: não há comunhão – santa ceia: não há*”.<sup>429</sup>

A propriedade privada também era amplamente defendida pelos assembleianos. A apropriação estatal dos bens das pessoas era considerada uma ação desprovida de amor, era um ato “*sem misericórdia*”.<sup>430</sup> A forma como a notícia foi repassada pelos assembleianos, reforçava a idéia que o governo se apropriava dos bens alheios sem oferecer nada em troca. Neste discurso o jornal Mensageiro da Paz afirmava que a retribuição do governo ao povo era oferecer alimento (putrído), e muito trabalho em empresa estatal sem qualquer remuneração<sup>431</sup>. Para os crentes não havia benefício algum aderir ao comunismo. Neste discurso tanto capitalismo quanto a religião são considerados pares antitéticos do co-

<sup>427</sup> RODEGHERO, Carla S. 2003, op.cit. p.32.

<sup>428</sup> *Som Alegre*, Maio de 1930, n.06, p.03

<sup>429</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1935, n.04, p.01.

<sup>430</sup> *Som Alegre*, Maio 1930, n.06, p.03.

<sup>431</sup> *Boa Semente*, Maio de 1927, n.72, p.02.

munismo e do ateísmo. O jornal *Som Alegre* narrava a situação dos crentes na Rússia:

Crentes são confiscados em seus bens e propriedades. Sem misericórdia famílias inteiras são lançadas a miséria. O pão e o chá se vendem por “cartões”. Somente 70% do povo de Moscou recebe esses cartões; o resto da população é considerada capitalistas e religiosos que não são dignos de viver [...] isto significa, na realidade um atentado de assassínio systemático às multidões de pessoas. É mesmo lamentável que tendo-se dinheiro, morra-se de fome.<sup>432</sup>

Segundo Motta esse modelo de anticomunismo é compreendido como um *anticomunismo liberal*,<sup>433</sup> pois está grandemente preocupado com a defesa da propriedade. O argumento central confere a propriedade um status de direito individual e inalienável adquirindo inclusive um caráter sagrado. Defender a propriedade não significa posicionar-se acriticamente em relação ao capitalismo, muitas vezes o capitalismo é criticado, mas a propriedade privada será sempre defendida.

As punições revelariam o caráter e a intolerância dos comunistas. A todos que desobedecessem ou transgredissem a disciplina, a punição era o castigo e a morte. Uma história pode ilustrar a crueldade que os comunistas tinham ao deparar-se com religiosos. O jornal relata que camponeses russos estavam ajoelhados em oração quando foram surpreendidos por guardas soviéticos que “*covardamente os abateram com metralhadoras*”. Tal atitude seria motivada ao perceberem “*a fé, a coragem e a dedicação dos servos de Cristo*”.<sup>434</sup> Para os assembleianos no comunista não existia virtude, só ódio, rancor, covardia, brutalidade, intolerância entre outros adjetivos desqualificadores. Ao mesmo tempo em que desqualificam os comunistas, reforçam sua própria identidade como servos dedicados a Cristo, sob qualquer circunstância.

Chartier chama a atenção para a capacidade que estas imagens têm de seduzir e convencer. Essa capacidade se dá a medida que partilha de convenções que “*possibilitam ela ser compreendida, recebida e deci-*

---

<sup>432</sup> *Ibidem*

<sup>433</sup> MOTTA, Rodrigo P. S, op.cit., p.41.

<sup>434</sup> *Som Alegre*. Maio de 1930, n.04, p.03

*frável*.<sup>435</sup> Esta assertiva ajuda a compreender como muitas imagens relatadas no jornal podem ser analisadas. Quando os assembleianos se remetiam a imagens como a do inferno, de imediato acionavam uma vasta rede de significados que permitiam a transmissão de certas mensagens, como o perigo da condenação, o sofrimento, o castigo. Nesse sentido quando os *soviets* foram comparados ao inferno os assembleianos estavam acionando essa ampla rede de significados as quais a imagem do inferno se remetia. No discurso assembleiano a imagem do inferno foi muito associada a regiões geográficas. Expressões como “*no inferno dos soviets*” ou o “*Solavky Island – este inferno*”, denotavam um lugar de tristeza, de dor, pranto, ou seja, era naquela região que estavam os “*prisioneiros abandonados*”<sup>436</sup>. Apelar para o medo do inferno constituía um eficiente recurso didático para frear os comportamentos pecaminosos das pessoas.<sup>437</sup>

No imaginário assembleiano as noções de pudor e a vergonha eram consideradas inerentes à humanidade. Elas teriam surgido na queda de Adão e Eva quando eles comeram do fruto do conhecimento do bem e do mal e a partir de então passaram a sentir vergonha da nudez.<sup>438</sup> No imaginário cristão esse episódio definia o momento em que toda a humanidade teria adquirido o senso da vergonha. Negar isto seria defender o pecado e ir contra a essência humana e a vontade de Deus. No texto bíblico o próprio Deus teria confeccionado vestimentas para Adão e Eva. Os assembleianos ao afirmar que na Rússia as pessoas organizaram manifestações com objetivo de banir o senso de vergonha entre o povo estavam frisando que os valores morais inerentes ao ser humano estavam sendo ignorados.

A última invenção dos homens ímpios da Rússia (talvez seja a última) é a maior afronta a civilização, e só os que perderam o senso e o controle de si mesmos, podem pensar em tal coisa; trata-se da propaganda contra a vergonha. Grupos compostos de pessoas, de todas as idades, percorreram as ruas das cidades, levantando cartazes com dizeres: “abaixo a vergonha! Vamos acabar com a vergonha”.

---

<sup>435</sup> CHARTIER, Roger. Imagens. In: BURGUIÈRE, André (Org). *Dicionário de ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.p.407

<sup>436</sup> *Som Alegre*, Maio de 1930, p. 04

<sup>437</sup> RODEGHERO, Carla S. 2003, op.cit. p.31

<sup>438</sup> Cf. Gênesis 3:7-11

Que eles não possuíam o que agora querem banir, nós já o sabemos há muito tempo; estranhámos é que eles confundam pudor com vergonha. Coisas peores virão!<sup>439</sup>

Entre os protestantes de uma maneira geral a idolatria sob as suas mais variadas manifestações, seja no culto a vivos, mortos ou a imagens é extremamente condenada. Estabelecer que os comunistas fossem idólatras seria credenciá-los a condenação divina a veneração de um deus que não é o Deus da Bíblia. A própria ideologia foi considerada uma forma de crença e, portanto de religião idólatra. Em 1933 encontramos no discurso do Mensageiro da Paz uma forte oposição ao fascismo e ao comunismo, referindo-se a eles como idólatras, pagãos e adeptos de uma ideologia transformada em uma religião sem Deus.

Elles levam a ideologia até o ponto de torna-la uma religião e uma idolatria para o povo. Uma religião sem Christo, sem a sanção de Deus; é um paganismo moderno; onde impera tal religião o Christianismo é suprimido (...) os acontecimentos recentes fazem entender melhor o facto de que o conflicto entre o fascismo e o socialismo, é uma guerra religiosa.<sup>440</sup>

Em condenação a idolatria os assembleianos lançam várias críticas ao culto da figura de Lênin. Para enfatizar a idolatria dos russos o Mensageiro da Paz compara a estátua que o rei Nabucodonozor<sup>441</sup> levantou na Babilônia com uma suposta estátua de Lenin em Moscou. Os assembleianos baseados nas informações de um periódico chamado *The Dawn*, afirmavam no artigo intitulado - Cumpre-se o Apocalipse - que em Moscou erigiu-se uma estátua de Lênin medindo 18 metros a mais que a Estátua da Liberdade. Segundo o jornal esse método de “*atrain infelizes súditos*” através da veneração de uma gigantesca estátua seria utilizado pela própria Besta. Segundo o jornal a estátua da Besta seria

---

<sup>439</sup> *Mensageiro da Paz*, Novembro de 1933, n. 22, p.04.

<sup>440</sup> *Mensageiro da Paz*, Setembro de 1933, n.17, p.08.

<sup>441</sup> Refere-se ao rei Nabucodonosor II, que governou o I Império Neo-babilônico, entre 604 a 562 a.C. Conquistou o reino de Judá e destruiu o templo de Jerusalém em 587 a.C. Dentre suas obras destaca-se a construção dos Jardins Suspensos da Babilônia.

uma imagem de destaque no mundo todo, pois teria poderes sobrenaturais e a maioria da humanidade “*se achará no ponto de adorá-la e de receber a sua marca conforme o Apocalipse 13:15*”.<sup>442</sup>

A imagem do Diabo ou seus correlatos, demônios, Besta, Anticristo, foi muito associada ao comunismo no discurso assembleiano. Motta afirma que havia a demonização do comunismo na imprensa brasileira, entretanto, fora dos meios católicos, raramente ocorria a demonização explícita dos comunistas e a afirmação de que eram agentes de Satã.<sup>443</sup> Este estudo desmistifica essa afirmação, mostrando o quanto os evangélicos pentecostais insistiam em associar o comunismo ao demônio. A apresentação de determinados símbolos em contextos diferentes, épocas históricas díspares, em locais diferentes, com sentidos recriados, dão significados mais precisos a certos referentes, como é o caso da imagem do Diabo

## SEMITISMO E ANTICOMUNISMO

Os assembleianos repudiavam o comunismo não é somente pelo seu caráter anticristão, e sim pelo seu posicionamento antireligioso. Todavia os assembleianos recorriam à defesa dos grupos que em maior ou menor grau partilhassem de um mínimo de sentidos comuns, teológicos e morais. Desta forma é que os assembleianos se mostraram defensores do movimento judaico e da causa sionista. Por razões históricas a Assembléia de Deus vai autorgar ao o judaísmo à noção de povo eleito de Deus. Para os pentecostais, a continuidade das promessas messiânicas e de eleição divina, desde a chamada de Abraão no livro de Gênesis só irá findar para os judeus após a chamada “Consumação dos Séculos”, a total separação entre o bem e o mal, na concepção assembleiana. O papel relegado aos judeus nas notas da bíblia de estudo Scofield, e a afirmativa que eles possuem um papel específico dentro das dispensações bíblicas, conferiram aos judeus um lugar especial no plano escatológico. Para os assembleianos eles representavam um dos sinais que indicavam a proximidade da volta de Cristo.

---

<sup>442</sup> *Mensageiro da Paz*. Junho de 1938, n.12, p.03.

<sup>443</sup> MOTTA, Rodrigo P. S, op.cit.,p.50.

O sermão de despedida do pastor Samuel Nyström em Stocolmo na Suécia em janeiro de 1923 enfatizava o quanto ele estava feliz por saber que a dispensação do Espírito estava chegando ao seu fim. O motivo para compreender que isto estava acontecendo era que os judeus estavam voltando à Palestina e isso representava nitidamente o cumprimento das profecias. Em seu depoimento:

[...]vi nos jornaes os telegrammas de Londres acerca do povo judaico, que recebeu nova affirmação de que haviam de continuar na posse da Palestina encheu-se o meu coração de jubilo e de alegria, porque vi nisto um signal de que em breve esta dispensação há de findar e uma outra há de começar.[...]Deus começou a contar sobre o seu povo em tempos propheticos, podemos dizer : o relógio deste povo começou a andar.<sup>444</sup>

O jornal Boa Semente no artigo - O Segundo Advento de Cristo - anuncia que “*outro signal da aproximação do dia do Senhor é o despertamento do povo judaico e as evoluções sionistas entre le*”.<sup>445</sup> Com argumentações em várias passagens bíblicas referindo-se ao povo de Israel os pentecostais interpretaram que a migração judaica do século passado e a conquista das terras orientais representavam uma confirmação sagrada dos anúncios proféticos e do poder de Deus como motor da história. Nesse sentido, o movimento sionista passou a representar a o cumprimento das profecias, pois “*se há um testemunho vivo que prova a veracidade da bíblica é o judeu*”,<sup>446</sup> afirmava o jornal. O agrupamento judaico foi representado pelos assembleianos com ossos secos que ganham vida e se revestem de carne, saindo da morte para a vida, tal como descrito nas profecias de Ezequiel.<sup>447</sup> Ou seja, o movimento sionista era antes de tudo um cumprimento da profecia bíblica, ossos que adquirem carne e vida foram utilizados como imagens que denotavam a restauração da pátria e da identidade cultural. Não raro encontrar afirmações nos jornais de que os judeus na realidade acreditavam em Jesus com o seu Cristo,<sup>448</sup> como parte deste cumprimento profé-

---

<sup>444</sup> *Boa Semente*. Julho 1923, n.26, p.01

<sup>445</sup> *Boa Semente*. Maio de 1925, p.011

<sup>446</sup> *Boa Semente*. Fevereiro de 1926, p.02

<sup>447</sup> Cf. Ezequiel 37:7.

<sup>448</sup> *Boa Semente*. Setembro de 1926, n.64, p.03

tico. É em defesa da causa judaica que os assembleianos expuseram no jornal a perseguição do judaísmo e da causa sionista na Rússia. No sermão intitulado - A marca da Besta<sup>449</sup> - de Nathan Cohen Beskin, traduzido pelo Mensageiro da Paz, são claras as referências de apoio a causa sionista. Se levarmos em consideração a origem do nome do pastor, podemos constatar que se trata de um nome de origem judaica, o que nos fornece pistas para compreender as razões deste tipo de discurso.

Os assembleianos endossaram o posicionamento de Beskin e se lançaram em defesa dos judeus na Rússia. No sermão de Beskin, ele explora a idéia que na Rússia as crianças eram coagidas a delatar seus próprios pais, caso os vissem praticando qualquer ritual ligado ao judaísmo como comer pão sem fermento ou realizar orações em casa. A consequência de qualquer manifestação religiosa de origem judaica seria a prisão imediata. Beskin testemunha que essas informações eram verdadeiras e foram lidas em um jornal russo de sua propriedade.<sup>450</sup> Este exemplo de mensagem ilustra a preocupação dos russos com o extermínio dos judeus. Qualquer rito religioso que pudesse denotar uma atividade religiosa deveria ser reconhecido, a fim de receber a devida punição todos que o praticassem.

Além da oposição a qualquer antisemitismo, vemos que este é um exemplo de como os assembleianos se apropriaram de informações provenientes do movimento pentecostal nos Estados Unidos e montaram seus conceitos, símbolos, discursos, construíram imagens e significaram o mundo baseados em informações exógenas. Foi principalmente através de jornais editados nos Estados Unidos que os assembleianos construíram um discurso anticomunista.

Um artigo traduzido intitulado - A Figueira está brotando<sup>451</sup> - do periódico *New Palestine*, referia-se a Israel representando-o através da imagem de uma figueira. Para os pentecostais a figueira passou a ser um símbolo que se remete ao povo judaico. Os assembleianos representavam o retorno dos judeus à Terra Prometida, frequentemente os associa-

<sup>449</sup> Sermão proferido em Evanston, Illinois em 08 de Fevereiro de 1931, cujo título era The mark of the Beast. Este sermão foi redigido no *The Latter Rain Evangel*, vol 23, n.06. Março de 1931, p.12.

<sup>450</sup> *Mensageiro da Paz*. Fevereiro de 1932, n.03-04, p.05

<sup>451</sup> Vários artigos tinham esse mesmo título e se remetem sempre a assuntos escatológicos referentes a Israel. Cf. *Boa Semente*. Setembro de 1925, n.52, p.01; *Boa Semente*. Outubro de 1925, n. 53, p.05, *Boa Semente*. Setembro de 1926, n.64, p.04, *Mensageiro da Paz*. Maio de 1936, n. 09, p.02; *Mensageiro da Paz*. Dezembro de 1937, n.23, p.02.

do à imagem de uma figueira em flor. Nos jornais assembleianos o governo soviético é descrito como um sistema opressor do judaísmo, e suas ações consistiam principalmente na proibição dos cultos, da literatura e do comércio, no uso da força e da repressão contra toda e qualquer expressão religiosa judaica. Os assembleianos afirmavam que na Rússia, qualquer manifestação a favor da migração de judeus para a Palestina, seria punida com *prisão e sofrimentos*. O Boa Semente reitera “*é tão perigoso ser sionista na Rússia como ser monarchista ou menchevista*”.<sup>452</sup>

Ao descrever os últimos dias de Lenin, o Mensageiro da Paz afirmava que mesmo estando à beira da morte, em um estado de loucura e demência Lenin se colocou contra os judeus. O jornal representou Lenin como um animal sem qualquer grau de sã consciência.

Lenine andou engatinhando como um animal, em redor de seu quarto trancado. Fazendo a apologia ante as mobílias, pelos seus feitos, à memória daqueles que estavam perseguindo o seu cérebro desmiolado, elle gritava: “Deus, salva a Russia e mata os Judeus”!<sup>453</sup>

Em uma crítica aos teólogos liberais Nyström falava que o a linha teológica defendida pelo alto criticismo bíblico não reconhecia a veracidade das profecias do livro de Daniel. Para Nyström entender as setenta semanas de Daniel sob o aspecto dispensacional consistia em compreender qual era o papel dos judeus dentro das profecias bíblicas. Estas profecias indicariam perfeitamente qual era o momento em que se daria a *plenitude dos judeus* que coincidiria justamente com *plenitude dos tempos*. Para Nyström nesse tempo seriam “*congregadas todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus, como as que estão na terra*”.<sup>454</sup>

A partir do ano de 1937 entrou em evidência no discurso assembleiano um “novo inimigo”, o nazismo. Desta forma os três gigantes a serem combatidos pelos assembleianos eram o nazismo o fascismo e o comunismo. A primeira referência ao nazismo ocorreu em outubro de 1937, quando ao lado do comunismo foram respectivamente representa-

<sup>452</sup> *Boa Semente*. Outubro de 1925. n.53,p.05

<sup>453</sup> *Mensageiro da Paz*, Setembro de 1933, n.18, p.18.

<sup>454</sup> *Boa Semente*. Setembro de 1923, n. 28, p.02.

dos pelos personagens bíblicos de Pilatos e Herodes. A referência aos dois tem uma direção: afirmar que tinham como objetivos comuns: “*exterminar a doutrina do meigo Nazareno*”.<sup>455</sup>

Dentro das compreensões dispensacionalistas, os judeus tinham um lugar de destaque no plano escatológico. Alguns grupos ligados ao movimento da Santidade, assim como os fundamentalistas e os pentecostais compreendiam que as profecias davam conta que os judeus eram o povo escolhido para viver na Terra Prometida. A emergência do regime nazista na Alemanha e os projetos de eugenia cujo foco era o extermínio da “raça judaica”, motivaram uma onda de combate ao nazismo entre muitos pentecostais.

Em 1940 o sofrimento dos judeus na Europa foi interpretado em termos proféticos, como uma condenação de Deus sobre o povo que desprezou o Messias. Israel continuava com a mesma posição dentro das interpretações dispensacionalistas, porém essa era uma maneira de Deus punir o que fizeram no passado a Cristo, tal como iria punir todos os gentios que haveriam de enfrentar a Tribulação por terem desprezado o evangelho. Em 1940 o Mensageiro da Paz foi enfático: “*Israel sofre por haver rejeitado o Messias*”.<sup>456</sup>

## ANTICOMUNISMO E O ANTIINTELECTUALISMO

Muitos conflitos envolveram teólogos liberais e conservadores. Na Suécia a igreja luterana de caráter liberal representava uma ameaça às demais igrejas e naquele cenário religioso, os primeiros missionários que chegaram ao Brasil representavam uma ala super conservadora do protestantismo sueco. Uma das características mais fortes deste conservadorismo era a postura que tinham em relação ao conhecimento científico. Os primeiros missionários suecos que vieram ao Brasil tinham muita aversão a educação e instrução formal. Essa postura é facilmente encontrada nos periódicos assembleianos, que com frequência desqualificavam a educação secularizada. A postura dos missionários nesse sentido mostrava forte contrariedade à erudição ao conhecimento científico. Eles consideravam que as ciências eram humanas e diabólicas. Nos primeiros anos da igreja o interesse pelo antiintelectualismo se faz perceber nitidamente.

---

<sup>455</sup> *Mensageiro da Paz*. Outubro de 1937, n.19, p.06.

<sup>456</sup> *Mensageiro da Paz*. Maio de 1940, n.09, p.04.

Os missionários Daniel Berg e Gunnar A. Vingren chegaram aos Estados Unidos justamente em um momento de grande emergência do fundamentalismo e das oposições ao liberalismo teológico. O fundamentalismo protestante do início do século passado atacava a teologia liberal, principalmente de orientação alemã, que se expandia rapidamente naqueles dias na esteira da secularização. Como nas primeiras décadas de pentecostalismo no Brasil só existiam duas, o temor que qualquer estudo sistemático das escrituras promovesse discussões e “*desvios doutrinários*” semelhantes aos que estavam ocorrendo nos Estados Unidos, fortaleceu ainda mais o senso dos suecos que deveriam se manter afastados de qualquer iniciativa intelectual.

Nos Estados Unidos o pentecostalismo adquiriu formas muito mais complexas e plurais que no Brasil, e muitos grupos criaram institutos bíblicos e promoveram estudos sistemáticos das escrituras. A produção teológica ou qualquer mecanismo de tentar entender o mundo, a realidade e as questões espirituais baseadas na argumentação e na racionalidade era reprimido pelos mais conservadores. Ao que tudo indica esse foi o posicionamento dos suecos em relação ao conhecimento científico. O Som Alegre manifestou seu posicionamento em relação a educação teológica no artigo chamado - O mundo tem entrado nas igrejas - classificando os teólogos como mundanos, cujos títulos e honras que não poderiam ser atribuídos a um verdadeiro cristão.

Títulos, honras etc, que se atribuem aos homens <<espirituaes>> são coisas pertencentes ao mundo...Como não é honrado um theologo bem sábio. Se elle diz que a criação do mundo é um <<mytho>> naturalmente é assim. E se elle não crêr assim tambem – elle é muito sabio. Há pouca diferença entre o mundo e a igreja. São companheiros os dois na universidade, no mercado, na vida social, em casa e na igreja.<sup>457</sup>

O modelo sueco rejeitava a ênfase no aprendizado formal, buscando sempre uma aproximação muito envolvente com a Bíblia. Esse comportamento antiintelectualista afetou a educação teológica nos primeiros anos da igreja, desta forma a experiência mística era supervalorizada e a livre interpretação da Bíblia foi uma característica marcante na

---

<sup>457</sup> *Som Alegre*. Dezembro de 1929, p.07.

vida dos primeiros crentes. Entre os pentecostais, o ensino muitas vezes era relegado ao próprio Espírito Santo, como um poder inspirador da verdadeira sabedoria, “*Elle é o ensinador*”, afirmava o Som Alegre, e a “*direção do Espírito Santo prevalece acima de pensamentos e opiniões*”.<sup>458</sup> Essas noções são fundamentais para entender a forma que os assembleianos construíram a imagem dos comunistas em relação ao conhecimento.

Se para os assembleianos era o Espírito Santo quem poderia ensinar. Em contrapartida eles afirmavam que era no governo dos Soviets que se encontrava um sistema de ensino que enfatizava o ateísmo, a religião sem a Trindade, cujos ensinamentos eram orientados pelos princípios humanos e racionais. O Som Alegre referindo-se à educação na Rússia afirmava que esta nação investia na educação como uma forma de propagar uma ideologia anti religião, de tal maneira que “*futuramente obrigarão em todas as escolas, a instrução anti-religiosa. O Atheismo, será ensinado com as sciencias naturaes, a astronomina, a sociologia e a pscologia*”,<sup>459</sup> afirmava o jornal. A sabedoria humana estava em alteridade à uma sabedoria divina. No discurso assembleiano, enquanto a sabedoria divina vem do alto, a sabedoria humana é adquirida nos bancos escolares, na meditação e experimentação. No artigo - A sabedoria divina e a terrena - o jornal afirmava que a sabedoria “*que vem do alto é pura, mansa, pacífica, moderada, tratável, misericordiosa, cheia de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia, e a outra é terrena animal e diabólica*”.<sup>460</sup>

Frida Vingren esposa do missionário Gunnar A. Vingren relata um episódio ocorrido na igreja de Belém. Segundo ela uma mensagem transcendental vinda diretamente do próprio Deus, afirmava que os Seus filhos não precisavam do esclarecimento que não fosse religioso. A mensagem foi colocada como testemunho em um dos seus artigos no jornal, a fim de servir de aconselhamento aos crentes para priorizarem a busca pelo poder de Deus e os dons espirituais. Ela relatou:

A sabedoria e a inteligência humanas são boas no seu lugar, e o lugar dellas é em cima do altar... Não pensaremos que o nosso “Boa Semente” irá subir os

---

<sup>458</sup> *Som Alegre*. Dezembro de 1929, p.03

<sup>459</sup> *Ibidem* p.06

<sup>460</sup> *Mensageiro da Paz*. Julho de 1937. N.13, p.02.

degraus da mundanidade, de tal maneira que fique em actualidades entre os “doutores de letras” e sábios deste mundo. Não é em vão que Jesus diz: “Graças te dou Pae, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, a as revelaste aos pequeninos”. “Porventura não escolheu Deus os pobres deste mundo...”<sup>461</sup> Lembremo-nos que a letra mata mas o Espírito vivifica. Nunca me esqueço de uma mensagem dada pelo Senhor, na igreja em Belém, aos trabalhadores, no fim da escola bíblica: Não busques sabedoria, busque em mim, quem busca em mim achará pão para o faminto, paz para a sua alma. Oh; devemos estar cheios do Espírito Sancto, cheios do amor de Jesus.<sup>462</sup>

Os questionamentos, indagações e reflexões representavam um perigo na manifestação dos chamados *doutores de letras*. Frequentemente estes estavam relacionados aos protestantes norteamericanos ligados ao liberalismo teológico ou também chamados pelos pentecostais de alta crítica. Mesmo após muitos anos de estabelecimento da igreja no Brasil ainda permanecia uma aversão ao pensamento considerado humanístico. Os primeiros centros de ensino teológicos<sup>463</sup> demoraram quase meio século para serem implantados na igreja e só foram possíveis devido a iniciativa de americanos, quando os suecos já não dirigiam mais a Assembléia de Deus. Nesse contexto quando os missionários acusavam o comunismo de financiar sistemas de ensino, estava colocando-os na esfera da mundanidade, dos saberes deste mundo.

No discurso dos periódicos assembleianos tanto as dúvidas quanto os questionamentos deveriam ser repudiados, uma vez a palavra foi dita, ou lida, deveria ser aceita. Um dos redatores do *Boa Semente* alertava: “*Basta de filosofias... urge encarar a gravidade dos tempos que correm, estudando o curso da História à luz das profecias*”.<sup>464</sup> A oração e a Bíblia seriam os veículos adotados pelos assembleianos para

<sup>461</sup> Cf. Tiago 2,5.

<sup>462</sup> *Boa Semente*, Maio de 1926.

<sup>463</sup> Destaque para a criação do IBAD - Instituto Bíblico das Assembléias de Deus, fundado em 1958 pelo pastor brasileiro, descendente de alemães, João Kolenda Lemos. Sua esposa, Ruth Doris Lemos, pastora assembleiana, é americana. Por muito tempo eles foram tratados como “desviados e rebeldes” por muitos assembleianos. Embora no Brasil, o casal permaneceu filiado à Assembléia de Deus nos Estados Unidos.

<sup>464</sup> *Boa Semente*, Fevereiro de 1927, n. 69, p.03

adquirir uma sabedoria que fosse sobrenatural e não humana e terrena. Em 1937 o texto do Mensageiro da Paz, intitulado - “O teologismo humano e a simplicidade cristã” - nos fornece um exemplo de como o o texto bíblico deveria ser considerado:

Há um caminho falso, por onde muito se têm enveredado, e em cuja margem me achava eu. É a vereda do teorismo bíblico, do estudo das letras sagradas, sob as irreverentes exigências so compasso e da régua da teologia-teórica, seguido de imediato, inevitável e conseqüente descuido da principal parte da nossa vida, que é a espiritual [...] Os teólogos são espiritualmente secos. Curiosos, esmiuçadores da história, e dos fatos religiosos, em geral, perdem-se, ordinariamente em pesquisas, quando, na maioria absoluta dos casos, as dúvidas devem ser excluídas dos nossos corações, unicamente, pela mão do autor das Sagradas Escrituras. Enquanto esses teoristas escavam e encontram papéis, o crente simples, nas suas escavações (de joelhos dobrados) encontra *água-viva*, com abundância.<sup>465</sup>

Para os assembleianos um grande problema do comunismo seria a intenção de esconder a existência de Deus das crianças, ensinando-as desde pequenas que “*não há Deus e que a religião é por si superstição*”.<sup>466</sup> A ingenuidade e falta de conhecimento dos pequenos permitiria que os comunistas dessem prosseguimento às suas ideologias. Os professores teriam adotado uma postura antireligiosa, e seriam os responsáveis em esconder a informação da existência de Deus, assim como o governo estaria exigindo das escolas que instruísem que Deus não existe. A criação de faculdades para o estudo do ateísmo também é enfatizado pelo Mensageiro da Paz, segundo o jornal lá se formariam doutores responsáveis em disseminar as doutrinas contra Deus, depois de dois anos de estudos os jovens sairiam “*formados na faculdade de ateísmo*”.<sup>467</sup> Em contrapartida, os seminários evangélicos estariam sendo fechados e os alunos presos pelo governo. Escolas criadas com o propó-

---

<sup>465</sup> *Mensageiro da Paz*. Agosto de 1937, n.15, p.02

<sup>466</sup> *Boa Semente*. Fevereiro de 1930, n.105 p.03.

<sup>467</sup> *Mensageiro da Paz*. Janeiro de 1932, n.01, 02.p.01.

sito de divulgar o ateísmo onde a juventude era instruída para a “para a propaganda ateísta”<sup>468</sup>, também eram ressaltadas pelo jornal.

## OS COMUNISTAS COMO SERES BESTIALIZADOS

A “bestialização” dos seres humanos também foi um recurso imagético usado. Os assembleianos defendiam que: “*O regime comunista leva as pessoas a viverem como animais*”.<sup>469</sup> Segundo o Boa Semente a fome obrigou os russos a comerem cadáveres de bois e cavalos, os esforços em assegurar a sobrevivência, levou as pessoas a um estado degradante em busca de alimento. Segundo o Mensageiro da Paz o governo bolchevista oferecia à população de Leningrado, “*batata podre e peixe cheio de vermes, ao povo que enfrenta horas na fila para receber alimento*”.<sup>470</sup> A imagem destes alimentos cuja dieta inclui vermes é explorada. Seja no campo comendo cadáveres seja nas cidades assistido pelo governo que fornecia ao povo alimento putreficado, a imagem de alimentos nojentos causava espanto em qualquer leitor.

Para os assembleianos a própria natureza humana estava sendo modificada pelo regime bolchevista. Segundo o Boa Semente, os homens movidos pela fome, começaram a devorar uns aos outros como se fossem bichos. Segundo o jornal as famílias eram desfeitas, as relações humanas eram destruídas, tudo em nome da sobrevivência e do regime enfatiza o jornal. Quando o Boa Semente evidencia que: “*Os bolchevistas finalmente permitiram o povo entrar nos necrotérios e nos hospitaes e retira-los para a comida*”,<sup>471</sup> estava não somente se reportando a fome do povo, mas sim ao caráter antropofágico dos homens russos. O corpo reconhecido pelos pentecostais como o “templo do Espírito Santo” estava desta forma sendo profanado.

A imagem do assassino, também foi relegada aos comunistas. O jornal Som Alegre relata a história de prisioneiros evangélicos que foram condenados à morte. O critério para o extermínio é que chama a atenção: a completa falta de misericórdia. Segundo os religiosos este era o motivo pelo qual agiam. O relato colocava os prisioneiros evangélicos

<sup>468</sup> *Mensageiro da Paz*. Outubro de 1937, n.19, p.02.

<sup>469</sup> *Boa Semente*. Maio de 1927, n.72.p.02

<sup>470</sup> *Ibidem*

<sup>471</sup> *Ibidem*

com o alvo das atrocidades dos carcereiros, pois os algozes ficavam encomodados com a atitude dos crentes que, por seu comportamento de *calma e resignação*, acabou irritando profundamente o chefe dos guardas. Foi esse o motivo pelo qual todos foram condenados a morte.<sup>472</sup> A crueldade sob a sua forma mais brutal foi enfatizada, pois não havia nenhuma justificativa plausível para tal ato de violência. Segundo o jornal, logo após ter sido decretada a condenação, os prisioneiros foram “*obrigados a fazer a sua própria sepultura. Depois, cortaram-lhe as pernas, e os braços e lançaram-nos vivos na cova, onde morreram diante dos olhos dos seus algozes assassinos*”.<sup>473</sup> Tal discurso é ao mesmo tempo didático e apelativo, visava descrever, mas ao mesmo tempo denunciar.

Em antítese aos horrores do comunismo, Vingren relatava a satisfação de morar no Brasil e poder professar com liberdade a fé no Senhor, ressaltando com a expressão “ainda”, que essa liberdade poderia durar pouco, pois em breve poderia sobrevir uma perseguição religiosa. Assim ele se posicionou:

Notável é que os próprios bolcheviques dizem e mantém a esperança de que essa perseguição ou campanha anti-religiosa há de ser estender por todo o mundo. Devemos dar graças a Deus, pela liberdade que ainda temos, em nosso paiz de servir ao Senhor e proclamar o Seu evangelho.<sup>474</sup>

## EM NOME DA FAMÍLIA

De acordo com os assembleianos uma das características dos comunistas é que eles prezariam pelo esfacelamento dos lares e dos valores familiares. A família nuclear cristã encontrava-se desta forma ameaçada. Um dos objetivos do governo russo seria separar os membros da família e desta forma causar dor e sofrimento a todo/as. Tal separação se daria inclusive na morte, negando que os familiares tivessem contato com os seus entes queridos. Quando um crente morria, ele era

---

<sup>472</sup> *Som Alegre*. Maio de 1930, n.04, p.03

<sup>473</sup> *Som Alegre*. Maio de 1930, n.04, p.03.

<sup>474</sup> *Ibidem*

sepultado sem qualquer cerimônia fúnebre, nem mesmo os parentes podiam participar do ato, pois o Estado se encarregada de mantê-los *distanciados* denunciava o Mensageiro da Paz.<sup>475</sup>

O Mensageiro da Paz narra um episódio em que a polícia entrou no lar e imediatamente deu ordens ao pai de família para seguir com eles, “*é um triste adeus*”, lamentava o narrador, “*pois naturalmente ele verá a sua esposa e seus filhos pela última vez. Há muito pranto na casa*”.<sup>476</sup> Este discurso evidencia a figura do pai, e remetia a uma imagem de um homem que acima de tudo era o responsável pela manutenção familiar, pelo sustento da casa. No episódio narrado o pai teve que deixar o seu lar por imposição do Estado, e pelo fato de não voltar, presumidamente teria seus dias contados. No artigo do intitulado - O Cristão em Sua Casa -,<sup>477</sup> a imagem do pai é evidenciada. Neste artigo a imagem do pai foi destacada como a personagem central da família, ele aparece como o único responsável na instrução dos filhos e no direcionamento da crença destes. No enredo desta narrativa, a figura do pai foi construída enfatizando a responsabilidade que recaia sobre ele na transmissão dos valores e das crenças aos filhos. O jornal destacava que se um jovem se tornasse ateu seu pai tinha grande responsabilidade por isso, e concluía; “o mau espírito reinante num lar, põe esses alicerces no caráter dos filhos, por isso de muitos lares cristãos sai uma mocidade mundana”.<sup>478</sup>

A imagem do comunista comedor de criancinha foi explorada explorada pelos assembleianos quando o Boa Semente relatou que; “*Sorte fora lançada entre as creanças na família, e a creança sobre a qual a sorte cahira, foi morta e comida pelo resto da família*”.<sup>479</sup> Podemos perceber que no discurso assembleiano, a família tão valorizada na cultura cristã foi sobrepujada pelo senso de sobrevivência, sem piedade e afeto, movidos pelo instinto, a família se lançou sob a criança se pôs a devorá-la sem compaixão. A criança por todas as características que tomou na sociedade ocidental, como símbolo de pureza, fragilidade e esperança, é aqui explorada.

Em outras publicações anticomunistas no Brasil o tema da *infância comunista* foi intensamente explorada. A imagem de crianças

<sup>475</sup> *Mensageiro da Paz*, Fevereiro de 1935, n.04, p.01

<sup>476</sup> *Ibidem*

<sup>477</sup> *Mensageiro da Paz*, Janeiro de 1935, n.02, p.02

<sup>478</sup> *Mensageiro da Paz*, Janeiro de 1935, n.01, p.02

<sup>479</sup> *Boa Semente* Maio de 1927, n.72, p.01

morrendo de fome, nuas, desamparadas pela sociedade e pela família foi empregada pelos assembleianos com vistas à sensibilizar, chocar, causar repúdio e aversão ao comunismo. O objetivo de utilizar a imagem de criança era de tocar em um dos pontos mais fortes da sensibilidade humana, o amor e o carinho pelos pequenos. No testemunho de um missionário protestante relatado no *Boa Semente*, o que mais chamava a atenção é o relato onde ele afirmava ter encontrado na Rússia, quando se dirigia para o seu veículo “*uma criança nua, a qual tinha só ossos e pelle*”. Esta criança estava abandonada e sem ninguém para acolhê-la. Ao narrar essa cena, certamente muitos construíram a idéia de que os comunistas abandonavam suas crianças a própria sorte.<sup>480</sup>

As crianças de famílias cristãs comporiam o alvo predileto dos comunistas que com crueldade procuravam exterminar esses seres inocentes. Na narrativa do *Mensageiro da Paz* os comunistas aparecem tirando as crianças do convívio familiar para logo em seguida exterminar esses pequenos indivíduos. O caráter religioso das ações é valorizado, visto que havia um objetivo em eliminar as crianças. Que objetivo seria esse? Convencer por meio do sofrimento que a fé dos cristãos poderia ser afetada.

Não julgávamos que a crueldade dessas “feras” chegasse ao ponto de exterminar crianças inocentes, apenas, porque são filhos de cristãos. Acham, então, que, possuindo esses inocentezinhos a fé de seus pais devem, por isso, ser exterminados, sem misericórdia.<sup>481</sup>

Essas perseguições não são raras exceções, mas, as prisões superlotadas, e as multidões deportadas para as terras gélidas do norte da Europa e da Sibéria, onde velhos de setenta anos, juntamente com meninos de tenra idade, vão sofrer as mais terríveis privações, são vozes dilacerantes que cortam nossos corações.<sup>482</sup>

As imagens do velho e da criança, como seres fragilizados e desamparados foram empregadas para denotar o desprezo da sociedade

---

<sup>480</sup> *Boa Semente* Maio de 1927, n.72, p.01

<sup>481</sup> *Mensageiro da Paz*. Novembro de 1933, n. 22, p.04

<sup>482</sup> *Mensageiro da Paz*. Novembro de 1932, n.21, p.01

por estes personagens. Os maltrates dos comunistas ganharam mais intensidade na narrativa, por tratar-se de pessoas com certa debilitação. Os comunistas eram frequentemente representados pelos assembleianos como feras, uma clara imagem que se remete a irracionalidade a animalidade e tudo que os instintos animais representam. Se os comunistas eram seres capazes de maltratar as crianças e os velhos quem poderia duvidar que se tratasse de uma gente má?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever é uma tarefa que exige muita dedicação e compromisso com as palavras. Interpretar idéias alheias, dispor as palavras no texto de forma coerente tanto com o sentido do autor quanto com o sentido que se pretende enfatizar, focar em determinados assuntos em detrimento de outros compreendem sempre escolhas difíceis e geralmente comprometedoras. A medida que as palavras surgem no texto e que os temas são apresentados é revelado não somente uma parte da história que se pretende narrar, mas a personalidade do autor, seus desejos, seus anseios, seus medos, até porque tudo acaba mas o que se escreve continua.

Essa pesquisa percorreu caminhos que não estavam planejados no projeto inicial. A medida que foi se revelando uma forma de construir as compreensões escatológicas, fui percebendo a necessidade de percorrer um caminho mais longo, deslumbrando o fascinante trajeto que as fontes vão nos apresentando para percorrer.

Esta dissertação procurou compreender de que forma o comunismo foi representado nos principais periódicos das Assembléias de Deus no Brasil. A medida que a pesquisa evoluiu, se fez necessário recorrer aos periódicos publicados pelo pentecostalismo nos Estados Unidos, e a partir da análise dos materiais diagnosticar em que medida eles dialogavam. O que se percebeu de imediato foi que a grande maioria dos artigos que se remetiam a questões escatológicas nos Estados Unidos estavam repletos de acusações ao comunismo. Verificamos a partir de então que o discurso anticomunista foi extremamente associado a um discurso escatológico que legitimou um posicionamento político bem definido nas Assembléias de Deus. A própria trajetória histórica dos missionários que chegaram ao Brasil permitiu diagnosticar o quanto eles estavam envolvidos com o discurso teológico e político construído pelo pentecostalismo nos Estados Unidos, a ponto de utilizarem nos principais jornais institucionais das Assembléias de Deus do Brasil uma grande gama de artigos escritos para a realidade estadunidense. Os principais artigos de caráter político ou teológico dos jornais Boa Semente, O Som Alegre e o Mensageiro da Paz eram na realidade traduções de periódicos estrangeiros.

Em alguns momentos é extremamente perceptível a distância que separa a narrativa criada para circular nos Estados Unidos da narrativa encontrada nos jornais no Brasil, visto que os textos são os mesmos porém dipostos em realidades diferentes, com especificidades históricas

próprias. Embora os contextos sejam diferentes o propósito das publicações permanecia o mesmo: legitimar a teologia pentecostal ao mesmo tempo em que a utilizava com objetivos políticos.

A partir da análise destes materiais foi se tornou cada vez mais nítido o quanto uma mentalidade escatológica proveniente principalmente dos Estados Unidos forneceu elementos para a construção de uma mentalidade escatológica no Brasil.

Esta dissertação, tal como todos os textos históricos, é uma narrativa, construída com pretensões de captar as subjetividades do seu objeto, mas também permeadas pelas subjetividades do próprio autor. Esse texto que trata de um imaginário religioso não pretende determinar juízo de valor sobre esse imaginário, as pretensões deste trabalho se limitam em refletir sobre as construções culturais que envolvem os discursos religiosos e ao mesmo tempo convidar o leitor a um envolvimento reflexivo e analítico sobre as dinâmicas da religião em relação a compreensão de mundo e de sociedade. Esse trabalho procurou estudar o pentecostalismo como parte da cultura humana. Como afirma Eliane Moura Silva, essa perspectiva significa “*apreender um fator identificável da experiência humana, que se apresenta como imagens que passaram através de milhares de pessoas, ao longo de diferentes tradições*”.<sup>483</sup>

Estudar a religião presumidamente exige tanto de quem lê quanto de quem escreve certo contentamento com a parcialidade. Certa consciência que o texto não consegue abarcar toda a dimensão que envolve as crenças e a ação destas sobre o social.

Embora se trate de uma narrativa e de uma interpretação, sempre há uma preocupação impícita de não estar sendo suficientemente coerente com o que a religião veicula ou agencia para quem está envolvido com ela. Colocar as palavras de forma que contemple a todos, que consiga traduzir a dimensão subjetiva de toda uma coletividade é uma tarefa impossível.

Estou certo que tal como toda a narrativa histórica, não conseguimos construir uma história tal como ocorreu, resta-nos uma versão. Diante disto, o que nos cabe é tentar interpretar segundo as fontes, estabelecendo uma tênue ligação entre os sentidos afastados no tempo, relações, aproximações e distanciamentos. Uma das formas de conseguir isso é mediante a acuidade no trato com o material, no compromisso

---

<sup>483</sup> SILVA, Eliane Moura. *Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. Revista de Estudos da Religião Nº 2 / 2004 / p.05.

com a observação teórica e numa relação de abertura epistemológica que procure decifrar cada questão sem pressupostos de que exista qualquer critério ontológico na história, ou inerente a cultura humana.

Pessoalmente, este trabalho revela a cada leitura que nem todas as coisas podem ser captadas pelo pesquisador. Trabalhar com a teologia como discurso revela uma dimensão muito difícil de ser conciliada. Enquanto o campo do saber humano se preocupa em analisar quais as questões que levam o homem a se relacionar com o sagrado e quais as implicações desta relação na sociedade, a teologia interpreta o imaginário religioso e as religiões como os lugares onde o ser humano tem o contato com um sagrado em relação de dependência e submissão. Traduzir conceitos teológicos e colocá-los em um enredo narrativo histórico preocupado com a dimensão cultural da sociedade, não é uma tarefa fácil embora seja um projeto desafiador.

Muitos estudos trabalham seus temas sem levar em consideração a forma como essa crença é compreendida teologicamente. A pertinência teológica geralmente é pouco considerada no conjunto dos estudos da religião. Entretanto esse trabalho procurou estar atendo para a forma como a teologia foi construída e quais as implicações das suas interpretações tanto em relação a sua própria formulação como em relação ao seu espaço na sociedade.

Essa pesquisa se substanciou de outros trabalhos abordando o anticomunismo no Brasil<sup>484</sup>. A medida que as fontes ligadas às Assembleias de Deus foram indagadas, foi ficando nítido o quanto os assembleianos construíram um discurso anticomunista *sui generis*, dadas as relações que manteve com o discurso teológico e anticomunista construído nos Estados Unidos. Estes trabalhos contribuíram de forma significativa na orientação do olhar, nas informações que permitem equiparações, aproximações ou distanciamentos e orientações metodológicas.

Embora durante a Guerra Fria o anticomunismo tenha ganhado outros contornos e o discurso escatológico outras perspectivas, entre os assembleianos permanece a insistência de que o fim está próximo. Atualmente o discurso escatológico enfatiza as catástrofes naturais (especi-

---

<sup>484</sup> Dentre os trabalhos mais significativos sobre o anticomunismo encontram-se: Em Guarda contra o Perigo Vermelho (2002) de Rodrigo P.S Motta – O diabo é vermelho: Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul -1945-1964 (2003) de Carla Simone Rodeguero – O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30 (1997) de Eliana de Freitas Dutra – Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros -1931-1934 (2001) de Carla Luciana Silva. – O anticomunismo na imprensa goiana 1935-1964 (2003) de Maria Isabel de Moura Almeida.

almente os terremotos), os problemas climáticos, sociais e econômicas, as questões consideradas imorais ou não “naturais”, o anti/semitismo, a política internacional de alianças como o Mercosul, o G8, ou a Comunidade Européia, ou a eleição de líderes de grande expressividade política. As sombras desse passado anticomunista podem ser constatadas nas publicações mais recentes das Assembléias de Deus, posteriores a própria queda do Muro de Berlin. Não porque o comunismo seja uma ameaça real, mas por que muitas questões que ele representava no passado permanecem como ameaças nos dias atuais.

Um dos maiores teólogos das Assembléias de Deus, Abraão de Almeida, defendeu até bem pouco tempo e presumidamente defende, que um dos perigos da igreja na atualidade é o comunismo visto que é “*totalitarista, evolucionista, materialista e ateuista*”. Para ele os princípios pregados pelo comunismo ainda são altamente perigosos para o cristianismo. Em um livro recente ele afirmou: “*nos últimos tempos de todos os inimigos da igreja o marxismo está em primeiro lugar*”. Ele enfatizou que por toda a parte aonde esse sistema ateuista tem ido, seu propósito tem sido “*desarraigá-lo por completo o Cristianismo – seja por investida direta seja por subversão*”.<sup>485</sup>

Nessa mesma direção percebemos que o comunismo embora não represente mais uma ameaça forte como movimento político, ainda permanece nas balizas da construção teológica assembleiana e como recurso imagético confere poder e legitimidade a uma teologia extremamente pautada no devir.

Os livros de teologia sistemática que são adotados oficialmente pela igreja constituem a base doutrinária da fé pentecostal, eles ditam as normas doutrinárias que os fiéis devem seguir e orientam os líderes a manter a verdadeira doutrina pentecostal. A versão mais popular de teologia sistemática assembleiana, que serve de base doutrinária às demais publicações da instituição é a Teologia Sistemática de Stanley Horton. Nesse compêndio de doutrinas podemos verificar que resquícios anticomunistas ainda compõem e ajudam a estruturar a teologia escatológica da igreja. Ao mencionar os pensamentos que compõem a era do fim dos tempos Horton se pronuncia assim: “*Muitos daqueles que se voltam contra a Bíblia hoje, abraçam vãs esperanças no progresso*

---

<sup>485</sup> ALMEIDA, Abraão. *Teologia Contemporânea: Influência das correntes filosóficas e teológicas da igreja*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2002. p. 316.

*evolucionário ou nos sonhos comunistas*”.<sup>486</sup> O que se percebe é que muito mais do que um discurso anticomunista o que permanece no pentecostalismo atualmente é um modelo teológico que procura compreender a religião, a sociedade e o futuro.

---

<sup>486</sup> HORTON, Stanley M. As últimas coisas. In: HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática. Uma perspectiva Pentecostal.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus.1996, p.610.

## ANEXOS

Anexo I

## WORD AND WITNESS

VOLUME 8

MALVERN, ARKANSAS, AUG. 20, 1912

NUMBER 6

"Preach the WORD," 2 Tim. 4:2. "Earnestly contend for the faith which was once delivered to the Saints.—Jude 3." "Ye also shall bear WITNESS," John 15:27.

## SEPTEMBER CAMPS.

**Missouri Camp**—At Princeton, Mo., Sept. 7 to 15. The meeting will be held in the City Park, the Chataqua grounds for North Missouri! Bro. D. C. O. Opperman announces this meeting and bids all sincere souls welcome. For information address L. H. Swinige, Mercer, Mo.

**Warrior Camp** begins on Sept. 15th, 1912, at Warrior, Ala. Everybody invited hereby. No charges for any service. Bring your own quilts and toilet articles. For further information address J. B. Albritton, Warrior, Ala.

**Pentecostal Rally** at Thayer,

## GLORY AND UNITY

AT THE

## EUREKA SPRINGS CAMP!

The annual inter-state convention or encampment of the Churches of God in Christ of the Apostolic Faith people met on schedule time at Eureka Springs, Arkansas, July 10, and closed with joy on July 21. The attendance far surpassed that of one year ago at the same place. The entertainment committee, headed by Bro. John H. James, of Kansas, had their hands full in providing tents and rooms.

The writer did not think we were then to be caught up, but he does believe the saints are getting their hearts and voices tuned up to sing the praises of Him who has washed them in His own blood when they are caught up to meet Him. God is rehearsing the choir on earth to join the choir in glory. Oh! glory, hallelujah! I feel the power of the Spirit of God on my body right now and am hearing

to be, a sense of conviction for their shortage and for lowering God's standard on divorce, and some other things in the past, seized the people. The Spirit of God in intercession interceded for the people till there were many wails and sobs in the souls of men. Suddenly the Spirit burst through to win. The people were assured God had heard, and His people were forgiven and accepted in the Beloved! Amid the joy of it all the Spirit began again to enforce the lesson of Holiness in such a way that it is hoped His saints will never forget it as long as they live. Though the audience was held for about four hours, the workings of God were so grand, so solemn, so awe-inspiring, withal so glorious that the

Texas. Brethren Bosworth and Birdsall are in charge of the work there. A revival has been on there for about eighteen months. God is doing a new thing for these days in Dallas. They have with them Mrs. M. B. Woodworth-Etter, who has had the baptism in the spirit over twenty years. She is being used of the Lord in a wonderful way, in bringing sinners to Christ, in healing the sick, and getting believers filled with the Holy Ghost. I saw a deaf and dumb lady healed and filled with the Spirit. She was, I suppose, 40 years old and had never heard or spoken until she was delivered. It was the most wonderful thing I have ever witnessed. A number of others had been delivered in the meeting of the same trouble.

Artigo sobre o *Campmeeting de Eureka Springs (1912)*- encontro precursor do Concílio Geral das Assembléias de Deus (1914). *Word and Witness*, 20 de Agosto de 1912.

## Anexo II

Four

THE WEEKLY EVANGEL

January 1, 1916.

---



---

**A** POSTOLIC  
**FAITH**  
**RESTORED**


---



---

**A History of  
the Present  
Latter Rain  
Outpouring of  
the Holy Spirit  
known as  
the Apostolic  
or Pentecostal  
Movement.**  
By  
**B. F. Lawrence**

**Article I—Back to Pentecost**

There is, in the religious world of today, a great activity of the Lord's Spirit known as the Pentecostal or Apostolic Faith Movement. This movement of God has resulted in the salvation of hundreds of thousands of sinners, both in so-called Christian lands and in those called heathen. Tens of thousands have been healed of various diseases; other hundreds of thousands have received a Pentecostal Baptism in the Holy Spirit; lunatics and demoniaes have been restored to reason and to peace; believers have been brought into a vital touch with God which has meant a tremendous increase of faith in, and knowledge of, Him; hundreds have felt the missionary

unless it can be traced to that primal source of church instruction, the Lord and His apostles.

**THE FRUIT OF THE AIM.**

We are bound to admit that, in the beginning of the work, this habit of mind was fruitful in confusion; it could not be otherwise. Paul, inspired of God, found when he came up to Jerusalem, that his doctrine was in perfect harmony with that of Peter. We make no claim to such apostolic inspiration. However, mark this, you who cavil at the confusion, it requires just that recklessness of disposition which produced the confusion to inspire men to throw off the shackles of custom and launch out into ways so old that moderns call them new. Men who are the slaves of custom and precedent have never, in any of the fields of human activity, gained new ground or blazed new trails. That with which you are now familiar and content was in your father's day decried as an innovation.

This reversion to the New Testament was directly responsible for the Movement, as we shall see as we continue our history. It is also responsible for another thing, viz. the absence of any serious effort on the part of the movement to trace an historical connection with the primitive church. There are those among us who believe that the phenomena of the Holy Spirit, for which we so strongly stand, never was entirely absent from the church; perhaps this is true; but to tell the truth, all of us are indifferent about it. If we can so order our lives that they

Artigo Restauracionista do The Weekly Evangel, 01 de Janeiro de 1916

Anexo III

# BOA SEMENTE

“O reino dos céos é semelhante ao homem que semeia  
boa semente no seu campo”—Math. 13-24.

**Organ das Assembléas de Deus**

DIRECTOR-GERENTE: Samuel Nyström

RED. E OFF. : Crap. 9 de Janeiro. 75

Anno IX

Belem do Pará, abril de 1927

Num. 71

## O despertamento na Russia e o clamor a Deus

### A grande fome é um precursor de avivamento

Sermão de Paul Peterson proferido em  
Janeiro de 1927 na "The Stone Church".  
— — traduzido por S. N. — —

No decimo capitulo da epistola aos Romanos e verso decimo quarto, lemos: "Como não invocarão aquelle em quem não toem crido? e como crerão naquelle de quem não toem ouvido falar? e como

Isto nos encorajou grandemente; numa reunião de 1.200 pessoas; nós pedimos que cada um mostrasse a sua Biblia, e quasi todas as mãos se levantaram. Muitas vezes nós vemos os crentes em grupos

primeira vez, postas em circulação. Mas, depois de 13 annos, a nova Sociedade Biblica foi dissolvida por Nicolau I.

A escravidão foi abolida por Alexandre II em 1861, e em 1864 este imperador permittiu a circulação das Biblias.

Depois nós encontramos o avivamento dos annos 1872-1876. Lord Radstock, da Inglaterra, ouviu a chamada de Deus para a Russia, e ainda que tivesse pouco ou nenhum conhecimento da lingua russa, elle attentou na chamada e foi lá prégar o Evangelho a nobreza. Muitos foram convertidos; entre estes se encontraram o coronel Paschkoff, Madame Chertkoff

Jornal Boa Semente, Abril de 1927 – Primeiro artigo que representa a Rússia como uma aliada do Anticristo.

## Anexo IV

## A Wonderful Bible for the English Speaking World

WITH MANY NEW AND STRIKING FEATURES

THE

# SCOFIELD REFERENCE BIBLE

With a New System of Connected Topical References to all the Greater Themes of Scripture, with Annotations, Revised Marginal Renderings, Summaries, Definitions and Index.

TO WHICH ARE ADDED

Helps at Hard Places, Explanations of Seeming Discrepancies, and a New System of Paragraphs, with Twelve Colored Maps and Index to Maps.

The Ideal Bible for Pastors, Sunday School Teachers and Christian Workers.

The Ideal Home Bible: Answers the Children's Questions.

Edited by Rev. C. I. SCOFIELD, D.D.

CONSULTING EDITORS:

Rev. Henry G. Weston, D.D., LL.D.  
Late President Crozer Theological Seminary  
Rev. James M. Gray, D.D.  
Dean of the Moody Bible Institute of Chicago  
Rev. William J. Erdman, D.D.  
Author "The Gospel of John," etc., etc.

Rev. Prof. W. G. Moorehead, D.D.  
Prof. of Xenia Theological Seminary  
Rev. Elmore G. Harris, D.D.  
Late President Toronto Bible Institute  
Arno C. Gaebelein,  
Author "Harmony of Prophetic Word"  
Rev. Arthur T. Pierson, D.D.  
Author, Editor, Teacher

### FEATURES OF THE SCOFIELD REFERENCE BIBLE

1. All the great words of Scripture are clearly defined.
2. Chain references, with final summaries, cover all the great topics of Scripture.
3. Every book has an introduction and analysis, thus facilitating book study—the true method of Bible study.
4. Helps at the hard places.
5. Apparent contradictions reconciled and explained.
6. The types are explained and illustrated by N. T. references.
7. The greater covenants are analyzed and explained. All scriptures gather around these covenants.
8. The prophecies are harmonized, thus becoming self-explanatory.
9. The text is the Authorized, or King James Version, with emendations in the margin where needed.
10. Type: black-faced, imported Clarendon.
11. Paper: the famous Oxford White and India Papers.
12. Binding: eight styles. Prices, \$2.00 to \$10.00.

The Ideal Bible for Pastors, Sunday School Teachers and Christian Workers

The Ideal Home Bible: Answers the Children's Questions.

## WE MAKE A SPECIALTY OF THE SCOFIELD BIBLE

### FORM OF BEQUEST

All bequests should be made to "The Bible Institute of Los Angeles" and NOT to "The Bible Institute" as formerly but erroneously, advertised. The following is the correct form:

I give and bequeath to the Bible Institute of Los Angeles incorporated under the laws of the State of California..... Dollars, and I direct that the release of the President of the Board of Directors of said Bible Institute shall be a sufficient discharge to my executors in the premises.

Divulgação da Bíblia de Referência Scofield. The King's Business. Janeiro de 1913, p.49

Anexo V

A GREAT BOOK ON

# Dispensational Truth

Containing 40 Splendid Prophetical Charts, each x20 inches and 22 Chapters of Descriptive Matter

PROPHETICAL		HISTORICAL	
CHAPTER I	CHAPTER II	CHAPTER I	CHAPTER II
<p>THE VISION OF DANIEL</p> <p>DANIEL'S VISION OF THE "SEVENTY WEEKS"</p>	<p>DANIEL'S VISION OF THE "SEVENTY WEEKS"</p>	<p>THE PERSIAN HISTORY OF DANIEL</p>	<p>THE PERSIAN HISTORY OF DANIEL</p>

**TITLES OF THE CHARTS**

Rightly Dividing the Word—The Creative Ages—Mountain Peaks of Prophecy—Perspective of Prophecy—The Jews—The Gentiles—The Church—The Books of Genesis, Exodus, Leviticus, Ezekiel, Daniel and Revelation—The Kingdom—The Millennial Land—Kingdom of Heaven Parables—The Spirit World—Satan—Resurrections and Judgments—Anti-Christ—Messages to the Seven Churches—Daniel's Seventieth Week—The Covenants—The Tabernacle—Feasts of the Lord—Types and Anti-types—Prophetic Days of Scripture—Prophetic Chronology—The Mysteries, etc., etc.

**Reduced Sample Chart**

The author has spent over 30 years in the study of Dispensational Truth, and 18 charts of his are widely used in Bible Schools, and circulated over the world. The Book is sane; not a "time setter"; contains no speculative matter, and is of incalculable value to all who are interested in Prophetic Truth.

Published by the Author  
**CLARENCE LARKIN**, Fox Chase, Phila., Pa.  
 Price Postpaid \$2.50. Remit by P. O. Order.

MENTION "KING'S BUSINESS" WHEN ANSWERING THIS ADVERTISEMENT

Mapa das dispensações bíblicas publicado no periódico fundamentalista *King's Business* em Janeiro de 1913, p.93.



## Anexo VII



# Mensageiro da Paz

ORGÃO DAS  
ASSEMBLÉAS DE DEUS NO BRASIL.

---

"JEOVÁ ABENÇOARÁ COM PAZ, O SEU POVO" — Salmo 29:11

---

EIS AQUI VOS DOU NOVAS DE GRANDE ALEGRIA QUE SERÁ PARA TODO O POVO. (S. Lucas, 2:10)

---

Redação: Rua Figueira de Melo 232-A — Rio de Janeiro    Numero avulso 200 rs.    Direção: Carlos Brito — Nils Kauteberg

---

ANO V — N.º 4.    2.ª Quinzena de Fevereiro de 1935.    RIO DE JANEIRO

---

## O Bolchevismo batalhando contra o Cristianismo

**P**ARA ilustrar a indizível mágoa que passam os santos na Rússia Soviética, quero mostrar-vos algo do que acontece, quando um deles vai ser preso. Repentinamente, a polícia entra e dá ordens ao pai da família, para seguir. É um triste adeus, pois, naturalmente, ele verá a sua esposa e seus amados filhinhos, pela última vez. Há muito pranto, em casa; lágrimas incessantes são derramadas. Depois, o pai e esposa segue a caminho da prisão, do exílio, que é algum lugar desconhecido, milhares de leguas, distante do lar e da família. Tirado da casa, ele é conduzido à polícia; e depois, empurrado num carro dum trem de carga; são quarenta a sessenta pessoas que compoem o mesmo carro, onde nem ha comodidade alguma, nem mesmo um fisco banco para se sentar. Muitas vezes, esses carros não se abrem, durante quarenta e oito horas, ou mais. Oh! que horror, passar num lugar destes, tanto tempo, sem ar fresco, sem ventilação nenhuma. Adquirem-se, assim, terríveis molestias, e muitos prisioneiros morrem; mas, mesmo assim, o trem prossegue para o seu malido destino.

Quando chegam ao campo de exílio, começa uma vida penosa e trista. Eu não posso mencionar tudo que lá se passa, mas, digam-vos, apenas, o seguinte: Um arduo e pesado trabalho, de muitas horas por dia, e o consolo que têm o alimento é muito mal e insuficiente, uma lira de pão, cada dia. O exilado divide este pão em três partes: uma é comida pela manhã, com o "chá sovietico", que consiste de agua fervida,

derramada sobre cenouras secas e avelga, sem assucar; isto é set. almoço. Ao meio dia, ele recebe sopa, que é uma mistura de legumes, algumas batatas ou capim, e o segundo pedaço de pão. A ultima parte do pão, ele come á tarde, com mais "chá sovietico". Não é de admirar, portanto, que o exilado fique fraco e, ás vezes, sem poder levantar-se, pela manhã. Lá não ha hospital, nem médicos que cuidem dos doentes, pois eles desajam a morte do exilado. Á vida dum exilado, no campo de concentração é de três ou quatro anos. Quando ele morre, é sepultado sem cerimonia, alguma, e os parentes ficam distanciados. Ele é esquecido, ainda que não pelo seu. Assim é a vida do exílio. Que alimento espiritual recebe o crente, no desterro? A Biblia lhe é tirada, pois não pôde tê-la consigo; na prisão: Ele vive, mas após outro, sem ouvir uma boa palavra; a nenhuma reunião espiritual, assiste: não ha "commhão" — santa ceia; não há, enfim, o conforto das pregações. Lá, só Jesus, Cristo, conforta e sustenta o crente maltratado. Enquanto anda e trabalha, ao lado de alguém, que vive sem Cristo e está desesperado daquela vida, o crente fala palavras de conforto. Se o incredulo pergunta: "como posso encher a Cristo?" ele responde, com coragem, as palavras de Jesus: "Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei." Mat. 11:28.

Ás vezes, acontece que, na noite negra, uma figura dobra os seus joelhos; no seu desespero, levanta a sua mão para o céu e, com uma voz abafada, grita: "Oh! Deus, dá-me a mesma paz e esperança que tem aquele que falou comigo, de ti." Uma mão descansa sobre o ombro da figura abstracida e um dedo aponta ao Calvario: "Aquele que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fóra." Deus revela-se e dá paz, como um rio, ao coração do solitário. Uma preciosa alma é ganha para ser um instrumento no mão de Deus, para trazer outros a esta salvação.

### O Exercito do Anticristo

Porque eis que suscito os caldeus, nação amarga e a pressada, que marcha sobre a largura da terra, para possuir moradas não suas. Horrivél e terrível é; dcla mesmo sairá o seu juizo e a sua grandeza. Eles todos virão, com violencia: os seus rostos buscarão o oriente; e eles congregarão os cativos, como arcaia.

*E encarnecerão dos reis, e dos principes farão zombaria:* eles se rirão de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomarão.

Então, passará como vento, e pasará; e se fará culpada, pois o seu próprio poder é seu Deus. (versão sueca) Hab. 1:6, 7, 9-11.

Periódico apreendido pelo Deops e indexado ao prontuário do pastor indexado ao prontuário 456 do pastor Samuel Hedlund em Fevereiro de 1935.

**BIBLIOGRAFIA**

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGAMBEM, Giorgio. Profanações. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ALENCAR, Gideon F. Todo o poder ao pastor, todo o trabalho ao povo, todo o louvor a Deus: Assembléia de Deus: origem, implantação e militância 1911-1946. Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.
- ALMEIDA, Abraão. Teologia Contemporânea: Influência das correntes filosóficas e teológicas da igreja. 4. Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2002.
- ALMEIDA, Maria Isabel de Souza. O anticomunismo na imprensa goiana 1935-1964. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2003.
- ANDERSON, Allan. An Introduction to Pentecostalism: Global Charismatic Christianity. New York: Cambridge University Press. 2004.
- ANDERSON, Allan. HOLLENWEGGER, Walter J. (ed.) Pentecostalism after a Century: Global Perspectives a Movement in transition. Sheffield, UK: Sheffield Academic Press, 1999.
- ANTONIAZZI, Alberto. (et.al) Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- ARAÚJO, Isael. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2007.
- BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARRETO, Raquel Goulart. ANÁLISE DE DISCURSO: CONVERSA COM ENI ORLANDI. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006, p.05.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERG, David. Daniel Berg – enviado por Deus. Versão ampliada. Rio de Janeiro, CPAD, 1995.

BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. 2ed. São Paulo: Paulus, 1985.

\_\_\_\_\_. A DESSECCULARIZAÇÃO DO MUNDO: UMA VISÃO GLOBAL. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1) 2000.

\_\_\_\_\_. (ed) The Desecularization of the World: Resurgent Religion and World Politics. Washington, DC and Grand Rapids, Mich.: Ethics and Public Policy Center, and William B. Eerdmans Publishing Company, 1999.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. 19.ed. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BECKER, (Dom) João. O Comunismo Russo e a Civilização Christã. (19ª Carta Pastoral). Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa, 1930.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

\_\_\_\_\_. A economia das trocas simbólicas. Tradução: Sérgio Miceli et al. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. A economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Ática, 2008

BOYER, Paul. When Time Shall Be No More: Prophecy Belief In Modern American Culture. Studies in Cultural History.

Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1992

BROUWER, Steve. GLIFFORD, Paul. ROSE, Susan D. Exporting the American Gospel: Global Christian Fundamentalism. New York: Routledge, 1996.

BURGESS, Stanley M. MAAS, Eduard M. Van der. (orgs). The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements. Michigan, EUA: Zondervan Publishing House, 2003.

BLUMHOFER, Edit Waldvogel. The Assemblies of God: A Popular History. Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1985  
 \_\_\_\_\_ . Restoring the faith: the Assemblies of God, pentecostalism , and American culture. Chicago: University of Illinois Press, 1999.

BLUMHOFER, E. SPITTLER, R. WACKER, G. (ed). Pentecostal currents in American Protestantism. Illinois: Board of Trustees of the University of Illinois. 1999.

BURGUIÈRE, André (Org).Dicionário de ciências históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BONINO, José Miguez. Rostos do Protestantismo Latino-Americano. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005

CARNEIRO, Maria Luiza T. KOSSOY, Boris. (orgs.) A imprensa confiscada pelo Deops- 1924-1954. São Paulo: Ateliê/Imprensa Oficial, 2003

CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990

\_\_\_\_\_. À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa na história do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CÉSAR, Elben M. Lenz. História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais. 2.ed. Viçosa:Ultimato, 2000

Combined Minutes of General Council of the Assemblies of God in the United States of America, Canada and Foreign Lends. 1914-1917

CONDE, Emilio. O Testemunho dos Séculos: História e Doutrina. Rio de Janeiro, CPAD, 195?

\_\_\_\_\_. História das Assembléias de Deus no Brasil. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CORRÊA, Manoel Luiz G. As Vozes Prementes. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

COUCH, Mal. Dictionary of Premillennial Theology. Grand Rapids, Michigan.: Kregel Publications, 1996.

COX, Harvey. Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and Reshaping of Religion in the Twenty-first Century. Londres : Cassel, 1996.

D'AVILA, Edson. Assembléia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz. Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP. 2006.

DANIEL, Silas. História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil: Os Principais líderes e resoluções do órgão que modificou a fase do movimento pentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2004.

DAYTON, Donald W. Theological Roots of Pentecostalism. Grand Rapids, MI.:Francis Asbury Press. 1987.

DUNCAN, A. Reily. História documental do protestantismo no Brasil. São Paulo:ASTE, 1984.

DORRIEN, Gary J. The Remaking of Evangelical Theology. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press. 1998.

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martin Fontes, 1997.

DUTRA, Eliana F. O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: UFRJ, Belo Horizonte: UFMG, 1997.

ELLER, Jack David. Introducing Anthropology of Religion: Culture to the Ultimate. New York and London: Routledge Taylor & Francis Group, 2007.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 12 ed. (Didática, 1). São Paulo: Edusp. 2006.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. Protestantismo e modernidade no Brasil. Tese (doutorado). Sociologia. USP. 2008.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment.. Doutorado. Campinas: UFSCar, 1993.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16.ed. São Paulo, Edições Loyola. 2008.

\_\_\_\_\_. O que é um autor? 4ª edição. Editora Vega, 2000.

GOFF Jr. James R. Fields White unto Harvest: Charles F. Parhan and Missionary Origins of Pentecostalism. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1988

GUTIERREZ, Benjamim F. CAMPOS, Leonildo S. Na Força do Espírito: Os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. Tradução: Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo, Pendão Real 1996.

GUIMARÃES, Robson F. Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. Revista de Estudos da Religião REVER nº 1/2005.

HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Paris: PUF, 1968.

HARRIS, Harriet A. Fundamentalism and Evangelicals. New York: Oxford University Press, 2008.

História do Avivamento Pentecostal de Azuza Street: centenário – Los Angeles 1906-2006. 3.ed. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007.

HOLLENWEGER, Walter. The Pentecostals. Peabody.MA: Hendrickson Publishers, Inc. 1988.

HORTON, Stanley M. Teologia Sistemática. Uma perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus.1996.

LANDIM, Leila. Sinais dos Tempos. Tradições Religiosas no Brasil. ISER-Instituto de Estudos da Religião. Rio de Janeiro, 1989.

LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1986.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. “Escatologia” In: “Memória-História”. Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Lisboa: Casa da Moeda, 1984.

LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Bauru, SP. EDUSC, 2006.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs). História: novos objetos. 4 ed. Tradução: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

MAFFESOLI, Michel. A Violência Totalitária: Ensaio de antropologia política. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 15, agosto 2001.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília L. Alcoolismo, Gênero e Pentecostalismo. Religião e Sociedade 16/03, 1994.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. VELASQUES Filho, Prócoro. Introdução ao Protestantismo no Brasil. São Paulo:Edições Loyola,1990.

MENDONÇA, Antônio G. Religiosidade no Brasil: imaginário, pós modernidade e formas de expressão. Estudos da Religião 15. São Paulo: UESP 1998.

MENZIS, William W. The Assemblies of God, 1941-1967: The Consolidation of a Revival Moment. Phd dissertation. University of Iowa, 1968.

MESQUITA, Antônio. Mensageiro da Paz, artigos históricos: Os artigos que marcaram a história e a teologia do Movimento Pentecostal no Brasil. 3 volumes. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

MINA, Andréia M.S. Nós e o mundo. A construção do “outro”: alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na década de 1990. Mestrado. Florianópolis, UFSC, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica, 2003.

MOTTA, Rodrigo P. S. Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anti-comunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

NOVAES Regina C. Reyes. Os pentecostais e a organização dos trabalhadores. Religião e Sociedade 5. 1980.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

OLIVEIRA, Rodrigo S. “Perante o tribunal da história”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Porto Alegre: PUC, 2004.

PESAVENTO, S. ROSSINI, M. SANTOS, N. Narrativas, imagens e práticas sociais. Percursos em História Cultural. Proto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

PINSKY, Carla Basanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

POLOMA, Margaret M. Charisma and Structure in The Assemblies of God: Revisiting O’Dea’s Five Dilemmas. Manuscript prepared as the Assemblies of God “Case Study” for the Organizing Religious Work Project. The University of Akron. February 6, 2002.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Religião e Classes Populares. Petrópolis: Vozes, 1980.

RODEGUERO, Carla S. O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2.ed. Passo Fundo: UFP, 2003

\_\_\_\_\_. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. São Paulo: Revista Brasileira de História.vol.22, nº44.

ROSSEL, Garth M. DUPUIS, Richard. A. Z. (org.). Memórias originais de Charles G. Finney: uma narrativa de avivamentos que marcaram a história. Tradução: Gordon Chown. São Paulo, Editora Vida, 2006

ROBECK Jr. Cecil M. The Azuza Street Mission and Revival: The Birth of Global Pentecostal Movement. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Inc. 2006.

SHÄEFER, Heinrich. Protestantismo y crisis social en América Central. 1.ed. San Jose, Costa Rica. Editorial DEI, 1992.

\_\_\_\_\_. ¿Fundamentalismo entre los Pentecostales? Vida y Pensamiento. Revista Teológica de La Universidad Bíblica Latinoamericana. Manifestaciones religioso-teológicas contemporáneas. Volumen 23. Número 1. San José, Costa Rica. Primeiro semestre 2003.

SANTOS, Valdeci S. As Anotações da Bíblia de Scofiel sob uma ótica Reformada. Fides Reformata 5/1/(2000)

SILVA, Carla Luciana. Onda vermelha: Imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Eliane Moura. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. Revista de Estudos da Religião Nº 2 / 2004 / pp. 1-14

SYNAN, Vinson. (org). Aspects of Pentecostal Charismatic Origins. Logos International. Plainfield, 1975.

\_\_\_\_\_. The Holiness-Pentecostal traditions: Charismatic movements in the twentieth century. 2.ed. Gran Rapids, Michigan / Cambridge, U.K:Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 1997.

SCHULTZ, Adilson. Deus está presente o diabo está no meio. O protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro. 405 fl. Tese. (Doutorado em teologia) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo. 2005.

TEVES, Nilda. Imaginário social e educação. Rio de Janeiro: Gryphus; Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

VINGREN, Ivar. Gunnar Vingren: o diário de um pioneiro. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 2004.

WALLS, Jerry L. The Oxford Handbook of Eschatology. New York: Oxford University Press. 2008.

WACKER Grand. Heaven Below: early Pentecostals and American Culture. 2 ed. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, 2003.

## BÍBLIAS:

Almeira Corrigida e Revisada, 1994

American Standard Verson Bible, 1901

Bíblia de Referência Scofield, 1967. [*Scofield Bible Reference*]

## PERIÓDICOS:

Boa Semente. Janeiro/Fevereiro 1923, n.22 e 23

Boa Semente. Março/Abril de 1923, n.24 e 25

Boa Semente. Julho 1923, n.26

Boa Semente. Setembro de 1923, n. 28

Boa Semente. Janeiro de 1925, n.44

Boa Semente. Março de 1925, n.46

Boa Semente. Abril de 1925, n.47

Boa Semente. Maio de 1925, p.011

Boa Semente. Julho de 1925, n.49

Boa Semente. Setembro de 1925, n.52

Boa Semente. Outubro de 1925. n.53

Boa Semente. Fevereiro de 1926, n.57

Boa Semente. Março de 1926, n.58

Boa Semente. Abril de 1926, n. 59

Boa Semente. Maio de 1926, n.60

Boa Semente. Julho de 1926, n.62

Boa Semente. Setembro de 1926, n.64

Boa Semente. Novembro e Dezembro de 1926, n.66-67

Boa Semente. Fevereiro de 1927, n. 69

Boa Semente. Abril de 1927, n.71

Boa Semente. Maio de 1927, n.72

Boa Semente. Junho de 1927, n. 73

Boa Semente. Agosto de 1927, n.75

Boa Semente. Setembro de 1927, n.76

Boa Semente. Outubro de 1927, n.77

Boa Semente, Novembro de 1928, n.90

Boa Semente, Fevereiro de 1930, n.105

Suplemento da Boa Semente: Estudos Dominicais. Abril 1925, n.04.

O Som Alegre. Dezembro de 1929, n. 01

O Som Alegre, Maio de 1930, n.06.

Mensagem da Paz. I quinzena de Janeiro de 1930.

Mensagem da Paz. Dezembro de 1930, n.01

Mensagem da Paz. Janeiro de 1932, n. 01-02

Mensagem da Paz. Fevereiro de 1932, n.03-04

Mensagem da Paz. Novembro de 1932, n.21

Mensagem da Paz. Abril de 1933, n.07

Mensagem da Paz. Maio de 1933, n.09

Mensagem da Paz. Maio de 1933, n.10

Mensagem da Paz. Julho de 1933, n.13

Mensagem da Paz. Setembro de 1933, n.17

Mensagem da Paz. Setembro de 1933, n.18

Mensagem da Paz. Outubro de 1933, n.19.p.05

Mensagem da Paz. Outubro de 1933, n.20, p.01, p.02

Mensagem da Paz. Novembro de 1933, n. 22

Mensagem da Paz. Janeiro de 1935, n.02

Mensagem da Paz. Fevereiro de 1935, n.04

Mensagem da Paz. Outubro de 1935, n.19

Mensagem da Paz. Janeiro de 1936, n.01

Mensagem da Paz. Fevereiro de 1936, n.03

Mensagem da Paz. Maio de 1936, n. 09

Mensagem da Paz. Maio de 1936, n.10

Mensagem da Paz. Outubro de 1936, n.20

Mensagem da Paz. Janeiro de 1937, n.01

Mensagem da Paz. Maio de 1937, n.09

Mensagem da Paz. Junho de 1937, n.11

Mensagem da Paz. Julho de 1937, n.13

Mensagem da Paz. Julho de 1937, n.14

Mensagem da Paz. Agosto de 1937, n.15

Mensagem da Paz. Agosto de 1937, n.16

Mensagem da Paz. Outubro de 1937, n.19

Mensagem da Paz. Dezembro de 1937, n.23

Mensagem da Paz. Janeiro de 1938, n.01

Mensagem da Paz. Fevereiro de 1938, n.03

Mensagem da Paz. Abril de 1938, n.08

Mensagem da Paz. Junho de 1938, n.12

Mensageiro da Paz. Setembro de 1938, n.18  
Mensageiro da Paz. Outubro de 1938, n.19  
Mensageiro da Paz. Novembro de 1939, n.21  
Mensageiro da Paz. Janeiro de 1940, n.02  
Mensageiro da Paz. Maio de 1940, n.09  
Mensageiro da Paz. Agosto de 1940, n.16  
Mensageiro da Paz. Agosto de 1941, n.16  
Mensageiro da Paz. Fevereiro de 1942, n.03  
Mensageiro da Paz. Agosto de 1945, n.15  
Mensageiro da Paz. Junho de 1946, n.11  
Mensageiro da Paz. Julho de 1948, n.13  
Mensageiro da Paz. Outubro de 1949, n.19  
Mensageiro da Paz. Janeiro de 1950, n.01  
Mensageiro da Paz. Março de 1951, n.05  
Mensageiro da Paz. Março de 1950, n.06  
Mensageiro da Paz. Setembro de 1950, n.17  
Mensageiro da Paz. Setembro de 1950, n.18  
Mensageiro da Paz. Março de 1980, n.1115.

Word and Witness, 20 de Agosto de 1912  
Word and Witness, 20 de Dezembro de 1913  
Word and Witness, 20 de Março de 1914  
Word and Witness, 20 de Abril de 1915  
Word and Witness, Novembro de 1915, n.11  
Word and Witness, Julho de 1915, n.07  
Word and Witness, Maio de 1915, n.05

The Apostolic Faith. Setembro de 1906, n.01  
The Apostolic Faith. Outubro de 1912.n.11

Los Angeles Daily Times. Weird of Babel Tongues. 18 de Abril de 1906.

The King's Business. Janeiro de 1913  
The King's Business. Julho de 1913

Weekly Evangel. 19 de Janeiro de 1918

Glad Tidings. [SF]. Agosto 1927

The Pentecostal Evangel, 30 de Janeiro de 1926

*The Pentecostal Evangel*, 01 de Maio de 1927  
*The Pentecostal Evangel*, 28 de Maio de 1927  
*The Pentecostal Evangel*, 04 de Junho de 1927  
*The Pentecostal Evangel*, 04 de Agosto de 1934  
*The Pentecostal Evangel*, 09 de Abril de 1932  
*The Pentecostal Evangel*, 09 de Julho de 1932  
*The Pentecostal Evangel*, 22 de Outubro de 1932

*The Latter Rain Evangel*, vol.23, n.06, Março de 1931  
*The Latter Rain Evangel*, 01 de Janeiro de 1933

MÍDIA ELETRÔNICA (acesso 01 de Março de 2010):

Arquivos da revista The King' Business de Los Angeles.  
<http://www2.biola.edu/kingsbusiness/>

Arquivos da Assembly of God.  
<http://www.ifphc.org/index.cfm?fuseaction=search.archiveAdvancedSearch>

WIKIPEDIA: a enciclopédia livre: David Morrieson Panton  
[http://en.wikipedia.org/wiki/David\\_Morrieson\\_Panton](http://en.wikipedia.org/wiki/David_Morrieson_Panton)

Sítio oficial da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil  
[www.cgadb.com.br](http://www.cgadb.com.br)